

Online ISSN 2447-4878

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Vol. 10 ▪ n. 2 ▪ Dezembro | 2024

Faculdade Batista
Pioneira

ISSN 2447-4878

REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

Bíblia – Teologia – Prática

Volume 10 – Número 02 – Dezembro / 2024

Missão

Proporcionar espaço para compartilhamento
dos saberes teológicos em construção

Projeto de Iniciação Científica

Faculdade Batista
Pioneira



R454 Revista Ensaios Teológicos: Bíblia, teologia, prática /
Faculdade Batista Pioneira; editora responsável Marivete Zanoni Kunz
v. 10, n. 02, Dez. 2024. - Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2024. -
152 p.

Semestral
ISSN 2447-4878

1. Bíblia. 2. Teologia. 3. Prática. 4. Ministério. 5. Igreja. I. Faculdade Batista Pioneira. II. Kunz, Marivete Zanoni. III. Título. IV. Título: Bíblia, teologia, prática.

CDU : 2(05)

Aline Morales dos Santos Theobald

CRB10/1879

Site: ensaiosteologicos.fbp.edu.br

Projeto de Iniciação Científica

Os pontos de vista expostos nos artigos são de inteira responsabilidade de seus autores, e não necessariamente refletem a opinião do editor ou da instituição.



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

Indexador



Rua Dr. Pestana, 1021 – Centro – Ijuí / RS – 98700-000
(55) 3332-2205 – faculdade@batistapioneira.edu.br
www.batistapioneira.edu.br

REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

Direção Geral

Dr. Claiton André Kunz

Editora Responsável

Drª Marivete Zanoni Kunz

Conselho Editorial

Dr. Alcir Souza (Seminário Teológico Batista de Queluz / Portugal)
Drª. Analzira Nascimento (Faculdade Batista de SP)
Dr. Claiton André Kunz (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Claus Schwambach (Faculdade Luterana de Teologia)
Dr. David Bledsoe (Southeastern Baptist Theological Seminary)
Dr. Gleyds Silva Domingues (Faculdades Batista do Paraná)
Drª. Madalena Molochenco (Faculdade Evangélica de São Paulo)
Drª. Monica Pinz Alves (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Rogel Esteves de Oliveira (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. William Lacy Lane (Faculdade Teológica Sul Americana)

Comissão Consultiva

Me. Anderson Guimarães Cavalcanti (Seminário Teológico Batista de São Luís)
Me. Carlos Alberto Bezzerá (Faculdade Batista do Cariri)
Me. Cleison R. R. Mlanarczyki (Regent College / Canadá)
Me. Edmar Pedrosa (Faculdade Teológica Batista de Campinas)
Dr. Efstathios Tsotsos (Faculdade Teológica Batista de SP)
Me. Gabriel Giroto Lauter (Séminaire Baptiste Évangélique du Québec / Canadá)
Ma. Harriet Wondracek Krüger (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Igor Pohl Baumann (Durham University / Inglaterra)
Dr. Josemar Valdir Modes (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Reginaldo P. de Moraes (Faculdades Batista do Paraná)
Drª Sandra Fátima Krüger Gusso (Faculdades Batista do Paraná)
Dr. Vitor Hugo Schell (Faculdade Luterana de Teologia)
Dr. William Tenório Quintela (Faculdade Teológica Batista de SP)

Revisão

Drª Marivete Zanoni Kunz

Diagramação e Editoração Eletrônica

Dr. Claiton André Kunz

Capa

Delize Grando



LEMA

Vocação levada a sério.

VISÃO

Ser referência no Brasil pela qualidade no ensino teológico,
tendo a Bíblia como Palavra de Deus.

MISSÃO

Formar teólogos capazes de aplicar o conhecimento para melhorar a
qualidade de vida espiritual, política, econômica e social.

VALORES

Bíblia como Palavra de Deus
Amor a Deus e ao próximo na prática
Cristo como único Senhor e Salvador
Teoria aliada à prática ministerial
Excelência no ensino acadêmico
Estímulo ao senso crítico
Atitude de cooperação
Integridade de vida
Visão Missionária

SUMÁRIO

Apresentação	08
---------------------------	-----------

ARTIGOS

GLADYS AYLWARD: A JORNADA DE UMA MULHER DE FÉ INABALÁVEL

Gladys Aylward: the journey of a woman of unwavering faith

<i>Gisele de Brito Mafalda</i>	<i>10</i>
--------------------------------------	-----------

AÇÕES PARABÓLICAS E AÇÕES DE ALINHAMENTO FÍSICO- ESPIRITUAL: PROPOSTA DE DIFERENCIAÇÃO

Parabolic Actions and Physical-Spiritual Alignment Actions: a proposal for Differentiation

<i>Me. Carlos Eduardo Brechani</i>	<i>27</i>
--	-----------

TRANSFORMAÇÃO PESSOAL DE PEDRO: UMA JORNADA DE CRESCIMENTO ESPIRITUAL NOS SINÓTICOS, COM APOIO JOANINO

Peter's personal transformation: a journey of spiritual growth in the Synoptic Gospels, with Johannine support

<i>José Rafael Alves de Alencar</i>	<i>38</i>
---	-----------

FÉ – DOM DADO POR DEUS

Faith – a gift given by God

<i>Leandro Hins de Brito</i>	<i>49</i>
------------------------------------	-----------

A LEI E A LITERATURA: LEWIS E PAULO EM DIÁLOGO

Law and Literature: Lewis and Paul in Dialogue

<i>Flaviano Nogueira Siedeliske</i>	<i>57</i>
---	-----------

JUÍZES 19 E A GRAÇA SOBERANA DE DEUS

Judges 19 and the Sovereign grace of God

<i>Marivete Zanoni Kunz e Stevan Garcia da Luz</i>	<i>71</i>
--	-----------

REFLEXÕES TEOLÓGICAS: O CUSTO DO DISCIPULADO, O JOVEM RICO, A NARRATIVA DE PEDRO E LIÇÕES FUNDAMENTAIS PARA A JORNADA CRISTÃ

Theological reflections: the cost of discipleship, the rich young man, Peter's narrative and fundamental lessons for the christian journey

<i>Paulo Henrique Pedrão</i>	<i>83</i>
------------------------------------	-----------

ISRAEL E A IGREJA: A RELAÇÃO ENTRE O POVO DE DEUS DO ANTIGO TESTAMENTO E O REBANHO DE CRISTO DO NOVO TESTAMENTO

Israel and the Church: The Relationship Between the People of God of the Old Testament and the Flock of Christ of the New Testament

<i>Renato Goes Damasceno</i>	<i>95</i>
------------------------------------	-----------

ZELO DESTRUTIVO: QUANDO O CUIDADO COM AS COISAS DE DEUS ULTRAPASSA A VONTADE DE DEUS (PERSPECTIVA HISTÓRICA)

Destructive zeal: when care for the things of God surpasses the will of God (historical perspective)

Samuel Cristian Hein 106

ISLAMISMO E CRISTIANISMO: DIFERENÇAS RELIGIOSAS E DESAFIOS PARA A EVANGELIZAÇÃO DE MUÇULMANOS

Islam and Christianity: Religious Differences and Challenges in Evangelizing Muslims

Daniel Miotto Zuehl 132

Normas para publicação 147

APRESENTAÇÃO

Prezados leitores!

É com satisfação que apresentamos mais uma edição da *Revista Ensaios Teológicos*, publicação da Faculdade Batista Pioneira, dedicada ao compartilhamento do conhecimento bíblico e teológico e ao diálogo entre a reflexão acadêmica e a prática cristã. Nesta edição, reunimos estudos que abordam diferentes temas das Escrituras, da história do cristianismo e da experiência da fé, convidando o leitor a aprofundar seus conhecimentos e a refletir sobre as implicações da teologia para a vida e o ministério cristão.

Os artigos que compõem este número apresentam perspectivas diversas, mas convergem no propósito de contribuir para uma compreensão mais ampla da fé cristã e de seus fundamentos. Ao percorrer as páginas desta edição, o leitor encontrará reflexões sobre o chamado missionário, o discipulado, a ação de Deus na vida humana, a interpretação das Escrituras e os desafios relacionados à fidelidade à vontade divina.

A dimensão missionária da fé é contemplada no estudo de Gisele de Brito Mafalda sobre Gladys Aylward, cuja trajetória evidencia perseverança, coragem e dedicação ao chamado missionário. Na sequência, Carlos Eduardo Brechani propõe uma diferenciação entre ações parabólicas e ações de alinhamento físico-espiritual, contribuindo para a análise de manifestações e práticas relacionadas à experiência religiosa. José Rafael Alves de Alencar, por sua vez, examina a transformação pessoal de Pedro a partir dos Evangelhos Sinóticos, com apoio do Evangelho de João, destacando aspectos de seu crescimento espiritual e de sua caminhada como discípulo de Jesus.

A reflexão sobre os fundamentos da fé também ocupa lugar importante nesta edição. Leandro Hins de Brito aborda a fé como dom concedido por Deus, enquanto Flaviano Nogueira Siedeliske estabelece um diálogo entre Lewis e Paulo a respeito da lei e da literatura. Esses estudos oferecem ao leitor diferentes perspectivas para considerar questões relevantes à compreensão da fé cristã, de seus fundamentos e de sua expressão na vida humana.

Outros artigos conduzem à reflexão sobre temas bíblicos que exigem atenção interpretativa e discernimento teológico. Stevan Garcia da Luz e Marivete Zanoni Kunz examinam Juízes 19 em relação à graça soberana de Deus, trazendo à discussão um texto bíblico complexo. Paulo Henrique Pedrão reúne reflexões sobre o custo do discipulado, o jovem rico, a narrativa de Pedro e lições fundamentais para a jornada cristã, ressaltando a importância de considerar as exigências e os desafios de seguir a Cristo. Já Renato Goes Damasceno investiga a relação entre Israel, o povo de Deus no Antigo Testamento, e a Igreja, o rebanho de Cristo no Novo Testamento, tema significativo para a compreensão da continuidade e das distinções presentes na narrativa bíblica.

A dimensão histórica e o diálogo com outras tradições religiosas completam o conjunto de estudos. Samuel Cristian Hein analisa o zelo destrutivo sob uma perspectiva histórica, refletindo sobre situações em que o cuidado com as coisas de Deus pode ultrapassar a própria vontade divina. Por fim, Daniel Miotto Zuehl apresenta uma abordagem introdutória sobre

quem são os muçulmanos, oferecendo ao leitor a oportunidade de ampliar seus conhecimentos acerca do islamismo e de suas particularidades.

A diversidade dos assuntos abordados reafirma a importância da pesquisa teológica comprometida com o estudo das Escrituras, o rigor acadêmico e a reflexão responsável. Estudar teologia não significa apenas acumular informações, mas também desenvolver discernimento, examinar pressupostos, compreender diferentes perspectivas e buscar uma aplicação coerente do conhecimento à vida cristã. Nesse sentido, esperamos que os trabalhos aqui publicados estimulem novas perguntas, aprofundem o diálogo acadêmico e contribuam para a formação de leitores, pesquisadores e ministros comprometidos com a verdade bíblica.

Agradecemos aos autores que compartilharam suas pesquisas e a todos os que colaboram para a continuidade desta publicação. Que esta edição da *Revista Ensaios Teológicos* seja proveitosa para cada leitor, promovendo o crescimento no conhecimento, o amadurecimento da fé e o compromisso com uma prática cristã fundamentada na Palavra de Deus.

Boa leitura! Que Deus abençoe a todos.

Dr^a. Marivete Zanoni Kunz
Editora Responsável

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v10.n2.001



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

GLADYS AYLWARD: A JORNADA DE UMA MULHER DE FÉ INABALÁVEL

Gladys Aylward: the journey of a woman of unwavering faith

Gisele de Brito Mafalda¹

RESUMO

O presente artigo abordou a trajetória de Gladys Aylward, uma jovem britânica que, apesar de suas limitações educacionais, financeiras e das rejeições que enfrentou, não desistiu. Com persistência, fé e determinação, prosseguiu em seu chamado missionário na China. Em Yangcheng, colaborou com a missionária Jeannie Lawson, fundando um abrigo para muleteiros e imergindo na cultura local. Após a morte de Lawson, Gladys assumiu a liderança em várias iniciativas, incluindo a luta contra o enfaixamento dos pés femininos. Durante a Segunda Guerra Sino-Japonesa, dedicou-se a cuidar de crianças órfãs, exemplificando sua fé inabalável e coragem diante das adversidades. Assim, o artigo que se segue destaca os principais pontos da impactante história dessa mulher: nascimento, família, conversão, chamado missionário, desafios, viagem, missões, dias finais e legado.

Palavras-chave: Aylward. China. Missionária. Fé.

ABSTRACT

This article addressed the trajectory of Gladys Aylward, a young British woman who, despite her educational and financial limitations and the rejections she faced, did not give up. With persistence, faith and determination, he continued his missionary call in China. In Yangcheng, he collaborated with missionary Jeannie Lawson, founding a shelter for muleteers and immersing himself in the local culture. After Lawson's death, Gladys took leadership in several initiatives, including the fight against women's foot binding. During the Second Sino-Japanese War, he dedicated himself to caring for orphaned children,

¹ A autora da obra, Gisele de Brito Mafalda, é graduanda em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. Atualmente, atua como seminarista na Igreja Batista de Arco-íris em Panambi/RS. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-9484-8326>. E-mail: giselebrito@batistapioneira.edu.br

exemplifying his unshakable faith and courage in the face of adversity. Thus, the following article highlights the key points of this woman's impactful story: birth, family, conversion, missionary call, challenges, journey, missions, final days and legacy.

Keywords: Aylward. China. Missionary. Faith.

INTRODUÇÃO

Através da Palavra de Deus, das histórias e exemplos significativos nela relatados, os cristãos são inspirados a permanecerem fiéis ao Senhor e a levarem uma vida que verdadeiramente possa glorificá-Lo. Da mesma forma, além das Escrituras, ao longo da história, é possível observar o impacto da vida e legado de grandes missionários servos de Deus, os quais, após compreenderem sua missão, não se acomodaram, mas foram obedientes e dedicaram toda ou grande parte de suas vidas para tornar o evangelho e o amor de Cristo conhecidos, transformando, impactando e acolhendo vidas.

Gladys Aylward é um desses exemplos, destacando-se como uma das figuras missionárias mais notáveis do século XX, ela dedicou-se a levar o Evangelho e auxílio social a regiões remotas da China, enfrentando desafios que testaram sua fé, resiliência e compromisso com seu propósito missionário. Nascida em uma família modesta no norte de Londres, sua juventude foi marcada por um início profissional simples e por poucos incentivos educacionais, características que poderiam ter limitado suas pretensões. Contudo, um evento transformador a conduziu à fé cristã e despertou nela um chamado missionário, inicialmente voltado para a China – um país distante, com uma língua e cultura desconhecidas, mas onde ela percebeu que havia uma missão aguardando-a.

Após enfrentar a rejeição inicial da China Inland Mission, que considerou sua formação inadequada, Aylward persistiu, acumulando recursos próprios para realizar a viagem. Sua jornada à China, foi marcada por um caminho de aprendizado improvisado e múltiplos atos de coragem. Em Yangcheng, ao lado de outra missionária, Sra. Jeannie Lawson, Aylward consolidou seu papel não apenas como evangelizadora, mas como uma verdadeira protetora da comunidade, atuando contra costumes arraigados como o enfaixamento dos pés femininos, acolhendo órfãos e promovendo mudanças sociais significativas.

Com o início da Segunda Guerra Sino-Japonesa, o trabalho de Gladys Aylward enfrentou novos desafios, incluindo a liderança de uma perigosa missão com cem crianças órfãs em uma travessia pelas montanhas. A trajetória de Aylward, marcada por sua profundidade espiritual e impactante atuação humanitária, tornou-se um símbolo do poder transformador que o evangelho, a fé e a dedicação incondicional podem exercer em comunidades marginalizadas. Este artigo buscará explorar os principais marcos de sua vida e atuação missionária, destacando as características que a tornaram uma figura singular no cenário missionário e histórico, bem como os valores éticos e religiosos que impulsionaram sua obra.

1. A VIDA DE GLADYS AYLWARD

A história de vida de Gladys como uma mulher que se destacou por seus atos de amor e acolhimento provavelmente teve início ainda na infância, influenciada pelo exemplo

significativo de sua família. Seus pais, cristãos dedicados à obra do Senhor, transmitiram-lhe valores que marcaram sua caminhada. Embora, a princípio, ela tivesse suas dúvidas em questões religiosas, foi encontrada por Deus e transformada em uma mulher de fé inabalável, testemunhando e levando o evangelho da salvação aos necessitados. A seguir, será possível analisar mais detalhadamente sua trajetória de vida.

1.1 Do nascimento ao chamado missionário

Gladys Aylward nasceu em 24 de fevereiro de 1902, em Edmonton, uma região ao norte de Londres. Seu pai, Thomas Aylward, era carteiro e responsável por auxiliar o pastor na igreja St. Aldhelm's. A senhora Aylward, mãe de Gladys, cuidava dos afazeres domésticos e, ocasionalmente, discursava no salão da missão sobre os males do álcool. Regularmente, ela e sua família frequentavam os cultos e a escola bíblica dominical da igreja.

Gladys não foi uma boa aluna, nem gostava de estudar. Abandonou os estudos aos quatorze anos, ficando sem qualificação para qualquer tipo de trabalho. Seus pais ajudaram-na a encontrar uma vaga em um Penny Bazaar – um tipo de “loja de R\$1,99” dos dias atuais. Ela também trabalhou em um pequeno mercado. Depois disso, atuou como babá e, posteriormente, como arrumadeira em casas de classe alta. Esses trabalhos não pagavam bem, mas Gladys gostava da vida na cidade.²

Embora tivesse pouquíssima formação, ela sabia se expressar muito bem e gostava de atuar. À noite, frequentava aulas de teatro, pois desejava realmente tornar-se atriz. Apesar de seus pais serem cristãos, ela era apenas uma frequentadora dos cultos e, nesse período, começou a se tornar impaciente com as questões religiosas.³

Entretanto, certa noite, aos 25 anos, Gladys, sem jamais conseguir entender ou explicar o motivo, foi a uma reunião religiosa.⁴ Lá, foi confrontada por um estranho que lhe perguntou para onde iria após a morte. Nesse momento, ela compreendeu que Deus tinha autoridade sobre sua vida e decidiu aceitar Jesus Cristo como seu Único e Verdadeiro Salvador. Desde então, dedicou-se inteiramente a Ele, inclusive tendo a intenção de servir como missionária.⁵

Gladys tornou-se membro da Campanha Vida Jovem e, nesse mesmo período, descobriu seu chamado missionário para levar o Evangelho aos chineses. Em sua biografia, ela relata:

Tornei-me membro da Campanha Vida Jovem, e, numa revista dessa entidade, li um artigo sobre a China que me impressionou tremendamente. Saber que milhões de chineses jamais tinham ouvido falar de Jesus Cristo foi para mim uma descoberta assombrosa, e achei que certamente tínhamos a obrigação de fazer algo a esse respeito.⁶

² PIPER, Noel. **Gladys Aylward fiel na humildade**. Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/gladys-aylward-fiel-na-humildade/>. Acesso em: 16 out. 2024.

³ O MUNDO não era digno. **A história de Gladys Aylward**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a5vQeDSJITE>. Acesso em: 16 out. 2024.

⁴ AYLWARS, Gladys; HUNTER, Christine. **Apenas uma pequena mulher**. Florida: Vida, 1987, p. 5.

⁵ O MUNDO não era digno. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a5vQeDSJITE&t=1s>. Acesso em: 16 out. 2024.

⁶ AYLWARS; HUNTER, 1987, p. 5-6.

Diante desse desejo instigante, Gladys se pergunta como poderia torná-lo real. Ela logo saiu à procura de amigos cristãos, fala sobre o assunto, tenta animá-los e despertar interesse, mas ninguém parece demonstrar qualquer tipo de entusiasmo. Gladys tentou até mesmo convencer seu irmão, na esperança de que ele aceitasse prontamente; todavia, até ele recusou sem hesitar, dizendo: “Isso é serviço para solteironas”.⁷

Gladys então se dá conta de que, na verdade, quem recebeu o chamado foi ela. Em vez de tentar empurrar outras pessoas para falar aos chineses, ela mesma deveria fazê-lo. A questão é: como? Como uma moça tão jovem, pobre e com pouca instrução poderia se preparar para ir a um país a milhares de quilômetros de distância, com uma língua totalmente diferente e sobre o qual pouco se sabia, exceto que precisava de alguém que falasse do amor de Deus?

Apesar das limitações que enfrentava, Gladys estava determinada a encontrar uma maneira de realizar seu propósito missionário. O desejo de levar o Evangelho aos chineses precisava, agora, transformar-se em uma iniciativa concreta. Em busca de orientação e de uma oportunidade de ingressar no campo missionário, ela decidiu procurar uma sociedade missionária, dando início a uma nova etapa de sua trajetória.

1.2 A rejeição missionária e o amadurecimento da fé

Gladys estava certa de que precisava chegar até a China. Embora não soubesse ao certo se haveria um lugar para ela no campo missionário, sabia que tinha talento para falar. Talvez Deus pudesse usar isso. Buscando maneiras de chegar lá, foi instruída a se apresentar a uma sociedade missionária. Então, ela se inscreveu na China Inland Mission. Em 12 de dezembro de 1929, o Comitê de Candidatos dessa missão registrou sua conversão ao cristianismo e sua “força visível de caráter”. Embora não houvesse menção direta sobre seu baixo nível de escolaridade e suas habilidades educacionais limitadas, essas restrições implicaram na recomendação condicional de um “teste para avaliar sua capacidade de estabelecer-se para um estudo regular”.

Na Casa de Treinamento de Mulheres, Gladys teve uma nova experiência: permaneceu no andar superior com as outras mulheres em treinamento, em vez de ficar no andar inferior, reservado às servas da casa. Os três meses de treinamento foram preenchidos com atividades como aulas, estudo bíblico, devocionais pessoais, ensino em escolas dominicais de bairros desfavorecidos e a escuta de relatórios sobre a China e as dificuldades de chegar e viver lá. Gladys teve um bom desempenho nas atividades práticas, mas parecia ter dificuldade para compreender as conferências e os livros.

Ao fim daquele período, o comitê concluiu que ela não estava qualificada e que sua base educacional era muito escassa. Também se preocuparam com a dificuldade que o idioma chinês representaria para ela, especialmente considerando sua idade – quase trinta anos. Gladys ficou atônita, saiu da entrevista em silêncio, pensando em seus planos em ruínas. Mas, continuava certa de que Deus a queria na China e, de fato, o Senhor queria. Porém, Ele

⁷ AYLWARS; HUNTER, 1987, p. 6.

planejava enviá-la de uma forma diferente, uma maneira que se adequasse melhor a ela, colocando-a em Sua própria escola de aprendizado. Algumas das lições eram semelhantes às que ela havia recebido na escola de candidatas, mas sua sala de aula agora era a própria vida. Talvez suas primeiras lições tenham sido na área da oração, mesmo enquanto ainda estava lutando no Treinamento de Candidatas da Missão para o Interior da China (MIC). Ao final desse período, ela disse ao comitê: “Desculpem-me por não ter sido capaz de aprender muito no colégio, mas aprendi verdadeiramente a orar, a orar como nunca havia orado antes, e sou imensamente grata por isso”.⁸

Quando Gladys foi rejeitada pelo comitê, um dos executivos da missão perguntou a ela sobre seus planos e ofereceu-lhe um trabalho em Bristol para auxiliar o Fisher e sua esposa, um casal de missionários recentemente aposentados da China. Embora isso parecesse um retrocesso, colocando-a novamente em um papel de serviço doméstico, Gladys aceitou. Nesse cenário, Deus a colocou sob a orientação de sábios mentores espirituais, levando-a a dizer mais tarde:

Aprendi muitas lições com eles; sua fé irrestrita em Deus foi uma revelação para mim. Nunca havia conhecido ninguém que confiasse em Deus tão completamente, tão cegamente e com tanta obediência. Eles conheciam a Deus como amigo, não como alguém distante, e viviam com Ele a cada dia. O Doutor Fisher e sua esposa me contaram histórias de suas próprias vidas além-mar.

– “Deus jamais nos desaponta. Ele lhe envia, dirige e provê para nós. Pode ser que Ele não responda as nossas orações como o desejamos, mas não deixa de responder. Lembre-se, um “não” é resposta, tanto quanto um “sim””.

– “Como posso saber se Ele quer que eu vá para a China ou que permaneça em Bristol?” – perguntei-lhes.

– “Ele lhe mostrará na hora que achar melhor. Continue a vigiar e orar”.⁹

Mais tarde, Gladys deixou os Fishers e mudou-se para o País de Gales, onde passou a atuar como “irmã de uma missão de resgate” em Swansea, uma cidade portuária. Todas as noites, ela ia até os estaleiros e caminhava pelas ruas escuras e desafiadoras, tentando convencer mulheres e jovens a voltarem para casa ou acompanhá-la até a sede da missão. Nos bares rústicos à beira-mar, ela enfrentava marinheiros embriagados, se necessário, para resgatar as moças que estavam com eles. Em seguida, levava-as para a estalagem da Missão Snelling do Evangelho.¹⁰

Embora Gladys apreciasse esse trabalho, não conseguia tirar da cabeça a lembrança da China. As experiências de rejeição pelas sociedades missionárias despertaram nela o desejo e o senso de responsabilidade de conhecer a Bíblia mais profundamente antes de pregar a outras pessoas.

⁸ PIPER, Noel. **Mulheres fiéis e seu Deus maravilhoso**: histórias de cinco mulheres de fé. São Paulo: Fiel, 2016, p. 85.

⁹ AYLWARS; HUNTER, 1987, p. 7.

¹⁰ AYLWARS; HUNTER, 1987, p. 8.

Ao ler a passagem de Gênesis 12.1-2, que relata a história de Abraão, Gladys ficou paralisada. Em seus pensamentos, questionou se Deus estava lhe pedindo o mesmo que pedira a Abraão: deixar tudo – sua casa, seu povo, sua segurança – e ir para um lugar totalmente desconhecido, obedecendo à vontade divina. Além da história de Abraão, a de Moisés também a comoveu: mais um homem que fez algo grandioso a partir do nada.

Prontamente, ao entender a mensagem, Gladys tomou sua decisão. Se realmente deveria ir até a China, acreditava que Deus abriria os caminhos para que isso acontecesse; bastava que ela estivesse disposta a renunciar ao pouco conforto e segurança que possuía. Assim, voltou para Londres e começou a trabalhar como empregada doméstica, economizando tudo o que podia para juntar o valor da passagem para a China.¹¹

Gladys, ainda surpresa com o chamado de Deus em sua vida, leu a história de Neemias e sentiu uma profunda identificação com ele, pois ambos eram servos, sujeitos à obediência aos seus superiores. Contudo, Neemias não permitiu que isso o impedisse de cumprir a missão que Deus lhe confiou. Enquanto refletia, Gladys teve a impressão de que uma voz divina lhe perguntava se o Deus de Neemias também era o seu Deus. Ao responder que sim, a voz prosseguiu, incentivando-a a seguir o exemplo de Neemias. Esse momento foi decisivo para ela, que descreveu a experiência como uma “ordem para marchar”, aceitando o chamado divino para sua própria missão.¹²

1.3 Confirmação, provisão e bônus divino

Gladys chegou à residência Younghusband e, ao se instalar em seu quarto, desembrulhou seus pertences modestos: uma Bíblia, um livro de orações e três moedas que somavam dois pences e meio. Apesar da quantia ser mínima, Gladys decidiu entregá-la a Deus em oração, pedindo que Ele a usasse para cumprir seu desejo de ir à China como missionária. Pouco depois, sua patroa a chamou e surpreendentemente reembolsou o dinheiro que ela havia gastado para chegar ali, o que resultou em um acréscimo significativo de 36 pences às suas economias, um valor muito maior que o que tinha inicialmente.

Para Gladys, esse aumento inesperado representava uma confirmação de que Deus supriria suas necessidades para a jornada até a China. Decidida, ela foi até uma agência de viagens para iniciar os pagamentos de uma passagem de navio. No entanto, o agente mostrou ceticismo, achando que ela não teria condições de pagar o valor completo de 90 libras. Em meio à conversa, ele mencionou que uma viagem de trem pela Europa e Sibéria custaria bem menos, embora fosse arriscada devido ao conflito entre Rússia e China. Ignorando as advertências, Gladys insistiu e iniciou os pagamentos para essa rota alternativa.

Gladys trabalhou arduamente para reunir o valor necessário. Após longos dias como empregada doméstica, ela ainda fazia trabalhos extras à noite para juntar cada centavo. Sua dedicação era tamanha que ela continuava a usar as mesmas roupas para economizar,

¹¹ AYLWARS; HUNTER, 1987, p. 8-9.

¹² PIPER, 2016, p. 88.

canalizando todos os recursos para sua meta. Sua determinação e disposição para o sacrifício demonstravam sua fé na missão que acreditava ter recebido.

Além de seu próprio esforço, Gladys também recebeu ajuda inesperada. Certo dia, sua patroa a convidou para uma festa ao ar livre, mas Gladys não possuía roupas adequadas. Em resposta, sua patroa emprestou algumas peças que, posteriormente, deixou que Gladys ficasse. As roupas eram de uma qualidade muito superior ao que ela poderia comprar e serviram-na bem durante muito tempo, poupando-a de gastos adicionais.

Com esforço e generosidade alheia, Gladys conseguiu depositar o valor total da passagem em menos de um ano, superando sua expectativa de três anos. Esse feito permitiu que ela partisse para a China ainda aos trinta anos, em vez dos trinta e dois que imaginava, o que parecia um bônus divino. Através dessa experiência, Gladys viu como sua fé e perseverança foram recompensadas, confirmando sua confiança em que Deus guiaria cada etapa de sua jornada.¹³

A grande dúvida agora era: para qual lugar específico da China? Durante esse período de busca, um pastor convidou-a para ajudá-lo em uma campanha em sua igreja, o que marcou sua primeira experiência de trabalho público. Numa dessas reuniões, uma senhora idosa mencionou que conhecia uma missionária chamada Sra. Lawson, de setenta e três anos, que, após anos de serviço na China e um breve retorno à Inglaterra, decidiu voltar ao país asiático. A Sra. Lawson orava para que uma jovem fosse chamada por Deus para continuar o trabalho que ela havia iniciado, e Gladys sentiu que isso era um sinal para si.

Gladys imediatamente procurou obter o contato da Sra. Lawson. Após escrever-lhe uma carta, recebeu a resposta de que a esperaria em Tientsin, caso ela conseguisse chegar até lá. Animada com o convite, Gladys sentiu que isso confirmava seu chamado para a China e começou os preparativos para a viagem. Ao saberem de sua decisão, seus pais e amigos ajudaram-na de várias maneiras para que tivesse o necessário para a longa jornada.

Seu pai pediu que ela passasse alguns dias em casa antes da partida, e seus amigos e familiares se mobilizaram para apoiá-la. Ivy Benson, uma amiga e colega de trabalho, doou-lhe uma mala essencial para a viagem. Sua mãe, com carinho, costurou bolsos ocultos em seu casaco para guardar documentos e pertences valiosos. Outras amigas contribuíram com roupas de inverno e suprimentos. Para Gladys, essa ajuda era uma demonstração de amor, e ela se emocionou ao ver o quanto seus pais sacrificavam para permitir sua ida, cientes dos riscos e da possibilidade de nunca mais vê-la.

A mala de Gladys estava repleta de mantimentos para a viagem, como biscoitos salgados, doces, carne enlatada e chá. Ela também levava itens pessoais, incluindo roupas e utensílios, como chaleira e panela, embrulhados em um cobertor velho. Sua intenção era economizar ao máximo e viver do que levava consigo, pois sabia que não teria dinheiro para comprar comida durante a longa jornada de trem.

Com a ajuda de seus amigos e familiares, Gladys estava finalmente pronta para partir. Apesar do peso físico de sua bagagem, o fardo emocional e as incertezas da viagem a afetavam

¹³ PIPER, 2016, p. 89-90.

mais. Ela sabia que sua decisão era um ato de fé, e o apoio recebido dava-lhe a força necessária para embarcar na missão que sentia ter sido chamada por Deus a cumprir.¹⁴

1.4 A jornada até a China

Gladys, aos 30 anos de idade, sem nenhuma experiência internacional, partiu da estação da Rua Liverpool em Londres, num sábado, dia 15 de outubro de 1932, para Yangcheng¹⁵, com a determinação de se tornar missionária na China. Embora nunca tivesse viajado para fora de seu país ou falado outra língua, ela confiava que Deus a preparara para essa nova vida e a acompanharia em sua jornada. Durante a viagem, um casal de holandeses no trem soube de seus planos e, tocados por sua determinação, compraram-lhe um chocolate quente e biscoitos, além de prometer orar por ela todas as noites. Este gesto de bondade significou mais do que um simples lanche; foi um símbolo do apoio divino que Gladys sentia.

À medida que viajava pela Europa, Gladys encontrou diversos desafios, mas também a providência de Deus em cada etapa. Em Berlim, uma jovem que falava um pouco de inglês a ajudou a atravessar a alfândega e lhe ofereceu abrigo. Em Moscou, um polonês, apesar de não entender inglês, a presenteou com uma maçã e um selo para que pudesse enviar uma carta. Sua jornada se complicou quando o trem que a levava a Harbin foi interrompido na Rússia, devido a uma zona de guerra. Com poucas opções e sem lugar para ir, Gladys se viu enfrentando um frio intenso, tendo que dormir ao relento com sua mala como travesseiro.

Surpreendentemente, Gladys conseguiu passar a noite em segurança, ignorando o perigo dos lobos que uivavam ao seu redor, um exemplo da providência divina em sua vida. Após um longo dia de viagem, ao chegar à Chita, foi detida pelos oficiais locais que questionaram sua presença. Sem falar russo, Gladys estava em apuros, mas a situação se reverteu quando uma foto de seu irmão, que estava no exército britânico, caiu de sua Bíblia. Isso impressionou os oficiais, que decidiram liberá-la e fornecer-lhe um novo visto.

Em sua busca por direções, Gladys avistou um homem que não parecia russo e, ao pedir ajuda, recebeu a orientação de seguir para Vladivostok. Ao chegar lá, enfrentou outro desafio: o recepcionista do hotel não devolveu seu passaporte. No entanto, uma mulher misteriosa a advertiu a deixar o hotel rapidamente. Depois de uma tensa situação com o recepcionista, que parecia ter intenções duvidosas, Gladys conseguiu recuperar seu passaporte. Logo em seguida, foi abordada por um homem idoso que a levou a um navio japonês.

Sem dinheiro, Gladys confiou que Deus proveria um meio para que ela pudesse embarcar. Quando russos tentaram impedir sua entrada no navio, ela se lembrou da nota de uma libra que recebera do casal holandês e usou isso como distração para escapar. Com isso, conseguiu embarcar e finalmente navegar para o Japão e, depois, para Tientsin, na China, onde se sentiu em casa entre as pessoas que compartilhavam suas características físicas.

¹⁴ AYLWARS; HUNTER, 1987, p. 12-14.

¹⁵ MÃOS DADAS. **Gladys Aylward, uma mulher virtuosa que sabia unir ação e oração.** Disponível em: <https://ultimato.com.br/sites/maosdadas/2022/05/16/gladys-aylward-uma-mulher-virtuosa-que-sabia-unir-acao-e-oracao/>. Acesso em: 26 out. 2024.

A senhora Jeannie Lawson enviou o senhor Lu a Tientsin para acompanhar Gladys até Yangcheng, onde ela ainda tinha dez dias de viagem pela frente, passando por Pequim e enfrentando montanhas e rios. Durante a jornada, pararam em postos de missões para descansar. Em Tsechow, a senhora Smith deu a Gladys roupas típicas chinesas, explicando que os missionários adotavam esses trajes para se parecerem mais com as mulheres locais, além de serem mais confortáveis.¹⁶

Ao chegar em Yangcheng, Gladys, finalmente, encontrou-se com a senhora Jeannie Lawson, uma missionária que havia vivido na China por muitos anos. Ela comprou uma casa muito velha, a beira da estrada em um bairro bem pobre. Por estar desocupada o aluguel era irrisório e nenhum chinês queria morar ali, pois acreditavam ser habitada por demônios.¹⁷

Assim, após uma longa e difícil jornada, Gladys finalmente chegou a Yangcheng, onde começaria a concretizar seu chamado missionário. A partir daquele momento, os desafios deixariam de estar apenas no caminho até a China e passariam a fazer parte de sua própria experiência missionária, marcada pelo contato com a população local, pelo aprendizado de uma nova cultura e pelo serviço ao próximo.

2. MISSÃO NA CHINA

A atuação missionária de Gladys Aylward na China foi marcada por desafios, iniciativas de cuidado e oportunidades de compartilhar sua fé cristã. Ao se estabelecer em Yangcheng, ela precisou adaptar-se à cultura local, aprender a língua e encontrar maneiras de servir à população. Suas experiências demonstram como diferentes circunstâncias de sua vida se tornaram oportunidades para desenvolver seu trabalho missionário.

Yangcheng era uma pequena cidade chinesa, situada em um vale cercado por montanhas áridas e nuas. Embora faltassem árvores na região e o inverno fosse rigoroso, a cidade possuía uma beleza única, com suas ruas estreitas e templos antigos. Chegando ao local no final de novembro, Gladys, após uma longa jornada, se depara com o desafio de viver sem recursos financeiros, contando apenas com a ajuda da Sra. Lawson, que tinha planos de transformar sua casa em uma hospedaria para muleteiros.

A Sra. Lawson acreditava que poderiam atrair os muleteiros, oferecendo comida e abrigo. Por isso, Gladys ficou encarregada de chamar os animais e seus donos, utilizando a estratégia de ser acolhedora e amigável. Embora, muitas vezes, ela apanhava as rédeas das mulas e puxava-as para dentro pelas suas próprias forças. Com o tempo, a hospedaria ganhou fama, pois os muleteiros compartilhavam suas experiências sobre o lugar, destacando a limpeza e a boa comida. A Sra. Lawson contava histórias bíblicas para os muleteiros durante a noite, enquanto Gladys cuidava das mulas e tentava aprender a língua local. Elas também faziam visitas a vilas nas proximidades, onde Gladys se esforçava para se comunicar com os habitantes locais, que eram curiosos e admirados pela presença de estrangeiras. Essa

¹⁶ PIPER, 2016, p. 94-99.

¹⁷ AYLWARS; HUNTER, 1987, p. 35.

experiência, embora desafiadora, ofereceu a Gladys um valioso aprendizado sobre a cultura e a língua chinesas.

No entanto, após meses de trabalho árduo, a saúde da Sra. Lawson começou a declinar, ela adoeceu gravemente, e quando faleceu, Gladys se viu sozinha em Yangcheng, enfrentando a responsabilidade de continuar o trabalho iniciado por Lawson. Mesmo sendo a única europeia na região, ela mantinha a hospedaria em funcionamento e organizava cultos regulares. Contudo, logo percebeu que a renda não era suficiente para sustentar as despesas, e se sentiu isolada e sobrecarregada em um ambiente muitas vezes hostil.

Enquanto orava por orientação, Gladys se via em um dilema sobre continuar em Yangcheng ou partir em busca de um novo propósito. Apesar das dificuldades, ela se lembrava da convicção que compartilhava com a Sra. Lawson de que Deus a havia trazido para aquele lugar com uma missão especial, o que a encorajava a persistir em sua jornada.¹⁸

2.1 Inspetora de pés

Em determinada ocasião, Gladys se viu em uma situação peculiar quando foi orientada por seu cozinheiro a curvar-se diante do mandarim local, uma autoridade poderosa. Após hesitar, ela aceitou encontrá-lo, curiosa sobre o motivo da visita. O mandarim chegou trajando vestes requintadas e acompanhado de soldados armados, o que causou um grande receio em Gladys. Contudo, ele surpreendeu-a ao revelar que não estava ali para ameaçá-la, mas para pedir sua ajuda em um novo decreto governamental.

O governo chinês havia decidido banir o antigo costume de enfaixar os pés das mulheres, uma prática que causava sérias deformidades e dores, e o mandarim fora encarregado de garantir o cumprimento do decreto. Porém, como homem, ele não podia inspecionar os pés das mulheres da província. Gladys, com seus pés naturalmente “grandes” para os padrões chineses, parecia a candidata perfeita para essa função. O mandarim propôs que ela se tornasse a inspetora oficial, recebendo uma pequena compensação e apoio em suas viagens. Gladys aceitou, com a condição de que poderia pregar sobre o evangelho cristão enquanto cumpria suas tarefas.

Assim, Gladys começou a viajar de vilarejo em vilarejo, acompanhada por soldados e uma mula com provisões. Em cada comunidade, os soldados anunciavam o decreto e ordenavam que as mulheres desenfaixassem os pés. Ela utilizava esses momentos para contar histórias bíblicas e cantar com o povo, criando um ambiente de confiança e carinho. Gladys explicava a razão para o decreto, afirmando que Deus havia feito homens e mulheres iguais em dignidade e que enfaixar os pés era um costume que desrespeitava essa verdade. Muitas jovens resistiram inicialmente, temendo perder oportunidades de casamento, mas, com o apoio dos soldados, as instruções do governo eram cumpridas.

Com o tempo, Gladys se tornou uma figura respeitada e querida, conhecida como “A Contadora de Histórias” e chamada de “Ai-weh-deh”, que significa “mulher virtuosa”. Além de promover o fim do enfaixamento dos pés, ela começou a testemunhar transformações no

¹⁸ AYLWARD; HUNTER, 1987, p. 37-41.

comportamento local: o uso de analgésico diminuiu, e muitas pessoas aceitaram o cristianismo, formando pequenas igrejas em várias vilas. Integrando-se cada vez mais ao estilo de vida chinês, Gladys passou a vestir-se, comer e falar como os locais. Em 1936, ela formalizou seu compromisso com a China, obtendo a cidadania chinesa e tornando-se oficialmente Ai-weh-deh.¹⁹

Gladys, tinha uma amizade curiosa e respeitosa com o mandarim, apesar de suas origens muito diferentes. Esse relacionamento foi essencial quando o mandarim pediu que ela ajudasse a controlar uma rebelião na prisão. Mesmo insegura, Gladys entrou na prisão e, com uma impressionante bravura, desarmou um prisioneiro armado com um machado, impondo ordem entre os detentos. O feito a tornou admirada pelos prisioneiros, e ela então se dedicou a melhorar as condições de vida na prisão, dando-lhes trabalho e propósito.²⁰

Durante suas viagens como inspetora de pés, Aylward encontrou uma mulher pobre e rude tentando vender uma criança faminta e doente na beira da estrada. Ao perceber que essa mulher era uma traficante de crianças, uma prática comum e perigosa na região, Gladys seguiu seu caminho até o palácio do mandarim, onde questionou sobre o que seria feito em relação a esses criminosos. O mandarim, por sua vez, evitou se comprometer, afirmando que enfrentar esses traficantes só traria problemas, e sugeriu que Gladys simplesmente ignorasse. No entanto, Gladys reafirmou sua posição, explicando que estava na China para seguir os ensinamentos de Jesus Cristo, não apenas as leis locais.

Ao retornar pela mesma estrada, Gladys viu novamente a mulher e a criança, e, comovida pela situação, decidiu usar suas poucas moedas para comprar a menina, a quem chamou de Mei-em, ou Nove Pence, em referência ao valor que pagou. Nove Pence tornou-se sua filha e trouxe alegria para sua vida. Mais tarde, Nove Pence encontrou um menino ainda mais necessitado, apelidado de "Menos", e ele também foi acolhido por Gladys.²¹ Com o tempo, mais crianças passaram a depender dela, e assim nasceu a missão de Gladys Aylward para os órfãos da China.²² Desse modo, a atuação de Gladys Aylward em Yangcheng ultrapassou as atividades inicialmente desenvolvidas na hospedaria e as oportunidades de evangelização durante suas viagens. Seu envolvimento com pessoas em situação de vulnerabilidade, especialmente com o acolhimento e o cuidado de crianças órfãs, revelou uma dimensão cada vez mais ampla de sua missão. Entretanto, a intensificação dos conflitos na China traria desafios ainda maiores, colocando à prova sua coragem, sua fé e seu compromisso com as pessoas a quem servia.

2.2 A guerra

Certa manhã um barulho estranho chamou a atenção de Gladys e dos moradores de Yangcheng. As pessoas corriam de todo o lado para ver pequenos aviões prateados no céu,

¹⁹ AYLWARD; HUNTER, 1987, p. 42-47.

²⁰ PIPER, 2016, p. 103-104.

²¹ PIPER, 2016, p. 106-107.

²² CBE Internacional. **Para não ser esquecido:** Gladys Aylward 1902-1970 missionária na China. Disponível em: <https://www.cbeinternational.org/pt/recurso/n%C3%A3o-ser-esquecido-0/>. Acesso em: 27 out. 2024.

rebrilhando à luz do sol. Todo mundo ficou excitado, gritando e acenando, pois ninguém jamais havia visto um avião. Então, eles começaram a voar baixinho por sobre a cidade e despejaram suas bombas. O ano era 1937 e a China se envolvera em um complicado e sangrento conflito tripartido entre o governo, os insurgentes comunistas comandados por Mao Tse Tung e o exército japonês invasor.²³ Gladys estava participando do culto matutino quando uma bomba atingiu a missão, mais tarde ela foi retirada de meio aos escombros e dedicou-se a cuidar dos feridos com os poucos recursos que possuía. Esse período marca o início de uma vida em meio à guerra, na qual ela frequentemente atuava como espiã para o exército chinês, passando informações sobre os movimentos japoneses, enquanto prosseguia com seu trabalho de evangelização.

Em meio ao sofrimento da guerra, Gladys testemunha a destruição constante de Yangcheng, que mudava de domínio repetidamente entre os chineses e os japoneses. Ela e outros moradores buscavam abrigo em cavernas e buracos, enfrentando severas privações. Contudo, mesmo nas adversidades, Gladys se mantinha resiliente, confiando em sua fé para sustentar a si mesma e a outros. Um exemplo significativo é seu encontro com um general chinês que, após observá-la, desejou tornar-se cristão. Esse momento foi profundamente comovente para Gladys, que viu nesse homem, representante da China tradicional, um fruto da sua longa dedicação missionária.

No desenrolar da guerra, Gladys enfrentou dificuldades crescentes, incluindo escassez de alimentos e a necessidade de improvisar postos de primeiros socorros para atender aos feridos, tanto chineses quanto japoneses. Em um desses encontros, um mendigo debilitado e doente revelou ser o mesmo general que, após sua conversão, enfrentou terríveis provações ao ser capturado e torturado por seus antigos subordinados. Mesmo enfraquecido e quase derrotado pela fome e pela dor, ele se mantinha firme em sua fé e, após quinze meses de sofrimento, conseguiu voltar a Yangcheng. Gladys, ao reencontrá-lo em tal estado, acolheu-o e cuidou dele, testemunhando a transformação de sua alma, que de um bandido violento tornou-se um irmão querido e respeitado entre os cristãos.²⁴

Mesmo em meio ao perigo contínuo e imprevisível, Gladys não quis sair da China. Durante os meses mais sombrios da guerra, sua mãe recebeu uma carta que verdadeiramente vinha do coração de Gladys Aylward:

A vida é deplorável, a morte é tão familiar, o sofrimento e a dor tão comuns, e ainda assim eu não desejo estar em nenhum outro lugar. Não deseje que eu esteja fora daqui nem procure de qualquer modo me tirar daqui, porque não sairei, enquanto esta provação continuar. Este é o meu povo, Deus os tem dado a mim, e eu viverei ou morrerei com eles, por Deus e para sua glória.²⁵

²³ GUIAME. **Heróis da Fé:** Gladys Aylward, uma notável missionária na China. Disponível em: <https://admin.guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/herois-da-fe-gladys-aylward-uma-notavel-missionaria-na-china.html>. Acesso em: 27 out. 2024.

²⁴ AYLWARD; HUNTER, 1987, p. 66-79.

²⁵ PIPER, 2016, p. 110.

A declaração de Gladys revela a profundidade de seu compromisso com o povo chinês, ao qual se sentia vinculada por seu chamado missionário e por sua fé. Mesmo diante dos perigos da guerra, ela decidiu permanecer ao lado daqueles a quem servia, assumindo os riscos que essa escolha implicava. Contudo, o avanço do conflito traria novas circunstâncias que exigiriam dela decisões difíceis e uma disposição ainda maior para proteger vidas, especialmente as das crianças que estavam sob seus cuidados.

2.3 100 crianças em fuga

Durante toda a guerra, Gladys não pode deixar de receber muitas crianças. Em Yangcheng, na hospedaria, foi saudada com grande entusiasmo por cem crianças, que haviam sido levadas de um orfanato missionário de outra cidade.²⁶ Essas crianças, como qualquer outra, precisavam de muita atenção, ensinamentos, alimentação e cuidado constante. Gladys não apenas oferecia esse cuidado, mas também lhes ensinava a ler e lhes transmitia salmos e passagens bíblicas. Durante esse tempo, ela ganhou a atenção do general local, que a questionou sobre o sustento e o abrigo das crianças em meio ao avanço japonês. O general sugeriu que Gladys escrevesse para a Sra. Chiang, uma mulher que dirigia orfanatos para crianças desabrigadas. Assim, Gladys conseguiu autorização para levar as crianças para um lugar mais seguro, e um primeiro grupo partiu sob a liderança do Sr. Lu.

Após a partida do grupo, Gladys ficou aguardando o retorno de Lu com provisões, mas meses se passaram sem notícias. A situação piorou com o avanço da guerra, até que a esposa do general alertou Gladys sobre a iminente retirada do exército chinês e implorou a seguir com eles. Gladys, no entanto, recusou-se a abandonar a missão, reafirmando que os cristãos "jamais batem em retirada". Embora o próprio general lhe enviasse uma carta pedindo que os acompanhasse, Gladys manteve sua decisão e permaneceu na missão, mesmo após a saída das crianças.

Poucos dias depois, um soldado a avisou que os japoneses estavam prontos para invadir Yangcheng e tinham interesse especial em capturá-la. Ele mostrou um cartaz japonês oferecendo uma recompensa pela captura dela. Essa revelação deixou Gladys em dúvida, mas após consultar a Bíblia, ela interpretou o trecho de Apocalipse 6.15-17 como uma orientação divina para fugir. Assim, ela se preparou para partir na manhã seguinte. Ao ver que os japoneses já estavam nas redondezas, Gladys tentou sair pela estrada alternativa, conhecida como o Portão dos Mortos. Em sua fuga, ela foi vista pelos soldados, que dispararam contra ela. Apesar das balas que crivaram seu casaco, Gladys conseguiu escapar e, após um dia inteiro de caminhada exaustiva, chegou a um vilarejo amigo, onde foi acolhida e pode descansar.

Na manhã seguinte, Gladys seguiu em frente, movida pelo desejo de reencontrar as crianças. À noite, ela finalmente alcançou Cheng Tsuen, local onde várias das crianças estavam. Gladys entendeu que era impossível mantê-las que alguma coisa devia ter acontecido ao Sr. Lu. Logo ela ficou sabendo que ele havia conseguido passar a salvo com o bando de crianças, e estava voltando quando foi preso sob a suspeita de ser espião japonês. Gladys se viu sozinha e responsável por cem crianças órfãs e refugiadas, que precisavam

²⁶ PIPER, 2016, p. 111.

desesperadamente ser levadas a um local seguro. Mesmo diante dos riscos, da falta de suprimentos e das advertências de seus amigos, ela sentiu que deveria continuar com a missão, confiando em Deus para guiá-la e protegê-las.

Aylward decidiu levar as crianças até Xian, atravessando montanhas e desbravando trilhas íngremes. Com coragem e fé, convenceu os moradores locais a ajudá-los ao longo do caminho, apesar da escassez de comida. A viagem foi árdua: a fome, o frio das noites ao ar livre e a exaustão das crianças tornaram a jornada uma prova quase insuportável. Mas Gladys incentivava as crianças a cantarem e recitarem versos bíblicos para mantê-las motivadas. Após doze dias de marcha dolorosa, finalmente avistaram o rio Amarelo, mas um novo obstáculo os aguardava – o rio estava sem balsas e os barcos haviam sido recolhidos para impedir que caíssem em mãos japonesas.

Frustrada e quase sem forças, Gladys caiu em oração, pedindo a intervenção de Deus. Inspirada pela fé de uma menina de treze anos, Sualan, que lembrou a história de Moisés, ela renovou sua confiança e continuou a clamar por um milagre. Quando parecia que tudo estava perdido, um oficial chinês apareceu e providenciou um barco para atravessá-los. Chegando à outra margem, as crianças foram acolhidas e alimentadas pela população local, recuperando-se para a próxima etapa da viagem.²⁷

A jornada continuou com uma travessia pelas montanhas e depois em um trem de carvão. Diante do perigo dos bombardeios japoneses, Gladys instruiu as crianças a permanecerem em silêncio absoluto. A viagem foi exaustiva, e Gladys, enfraquecida pela febre e por semanas de privações, apenas conseguia orar a Deus por forças. Finalmente, após vinte e sete dias, chegaram a Xian, mas enfrentaram outra barreira: as portas da cidade estavam fechadas para refugiados. Desolada, foi orientada a buscar ajuda em um orfanato em Fu-Feng.²⁸

Gladys levou as crianças até o orfanato e, exausta, despediu-se delas. Mesmo diante do apelo dos cuidadores para que descansasse, a mente de Gladys ainda estava imersa em seu compromisso espiritual, e ela logo se viu retomando sua pregação. Eventualmente, a saúde debilitada a levou a um colapso com tifo e febre recorrente, então foi socorrida em um hospital em Xian. Por mais de duas semanas, ela alternava entre delírio e inconsciência. Ninguém sabia quem era aquela mulher de baixa estatura, que delirava com intensidade, em fluente chinês popular.²⁹

3. ÚLTIMOS DIAS E O LEGADO DE GLADYS AYLWARD

Levou meses para Gladys se recuperar. Ainda em um estado enfraquecido, ela foi levada para casa em Londres. Quando sua saúde melhorou, ela foi capaz de aceitar compromissos de palestras em várias igrejas, compartilhando sobre as necessidades urgentes que viu na China. No entanto, Gladys sentia-se desconfortável com a cultura ocidental e, tão logo, decidiu

²⁷ AYLWARD; HUNTER, 1987, p. 80-100.

²⁸ FINLAYSON, Linda. **Who Was Gladys Aylward?** Disponível em: <https://www.ligonier.org/learn/articles/missionary-gladys-aylward>. Acesso em: 28 out. 2024.

²⁹ PIPER, 2016, p. 115.

retornar ao seu verdadeiro lar missionário. Quando o regime comunista tomou o poder em 1949, foi forçada a deixar a China novamente, mas dessa vez se estabeleceu em Taiwan. Lá, fundou o Orfanato Gladys Aylward e, mais tarde, o Lar de Crianças Gladys Aylward, acolhendo crianças abandonadas e necessitadas. Ela dedicou seus últimos anos a este trabalho, falecendo em 1970, aos sessenta e sete anos, cercada pelas crianças que ajudou a salvar.

Apesar de seu desconforto com a fama, a biografia *The Small Woman*, escrita por Alan Burgess em 1957, trouxe atenção internacional à sua história, o que só foi amplificado pelo filme *The Inn of the Sixth Happiness*, de Hollywood. Embora o filme romantizasse consideravelmente sua jornada, o impacto de Gladys era inegável. Aquela mulher aparentemente frágil, de baixa estatura e sem recursos, viu seu caminho e seus esforços reconhecidos. Ela havia partido como empregada doméstica, sem grandes ambições, mas seu coração pela China e seu amor incondicional pelo evangelho a transformaram em uma figura de resistência e devoção.³⁰

Seu legado, no entanto, vai além da obra institucional. Durante seu tempo na China, ela testemunhou a conversão de centenas de crianças, muitas delas órfãs e marginalizadas, que receberam educação e cuidado. Participou ativamente da melhoria das condições carcerárias e do fim da prática de mutilação dos pés em meninas, algo que a fez ganhar o respeito de líderes locais e de toda a comunidade.

Em 1943, Gladys Aylward foi reconhecida oficialmente como missionária. Em 1957, ela confessou a uma amiga:

Eu nunca fui a primeira opção de Deus para o que fiz pela China. Havia outra pessoa. Não sei quem. Deve ter sido um homem maravilhoso e educado. Não sei o que aconteceu. Talvez ele tivesse morrido, talvez não se mostrasse disposto. Deus olhou para baixo e viu Gladys Aylward.³¹

A dedicação de Gladys inspirou gerações de missionários e cristãos ao redor do mundo. Sua história é um testemunho do poder de Deus de usar “as coisas fracas do mundo”, como ela costumava citar, para realizar feitos extraordinários. Em suas palavras, ela foi “a opção de Deus quando a pessoa certa não apareceu” e, através de sua vida, demonstrou o que a fé genuína e a entrega total a Deus podem fazer.³²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória de Gladys Aylward destaca um compromisso extraordinário com a missão de vida, mesmo frente a dificuldades aparentemente insuperáveis. Sua jornada representa mais do que um trabalho missionário; é uma história de resiliência e fé que inspirou mudanças culturais profundas e salvou inúmeras vidas. Sua resposta ao chamado divino, enfrentando barreiras econômicas, culturais e políticas, evidencia uma singular insistência em promover a

³⁰ FINLAYSON. Disponível em: <https://www.ligonier.org/learn/articles/missionary-gladys-aylward>. Acesso em: 28 out. 2024.

³¹ MÃOS DADAS. Disponível em: <https://ultimato.com.br/sites/maosdadas/2022/05/16/gladys-aylward-uma-mulher-virtuosa-que-sabia-unir-acao-e-oracao/>. Acesso em: 28 out. 2024.

³² PIPER, 2016, p. 117-119.

fé cristã e o auxílio humanitário em uma região devastada pela guerra e marcada por práticas tradicionais prejudiciais, como o enfaixamento dos pés.

O trabalho de Aylward como missionária foi único não apenas pelo contexto histórico da China do início do século XX, mas também pelo impacto que teve na vida dos chineses, especialmente entre as mulheres e as crianças que ajudou. Além disso, seu papel como inspetora de pés e como “heroína” durante a guerra sino-japonesa enfatiza a importância da colaboração intercultural e da empatia. Suas ações tornaram-se um exemplo vivo de integração cultural e adaptação mútua, pois Gladys não apenas levou sua mensagem, mas também se adaptou profundamente ao contexto local, adotando o idioma, vestimentas e práticas locais.

Outro aspecto relevante de sua biografia é o exemplo que ela oferece na transformação pessoal por meio da fé. Apesar de rejeitada formalmente por uma organização missionária, Gladys não abandonou sua missão, escolheu confiar em um caminho diferente. Essa determinação propõe uma análise do conceito de vocação, que vai além de instituições, títulos e qualificações formais, ilustrando uma fé prática que se desenvolve na vida cotidiana e nas adversidades.

Por fim, a relação de Aylward com a comunidade chinesa, que inclui sua adoção de crianças órfãs e a obtenção da cidadania chinesa, exemplifica a complexidade e a profundidade de seu envolvimento. Sua história é um testemunho da capacidade do trabalho missionário em promover mudanças sustentáveis e relações interculturais profundas. Em tempos de guerra e crise, a dedicação de Gladys trouxe esperança e transformação, demonstrando que uma única ação pode desencadear ondas de mudança, influenciando e melhorando a vida de comunidades inteiras. Assim, a vida de Gladys Aylward ressoa como uma lição de altruísmo, fé e coragem.

REFERÊNCIAS

O MUNDO não era digno. **A história de Gladys Aylward**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a5vQeDSJITE>. Acesso em: 16 out. 2024.

AYLWARS, Gladys; HUNTER, Christine. **Apenas uma pequena mulher**. Florida: Vida, 1987. 152 p.

PIPER, Noel. **Mulheres fiéis e seu Deus maravilhoso**: histórias de cinco mulheres de fé. São Paulo: Fiel, 2016. 204 p.

MÃOS DADAS. **Gladys Aylward, uma mulher virtuosa que sabia unir ação e oração**. Disponível em: <https://ultimato.com.br/sites/maosdadas/2022/05/16/gladys-aylward-uma-mulher-virtuosa-que-sabia-unir-acao-e-oracao/>. Acesso em: 26 out. 2024.

CBE Internacional. **Para não ser esquecido**: Gladys Aylward 1902-1970 missionária na China. Disponível em: <https://www.cbeinternational.org/pt/recurso/n%C3%A3o-ser-esquecido-0/>. Acesso em: 27 out. 2024.

FINLAYSON, Linda. **Who Was Gladys Aylward?** Disponível em:
<https://www.ligonier.org/learn/articles/missionary-gladys-aylward>. Acesso em: 28 out.
2024.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v10.n2.002



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

AÇÕES PARABÓLICAS E AÇÕES DE ALINHAMENTO FÍSICO- ESPIRITUAL: PROPOSTA DE DIFERENCIAÇÃO

*Parabolic Actions and Physical-Spiritual Alignment Actions: a proposal for
Differentiation*

Me. Carlos Eduardo Brechani¹

RESUMO

Parábolas e ações parabólicas são duas formas de ensino muito empregadas por Jesus. As parábolas foram utilizadas para traduzir realidades espirituais profundas que não poderiam ser bem compreendidas pelos ouvintes se não fosse por meio de uma analogia com uma situação da vida rotineira. As ações parabólicas, por sua vez, foram encenações dramatizadas de histórias que configuram, em si mesmas, a própria lição que se pretendia ensinar. No primeiro caso há uma história propriamente dita, ou seja, um fluxo narrativo metafórico, enquanto, no segundo, nada era narrado, pois a própria ação já era o ensino. Muitas ações de Jesus consideradas como parabólicas traduzem espanto por parte do leitor porque são bastante dissociadas dos ensinamentos que foram por ele usualmente apresentados. Nesse rol estão a alteração do nome de Pedro, a maldição lançada contra a figueira estéril e a restauração de Pedro após ter negado o Cristo por três vezes. O que há de comum entre estas três passagens e dentre tantas outras que constam do relato bíblico, além da estranheza, é a falta de clareza sobre a lição subjacente ao ato. É possível, por isso, que elas não sejam, verdadeiramente, ações parabólicas propriamente ditas, mas ações que, nesse trabalho, são definidas como de “alinhamento físico-espiritual”. Devem ser assim compreendidas todas as ações de Jesus que tinham por finalidade gerar efeitos no âmbito espiritual em razão de uma situação presente no mundo físico. Jesus, basicamente, promovia, por meio de uma ação no âmbito material, uma alteração necessária na seara imaterial. O estudo propõe indagar se essas três ações realmente

¹ Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Especialista em Direito Processual Civil pela Universidade de Taubaté. Graduado em Direito pela Universidade de Taubaté. Promotor de Justiça no Ministério Público do Estado de São Paulo. ORCID. <https://orcid.org/0009-0000-7624-9548>. E-mail: cebrechani@hotmail.com

seriam precipuamente parabólicas e, para isso, ele é dividido em três partes. Na primeira a atenção esteve voltada à definição e à sucinta análise das parábolas e das ações parabólicas. Na segunda, adentrou-se especificamente na análise das ações de alinhamento físico-espiritual, naturalmente precedida de breves apontamentos sobre a relação entre essas duas dimensões. O artigo foi finalizado com considerações finais. O procedimento técnico utilizado foi o bibliográfico, pois foram separados materiais técnicos sobre as parábolas, as ações parabólicas e o mundo espiritual. A abordagem foi meramente qualitativa, ou seja, não houve pesquisas de campo ou outras análises quantitativas. A tipologia foi explicativa porque abordou-se uma problemática e pretendeu-se respondê-la; foi hermenêutica por ser necessário interpretar os temas ligados ao estudo; e, por fim, dissertativa porque buscou-se, com um texto argumentativo e expositivo, apresentar ao leitor o ponto de vista do autor.

Palavras-chave: Parábolas. Ações parabólicas. Ações de alinhamento físico-espiritual.

ABSTRACT

Parables and parabolic actions are two forms of teaching widely employed by Jesus. Parables were used to convey profound spiritual truths that would not be easily understood by the audience without an analogy grounded in everyday life situations. Parabolic actions, on the other hand, were dramatized enactments of stories, where the action itself conveyed the intended lesson. In the former, a narrative structure is present - offering a metaphorical storyline - whereas in the latter, no narrative flow exists, as the act itself serves as the teaching. Many of Jesus' actions regarded as parabolic evoke a sense of astonishment among readers because they seem disconnected from the teachings he usually presented. Among these are the renaming of Peter, the curse upon the barren fig tree, and Peter's restoration after denying Christ three times. What these three events—and others in the biblical narrative—have in common, besides their enigmatic nature, is the lack of clarity regarding the underlying lesson within the act. It is possible, therefore, that these events are not, strictly speaking, parabolic actions but rather what this study defines as “physical-spiritual alignment actions.” These are actions intended to produce spiritual effects through the resolution of a physical situation. Essentially, Jesus employed material actions to bring about necessary changes in the spiritual realm. This study seeks to determine whether these three actions are primarily parabolic or not. It is divided into three sections. The first section offers a concise definition and analysis of parables and parabolic actions. The second section focuses on the concept of physical-spiritual alignment actions, preceded by brief considerations on the relationship between the physical and spiritual dimensions. The article concludes with final remarks. The research method employed is bibliographic, drawing on technical sources regarding parables, parabolic actions, and the spiritual realm. The approach is purely qualitative, as no field research or quantitative analysis is conducted. The typology is explanatory, as it addresses a specific problem and seeks to answer it. It is also hermeneutical, given the need to interpret themes related to the study, and argumentative-expository, aiming to present the author's perspective to the reader.

Keywords: Parables. Parabolic actions. Physical-spiritual alignment actions.

INTRODUÇÃO

Parábolas e ações parabólicas são duas realidades presentes no texto bíblico que são muito próximas entre si. Em poucas palavras, pode-se estabelecer que a parábola é um método de ensino que tem por finalidade traduzir realidades espirituais profundas que não

poderiam ser bem compreendidas pelos ouvintes se não fosse por meio do emprego de uma analogia com situações da vida rotineiras do público. A ação parabólica, por sua vez, é igualmente um método de ensino, mas centrado em uma dramatização com uma ação que contém a própria transmissão do estudo pretendido. Logo, a parábola envolve uma narrativa ilustrativa metafórica, as ações parabólicas são a própria encenação da lição que se pretende passar.

Jesus empregou parábolas e ações parabólicas fartamente, os evangelhos são repletos delas. Tamanha é a quantidade que seria impossível descrevê-las no espaço limitado de um artigo. O que importa, para fins desse estudo, é delimitar a atenção em ações parabólicas que causam relativa estupefação ao leitor por estarem bastante dissociadas dos ensinamentos que eram usualmente apresentados por Jesus. Nesse rol estão, por exemplo, a alteração do nome de Simão, a maldição lançada contra a figueira estéril e a restauração de Pedro após ter negado Cristo por três vezes.

Nesses três casos não fica bem delineado pelo texto bíblico qual seria efetivamente a lição que Jesus pretendia transmitir, diversamente do que ocorre em muitas outras parábolas e ações parabólicas, em que a lição subjacente é nítida, ainda que depois de uma interpretação histórico-cultural - no caso da parábola do bom samaritano, por exemplo, a narrativa nitidamente respondia ao mestre da lei o que é necessário para herdar a vida eterna.

É possível que o foco principal de Jesus ao encenar estas ações não tenha sido, precipuamente, transmitir um ensinamento, mas, diversamente, gerar, com uma ação física na Terra, um efeito no mundo espiritual. Nenhuma novidade haveria em reconhecer uma postura tal, na medida em que há infinitos exemplos nas Escrituras de como uma ação na Terra produz efeitos no céu: basta, para tanto, observar os resultados da oração. Atividades que possuam essa natureza são aqui denominadas de “ações de alinhamento físico-espiritual” e devem ser compreendidas, basicamente, como a ação de Jesus de preparar ou corrigir, por meio de uma ação no mundo material, uma condição presente no mundo espiritual.

O estudo será dividido em três partes. Na primeira, a atenção estará voltada à definição e sucinta análise das parábolas e ações parabólicas. Na segunda, adentrar-se-á especificamente nas ações de alinhamento físico-espiritual, naturalmente precedida de breves considerações sobre a relação entre as duas dimensões. O artigo será finalizado com considerações finais.

O procedimento técnico utilizado será o bibliográfico, pois são separados materiais técnicos sobre as parábolas, as ações parabólicas e o mundo espiritual. A abordagem será meramente qualitativa, ou seja, não haverá pesquisas de campo e outras análises quantitativas. A tipologia será explicativa porque abordará uma problemática que, em síntese, consiste na indagação sobre serem as três passagens acima, verdadeiramente, uma ação parabólica; será hermenêutica por ser necessário interpretar os temas ligados ao estudo; e, por fim, dissertativa porque se espera, com um texto argumentativo e expositivo, apresentar ao leitor o ponto de vista do autor.

1. PARÁBOLAS E AÇÕES PARÁBOLICAS: BREVE ANÁLISE

Macarthur define parábolas como “[...] metáforas engenhosamente simples que transmitiram lições espirituais profundas”.² Para Kunz, parábola é a forma de explicar uma coisa desconhecida do público por meio de uma analogia com algo que era dele conhecido.³ Sproul entende-a de modo semelhante: “Para ilustrar uma verdade que ele está ensinando, Jesus coloca uma parábola ao lado dela”.⁴

Ações parabólicas, por sua vez, no entender de Kunz, são condutas praticadas por Jesus em que o ensino está nelas próprio contido. Desse modo, a diferença entre estas e aquelas é que nas parábolas há uma narrativa construída a partir de uma analogia que permite a compreensão da mensagem pelos ouvintes, ao passo que, nas ações parabólicas, há meramente uma ação encenada com esse mesmo propósito.⁵

Nos dois casos, fica nítido que o foco primordial era facilitar a transmissão de um conhecimento que seria de difícil compreensão caso exposto diretamente. Nada mais do que um método de instrução oral⁶, uma metodologia de exposição.⁷ Por isso, parábolas e ações parabólicas são usualmente agrupadas dentro de um mesmo grupo de didática de ensino.⁸ A identificação de uma ação parabólica, contudo, exige considerar não apenas a presença de uma ação concreta, mas também sua relação com o contexto narrativo e com a mensagem teológica do texto. Uma mesma ação pode desempenhar diferentes funções, como comunicar um ensinamento, anunciar um juízo ou expressar simbolicamente uma realidade teológica. Por essa razão, a dificuldade de identificar uma lição explícita não permite concluir, por si só, que a ação não possua finalidade didática. Torna-se necessário examinar cada episódio em seu contexto literário, histórico e teológico, a fim de avaliar tanto as interpretações tradicionalmente propostas quanto a possibilidade de outras funções para a ação de Jesus.

Há teólogos que enxergam nas parábolas um conteúdo maior do que o meramente expositivo. Blomberg afirma que elas também tinham por finalidade “[...] subverter a tradição e a expectativa religiosas convencionais”.⁹ Jonathan Edwards nelas enxerga muitas representações simbólicas e, por isso, define a parábola como um discurso simbólico enigmático.¹⁰ Nos dois casos, todavia, a intenção última de transmitir um ensino permanece presente.

² MACARTHUR, John. **As parábolas de Jesus**: os mistérios do Reino de Deus revelados nas histórias contadas pelo Salvador. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016, p. 6.

³ KUNZ, Claiton A. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2021a, p. 13.

⁴ SPROUL, R. C. **What do Jesus' parables mean?** Sanford: Reformation Trust, 2017, p. 3.

⁵ KUNZ, Claiton A. **Ações parabólicas de Jesus no Evangelho de Marcos**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2021b, p.10.

⁶ KUNZ, 2021a, p. 16.

⁷ KUNZ, 2021b, p. 7,16.

⁸ SPROUL, 2017, p. 1.

⁹ BLOMBERG, Craig L. **Introdução aos Evangelhos**: uma pesquisa abrangente sobre Jesus e os 4 evangelhos. Tradução de Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 338.

¹⁰ EDWARDS, Jonathan. **Cristo no Antigo Testamento**. [S.l.]: Penkal, 2024, p. 3.

Há ações parabólicas em que essa condição não fica claramente transparecida. É evidente que de qualquer texto bíblico é possível inferir lições, mas nas parábolas e ações parabólicas não há uma intensa alegorização, ou seja, não é necessário fazer incursões imaginativas sobre o que Jesus pretendia ensinar. Diversamente, a lição fica bem evidenciada na narrativa, principalmente quando se compreende o contexto cultural, histórico e geográfico da época. Na parábola do bom samaritano, por exemplo, é muito fácil perceber que a mensagem pretendida era o meio de se herdar a vida eterna.

Por meio das parábolas e das ações parabólicas Jesus descortinava ao público o Reino de Deus.¹¹ É bem verdade que nem todos estavam aptos para conhecer tais mistérios (Mt 13.11-13), mas, ainda assim, a verdade estava nelas embutidas. Entretanto, nas três ações parabólicas destacadas para esse estudo não fica bem clara essa tendência: afinal, na alteração do nome de Pedro, na maldição da figueira estéril e na restauração de Pedro, que realidades do Reino dos Céus estariam sendo ensinadas por Jesus? Importa, portanto, investigar essa condição.

A alteração do nome do apóstolo Simão para Pedro é descrita em Mateus 16.18 e em João 1.42. Após confessar Jesus como o Cristo, seu nome é mudado de Simão para *Petros* que, no grego, deriva de *Petra*, significando “pedra”. Poder-se-ia concluir que se trata de uma ação parabólica em que Jesus dramatiza uma lição por meio de ação concreta por ele executada. A questão se nos depara: qual a lição que Jesus pretendia transmitir acerca do Reino dos Céus? Qual é o ensino oculto pela ação?

Na maldição da figueira o espanto é patente. Em Mateus 21.18-22 é dito que Jesus voltava de Betânia para Jerusalém e, no caminho, teve fome. Ao ver uma figueira, dela se aproximou para comer o fruto. Achando-a infrutífera, amaldiçoou-a, dizendo que nunca mais frutos nela nasceriam. Para Kunz, trata-se de uma ação parabólica com a finalidade de transmitir um ensino específico: a mensagem do julgamento divino atual e futuro contra uma nação descrente e, portanto, estéril.¹² O espanto não é olvidado pelo autor, uma vez ser uma conduta bastante dissociada dos ensinamentos de Jesus.¹³

Por fim, no episódio da restauração de Pedro o questionamento chega a ser angustiante. Em João 18.15-18,25-27 o apóstolo Pedro negou Cristo por três vezes, como Jesus o advertira anteriormente. Em João 21.9-17, depois de ressuscitado, Jesus o restaurou, indagando-lhe por três vezes se ele verdadeiramente o amava. Qual o ensino sobre o Reino dos Céus que Jesus pretendia transmitir nessa passagem?

A falta de transparência dos ensinamentos pretendidos e a falta de conexão com o Reino dos Céus podem sugerir que, ao menos nesses três casos, Jesus não tivesse o propósito de ensinar qualquer lição. Ainda que seja possível extrair ensinamentos de tais ações, as condutas de Jesus parecem estar mais voltadas a promover um efeito no mundo espiritual ou, por assim dizer, acarretar um “alinhamento físico-espiritual”. Essa possibilidade, contudo, precisa ser examinada a partir da análise das três passagens. É desse assunto que trata o tópico a seguir.

¹¹ BLOMBERG, 2009, p. 338.

¹² KUNZ, 2021b, p. 141.

¹³ KUNZ, 2021b, p. 144-145.

2. AÇÕES DE ALINHAMENTO FÍSICO-ESPIRITUAL

Para discutir o que seria uma ação de alinhamento físico-espiritual é pressuposto um breve estudo sobre o que seriam os âmbitos físico e espiritual. O mundo do modo como o conhecemos foi criado por Deus exatamente como consta do livro de Gênesis (Gn 1.3-27). Ele fez o dia e a noite; separou as águas da terra; criou as ervas, as árvores frutíferas, os répteis, as aves e todos os animais; e, por fim, fez o próprio homem. Este é o universo material em que vivemos.

Se Deus foi o criador deste mundo, é natural concluir que Ele não o integra - pois, sendo criador, não poderia ser criatura. Ele está fora do universo estabelecido, subsiste e preexiste à Criação. Este raciocínio lógico é sustentado por alicerce bíblico: Jó é indagado sobre onde estava quando Deus fundava a terra (Jó 38.1-11); o salmista exclama que antes dos montes nascerem e da terra e do mundo serem formados o Senhor já era Deus (Sl 90.2); Isaías, inspirado pelo Espírito, afirma que antes de existir o dia o Senhor é (Is 43.13); o apóstolo Paulo garante que Ele é antes de todas as coisas (Cl 1.17).

Se Deus criou os céus e a Terra e tudo mais que existe no mundo físico, estando Ele fora do universo criado, a pergunta que naturalmente se apresenta é: em qual mundo vive Deus? A resposta é simples: no mundo espiritual. Habitaria Deus, na Terra? É o que indaga o autor do livro de 1Reis (1Rs 8.27). Jesus, na mesma linha, diz que o Pai está nos céus (Mt 6.9).

Há dois universos absolutamente diversos e distintos entre si: o natural, habitado pelo ser humano e demais seres físicos criados, e o espiritual, paralelo e à margem da existência física, onde habitam a Trindade e os seres espirituais por ela trazidos à existência. Essa outra dimensão convive simultaneamente com a esfera física, embora não seja visualmente perceptível. O pouco que dela se sabe é fruto da Graça de Deus, mas, naturalmente, de forma limitada, já que as coisas encobertas pertencem ao Senhor (Dt 29.29). A promessa é que um dia o que está por ora velado será visto face a face (1Co 13.12).

Os dois mundos são paralelos e coexistem concomitantemente, embora sejam bem distintos entre si. Apesar disso, há muitos pontos de contato entre ambos. O princípio da semeadura, por exemplo, pelo qual todos colhem aquilo que plantam, é aplicável tanto no mundo físico quanto no espiritual (Gl 6.7; Jó 4.8; Pv 22.8). Ademais, a Bíblia demonstra que muitas ações praticadas na Terra possuem reflexo direto no mundo espiritual. Um grande exemplo dessa interconexão está na oração: Salmos 34.17 diz que o Senhor ouve o clamor dos justos e os livram das angústias e Apocalipse 8.4 narra o agir do anjo que levou a fumaça do incenso com as orações dos santos ao Senhor. Para que a expressão “ação de alinhamento físico-espiritual” funcione como categoria analítica, é necessário estabelecer critérios que permitam distingui-la de outras ações simbólicas ou didáticas presentes nos textos bíblicos. Nesta investigação, não basta que uma ação seja realizada no mundo material ou que produza consequências teológicas: é preciso examinar se o contexto bíblico oferece elementos para relacioná-la a uma realidade ou finalidade que ultrapasse a transmissão imediata de um ensinamento. Essa distinção deverá ser demonstrada a partir da análise de cada passagem, considerando seu contexto literário, histórico e teológico. Assim, a categoria proposta poderá

ser avaliada não apenas como uma possibilidade conceitual, mas também quanto à sua capacidade de explicar os episódios estudados.

Há outros casos. A humilhação (2Cr 7.14) e a súplica (Tg 5.16-18; Fp 4.6,7) são nítidas formas de interrelação. No Antigo Testamento, o sonho de Jacó com uma escada que se estendia da terra até os céus e onde anjos por ela subiam e desciam (Gn 28.10- 22) avaliza a conclusão de que há relação íntima entre os mundos físico e espiritual. No passado, houve uma época em que esses dois mundos não só mantinham proximidade, mas estavam verdadeiramente alinhados: no Éden, quando o Senhor visitava Adão e Eva na viração do dia. O pecado, porém, contaminou toda a criação terrestre e parte da espiritual, razão pela qual nunca mais houve uma conexão plena.

Em alguns momentos esses mundos estiveram próximos: quando a Lei foi dada a Moisés no Monte Sinai e o Senhor ali se encontrava (Êx 24) e quando do nascimento de Jesus, momento em que os anjos entoavam louvores (Lc 2.8-14); em outros, estiveram muito afastados, como no período pré-diluviano, quando a maldade alcançou índices indescritíveis (Gn 6), e no período intertestamentário, quando o Senhor ficou quatrocentos anos sem enviar profetas a Israel.

Quando Jesus veio à Terra o mundo espiritual invadiu o natural abundantemente. A obra de Cristo, praticada na Terra, tem uma dimensão espiritual tão profunda que chega a ser impossível de compreensão pela mente humana. Ela possui um aspecto cultural ou cerimonial, revelando que foi propiciatória (Rm 3:24,25; Hb 2:17; 1 Jo 2:1,2; 4:10) e expiatória¹⁴; uma faceta mercantil, por ser resgatadora do homem da condição de escravo do pecado (Hb 2.15; 1 Pe 1.18), ou seja, foi remissiva¹⁵; um lado forense, por ter cumprido a pena em nosso lugar¹⁶; foi relacional, por ter reconciliado o homem com Deus (Rm 5.1,2; Hb 10.7,19,20); foi regeneradora, por criar um novo espírito (Jo 3.3,7,8; 1Jo 5.1).

Jesus veio para a terra resolver um problema espiritual do homem, livrando-o da maldição do pecado, regenerando seu espírito, livrando-o da escravidão espiritual, reconciliando-o com o Pai. Nenhuma dúvida há de que se trata de ações praticadas na terra com a finalidade evidente de gerar efeitos nos céus. Nesse contexto é que podem estar inseridas as ações praticadas por Jesus que, classificadas como parabólicas, seriam, na verdade, mais uma conduta física visando a gerar efeitos espirituais.

Em outros termos, há uma dimensão da obra de Jesus por ele praticada na Terra, quando esteve em carne, que pode estar relacionada diretamente com a preparação ou a correção de algo no mundo espiritual. Não seria nada espantoso, pois ele claramente agiu desse modo em vários momentos. No Sermão do Monte, por exemplo, momento em que apresentou ao público, de forma direta e desvelada, sem o uso de parábolas ou de quaisquer figuras de linguagem, as condições que eram exigidas dos discípulos para a entrada no Reino dos Céus¹⁷,

¹⁴ STOTT, John. **A cruz de Cristo**. Tradução de João Batista. São Paulo: Vida, 2006, p. 150-151.

¹⁵ PEARLMAN, Myer. **Conhecendo as doutrinas da Bíblia**. Tradução de Lawrence Olson. São Paulo: Vida, 2006, p. 209.

¹⁶ STRONG, Augustus H. **Teologia Sistemática**. Tradução de Augusto Victorino. São Paulo: Hagnos, 2007, vol. 2, p. 1495.

¹⁷ CHAFER, Lewis S. **The kingdom in history and prophecy**. Toronto: Soujourner, 2023, p. 49.

Jesus limpou completamente a interpretação deturpada que os rabinos haviam feito da Lei para revelar qual era, exatamente, a vontade de Deus quando dera os mandamentos.

Ao assim agir, Jesus ajustava a vontade de Deus à percepção que as pessoas sobre ela tinham, ou seja, alinhava o mundo físico ao espiritual. Seu propósito era permitir que os discípulos fossem perfeitos como perfeito é o Pai que está nos céus¹⁸, algo que somente seria possível se a assincronia fosse reparada. Outro alinhamento ocorreu ao ser dada à Igreja, representada por Pedro, o poder de ligar na terra o que é ligado nos céus e de desligar nos céus o que é desligado na terra (Mt 16.19).

Não se trata de mera conjectura desprovida de suporte bíblico, pois o próprio Cristo disse que havia muito por saber, mas a mente humana não era capaz de suportar (Jo 16.12). O alimento sólido, ou seja, as verdades profundas sobre o reino espiritual, é reservada apenas para os maduros (Hb 5.12-14) e para os espirituais (1Co 3.1,2) e, naquele momento, nem mesmo o Espírito Santo havia sido derramado sobre os discípulos. Ademais, se aqueles que conviveram pessoalmente com Jesus e com o apóstolo Paulo não tinham condições de compreender tais verdades, o que se dizer dos cristãos do século XXI, envoltos em uma atmosfera pós-moderna de antropocentrismo e de relativização exacerbada.

O fato é que há muitas passagens bíblicas que são interpretadas como sendo ações parabólicas – e, conseqüentemente, como ensinamentos dramatizados – que podem ser, em vez disso, uma “ação de alinhamento físico-espiritual”. No primeiro dos três casos destacados - a alteração do nome de Simão para Pedro -, Jesus não parecia querer transmitir um ensino específico, mas concretizar, na Terra, o ministério que já havia sido designado a Pedro nos céus.

A alteração de nomes na Bíblia não foi iniciada por Jesus, trata-se de uma realidade presente desde o Antigo Testamento. Abrão, por exemplo, passou a chamar-se Abraão (Gn 17.5): Abrão significa “pai exaltado” ou “pai abençoado”, Abraão significa “pai de muitas nações”. Com a mudança, o Senhor mostrava que ele estava destinado a cumprir um propósito divino na terra que resultaria na formação de uma multidão de filhos dos céus. A mesma alteração ocorreu com Sarai, que passou a ser chamada de Sara (Gn 17.15); com Jácó, que passou a ser chamado Israel (Gn 32.28); e com Saulo, que foi chamado Paulo (At 13.9).

A alteração é muito significativa porque demonstra domínio e transformação espiritual. No Éden, o Senhor levou a Adão várias espécies de animais para que ele lhes desse nome porque essa era uma decorrência natural da condição de dominador (Gn 2.19,20). Ao dar um nome para o escolhido, o Senhor demonstrava que a pessoa separada era sua serva obediente e que houve uma alteração profunda no seu espírito. É como se o Senhor bradasse a todo o mundo espiritual: “este é meu servo, eu domino sobre ele, seu propósito será cumprir minha vontade na terra”. A importância dessa alteração de nomes se deduz até mesmo na promessa futura de que os fiéis terão um novo nome nos céus (Ap 2.17).

Na segunda das ações Jesus amaldiçoa a figueira, uma clara referência a Israel. Nesse caso, o ensino não está tão oculto: talvez seja, dentre as três histórias separadas para esse

¹⁸ DARBY, John Nelson. **Comentário bíblico do Novo Testamento: Mateus a Apocalipse**. Tradução de Martins do Vale. [S.l.]: São Paulo: Boa Semente, 2019, p. 46.

artigo, aquele em que ele fica mais dedutível. Jesus queria demonstrar que Israel era estéril e sem frutos e que, por isso, o juízo era iminente. Ainda que se concluísse que esse era seu propósito, o caso guardaria muitas especificidades se comparado com as demais parábolas e ações parabólicas de Jesus.

O juízo a Israel era uma lição essencial justamente para os fariseus e mestres da lei. Eles é que deveriam ter consciência do fracasso a que sujeitaram à nação. Ocorre que no dia anterior Jesus estava em Jerusalém e, ao sair da cidade rumo a Betânia, deixou os principais dos escribas e sacerdotes (Mt 21.15-17). No dia seguinte, pela manhã, é que tomou rumo novamente para Jerusalém, quando teve fome (Mt 21.18). Nota-se, pelo contexto, que ele estava junto apenas de seus discípulos, os fariseus não estavam presentes. O versículo 20 de Mateus 21 atesta que somente os discípulos foram as testemunhas do ato, já que somente depois, quando chegaram ao Templo, é que os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo se achegaram a Jesus para testá-lo (Mt 21.23-27; Mt 22.23-33,34-40).

Nesse contexto, por qual motivo Jesus teria apresentado o estudo apenas para seus discípulos, privando os fariseus da advertência? Em várias parábolas anteriores Jesus se dirigiu expressamente a eles, em tom de admoestação. Além disso, os escribas e fariseus foram posteriormente repreendidos severamente por Jesus, no mesmo dia, em um discurso longo e contundente, proferido em alta voz e sem o emprego de qualquer metáfora (Mt 23.1-36). Vale dizer, Jesus não pretendia ocultar deles o juízo iminente, tanto que sobre o tema falou abertamente, embora tenha, paralelamente à admoestação, feito uso de três parábolas sequenciais (Mt 21.28-32; 33-45; 22.1-14).

Poder-se-ia sugerir que Jesus queria transmitir aos seus discípulos o ensino sobre o juízo de Israel. Entretanto, essa conclusão não explicaria por que, naquele mesmo dia, depois de sair do templo e ir até o Monte das Oliveiras, Jesus lhes teria apresentado o conhecido sermão escatológico que consta de Mateus, capítulos vinte e quatro e vinte cinco. Ora, se esse discurso seria realizado de forma tão explícita, não haveria razão de ocultar a mensagem em forma de uma ação parabólica no mesmo dia, pela manhã.

Esse conjunto de circunstâncias sugere que a verdadeira relevância do ato não seria o ensino a ser transmitido, mas a importância do próprio ritual em si que, no mundo material, alinhou o encerramento do ministério da nação de Israel ao projeto que já havia sido determinado no mundo espiritual (Is 42.6,7; 49.6; Rm 9.30-33; 11.17-24). O fato ocorreu na última semana do ministério de Jesus, pouco antes de sua crucificação, a reforçar que esse era o momento derradeiro para a ação. Jesus, mais do que demonstrar ao povo que o juízo sobre uma nação ímpia e estéril era iminente, pretendia sacramentar o fim do ministério de Israel sobre a terra e, para tanto, era necessário que um ato simbólico fosse realizado no mundo físico.

A última ação destacada é a restauração de Pedro. Ao negar Cristo três vezes, o apóstolo gerou um forte efeito no mundo espiritual: aquele que primeiramente confessara Jesus como o Messias e que recebera de Jesus a promessa de que sobre tal fé seria edificada a Igreja havia, em alto e bom som, por três vezes repetidas, rejeitado Jesus. Para que essa atitude fosse

sanada no mundo espiritual, Jesus reconstruiu, depois de sua ressurreição, um cenário muito parecido com o presente no momento da negação.

Durante a prisão de Jesus, Pedro o negou estando diante de um “fogareiro” (Jo 18.18). A palavra grega aqui traduzida é *anthrakia*, empregada apenas duas vezes nas Escrituras. Seu segundo uso ocorreu justamente quando Jesus preparou um fogareiro, ou seja, *anthrakia*, antes dos discípulos o reconhecerem e saltarem em terra. Do mesmo modo que Pedro negou Cristo três vezes, ele foi instado a, por três vezes, dizer que o amava. Nota-se que o fogareiro e a repetição da confissão por três vezes formam cenários paralelos indissociáveis. O desalinhamento espiritual gerado com a negação foi devidamente reparado com a confissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das ações parabólicas é um terreno árido por não existir farta literatura sobre o tema. Não há como estabelecer, com absoluta segurança, quais condutas poderiam ser incluídas nesse rol e qual era o ensino verdadeiramente visado por Jesus. Apesar disso, é possível, a partir das considerações, refletir se algumas dessas ações poderiam ser categoria à parte, não integrante do grupo “metodologia de ensino”, mas do ramo específico das “ações materiais com objetivos espirituais”.

O mundo espiritual é uma realidade inafastável, anjos e demônios existem indubitavelmente. O que não é capaz de ser plenamente alcançado pela mente humana é a forma como os âmbitos físico e imaterial se relacionam entre si e quais os reflexos lá causados por ações aqui praticadas. Que há relação entre ambos nenhuma dúvida há e a Bíblia tem muitos exemplos disso. A proposta de identificar algumas ações de Jesus como sendo de “alinhamento físico-espiritual” é inicial e incipiente, mas serve como sugestão para um aprofundamento da temática mediante a análise de outras ações tidas como parabólicas com esse foco.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Almeida Corrigida Fiel. [s.l.: s.n], [s.d.]. Disponível em <https://www.biblionline.com.br/acf> em 07 out. 2024.

BLOMBERG, Craig L. **Introdução aos evangelhos**: uma pesquisa abrangente sobre Jesus e os 4 evangelhos. Tradução de Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009.

CARSON, D. A. **Encontro com a palavra de Deus**. Campina Grande: Visão Cristã, 2018. E-book Kindle.

CHAFER, Lewis S. **The kingdom in history and prophecy**. Toronto: Soujourner, 2023. E-book Kindle.

DARBY, John Nelson. **Comentário bíblico do Novo Testamento**: Mateus a Apocalipse. Tradução de Martins do Vale. [S.l.]: São Paulo: Boa Semente, 2019. E-book Kindle.

EDWARDS, Jonathan. **Cristo no Antigo Testamento**. [S.l.]: Penkal, 2024. E-book Kindle.

KUNZ, Claiton A. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2021a. E-book Kindle.

KUNZ, Claiton A. **Ações parabólicas de Jesus no Evangelho de Marcos**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2021b. E-book Kindle.

MACARTHUR, John. **As parábolas de Jesus: os mistérios do Reino de Deus revelados nas histórias contadas pelo Salvador**. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016. E-book Kindle.

PEARLMAN, Myer. **Conhecendo as doutrinas da Bíblia**. Tradução de Lawrence Olson. São Paulo: Vida, 2006.

SPROUL, R. C. **What do Jesus' parables mean?** Sanford: Reformation Trust, 2017 (crucial questions).

STOTT, John. **A cruz de Cristo**. Tradução de João Batista. São Paulo: Vida, 2006.

STRONG, Augustus H. **Teologia Sistemática**. Tradução de Augusto Victorino. São Paulo: Hagnos, 2007. Vol. 2.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v10.n2.003



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

TRANSFORMAÇÃO PESSOAL DE PEDRO: UMA JORNADA DE CRESCIMENTO ESPIRITUAL NOS SINÓTICOS, COM APOIO JOANINO

*Peter's personal transformation: a journey of spiritual growth in the Synoptic
Gospels, with Johannine support*

José Rafael Alves de Alencar¹

RESUMO

O artigo realiza uma análise de elementos exegéticos das passagens que descrevem a transformação espiritual de Pedro nos evangelhos sinóticos, destacando o contexto histórico e literário dessas narrativas. Neste estudo o autor enfoca como os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas apresentam a evolução de Pedro, desde seu chamado inicial por Jesus para se tornar um pescador de homens, até momentos decisivos como a confissão de fé, a caminhada sobre as águas, sua negação e subsequente reabilitação após a ressurreição de Cristo. Ao explorar esses eventos, o autor do artigo busca evidenciar como eles refletem os princípios fundamentais do discipulado conforme ensinado por Jesus. A importância dessa análise reside na sua contribuição para a compreensão da jornada espiritual de Pedro e suas profundas implicações teológicas. Essa investigação não apenas ilumina papel de Pedro como líder da igreja primitiva, mas também oferece um modelo de crescimento espiritual e liderança que ainda é relevante para a espiritualidade contemporânea. A abordagem hermenêutica empregada no estudo proporciona uma visão abrangente e contextualizada das experiências de Pedro, revelando insights valiosos que inspiram tanto acadêmicos quanto praticantes da fé a refletirem sobre suas próprias jornadas espirituais.

Palavras-chave: Pedro. Discipulado. Evangelhos Sinóticos. Transformação espiritual. Exegese.

¹ Mestrando pelo programa de Mestrado Profissional das Faculdades Batista do Paraná. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-6921-7471>. E-mail: pr.joserafael@advec.org.

ABSTRACT

This article conducts a detailed exegetical analysis of the passages describing Peter's spiritual transformation in the Synoptic Gospels, highlighting the historical and literary context of these narratives. The study focuses on how the Gospels of Matthew, Mark, and Luke present Peter's evolution, from his initial call by Jesus to become a fisher of men to pivotal moments such as his confession of faith, walking on water, his denial, and subsequent restoration after Christ's resurrection. By exploring these events, the article seeks to understand how they reflect the fundamental principles of discipleship as taught by Jesus. The significance of this analysis lies in its contribution to understanding Peter's spiritual journey and its profound theological implications. This investigation not only illuminates Peter's role as a leader in the early church but also offers a model of spiritual growth and leadership that remains relevant to contemporary spirituality. The hermeneutic approach employed in the study provides a comprehensive and contextualized view of Peter's experiences, revealing valuable insights that inspire both scholars and practitioners of faith to reflect on their own spiritual journeys.

Keywords: Peter. Discipleship. Synoptic Gospels. Spiritual transformation. Exegesis.

INTRODUÇÃO

A figura de Pedro ocupa um lugar de destaque nos evangelhos sinóticos, servindo como um dos exemplos mais claros de transformação pessoal e crescimento espiritual sob a orientação direta de Jesus. Inicialmente conhecido como Simão, um simples pescador da Galileia, Pedro é chamado a se tornar um pescador de homens, que logo abandonou as redes,² embarcando em uma jornada que o veria evoluir, de um discípulo impetuoso e, por vezes, vacilante, a um dos pilares da igreja cristã primitiva. Essa narrativa de transformação não é apenas um testemunho de seu crescimento pessoal, mas também um reflexo dos métodos pedagógicos e espirituais empregados por Jesus, que utilizou muitos recursos e processos didáticos para transmitir aos homens a mensagem evangélica.³

Neste artigo o objetivo investigar as etapas da transformação espiritual de Pedro, destacando momentos-chave nos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, que busca compreender de que maneira essas passagens refletem os princípios fundamentais do discipulado cristão e a pedagogia de Jesus. Esta investigação se justifica pela necessidade de aprofundar o estudo sobre a aplicação prática dos ensinamentos de Jesus na formação de lideranças espirituais. A investigação é realizada através de uma abordagem hermenêutica, que analisa interações específicas entre Jesus e Pedro, considerando fatores contextuais, históricos e literários que enriquecem a compreensão da transformação espiritual de Pedro.

A transformação de Pedro é marcada por episódios que exemplificam o método de ensino de Jesus, que combina instrução direta, parábolas e experiências de vida reais, que deixava os ouvintes atônitos diante de seu ensino, em face do tom de firme autoridade com que ele falava.⁴ O chamado inicial de Pedro, sua experiência de andar sobre as águas, a

² LOPES, Hernandes Dias. **Marcos: o evangelho dos milagres**. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2006.

³ LOPES, 2006, p. 369.

⁴ CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. Vol. 1 – 6, A/Z. 11.ed. São Paulo: Hagnos, 2013.

confissão de Cristo como o Messias, a negação e subsequente arrependimento, e sua reabilitação após a ressurreição de Jesus são episódios que oferecem lições profundas sobre a natureza da fé, perseverança e liderança. Cada um desses eventos será analisado para iluminar como Jesus moldou Pedro através de desafios e revelações, preparando-o para sua futura liderança.

A relevância deste estudo é evidenciada pelas implicações práticas para a espiritualidade contemporânea. Em tempos de incerteza e busca por autenticidade, a jornada de Pedro oferece ressonância com aqueles que enfrentam batalhas internas e desejam crescimento espiritual. Os evangelhos sinóticos não apenas relatam a vida de Pedro como um líder emergente, mas também fornecem um roteiro para o desenvolvimento espiritual pessoal e comunitário.

Para fundamentar esta pesquisa, serão empregadas fontes acadêmicas diversificadas e comentários bíblicos, que oferecem uma perspectiva contextualizada e enriquecedora para o estudo dos textos bíblicos. Essa abordagem visa enriquecer a compreensão da trajetória de Pedro e proporcionar descobertas substanciais que possam servir como inspiração e reflexão crítica tanto para acadêmicos quanto praticantes da fé. Ao reconsiderar suas próprias jornadas espirituais, esses indivíduos são incentivados a reavaliar suas experiências à luz dos ensinamentos bíblicos contidos nos Evangelhos Sinóticos, promovendo uma interação mais profunda entre teoria e prática espiritual. O objetivo final deste artigo é evidenciar as experiências e o desenvolvimento de Pedro, ao mesmo tempo em que se busca inspirar os leitores a refletirem de forma mais profunda e crítica sobre suas próprias trajetórias de fé, promovendo assim, um crescimento espiritual que seja contínuo e substancial.

1. A HISTÓRIA DE PEDRO: CONTEXTO HISTÓRICO, CULTURAL E CENÁRIO RELIGIOSO DO PRIMEIRO SÉCULO

Simão, conhecido como Pedro após seu chamado por Jesus, nasceu em Betsaida, uma vila de pescadores na costa da Galileia, mas ele morava em Cafarnaum. Ele era filho de Jonas e irmão de André, que inicialmente seguiu Jesus e depois levou Pedro até ele (Jo 1.40-44). Antes de sua vida apostólica, Pedro trabalhava como pescador, uma profissão que, apesar de comum, exigia resistência, paciência e habilidade. Este contexto de trabalho não apenas moldou seu caráter como um homem de ação, mas também serviu como uma metáfora para sua futura missão como pescador de homens (Mt 4.19), simbolizando a transição de suas preocupações terrenas para o serviço espiritual.⁵

Pedro era casado, evidenciado pelo relato em que Jesus cura sua sogra de uma febre alta (Lc 4.38-39), indicando que ela vivia em sua casa. Ademais, sua esposa frequentemente o acompanhava em suas viagens missionárias, conforme mencionado em 1 Coríntios 9.5.⁶ Isso sugere que ele mantinha um papel ativo em sua vida familiar, conciliando suas responsabilidades domésticas com seu chamado para seguir Jesus.

⁵ LOPES, 2006, p. 202.

⁶ OSBORNE, Grant R. **Evangelho de Lucas**: comentário expositivo. São Paulo: Carisma, 2023.

Sua personalidade é frequentemente descrita como impetuosa e franca, pois muitas vezes falava sem pensar, características evidentes em suas rápidas respostas e ações ao longo dos Evangelhos, que inconstante, contraditório e temperamental, mas destacou-se como um discípulo zeloso, mas muitas vezes necessitado de orientação e correção por parte de Jesus. Mas Jesus chama pessoas não por aquilo que elas são, mas por aquilo que elas virão a ser em suas mãos.⁷

Nos relatos dos evangelhos, Pedro, transformado por Jesus no grande líder dos discípulos tanto antes de sua queda como depois de sua restauração. Ele foi o grande instrumento de Deus para abrir a porta do evangelho tanto para judeus como para gentios, regularmente mencionado em primeiro nas listas dos apóstolos⁸ e fez parte do seletivo grupo próximo a Jesus, juntamente com Tiago e João. Essa proximidade é evidenciada por sua presença em eventos importantes, como a Transfiguração (Lc 9.28-36) e a vigília no Getsêmani (Lc 22.39-46), tais ocasiões sublimaram sua posição de destaque e ofereceram oportunidades únicas de crescimento e aprendizado direto sob orientação de Jesus.

Pedro viveu e exerceu sua profissão na Galileia, uma região marcada por um fervor intenso e conhecida pelo seu radicalismo político e espírito nacionalista, em uma época em que havia sobreposição de presença militar, política, econômica, social e cultural com a qual os galileus tiveram que lidar.⁹ Este contexto possivelmente estava influenciando fortemente a vivência dos discípulos antes de conhecer Jesus, em meio a uma expectativa messiânica que permeava o ambiente judaico da época.

Sob o domínio do Império Romano, Israel havia se tornado parte de uma economia global, cada vez menos agricultores possuíam suas terras, e a maioria estava à mercê de ricos proprietários. Estes haviam perdido suas terras por causa dos altos impostos e inadimplência em empréstimos a juros altos,¹⁰ com tensões políticas e religiosas significativas. O judaísmo estava dividido em várias seitas, incluindo fariseus (Mt 23.13-15), saduceus (Mc 12.18-27; Lc 20.27-40), essênios e zelotes, cada qual com suas próprias interpretações da Lei e visões sobre o papel do Messias que iria surgir. Nessa época, Jesus era visto como estando diante de um judaísmo nomístico, influenciado principalmente pelos farisaicos e rabínicos, enquanto a pluralidade de forma e conteúdo era enfatizada, juntamente com a diversidade geográfica, não apenas entre a terra de Israel e a diáspora, mas também dentro da própria pátria judaica.¹¹

O templo em Jerusalém era o epicentro da vida religiosa judaica, uma importante fonte de poder político e financeiro, onde a usura era um meio de exercer esse poder¹², por outro

⁷ LOPES, 2006, p. 203.

⁸ LOPES, Hernandes Dias. **Lucas: Jesus, o homem perfeito**. São Paulo: Hagnos, 2017.

⁹ RAPINCHUK, Mark. Galilee and the historical Jesus in recent research. **HBZ Gateway**, v. 2, p. 9-24, 2004. Disponível em: <https://ms.augsburgfortress.org/downloads/9781451466744Chapt1excerpt.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2024.

¹⁰ BOHLINGER, T. A. Usury. In: BARRY, John D. (Org.) **Dicionário Bíblico Lexham**. Bellingham: Lexham, 2020. Disponível em: <https://app.logos.com/signin>. Acesso em: 04 nov. 2024.

¹¹ RAPINCHUK, 2004, p. 15.

¹² BOHLINGER, 2020, [não paginado].

lado, as sinagogas locais funcionavam como espaços de ensino e interação social, sendo possivelmente o lugar onde Pedro recebeu as suas primeiras instruções religiosas.

A expectativa messiânica da época era uma crença amplamente difundida, aceita e enraizada na cultura por muitos judeus, que aguardavam um Messias impregnado de aspirações de libertação de impérios que subjugavam os judeus,¹³ que restaurasse Israel politicamente, trazendo bênçãos e prosperidade. Essa visão do momento possivelmente influenciava algumas das expectativas de Pedro em relação a Jesus.

O contexto social e religioso da época é fundamental para compreender a evolução espiritual de Pedro. No início, antes de se encontrar com Jesus, ele compartilhou a expectativa messiânica comum, que incluía a libertação política de Israel e sua restauração como nação. No entanto, sob a orientação de Jesus, Pedro começou a ampliar sua compreensão, percebendo o Reino de Deus como uma realidade de natureza espiritual e universal. Essa transformação culminou em seu papel de liderança destemida na igreja primitiva.

Essa jornada de transformação, moldada por desafios, fracassos e aprendizado contínuo, exemplifica a pedagogia de Jesus e o poder do discipulado verdadeiro. A vida de Pedro, portanto, não é apenas um testemunho de sua própria evolução, mas também um modelo inspirador de crescimento espiritual e liderança cristã, relevante para os crentes de todas as eras.

2. ANÁLISE DA HISTÓRIA DE PEDRO NAS PASSAGENS DOS SINÓTICOS

No desenvolvimento deste estudo, com os eventos significativos na vida de Pedro, conforme relatado nos evangelhos sinóticos e complementados pelo evangelho de João, elucidam como refletem os princípios fundamentais do discipulado conforme ensinado por Jesus. Nesta investigação o autor busca explorar a trajetória de transformação espiritual de Pedro, desde seu chamado inicial até sua reabilitação após a ressurreição, ressaltando as lições de fé e liderança.

A seguir, é apresentada a TABELA 01 com os temas sobre os episódios da vida de Pedro relatado nos textos bíblicos, apresentados de forma cronológica com os endereços dos textos e os eventos associados, elucidando o contexto de cada um, e proporcionando um alicerce para a análise dos ensinamentos de Jesus e do desenvolvimento espiritual de Pedro.

TABELA 01 - Episódios da vida de Pedro relatado nos textos bíblicos		
ENDEREÇO DO TEXTO BÍBLICO	DESCRIÇÃO DO EVENTO	CONTEXTO DO EVENTO
Lc 5.1-11	A pesca milagrosa e o chamado de Pedro para seguir Jesus	Chamado
Mt 4.18-22	O chamado inicial de Pedro e André como discípulos	Chamado
Mc 1.16-20	O chamado de Pedro e André por Jesus para serem pescadores de homens	Chamado
Mt 14.28-31	Pedro andando sobre as águas e sua dúvida momentânea	Discipulado com Jesus
Mt 16.13-20	Confissão de fé de Pedro em Cesareia de Felipe	Discipulado com Jesus

¹³ GOMES, Flávia Luiza. **O Messias revelado**: entendendo a concepção e aceitação do messianismo de Jesus. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

Mc 8.27-30	Pedro reconhece Jesus como o Cristo	Discipulado com Jesus
Lc 9.18-20	Declaração de Pedro sobre Jesus ser o Cristo	Discipulado com Jesus
Mt 16.23	Pedro é repreendido por Jesus após sua confissão de fé	Discipulado com Jesus
Mt 17.24-27	O episódio do pagamento do tributo	Discipulado com Jesus
Mt 26.69-75	A negação de Pedro durante o julgamento de Jesus	Vida com outros discípulos
Mc 14.66-72	Pedro nega conhecer Jesus três vezes	Vida com outros discípulos
Lc 22.54-62	A negação de Pedro e suas lágrimas de arrependimento	Vida com outros discípulos
João 21.15-19	Reabilitação de Pedro após a ressurreição de Jesus	Discipulado com Jesus

FONTE: O autor (2024).

O relato do chamado inicial de Pedro, conforme descrito em Mateus 4.18-22, Marcos 1.16-20 e Lucas 5.1-11, é um ponto de inflexão em sua vida, onde ele é convidado a deixar para trás sua ocupação como pescador e assumir o papel de discípulo de Jesus. Esse evento é marcante por sua simplicidade e profundidade; Pedro e seu irmão André, ao serem convocados, abandonaram imediatamente suas redes e seguiram Jesus. Participar do projeto divino exigiu uma renúncia significativa: eles deixaram seu trabalho, suas ambições profissionais e financeiras para dedicar seu tempo e esforços ao Reino de Deus.¹⁴

Conforme narrado (Mt 4.18-22; Mc 1.16-20; Lc 5.1-11), o chamado de Pedro simboliza um momento crucial em que ele transita de uma rotina comum para uma missão espiritual única. Nos evangelhos de Mateus e Marcos, Jesus é visto caminhando ao longo do Mar da Galileia, onde vê Simão e André lançando redes ao mar. Ao chamá-los para se tornarem pescadores de homens, Jesus não apenas redefine suas ocupações, mas instiga uma mudança profunda em suas identidades e propósitos. A prática da pesca, assim como o esforço de ganhar almas, demanda paciência, habilidade em utilizar iscas, discernimento para localizar onde os peixes estão, bem como perseverança e calma.¹⁵

A confissão de fé de Pedro em Cesareia de Filipe (Mt 16.13-20; Mc 8.27-30; Lc 9.18-20) é um ponto de virada significativo em sua jornada espiritual. Quando Jesus pergunta aos discípulos quem eles dizem que ele é, Pedro responde prontamente: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo (Mt 16.16). Esta declaração não é apenas um reconhecimento do messianismo de Jesus, mas também uma designação que é de uma natureza totalmente diferente de todas as citadas¹⁶ e destaca que esta revelação foi concedida a Pedro não por carne ou sangue, mas pelo Pai celestial, sublinhando a singularidade de sua compreensão e o papel fundamental que ele desempenharia na formação da igreja primitiva. Este momento consolida a posição de Pedro entre os apóstolos, ilustrando sua transição de simples discípulo para um líder com *insights* espirituais profundos.

Jesus frequentemente complementava as parábolas com exemplos práticos, que forneciam a Pedro um contexto vivencial para essas lições. O episódio do pagamento do

¹⁴ LOPES, 2017, p. 83.

¹⁵ MACDONALD, W. **Comentário bíblico popular**: Novo Testamento. 2.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

¹⁶ RIENECKER, Fritz. **O Evangelho de Mateus**: comentário esperança. Curitiba: Esperança, 1998.

tributo (Mt 17.24-27) exemplifica essa abordagem prática. Jesus não era obrigado a pagar o imposto, todavia, ele se submeteu a todas as leis que Deus havia instituído a Israel¹⁷ e destaca a importância de equilibrar entre liberdade espiritual e as obrigações cívicas, ensinando a Pedro a lidar de maneira prudente, sem comprometer a sua missão espiritual. Este aprendizado seria imprescindível para Pedro ao liderar a igreja primitiva, que enfrentava questões semelhantes de conformidade social e fidelidade espiritual.

O episódio de Pedro andando sobre as águas é uma rica metáfora das complexidades da fé e da dúvida. Após a multiplicação dos pães, Jesus envia os discípulos a atravessar o mar, enquanto ele se retira para orar. Durante a travessia, os discípulos avistam Jesus caminhando sobre as águas e, impetuoso, Pedro pede para ir até ele (Mt 14.28). Inicialmente, ele anda sobre as águas, mas ao sentir o vento, sua fé vacila e ele começa a afundar. Este episódio ilustra a essência da jornada de fé, onde convivem tanto certeza quanto dúvida. Caminhar como cristão é, portanto, um ato de fé, como andar sobre as águas.¹⁸ A intervenção de Jesus, segurando Pedro, ilustra a prontidão divina para salvar e ensinar, aprender e crescer a partir delas.

A negação de Pedro (Mt 26.69-75; Mc 14.66-72; Lc 22.54-62) durante o julgamento de Jesus é um dos momentos mais intensos e reveladores de sua vulnerabilidade humana, que demonstra que sua queda foi progressiva. Ele desceu o primeiro degrau nessa queda quando, fundamentado na autoconfiança, quis ser mais espiritual que os outros. E depois ele desce mais um degrau e tenta remediar a situação seguindo a Jesus de longe. Seguir a Jesus de longe é preparar-se para negá-lo novamente.¹⁹ Pedro, então, nega conhecer Jesus três vezes antes do canto do galo, exatamente como Jesus havia predito (Mt 26.75). Este momento de fraqueza, no entanto, serve como um ponto de partida para um arrependimento profundo e sincero. As lágrimas amargas de Pedro refletem seu reconhecimento interno de fracasso, abrindo caminho para uma redenção completa e uma transformação significativa.

Embora o episódio da reabilitação pertença ao Evangelho de João, ele (Jo 21.15-19) é importante mencionar aqui, para entender a conclusão de sua transformação espiritual. Após a ressurreição, Jesus aparece a Pedro e aos outros discípulos à beira do mar, preparando uma refeição. Em um diálogo íntimo, Jesus pergunta a Pedro três vezes se ele o ama, que parece mais provável que essa tripla repetição tinha o objetivo de recordar as três vezes em que ele negara o Senhor. E em cada resposta afirmativa, Jesus comissiona Pedro a apascentar suas ovelhas (Jo 21.17).²⁰ Este ato de reabilitação reafirma o amor incondicional de Jesus e restaura a confiança de Pedro em sua vocação e missão. Assim, Pedro é plenamente integrado como líder, não apenas pela autoridade outorgada por Jesus, mas também por um amor que supera a falha e promove a renovação.

¹⁷ SPROUL, R. C. **Estudos bíblicos expositivos em Mateus**. Traduzido por G. N. Santos. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

¹⁸ RIENECKER, 1998, p. 257.

¹⁹ LOPES, Hernandes Dias. **Mateus: Jesus, o Rei dos Reis**. São Paulo: Hagnos, 2019.

²⁰ RYLE, J. C. **Meditações no Evangelho de João**. 2.ed. Organizado por T. J. S. Filho. São José dos Campos: Fiel, 2018.

O relacionamento pessoal entre Jesus e Pedro é um componente central da transformação espiritual de Pedro. Nessas interações, Jesus não apenas oferecia direção, correção e encorajamento específicos, mas também exemplificava os princípios fundamentais do discipulado, como o amor incondicional, a paciência e o compromisso com o crescimento espiritual. A restauração de Pedro após a ressurreição (Jo 21.15-19) ilustra esse método e deixa claro que o discipulado é compromisso com Cristo.²¹

3. JESUS: SUA PEDAGOGIA E O PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO ESPIRITUAL DE PEDRO

Os métodos de ensino de Jesus por parábolas e exemplos práticos foram essenciais em seu ministério, não apenas para comunicar verdades espirituais de maneira impactante, mas também para desafiar os ouvintes a uma reflexão mais profunda sobre a natureza e os valores do Reino de Deus. E seus sermões destacavam-se pela criatividade e simplicidade, refletindo um profundo conhecimento das Escrituras. Sua autoridade derivava não apenas desse entendimento, mas também de sua prática consistente do que ensinava e de sua habilidade em impactar tanto a mente quando o coração das pessoas.²²

Em Lucas 12.41-48, a indagação de Pedro, exclusiva deste evangelho, permanece sem uma resposta direta de Jesus. No entanto, implicitamente, no contexto de Lucas, a pergunta de Pedro parece buscar uma distinção entre os líderes eclesiásticos e a comunidade cristã em geral. Jesus sugere que, como líderes, Pedro e os demais deveriam manter uma vigilância especial e estar preparados, além de instruir os outros crentes a se prepararem igualmente. A parábola do mordomo fiel serve como uma representação deste ensinamento: o mordomo que administra diligentemente os afazeres da casa será recompensado pelo senhor em seu retorno, simbolizando que os servos fiéis, particularmente os líderes eclesiásticos, ocuparão posições proeminentes no Reino quando Cristo retornar. Em contrapartida, um servo que abusa de sua posição de autoridade será rigorosamente punido, refletindo a condenação divina sobre líderes que exploram seus cargos. Os versículos 47 e 48, de Lucas 12, acrescentam uma dimensão ética à responsabilidade, ao afirmarem que a punição será proporcional ao conhecimento adquirido; assim, há uma expectativa aumentada em relação aos discípulos de Jesus, e aqueles que detêm um conhecimento espiritual mais profundo, em contraste com os que receberam menos instrução.²³

Jesus também usava essas interações para desafiar as percepções de Pedro e expandir sua compreensão teológica. Após a confissão de Pedro em Cesareia de Felipe, quando Pedro repreende Jesus por prever sua morte, Jesus corrige publicamente Pedro, dizendo: Para trás de mim, Satanás! (Mt 16.23). Neste contexto, Jesus utiliza o impacto emocional da correção para transformar a percepção de Pedro sobre o messianismo, mudando a ideia de um líder

²¹ BONHOEFFER, D. **Discipulado**. Traduzido por M. Jardelino e C. Barqueta. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

²² OLIVEIRA, Márcia Gonçalves de. A didática de Jesus para uma formação comprometida com a cosmovisão cristã bíblica. **Via Teológica**, Curitiba, v. 25, n. 49, jun. 2024. Disponível em: <https://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/issue/view/33>. Acesso em: 04 nov. 2024.

²³ EVANS, Craig A. **Novo comentário bíblico contemporâneo: Lucas**. São Paulo: Vida, 1996.

político vitorioso para a de um servo sofredor. Essa mudança é essencial para compreender o papel de Jesus e a missão da igreja. Na ocasião eles necessitavam aprender, que seguir Jesus significava seguir um Jesus crucificado. As condições para o discipulado são o rompimento de todos os elos que prendem um homem a si mesmo. É obliterar o eu, como princípio dominante da vida, a fim de transformar Deus nesse princípio.²⁴

Essas interações pessoais são características do método de ensino de Jesus, que combinava amor e verdade para moldar Pedro não apenas como um líder, mas como um seguidor fiel e transformado. A paciência e o *insight* de Jesus em lidar com as fraquezas humanas de Pedro são exemplares de um discipulado que enfatiza a transformação pessoal contínua, e a preparação para responsabilidades maiores.

A vida de Pedro, conforme narrada nos evangelhos sinóticos, abrange uma série de eventos significativos que marcam sua transformação espiritual e pessoal. Esses momentos não apenas destacam o crescimento de Pedro, mas também a eficácia dos métodos de ensino de Jesus.

Em Lucas, a profundidade dessa transformação é realçada pela narrativa da pesca milagrosa, onde, após uma noite infrutífera, as redes se enchem a ponto de quase romperem, simbolizando a abundância do chamado divino e a resposta humilde de Pedro, tomadas como uma sincera e humilde expressão do reconhecimento da própria indignidade por sua parte, em contraste com a grandeza e santidade de Cristo: Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador (Lc 5.8).²⁵ Essa experiência inicial é crítica, pois demonstra a prontidão de Pedro em abandonar tudo por uma fé nascente, um passo que requer tanto coragem quanto confiança.

Para Pedro e os outros discípulos, as parábolas eram um meio de revelação, provocação intelectual e encorajamento. A Parábola do Semeador ilustra como a palavra de Deus é recebida de diferentes maneiras pelos ouvintes, uma lição essencial que precisariam compreender para levar a mensagem cristã às diversas comunidades.²⁶

A paciência e a compaixão demonstradas por Jesus no trato com Pedro exemplificam um método de ensino e discipulado que enfatiza a transformação pessoal por meio de desafios e graça. Ao guiar Pedro por momentos de altos e baixos, Jesus não apenas moldou um líder, mas também evidenciou que a verdadeira liderança espiritual emerge da humildade e da experiência com o amor redentor de Deus. O amor humano, nesse contexto, é visto como uma resposta ao amor divino, onde o recebimento do amor espiritual incentiva ainda mais amor, conforme demonstrado nas Escrituras.²⁷

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória pragmática de Pedro e suas implicações perenes para o discipulado cristão, delineada através da lente hermenêutica dos evangelhos sinóticos, descortina uma trajetória

²⁴ LOPES, 2019, p. 520.

²⁵ HENDRIKSEN, W. *Lucas*. 2.ed. Tradução de V. G. Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

²⁶ LOPES, 2006, p. 242.

²⁷ DE CAMPOS, H. C. *A união das naturezas do redentor*. São Paulo: Cultura Cristã, 2005.

de crescimento espiritual intrincada e multifacetada, rica em nuances e repleta de implicações teológicas.

Ao perscrutar os momentos cruciais da jornada de Simão, desde o chamado às margens da Galileia até sua reabilitação pós-ressurreição – passando pela confissão paradigmática em Cesareia de Felipe e a dolorosa negação na noite da Paixão – este estudo buscou compreender a dinâmica complexa entre os princípios fundamentais do discipulado cristão, a pedagogia de Jesus e a resposta humana, respondendo à seguinte questão: como a interação de Pedro com o Cristo e as experiências subsequentes contribuíram para sua transformação espiritual, o moldaram como figura proeminente e líder na igreja primitiva?

A investigação demonstra que a transformação de Pedro não se caracterizou como um evento episódico e instantâneo, mas sim como um processo contínuo e dinâmico, marcado por oscilações entre êxitos e fracassos, dúvidas e convicções, impulsividade e amadurecimento, que refletiu os princípios fundamentais do discipulado Jesus em ensinar através de parábolas e exemplos práticos, desafiando percepções para expandir a compreensão teológica, especialmente no contexto de liderança servil e humildade. Jesus enfatizou a preparação contínua e vigilância, destacando a transformação pessoal através de amor, graça, e um compromisso com a responsabilidade espiritual proporcional ao conhecimento adquirido. A pedagogia de Jesus molda líderes espirituais que servem com base na humildade e em um profundo entendimento dos valores do Reino de Deus.

O chamado inicial de Pedro, prontamente atendido, evidencia não apenas sua predisposição à fé, mas também a natureza disruptiva do encontro com o divino, que exige renúncia. A confissão em Cesareia de Felipe, um momento de epifania em que Pedro reconhece Jesus como o Cristo, o Filho do Deus vivo, revela uma compreensão singular da identidade messiânica de Jesus, concedida, segundo o próprio Cristo, por revelação divina. No entanto, essa mesma cena é sucedida por uma repreensão veemente, demonstrando a necessidade de constante realinhamento das expectativas humanas como o plano salvífico de Deus, que transcende as compreensões terrenas de poder e glória. A negação de Pedro, em sua fragilidade, expõe a inerente vulnerabilidade humana, mesmo diante da convicção religiosa. Paradoxalmente, é essa experiência de fracasso, em sua dimensão profundamente humana, que se torna o catalisador para a redenção e a subsequente reabilitação, culminando na confirmação de Pedro como pastor do rebanho de Cristo.

Entretanto, persistem lacunas que demandam futuras investigações, como a aparente dissonância entre a impetuosidade e as falhas de Pedro, evidenciadas nos evangelhos sinóticos, e a responsabilidade que lhe foi posteriormente conferida. Questões como a maneira pela qual Pedro transcendeu suas limitações para se consolidar como a figura apostólica descrita no livro de Atos e nas epístolas, e como a experiência do discipulado, com seus tropeços e reerguimentos, o preparou para a liderança na igreja nascente, requerem uma análise mais aprofundada. Explorar essa transição complexa, considerando as influências contextuais e teológicas, constitui um campo fértil para pesquisas futuras.

A análise da jornada de Pedro oferece um exemplo de perseverança na caminhada de fé, destacando a ação contínua da graça transformadora de Deus. Esta graça atua

constantemente na vida dos indivíduos, promovendo sua restauração e motivando-os ao serviço do Reino.

REFERÊNCIAS

BOHLINGER, T. A. Usury. In: BARRY, John D. (Org.) **Dicionário Bíblico Lexham**. Bellingham: Lexham, 2020. Disponível em: <https://app.logos.com/signin>. Acesso em: 04 nov. 2024.

BONHOEFFER, D. **Discipulado**. Traduzido por M. Jardelino e C. Barqueta. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. Vol. 1 – 6, A/Z. 11.ed. São Paulo: Hagnos, 2013.

DE CAMPOS, H. C. **A união das naturezas do redentor**. São Paulo: Cultura Cristã, 2005.

EVANS, Craig A. **Novo comentário bíblico contemporâneo: Lucas**. São Paulo: Vida, 1996.

GOMES, Flávia Luiza. **O Messias revelado: entendendo a concepção e aceitação do messianismo de Jesus**. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

HENDRIKSEN, W. **Lucas**. 2.ed. Tradução de V. G. Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

LOPES, Hernandes Dias. **Lucas: Jesus, o homem perfeito**. São Paulo: Hagnos, 2017.

LOPES, Hernandes Dias. **Marcos: o evangelho dos milagres**. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2006.

LOPES, Hernandes Dias. **Mateus: Jesus, o Rei dos Reis**. São Paulo: Hagnos, 2019.

MACDONALD, W. **Comentário bíblico popular: Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

OLIVEIRA, Márcia Gonçalves de. A didática de Jesus para uma formação comprometida com a cosmovisão cristã bíblica. **Via Teológica**, Curitiba, v. 25, n. 49, jun. 2024. Disponível em: <https://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/issue/view/33>. Acesso em: 04 nov. 2024.

OSBORNE, Grant R. **Evangelho de Lucas: comentário expositivo**. São Paulo: Carisma, 2023.

RAPINCHUK, Mark. Galilee and the historical Jesus in recent research. **HBZ Gateway**, v. 2, p. 9-24, 2004. Disponível em: <https://ms.augsburgfortress.org/downloads/9781451466744Chapt1excerpt.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2024.

RIENECKER, Fritz. **O Evangelho de Mateus: comentário esperança**. Curitiba: Esperança, 1998.

RYLE, J. C. **Meditações no Evangelho de João**. 2.ed. Organizado por T. J. S. Filho. São José dos Campos: Fiel, 2018.

SPROUL, R. C. **Estudos bíblicos expositivos em Mateus**. Traduzido por G. N. Santos. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v10.n2.004



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

FÉ – DOM DADO POR DEUS

Faith – a gift given by God

Leandro Hins de Brito¹

RESUMO

A pesquisa apresenta a importância do dom espiritual da fé, aborda pontos que descreve os seus benefícios no corpo de Cristo, e o seu auxílio na extensão do reino de Deus. É traçado um perfil do que é um dom Espiritual, o diferenciando de possíveis más interpretações do que poderia ser dons, e explanado peculiaridades do dom da fé. Também apresenta exemplo de homens e mulheres que desfrutaram desse dom, e quais os pré-requisitos que o mordomo desse dom de fé possui, e suas áreas de atuação dentro do corpo denominado igreja.

Palavras-chave: Dom. Fé. Mordomia.

ABSTRACT

This research highlights the importance of the spiritual gift of faith, addressing its benefits to the Body of Christ and its role in extending the Kingdom of God. It outlines the nature of a spiritual gift—distinguishing it from common misconceptions—and explains the specific characteristics of the gift of faith. It also presents examples of men and women who exercised this gift, the prerequisites for a steward of this gift, and the areas in which they operate within the body known as the church.

Keywords: Gift. Faith. Stewardship.

¹ O autor é bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira e tem formação em Neuropsicopedagogia e Psicanálise Clínica, pela Faculdade Acesita/MG. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2023-3690>. E-mail: leandrohins@gmail.com

INTRODUÇÃO

Dons espirituais são presentes dado pelo próprio Deus, com a finalidade da edificação do corpo de Cristo, e o cumprimento da missão que foi dada por Jesus; a pregação da sua palavra. Possivelmente cada servo de Cristo que vive de acordo com a sua palavra possui pelo menos um dom, que deverá usá-lo para somar ao demais irmãos para fortalecer a igreja, alcançar pessoas e principalmente para a glorificação do nome do Senhor.

O próprio Deus concede dons as pessoas no momento que elas se tornam nova criatura, algumas pessoas confundem talentos com dom, os talentos são habilidades naturais da própria pessoa, já o dom é algo que só é adquirido quando a pessoa se torna parte do corpo de Cristo, mas também requer dos que desfrutam dos dons, uma vida de santificação.

Há Bíblia menciona diversos dons, mas é sobre o dom da fé que será abordado na sequência. Será apresentado de forma breve, sua definição, propósito características, exemplos bíblicos do dom, e possíveis perigos. Também abordar-se-á a questão da mordomia, ou seja, a pessoa que possui o dom e como usá-lo de forma que seja para o crescimento da igreja e não apenas para seu próprio benefício.

1. O DOM DA FÉ

O estudo dos dons espirituais envolve compreender sua natureza, suas características e seus propósitos na vida cristã e na edificação da igreja. Entre esses dons, destaca-se o dom da fé, apresentado em 1 Coríntios 12.9 como uma manifestação do Espírito Santo. Para compreender esse dom, é necessário considerar sua definição, distingui-lo dos talentos naturais, dos frutos do Espírito e dos deveres cristãos, bem como examinar seu propósito e os exemplos bíblicos relacionados à fé.

1.1 Definição do dom da fé

É dom da fé é um atributo especial que o próprio Deus por meio do Espírito Santo dá a alguns dos membros do corpo de Cristo, para que com exatidão e um grau de confiança incomum, possa discernir qual a vontade de Deus e seus propósitos, quanto ao que se refere ao futuro em relação ao ministério a qual essa pessoa exercer.²

O termo grego comum, que indica os “dons espirituais” é “*charismata*” que alguns dizem *charisma*. Porém a palavra *charisma* vem do termo grego “*charis*” que significa graça, mas *charisma* não é única expressão para a palavra dom; outra expressão no grego que é “*pneumatikós*” tem por significado, coisas espirituais: ainda outra que no grego é “*domata*” com o significado de dons.³

Geralmente pessoas que exercem esse dom estão voltadas para as possibilidades do futuro e não das circunstâncias adversas, são pessoas pensadoras e formadoras de opiniões.

² WAGNER, Charles Peter. **Descubras seus dons espirituais**. 4.ed. São Paulo: Abba, 2004, p. 159.

³ WAGNER, 2004, p. 43.

Não é apenas fé, mas uma convicção e dependência da poderosa ação do Senhor em obter graça por meio da oração, ao ponto de poder contar como se já estivesse adquirido o favor.⁴

O dom da fé não pode ser confundido com a fé comum, sem a qual é impossível agradar a Deus, citada no livro de Hebreus. Já em (1Co 12.9), “a outro, pelo mesmo Espírito, a fé”. O autor Donald, menciona que, é uma capacidade especial dada pelo Espírito Santo somente à algumas pessoas e não é conferida a todos os crentes.⁵

1.2 Características distintivas dos dons espirituais

Existe duas características distintas que se pode apontar, a primeira são os talentos, que todas as pessoas possuem, são naturais fazem parte da velha criação. As pessoas já nascem com eles, o que as levam a escolher profissões, habilidades musicais, dentre outros. Os dons, são concedidos aos crentes em Cristo, que tiveram a vida regenerada.⁶ Outra característica que muitos pensam ser dons, são os frutos do Espírito que estão descritos em Gálatas 5.22,23, que na verdade estão mais relacionados ao crescimento, e não dons do Espírito, ou seja, uma dádiva de Deus por meio do amor, uma consequência natural que o cristão adquiri com a maturidade. Os dons sem o fruto do Espírito, são inúteis.⁷

Os dons também não devem ser confundidos com os deveres ou papéis dos cristãos, os quais todos podem assumir, mediante a uma situação de falta de um membro do corpo, ocupar a sua função. Os papéis e os deveres cristãos envolvem mais o fazer do que o ser, mas são similares ao fruto do Espírito, no sentido de que se espera isto de todos os crentes.⁸

Dessa forma, distinguir os dons espirituais dos talentos naturais, dos frutos do Espírito e dos deveres cristãos contribui para uma compreensão mais clara de suas características e de sua finalidade na vida da igreja. Embora esses elementos apresentem diferenças, eles não precisam ser compreendidos de maneira isolada, pois a atuação cristã envolve tanto o exercício dos dons recebidos quanto o desenvolvimento do caráter e o cumprimento das responsabilidades próprias da vida cristã. Nesse contexto, o dom da fé deve ser compreendido como uma capacitação específica, cujo exercício precisa estar associado à maturidade cristã e ao propósito de contribuir para a edificação do corpo de Cristo.

1.3 Propósitos da fé e dos dons espirituais

De haver uma mudança voluntária na mente do pecador por meio de regeneração do novo nascimento. Strong classifica a fé em três propósitos: intelectual, emotivo e voluntário. Intelectual no sentido de reconhecer a verdade da palavra de Deus que, providencia a salvação em Jesus, o que inclui não só meros fatos históricos, mas crer em uma doutrina capaz de apontar o pecador e manter a dependência em Cristo. Emotivo: uma aprovação à revelação do poder de Deus e sua graça, despertando a sensibilidade às necessidades da alma.

⁴ SEVERA, Zacarias de Aguiar. **Manual de teologia sistemática**. 2.ed. Curitiba: ADSantos, 2016, p. 263-264.

⁵ GEE, Donald. **Acerca dos dons espirituais**. Tradução de Orlando Boyer. 4.ed. São Paulo: IBAD, 1985, p. 47-48.

⁶ SEVERA, 2004, p. 191.

⁷ WAGNER, 2004, p. 88-89.

⁸ WAGNER, 2004, p. 90.

Voluntário: confiança total em Cristo como salvador, se rendendo a Ele como a única fonte de perdão e vida espiritual.⁹

Um dos propósitos principais dos dons espirituais, seria o testemunho sobrenatural por meio das igrejas, com o foco central em Jesus, e a ação do Espírito Santo na vida das pessoas as capacitando a, como fazer e ensinar o que haviam recebido do Senhor. Sendo os dons espirituais uma capacidade superior que a mais fina capacidade natural, Donald, ressalta que, sempre será um privilégio concedido os homens consagrados, usar talentos naturais na obra da expansão do Reino, mas deverá ser um privilégio usufruir de dons espirituais que tenha por finalidade o crescimento do corpo de Cristo, e a glorificação de seu nome.¹⁰

1.4 O dom da fé e seus exemplos bíblicos

A Bíblia menciona os dons em cinco passagens (Rm 12.6-8; 1Co 12.4-11; 20-38; Ef 4.11,12; 1Pe 4.10,11). O dom da fé é apresentado na lista de 1 Coríntios 12.4-8.¹¹

⁴Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. ⁵ E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. ⁶ E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos. ⁷ A manifestação do Espírito é concedida a cada um visando a um fim proveitoso. ⁸ Porque a um é dada, mediante o Espírito, a palavra da sabedoria; e a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra do conhecimento; ⁹ a outro, no mesmo Espírito, a fé.¹²

O autor do texto de Romanos 12.6, menciona que os dons são recebidos “segundo a graça que nos foi dada”, e que cada um use, “que um exerça o dom que recebeu para servir os outros” (1Pe 4.10).¹³ Abraão foi um dos maiores exemplos de homem de que exerceu o dom fé. Nos capítulos 15 e 17 de Gênesis Deus declara suas promessas a Abraão e pede para que ele sai do meio da sua casa e de sua parentela e vá a um lugar onde haveria de mostrar. Pela fé ele obedeceu, e Deus fez uma aliança com ele, prometendo que ele se tornaria uma poderosa nação. Em Romanos lê-se; “pela fé se fortaleceu, dando glória a Deus” e que estava “plenamente convicto de que ele era poderoso para cumprir o que prometera” (Rm 4. 12-21).¹⁴ “Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não veem” (Hb 11.1). No decorrer do capítulo é apresentada uma lista de homens mulheres que foram considerados heróis da fé.

Os exemplos bíblicos apresentados permitem compreender a fé como confiança nas promessas de Deus e resposta à sua palavra. Além de reconhecer a natureza e as manifestações desse dom, é importante considerar a responsabilidade daqueles que o

⁹ STRONG, Augustus Hopkins. **Teologia sistemática**. Tradução Augusto Victorino. São Paulo: Hagnos, 2003, vol. 2, p. 559-563.

¹⁰ GEE, 1985, p. 24-25.

¹¹ SEVERA, 2016, p. 263.

¹² SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia Sagrada**: Bíblia de estudo esquematizada Almeida revista e atualizada. São Paulo: SBB, p. 1672.

¹³ SEVERA, 2016, p. 264.

¹⁴ BOICE, James Montgomery. **Homens de Deus em tempos de crises**. Tradução de Robson L. Ramos. São Paulo: Multiletra, 1996, p. 33-39.

recebem. Nesse sentido, a reflexão sobre o dom da fé conduz ao tema da mordomia cristã, que envolve a administração dos dons confiados por Deus e seu uso em favor da igreja e do cumprimento de sua missão.

2. A MORDOMIA DO DOM DA FÉ

O recebimento de um dom espiritual implica responsabilidade quanto ao seu uso na vida da igreja. Nesse sentido, a figura do mordomo contribui para compreender que os dons concedidos por Deus devem ser administrados com fidelidade e direcionados à edificação do corpo de Cristo e à glorificação do Senhor. Além de reconhecer essa responsabilidade, é importante compreender como o dom da fé pode ser aplicado, desenvolvido e utilizado de maneira adequada, considerando também os perigos que podem comprometer seu exercício.

2.1 A responsabilidade na administração dos dons

É muito importante saber o que se deve fazer, não só com o dom da fé, mas com todos os dons que o Senhor concedeu a sua igreja (cristãos), pois todos devem ser usados como instrumentos para glorificação de seu nome. Robinson, destaca alguns princípios que são esclarecedores acerca de como usá-los; devem ser usados para a edificação da igreja; para ministra e evangelizar; de maneira complementar ao corpo, e na prestação de contas da segunda vinda de Cristo, pois todos prestarão contas dos dons que não utilizaram.¹⁵

Os autores bíblicos mencionam que os cristãos são mordomos dos dons espirituais (1Pe 4.10). Mordomo no Novo Testamento representa uma grande responsabilidade, pois a mordomia implica em prestação de contas. Na passagem bíblica de 1 Coríntios 4.2, lê-se: "...o que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel". Assim, fica claro que Deus há de cobrar dos seus servos os dons que lhes foram confiados.¹⁶

A importância da mordomia pode ser compreendida a partir de Mateus 25.14-30, passagem em que Jesus apresenta a parábola dos talentos. Três servos receberam recursos de seu senhor, mas tiveram atitudes diferentes em relação ao que lhes havia sido confiado. Enquanto dois deles empregaram os recursos recebidos e foram reconhecidos como servos bons e fiéis, o terceiro não os utilizou e foi repreendido por sua negligência. Essa parábola ressalta a responsabilidade de administrar fielmente aquilo que foi confiado. Aplicado ao contexto dos dons espirituais, esse princípio destaca a importância de utilizá-los para o serviço cristão, considerando a responsabilidade dos crentes diante de Deus.¹⁷

Compreendida a responsabilidade envolvida na administração dos dons espirituais, torna-se necessário considerar como o dom da fé pode ser exercido na prática. Sua aplicação pode ocorrer em diferentes áreas da atuação da igreja, especialmente naquelas que exigem confiança em Deus, perseverança e disposição para enfrentar desafios. Nesse sentido, é importante identificar algumas possibilidades de utilização desse dom no ministério cristão e na evangelização.

¹⁵ ROBINSON, Darrell W. **Igreja celeiro de dons**. Tradução Maysa Monte. Rio de Janeiro: JUERP, 2000, p. 62.

¹⁶ WAGNER, 2004, p. 52.

¹⁷ WAGNER, 2004, p. 52.

2.2 Aplicações do dom da fé na igreja

As pessoas que possuem o dom da fé poderão usá-lo em muitas áreas específicas da igreja; líder de grupos de oração, planejamentos a longo prazo, equipes de ideias, liderança da igreja, em missões transcultural, fundação de novas igrejas e evangelismo. Todas estas áreas requerem de uma pessoa fé sobrenatural, por serem departamentos de atuação que os frutos são colhidos lentamente.¹⁸

O dom da fé deve ser utilizado para elevar a igreja a um plano mais alto da vida e do ministério. Deve ser empregado na evangelização, por ser um elemento poderoso para ajudar os cristãos a compartilharem do amor, capacitarem os cristãos a orarem pelos perdidos. Pessoas com esse dom devem estar equipadas para que de forma intencional testemunhem de Cristo e principalmente tenham amor por almas.¹⁹

Considerando essas possibilidades de atuação, o dom da fé pode contribuir para o desenvolvimento de iniciativas que exigem confiança em Deus e perseverança, especialmente no planejamento ministerial, na evangelização e na fundação de novas igrejas. Para que esse dom seja exercido de maneira responsável, porém, é importante que a pessoa reconheça suas possibilidades de atuação e busque aprimorar sua utilização no serviço cristão. Nesse sentido, cabe considerar alguns aspectos relacionados ao desenvolvimento e ao exercício do dom da fé.

2.3 Desenvolvimento e exercício do dom da fé

Cristãos que possuem o dom da fé podem perceber possibilidades de atuação divina que outras pessoas talvez não identifiquem com a mesma facilidade, mantendo a confiança de que Deus pode agir de maneira sobrenatural. Quando exercido de forma responsável, esse dom pode contribuir para a edificação da igreja, incentivar iniciativas de evangelização e fortalecer a fé da comunidade cristã. Essas pessoas também podem colaborar para o desenvolvimento de projetos ministeriais que, inicialmente, pareçam difíceis de realizar.²⁰

O exercício responsável do dom da fé envolve algumas atitudes importantes, como registrar cuidadosamente as orações respondidas, estar disposto a lidar com críticas e buscar comunhão com outros cristãos que compartilham desse dom. Também é importante reconhecer os próprios erros de avaliação, manter uma vida dedicada ao estudo da Palavra de Deus e observar exemplos de pessoas que, segundo a compreensão bíblica do autor, exerceram esse dom, a fim de refletir sobre suas práticas e possibilidades de aplicação.²¹

A obediência ao Espírito Santo é a chave para a eficácia do crente individual e do corpo de Cristo coletivamente. Quando vivemos nossas vidas diárias cheia do Espírito Santo, ele tem a liberdade de liderar, realocar e usar nosso dom onde Ele possa realizar o máximo. As funções do corpo funcionam

¹⁸ SCHWARZ, Christian A. **As 3 cores dos seus dons**. Tradução de Fred R. Bornschein, Valdemar Kroger. Curitiba: Esperança, 2003, p.126.

¹⁹ ROBINSON, 2000, p. 112.

²⁰ ROBINSON, 2000, p. 112-113.

²¹ SCHWARZ, 2003, p. 127.

melhor quando trabalhamos em equipe de forma que os dons reforcem uns aos outros e os ministérios complementem uns aos outros.²²

Dessa forma, o desenvolvimento e o uso adequado do dom da fé envolvem não apenas o reconhecimento de suas possibilidades, mas também a disposição de o exercer com humildade, responsabilidade e sensibilidade à direção do Espírito Santo. Sua contribuição para a igreja está relacionada à edificação da comunidade cristã e à cooperação com os demais dons e ministérios, evitando atitudes que promovam comparações ou divisões. Assim, o dom da fé pode ser exercido de maneira a favorecer o crescimento da igreja e o cumprimento de sua missão.

2.4 Perigos no exercício do dom da fé

Pessoas que possuem o dom da fé podem enfrentar dificuldades ao avaliar as perspectivas daqueles que não compartilham da mesma convicção. Em algumas situações, podem interpretar diferenças de visão e de ideias como falta de fé ou resistência à atuação de Deus. Também podem compreender suas próprias convicções como sinal de maior proximidade com Deus e, diante de críticas, ter dificuldade em considerar outras perspectivas, interpretando-as como oposição àquilo que entendem ser a vontade divina.²³

Satanás pode usar o negativismo dos outros contra a pessoa com o dom da fé dentro da igreja para criar desunião e desequilíbrio. A pessoa que tem o dom pode ficar emocionalmente magoada, de tal modo que se distancia do corpo. Assim, seu dom não será usado efetivamente na edificação do corpo.²⁴

Wagner adverte, que, pessoas possuidoras do dom da fé são tendenciosas e precisam tomar consciência, que facilmente podem se tornar vítimas da síndrome de projeção de dons, ou seja requerer de alguém o mesmo que ela possui. Também adverte que nem todos os cristãos têm o dom da fé, mas isso não é motivo para que os que tem, menosprezem os que não desfrutam do mesmo.²⁵

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dons espirituais são atributos dados por Deus aos seus filhos, com a finalidade de glorificar seu precioso nome. Por meio deles, os cristãos que os possuem podem compreender a vontade de Deus para a igreja e para suas próprias vidas, tendo como objetivo maior o fortalecimento do corpo de Cristo.

O dom da fé tem uma função importante no corpo de Cristo. Esse dom jamais deve ser confundido com talentos naturais ou com os papéis desempenhados pelos cristãos. Os talentos são habilidades naturais que as pessoas possuem, enquanto os papéis estão relacionados às funções e responsabilidades que podem ser assumidas na vida cristã. Já os

²² ROBINSON, 2000, p. 50.

²³ SCHWARZ, 2003, p. 127.

²⁴ ROBINSON, 2000, p. 114.

²⁵ WAGNER, 2004, p. 161.

dons espirituais, nesse caso, o dom da fé, são concedidos por Deus para capacitar os cristãos a desempenharem determinadas tarefas, cujos resultados podem ser percebidos tanto de forma imediata quanto a longo prazo.

Os autores bíblicos registraram exemplos de homens e mulheres que demonstraram fé em sua caminhada com Deus, especialmente em Hebreus 11, capítulo conhecido como a galeria dos heróis da fé. Esses exemplos evidenciam a confiança nas promessas divinas e a disposição de agir de acordo com a palavra de Deus. Nesse sentido, a mordomia dos dons espirituais envolve a responsabilidade de utilizar aquilo que foi recebido para o serviço cristão, reconhecendo que os dons não são concedidos para benefício exclusivamente pessoal, mas também para a edificação da igreja e a glorificação de Deus.

Portanto, aqueles que recebem dons espirituais são chamados a exercê-los com fidelidade, humildade e responsabilidade. O dom da fé, quando colocado a serviço da igreja, pode contribuir para o fortalecimento da comunidade cristã e para o desenvolvimento de iniciativas relacionadas à sua missão. Cabe a cada cristão reconhecer que aquilo que recebeu de Deus implica responsabilidade e deve ser administrado de maneira coerente com os propósitos divinos. Assim, a compreensão do dom da fé deve conduzir não apenas ao reconhecimento de sua importância, mas também ao compromisso de utilizá-lo de forma responsável, para a edificação do corpo de Cristo e a glória de Deus.

REFERÊNCIAS

- BOICE, James Montgomery. **Homens de Deus em tempos de crises**. Tradução de Robson L. Ramos. São Paulo: Multiletra, 1996. 134 p.
- GEE, Donald. **Acerca dos dons Espirituais**. Tradução de Orlando Boyer. 4.ed. São Paulo: IBAD, 1985. 126 p.
- ROBINSON, Darrell W. **Igreja celeiro de dons**. Tradução Maysa Monte. Rio de Janeiro: JUERP, 2000. 176 p.
- SCHWARZ, Christian A. **As 3 cores dos seus dons**. Tradução de Fred R. Bornschein, Valdemar Kroker. Curitiba: Esperança. 2003. 157 p.
- SEVERA, Zacarias de Aguiar. **Manual de teologia sistemática**. 2.ed. Curitiba: ADSantos, 2016. 409 p.
- SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia Sagrada**: Bíblia de estudo esquematizada Almeida revista e atualizada. São Paulo: 1672 p.
- STRONG, Augustus Hopkins. **Teologia sistemática**. Tradução Augusto Victorino. São Paulo: Hagnos, 2003. Vol. 2. 880 p.
- WAGNER, Charles Peter. **Descubras seus dons espirituais**. 4.ed. São Paulo: Abba, 2004. 326 p.

Revista
ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v10.n2.005

Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional**A LEI E A LITERATURA: LEWIS E PAULO EM DIÁLOGO¹***Law and Literature: Lewis and Paul in Dialogue*Flaviano Nogueira Siedeliske²**RESUMO**

O presente artigo apresenta uma pesquisa referente ao uso que C. S. Lewis faz de sua literatura para transmitir seu pensamento e experiência pessoal a respeito da relação do ser humano com a Lei de Deus. Para isso, o objeto de estudo é o livro *O regresso do peregrino*, bem como o diálogo da obra com a vida de Lewis e o relato do apóstolo Paulo em Romanos 7. A pergunta que este artigo pretende responder é: como é possível compreender o problema do legalismo a partir da Teologia Imaginativa de C. S. Lewis? E a hipótese defendida é que, baseado em Romanos 7 e em sua própria experiência pessoal, o autor demonstra que uma relação legalista com a Lei de Deus não produz nenhum alívio para a alma, mas somente frustração pelas constantes falhas e medo pela condenação. A partir da metodologia de pesquisa bibliográfica, dentre os resultados encontrados, destaca-se: 1) a sociedade legalista e moralista apresentada em *O regresso do peregrino* fazem com que a personagem principal tenha uma visão incorreta do relacionamento com o Deus daquele mundo; 2) o relato do Apóstolo Paulo demonstra um grande conflito interno e uma frustração com relação ao cumprimento da lei; e 3) a visão legalista a que Lewis foi submetido em sua adolescência fez com que o mesmo abandonasse a fé e mergulhasse no ateísmo.

Palavras-chave: C. S. Lewis. Literatura. O regresso do peregrino. Lei. Paulo.

¹ Este trabalho é parte da pesquisa para a Dissertação de Mestrado “Mais real que a realidade: a Eternidade (Céu, Inferno e Purgatório) para C. S. Lewis antes de Nárnia”, financiado pela CAPES e defendido, em março de 2025, na Universidade Federal do Paraná. Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/95427>.

² Mestre em Letras pela Universidade Federal do Paraná – UFPR (Bolsista CAPES) (2025). Especialista em Teologia e Interpretação Bíblica pela Faculdade Batista do Paraná – FABAPAR (2018). Graduado em Letras – Português e Inglês pelas Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba – FARESC (2016). Graduando em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná – FABAPAR (2019-atual). E-mail: Flavianosiedeliske@gmail.com.

ABSTRACT

The present article presents a study on the manner in which C. S. Lewis employs his literary work to convey his thought and personal experience concerning the relationship between the human being and the Law of God. To this end, the object of analysis is *The Pilgrim's Regress*, as well as the dialogue established between the work, Lewis's own life, and the Apostle Paul's account in Romans 7. The central question this article seeks to address is: how can the problem of legalism be understood through C. S. Lewis's Imaginative Theology? The hypothesis advanced is that, drawing on Romans 7 and on his own personal experience, Lewis demonstrates that a legalistic relationship with the Law of God offers no relief to the soul, but rather produces frustration due to repeated failures and fear of condemnation. Based on a bibliographical research methodology, the main findings include: (1) the legalistic and moralistic society portrayed in *The Pilgrim's Regress* leads the protagonist to develop an incorrect understanding of the relationship with the God of that world; (2) the Apostle Paul's account reveals a profound inner conflict and frustration regarding the fulfillment of the law; and (3) the legalistic outlook to which Lewis was subjected during his adolescence contributed to his abandonment of faith and his subsequent immersion in atheism.

Keywords: C. S. Lewis. Literature. The pilgrim's regress. Law. Paul.

INTRODUÇÃO

Clive Staples Lewis (1898-1963), autor de *As Crônicas de Nárnia* (1950-1956), escreveu diversas obras literárias e teológicas. Apesar de manter-se, principalmente, no campo da literatura fantástica, suas ficções possuem diversas reflexões teológicas e dialogam em grande medida com sua vida pessoal e pensamento religioso. Exemplo disso é a obra *O regresso do peregrino* (1933), uma obra em que Lewis trata, indiretamente, de diversas questões teológicas, como o Livre Arbítrio, a conversão cristã e a Eternidade. Todavia, o foco deste trabalho será uma análise sobre a Lei e o legalismo representados na obra.

Parte-se do pressuposto que Lewis realiza uma Teologia Imaginativa na obra em questão, ou seja, uma produção teológica que não se prende ao racional ou sistemático, mas veicula reflexões teológicas “pela via da literatura de fantasia, que lida com o maravilhoso, o extraordinário, o fora do normal”.³ Logo, a relação legalista da personagem João ao receber as regras do Proprietário é uma alusão tanto à descrição de Paulo em Romanos 7 e da própria visão legalista que Lewis possuía da religião cristã na sua adolescência.⁴

A pergunta que esse artigo pretende responder é: como é possível compreender o problema do legalismo a partir da Teologia Imaginativa de C. S. Lewis? E a hipótese defendida é que, baseado em Romanos 7 e em sua própria experiência pessoal, o autor demonstra que

³ CALDAS FILHO, C. R.; LIMA, E. A. S. A teologia imaginativa de C. S. Lewis: O sobrinho do mago e a visão lewisiana da criação. *Caminhos*, v. 18, p. 840-858, 2020, p. 840.

⁴ Entende-se *legalismo*, nessa pesquisa, como “a tendência de enfatizar a lei em detrimento da graça” (MEISTER, Mauro. *Lei e graça*. São Paulo: Cultura Cristã, 2016, p. 84), ou seja, trata-se da tentativa de estabelecer um relacionamento positivo com Deus a partir do cumprimento da lei. Logo, é uma “distorção da obediência requerida pelas Escrituras”, pois “proclama que o homem pode obter mérito diante de Deus para a salvação e conquista de favores” (p. 84).

uma relação legalista com a Lei de Deus não produz nenhum alívio para a alma, mas somente frustração pelas constantes falhas e medo pela condenação.

Assim, a partir de uma pesquisa bibliográfica sobre a vida e a obra de Lewis, bem como comentários sobre o capítulo 7 de Romanos, alguns dos resultados obtidos com essa pesquisa foram: 1) a sociedade legalista e moralista apresentada em *O regresso do peregrino* fazem com que a personagem principal tenha uma visão incorreta do relacionamento com o Deus daquele mundo; 2) o relato do Apóstolo Paulo demonstra um grande conflito interno e uma frustração com relação ao cumprimento da lei; e 3) a visão legalista a que Lewis foi submetido em sua adolescência fez com que o mesmo abandonasse a fé e mergulhasse no ateísmo.

1. A EXPERIÊNCIA NEGATIVA DE JOÃO COM O LEGALISMO

Neste ponto, será analisada a experiência negativa de João com o legalismo, conforme representada por C. S. Lewis em *O regresso do peregrino*. Inicialmente, será abordado o recebimento da Lei pelo protagonista e a maneira como ele passa a compreender as regras impostas pelo Proprietário. Em seguida, será examinada sua relação com essas regras, marcada pela dificuldade de cumpri-las e pelo temor da condenação. Por fim, serão discutidas as consequências dessa experiência para a vida de João, especialmente para sua percepção do Proprietário e para a forma como passa a lidar com a culpa e a possibilidade de punição. Essa análise permitirá compreender como a representação literária de Lewis relaciona o legalismo ao medo e à frustração, estabelecendo uma aproximação com a reflexão paulina sobre a Lei em Romanos 7.

1.1 O recebimento da Lei

The pilgrim's regress (O regresso do peregrino) é o primeiro romance de C. S. Lewis, bem como o primeiro livro que ele escreveu após sua conversão, em 1932. Escrito em apenas duas semanas,⁵ trata-se de uma das obras menos lidas e estudadas do autor, uma vez que a linguagem rebuscada, excessiva intelectualidade e inúmeras referências filosóficas e teológicas deixaram a obra complexa e opaca.⁶ Anos mais tarde, em 19 de janeiro de 1953, Lewis reconheceu, em carta para uma leitora, Sra. Edward A. Allen, que, por ser seu primeiro livro religioso, não sabia como explicar os novos conceitos de maneira fácil, e aconselha que ela “não perca mais tempo com ele”.⁷

⁵ PIPER, John. “C. S. Lewis. Racionalista Romântico: como os caminhos até Cristo moldaram sua vida e seu ministério”. In: MATHIS, David; PIPER, John (Orgs.). **O racionalista romântico**. Tradução de David Portela. Brasília, DF: Monergismo, 2017, p. 27.

⁶ MCGRATH, ALISTER E. **A vida de C. S. Lewis: do ateísmo às terras de Nárnia**. Tradução de Almiro Pisetta. São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p. 188; JASPER, David. “The Pilgrim’s Regress e Surprised by Joy”. In: MACSWAIN, Robert; WARD, Michael (Orgs.). **C. S. Lewis: além do universo mágico de Nárnia**. Tradução de Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2015, p. 284; RANGEL JUNIOR, José Luiz Coelho. **Metáfora e imaginação poética na obra crítica de C. S. Lewis**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Departamento de Letras, 2020, p. 80.

⁷ LEWIS, C. S. **Cartas de C. S. Lewis**. Tradução de Gabriele Greggersen. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021a, p. 520.

O leitor é apresentado à história de João, um menino que mora no Reino de Puritânea.⁸ Tal reino é governado pelo Proprietário, o dono daquela terra que vive num castelo nas montanhas e é representado pelos seus Mordomos.⁹ Lewis apresenta, aqui, as figuras literárias de sua obra que representam Deus e os diferentes líderes religiosos (padres, pastores, sacerdotes).

Ainda na infância, João já demonstrava comportamento questionável, pois desejava atirar uma pedra em um pássaro por simples maldade.¹⁰ Quando completou certa idade, precisou apresentar-se diante de um Mordomo que lhe entregou uma lista de regras, afirmando: “Aqui está uma lista de todas as coisas que o Proprietário diz que você não deve fazer. É bom dar uma olhada nela”.¹¹ Esta é, por sua vez, uma clara referência à entrega da Lei em Êx 20.1-21. Num primeiro momento, o menino fica impressionado, pois a lista de regras era imensa e impossível de ser decorada, além de apresentar transgressões que ele nunca havia ouvido falar e, também, “proibia coisas que ele vinha fazendo todos os dias e que não podia sequer imaginar não fazer”.¹²

Por fim, ao receber a lista de regras, João aprende algo sobre o próprio Proprietário: caso o garoto descumpra alguma delas, será castigado e jogado numa espécie de Buraco Negro. Assim, sua visão sobre o Proprietário torna-se a de um homem “extraordinariamente bondoso e humano com seus inquilinos e que, certamente, torturaria a maioria deles até a morte, caso tivesse o mais leve pretexto para fazê-lo”.¹³

Logo, percebe-se que Lewis utiliza-se da Teologia Imaginativa para ilustrar questões bíblicas e seu pensamento religioso. O autor apresenta, de maneira lúdica: 1) a inclinação humana para o pecado, mesmo antes de receber a lei; 2) a figura de um Deus e de seus representantes terrenos; e 3) a entrega de uma lista sem fim de leis e regras a serem seguidas por João. Agora, será apresentada a maneira como João se relaciona com as regras que recebeu.

1.2 A relação de João com as regras do Proprietário

A relação do garoto com as regras que recebeu do Proprietário pode ser definida como temor e desespero. Com o passar dos dias, João percebe ser impossível cumprir as regras escritas na lista. Diante dessa constatação, o medo e a ansiedade começam a tomar conta da personagem, uma vez que seu maior temor é ser lançado no Buraco Negro.

Sempre que consultava sua própria consciência, percebia que havia violado diversas regras ao longo do dia, apesar de conseguir cumprir algumas.¹⁴ Em outros momentos, quando decidia que não tentaria mais cumpri-las, após alguns dias o temor voltava pior que antes,

⁸ LEWIS, C. S. **O regresso do Peregrino**. Uma defesa alegórica do cristianismo, da razão e do romantismo. Tradução de Jorge Camargo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022a, p. 31.

⁹ LEWIS, 2022a, p. 31-32, 41.

¹⁰ LEWIS, 2022a, p. 31-32.

¹¹ LEWIS, 2022a, p. 33.

¹² LEWIS, 2022a, p. 33.

¹³ LEWIS, 2022a, p. 34.

¹⁴ LEWIS, 2022a, p. 36.

visto a quantidade de regras que haviam sido quebradas.¹⁵ As regras do Proprietário não apresentavam nenhum alento ou descanso para a alma aflita do garoto, apenas a certeza da condenação.

Diante desse cenário, certo dia o garoto relata que, passeando em meio à floresta, recebe visões de uma espécie de Ilha remota e distante. Por algum motivo, começa a desejá-la e seu pensamento e esperanças ficam cativos à existência dessa Ilha.¹⁶ Nesse ponto da história, a sensação é que haverá uma mudança positiva para João, mas não é o que ocorre. Não obstante, a situação de João torna-se ainda mais desesperadora.

O narrador dá a entender que se passou muito tempo na história, e João segue refém das normas que não consegue cumprir.¹⁷ O ponto de maior desespero da personagem ocorre quando se envolve sexualmente com uma *Menina cor de bronze*, que representa a luxúria e o desejo sexual pecaminoso do garoto.¹⁸ Após tal envolvimento, João sente que “o peso de todas as regras que ele havia violado caiu sobre ele”.¹⁹ A descrição que o narrador faz dessa época da vida da personagem ilustra o desespero da mesma:

Acordava de manhã cheio de medo, pegava seu cartão, o lia [...] e determinava que naquele dia, verdadeiramente, começaria a cumprir as regras. E, naquele dia, ele cumpria, mas a tensão era insuportável. [...] No entanto, amanhã era sempre mais difícil e o terceiro dia era pior de todos. E, naquele terceiro dia, [...] se arrastava até a cama, morto de cansaço e ferido na alma.²⁰

Em meio a toda essa situação, João nunca esqueceu completamente da visão da Ilha que teve na floresta. Percebendo que não haveria esperança para ele se continuasse nessa situação, é impulsionado tanto pelo medo do Proprietário quanto pelo desejo pela Ilha e, reunindo toda sua coragem, sai numa peregrinação atrás da mesma.²¹ Assim, percebe-se que a relação de João com as regras que recebeu do Proprietário era marcada pela frustração em não conseguir cumpri-las, seguida pelo medo da condenação e do Buraco Negro. A seguir serão demonstradas as consequências dessa visão legalista na vida de João e em seu relacionamento com o Proprietário.

1.3 Consequências do legalismo imposto a João

Por viver neste padrão legalista de sociedade, já foi demonstrado como João temia a condenação do Buraco Negro, tanto para si quanto para outros.²² Além disso, outras personagens também sofriam do mesmo problema, como é o caso de Sr. Epicuro, um “doente mental” que “tinha um medo crônico do buraco negro”.²³ João carrega esse medo pela

¹⁵ LEWIS, 2022a, p. 36.

¹⁶ LEWIS, 2022a, p. 37-38.

¹⁷ LEWIS, 2022a, p. 43.

¹⁸ LEWIS, 2022a, p. 43-47.

¹⁹ LEWIS, 2022a, p. 48.

²⁰ LEWIS, 2022a, p. 49.

²¹ LEWIS, 2022a, p. 50.

²² LEWIS, 2022a, p. 36, 42, 49.

²³ LEWIS, 2022a, p. 148.

condenação até o ponto em que deixa de acreditar nela. Em determinado ponto da trama, ele é convencido por Sr. Iluminismo que o Proprietário e o Buraco Negro não existem e, após isso, apresenta um comportamento muito diferente do apresentado até então:

Ele parou ali, não porque estivesse cansado, mas porque estava muito feliz por ser capaz de movimentar-se tão levemente. “Não há nenhum Proprietário”, ele gritava. Tamanho peso havia sido retirado de sua mente que ele sentia como se pudesse voar [...]. “Não há nenhum Proprietário. Não há nenhum buraco negro”.²⁴

Também se pontua a relação com o próprio Proprietário que João desenvolve graças ao temor da condenação. O garoto coloca-se abaixo da autoridade do Proprietário não por devoção ou gratidão, mas por medo do Buraco Negro.²⁵ Ao dialogar com a personagem Razão, esta convence o garoto que ele não teme a condenação, mas o próprio Proprietário, uma vez que é ele quem pode mandá-lo para o Buraco Negro.²⁶ Outra personagem da história, o Sr. Sabedoria, defende que, caso não se concorde abertamente com o Proprietário, o único motivo para obedecê-lo é o medo da punição e a esperança da recompensa.²⁷ Anos mais tarde, ao escrever *O problema da dor* (1940), Lewis retoma a ideia de obedecer à Deus pelo medo da condenação:

Não é elogioso a Deus que o escolhamos como alternativa ao Inferno: mesmo assim, ele aceita. A ilusão da autossuficiência da criatura deve, pelo bem da criatura, ser destruída; e por meio de problemas ou de medo de problemas na terra, pelo medo grosseiro das chamas eternas, Deus a despedaça “sem se importar com a diminuição da própria glória”.²⁸

Dessa maneira, é possível concluir que as regras do Proprietário, ilustração da Lei de Deus, fazem com que João: 1) viva sob constante tensão e temor da condenação; 2) perceba-se incapaz de cumpri-las; 3) paute sua relação com o Proprietário a partir do medo; e 4) utilize esse medo para buscar sua Ilha, que é uma metáfora para o Céu. Todos os sentimentos que João enfrenta diante das regras são semelhantes aos descritos pelo Apóstolo Paulo em Romanos 7. Tal relação será analisada na próxima seção.

2. A EXPERIÊNCIA RELATADA POR PAULO SOBRE O LEGALISMO

No sétimo capítulo da Epístola aos Romanos, Paulo faz algumas afirmações sobre a lei que se assemelham àquilo já descrito pela personagem João. Primeiramente, diversos autores trabalham sobre a questão do “eu” no referido capítulo. A dúvida é se Paulo estaria contando um relato pessoal, falando da experiência de outra pessoa ou do povo judeu como um todo.²⁹

²⁴ LEWIS, 2022a, p. 59.

²⁵ LEWIS, 2022a, p. 61.

²⁶ LEWIS, 2022a, p. 118.

²⁷ LEWIS, 2022a, p. 207.

²⁸ LEWIS, C. S. **O problema da dor**. Tradução de Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021b, p. 127.

²⁹ STOTT, John. **A mensagem de Romanos**. Tradução de Silêda e Marcos D. S. Steuernagel. São Paulo: ABU, 2017, p. 237-241; MOO, Douglas J. “Romanos”. In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário Bíblico**: Nova Vida. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1712; KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**. Novo Testamento.

Essa pesquisa não se concentrará em tal questão, pois o que importa é a experiência em si, e não as personagens alvo.

Assim, iniciam-se as considerações pelo versículo 7: “Que diremos então? Que a lei é pecado? De modo nenhum! Mas eu não teria conhecido o pecado, a não ser por meio da lei. Porque eu não teria conhecido a cobiça, se a lei não tivesse dito: ‘Não cobiça’”.³⁰ João Calvino explica que, quando Paulo questiona “a lei é pecado?”, ele está perguntando se “a culpa da existência do pecado deve ser lançada sobre a lei”.³¹ A resposta é negativa, pois a culpa pelo pecado é da própria natureza humana. Todavia, Douglas Moo afirma que, na visão de Paulo, ao apresentar a vontade de Deus, a lei dá oportunidade para que o pecado incite a rebeldia contra esta vontade, pois “a nossa propensão ao pecado é tamanha que o simples ato de rotular uma ação como transgressão contra a lei santa de Deus nos leva a violá-la”.³² Dessa maneira, dialogando com *O regresso do peregrino*, pode-se afirmar que as regras do Proprietário não são culpadas pela maldade de João, mas incitam sua natureza pecaminosa à transgressão.³³

Continuando as declarações do Apóstolo Paulo, no verso 9 o mesmo escreve: “Houve um tempo em que, sem a lei, eu vivia. Mas, quando veio o mandamento, o pecado reviveu, e eu morri”. Sobre esse verso, Craig Keener explica que um menino judeu só se tornava oficialmente responsável por observar a lei por volta dos 13 anos,³⁴ período da vida semelhante ao que João teve acesso às regras do Proprietário. Warren Wiersbe, por sua vez, traz um alerta àqueles que acreditam ser capazes de viver de acordo com a lei: tais pessoas “descobrem que seu sistema legalista só suscita mais pecado e cria mais problemas. [...] Seu legalismo não os tornava mais espirituais, e sim mais pecaminosos”.³⁵ João tentava todos os dias cumprir as regras do Proprietário, todavia, diante de sua falha, o mesmo sentia cada vez mais o peso da condenação.³⁶

Não obstante, a frustração em não conseguir cumprir a lei aparece em outros versos do capítulo 7 de Romanos:

Então, aquilo que é bom se tornou morte para mim? De modo nenhum! Pelo contrário, o pecado, para mostrar-se como pecado, por meio de uma coisa boa causou-me a morte, a fim de que, pelo mandamento, o pecado mostrasse toda a sua força de pecado. Porque bem sabemos que a lei é espiritual. Eu, porém, sou carnal, vendido à escravidão do pecado. Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto” (v.13- 15);

Tradução de José Gabriel Said e Thomas Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 521; PATE, C. Mavin. **Romanos**. Tradução de Suzana Klassen e Vanderlei Ortigosa. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 157.

³⁰ Todas as citações bíblicas seguirão a tradução da Nova Almeida Atualizada (NAA), salvo quando indicado o contrário.

³¹ CALVINO, João. **Romanos**. Tradução de Valter Graciano Martins. São José dos Campos: Fiel, 2014, p. 274.

³² MOO, 2009, p. 1712.

³³ LEWIS, 2022a, p. 31-32.

³⁴ KEENER, 2017, p. 521.

³⁵ WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Novo Testamento I. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006, p. 698.

³⁶ LEWIS, 2022a, p. 49.

Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim, mas não o realizá-lo. Porque não faço o bem que eu quero, mas o mal que não quero, esse faço (v. 18-19).

Os estudiosos de Paulo comentam sobre essa frustração descrita pelo apóstolo. Craig Keener afirma que, nesses versos, o objetivo de Paulo é demonstrar como a pecaminosidade humana leva as pessoas ao descumprimento da lei.³⁷ Douglas Moo defende ser um lamento de um judeu não regenerado, frustrado graças a sua incapacidade de obedecer a vontade de Deus.³⁸ João Calvino também concorda ser um lamento do apóstolo, visto sua inabilidade em fazer o bem e seu fracasso constante para obedecer.³⁹ Por fim, Warren Wiersbe comenta que, de acordo com o texto, até quando o homem acredita fazer o bem, o pecado está presente em suas ações.⁴⁰

O clímax do capítulo está na exclamação do apóstolo, presente no verso 24: “Miserável homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?”. Esse é o lamento de um homem sincero, que, diante de sua incapacidade, sente-se frustrado por não obedecer à vontade de Deus.⁴¹ Assim, percebe-se que a relação de João com as regras do Proprietário, em *O regresso do peregrino*, ecoa a experiência de Paulo (ou todo povo judeu) diante da lei de Deus: ambas as relações tratam de frustração, pensamentos pecaminosos e uma incapacidade de seguir as normas. Todavia, essas relações também dialogam com a do próprio C. S. Lewis diante do legalismo que fora exposto em determinado momento da vida.

3. A EXPERIÊNCIA NEGATIVA DE LEWIS COM O LEGALISMO

Neste ponto, será analisada a experiência de C. S. Lewis com o legalismo e sua relação com o processo de afastamento da fé cristã durante a adolescência. Inicialmente, será discutido em que medida *O regresso do peregrino* pode ser compreendido como uma alegoria autobiográfica, considerando tanto os paralelos entre a trajetória do autor e a de João quanto a intenção de representar uma experiência mais ampla de conversão. Em seguida, será examinada a formação religiosa de Lewis e sua experiência com uma religiosidade marcada pela culpa, pelo temor e pela dificuldade de corresponder às exigências que estabelecia para si mesmo. Por fim, serão abordadas as consequências desse processo para sua relação com o cristianismo, especialmente o afastamento da fé e a postura crítica que passou a assumir em relação à religião. Essa análise permitirá compreender as possíveis relações entre a experiência pessoal de Lewis e a representação literária do legalismo em seu romance.

³⁷ KEENER, 2017, p. 522.

³⁸ MOO, 2009, p. 1713.

³⁹ CALVINO, 2014, p. 288.

⁴⁰ WIERSBE, 2006, p. 700.

⁴¹ MOO, 2009, p. 1714.

3.1 Uma alegoria autobiográfica?

Grande parte dos estudiosos de C. S. Lewis defende que *O regresso do peregrino* se trata de “um relato alegórico da sua conversão”.⁴² Alister MacGrath defende que, no romance, Lewis explica como chegou à fé e, não apenas isso, mas também fala de seus desafios ao longo do caminho; logo, seria muito mais uma ilustração da jornada de conversão do autor do que uma defesa da fé cristã.⁴³

No entanto, existem argumentos contrários a esta ideia. Em primeiro lugar, o próprio Lewis nega que desejou escrever algo do tipo: “Eu estava tentando generalizar, não contar às pessoas sobre minha vida”.⁴⁴ Ou seja, ele não queria representar-se através de João, mas ilustrar um processo de conversão geral para os leitores se identificarem. Em segundo lugar, Rangel Júnior afirma que João segue a tradição medieval do *Everyman* (Todo mundo), uma personagem dos teatros da época que funcionava como “um representante do próprio gênero humano”.⁴⁵ Assim, novamente é possível afirmar que Lewis desejava representar não somente o seu processo de conversão, mas um processo que poderia ser semelhante ao de qualquer pessoa.

Uma possibilidade de resposta para essa questão consiste em não, necessariamente, negar nenhuma das duas visões. Assim, por mais que Lewis não desejasse escrever uma alegoria autobiográfica, são inegáveis os paralelos que podem ser encontrados entre a vida de João e a história do autor. Situações como os dilemas filosóficos e morais, a negação pública da fé e o envolvimento com o paganismo não atingem a maioria das pessoas, mas atingiram C. S. Lewis.

Dessa maneira, apesar de objetivar a criação de um *Everyman* que representasse toda a humanidade, Lewis utilizou a si mesmo como maior exemplo do processo de conversão à fé em Deus. E parte das situações que envolvem a chegada de Lewis à fé em Deus, passando por um longo período de ateísmo, diz respeito à experiência religiosa moralista e legalista a qual foi submetido em sua infância e adolescência.

⁴² MCGRATH, ALISTER E. “C. S. Lewis: a apologética imaginativa de um convertido relutante”. In: FORREST, Benjamin K.; CHATRAW, Joshua D.; MCGRATH, Alister E. (orgs). **A história da apologética**: uma introdução biográfica e metodológica. Tradução de Leandro Bachega e Daniel Kroker. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022, p. 730. Cf. DOWNING, David. **C. S. Lewis**: o mais relutante dos convertidos. Tradução de Almiro Pisetta e Fernando Dantas. São Paulo: Vida, 2006, p. 48; GREGGERSEN, Gabriele. “Prefácio à edição brasileira”. In: DOWNING, David. **C. S. Lewis**: o mais relutante dos convertidos. Tradução de Almiro Pisetta e Fernando Dantas. São Paulo: Vida, 2006, p. 10; MACHADO, Diogo Miguel Mota Carmo Gonçalves. **Esperança, Transposição e Glória**: uma abordagem temática à Escatologia de Clive Staples Lewis. Dissertação (Mestrado Integrado em Teologia). Universidade Católica Portuguesa: Lisboa, 2019, p. 12.

⁴³ MCGRATH, ALISTER E. **Deep Magic, dragons and talking mice**: how reading C. S. Lewis can change your life. London: Hodder & Stoughton, 2014. E-book Kindle, 675 KB.

⁴⁴ LEWIS, C. S. “Prefácio à terceira edição”. In: LEWIS, C. S. **O regresso do Peregrino**. Uma defesa alegórica do cristianismo, da razão e do romantismo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022b, p. 28.

⁴⁵ RANGEL JUNIOR, 2020, p. 79-86.

3.2 A religiosidade de Lewis e sua chegada ao ateísmo

“Nasci no inverno de 1898, em Belfast, filho de um advogado e da filha de um pastor”,⁴⁶ essa é a frase de abertura da autobiografia de C. S. Lewis, *Surprised by joy* (Surpreendido pela alegria) (1947). Por ser neto de um pastor, é de se esperar que Lewis tivesse a questão religiosa presente em sua vida. Thomas Hamilton, avô materno de Lewis, era pároco na Igreja Anglicana de São Marcos, e o garoto acompanhava sua família aos domingos quando frequentavam tal comunidade.⁴⁷ Todavia, frequentar uma igreja não significa, necessariamente, possuir fé em Deus, e, “se Lewis teve alguma fé cristã na fase inicial de sua vida, não demorou para perdê-la”.⁴⁸

David Downing afirma que Lewis, quando entrou na adolescência, desenvolveu “uma vida religiosa que se apresentou primeiramente opressiva e, depois, irrelevante”.⁴⁹ Isso se deu, em parte, graças ao tempo que o mesmo passou na Escola Wynyard (1908-1910). Lewis relata, em sua autobiografia, que, numa manhã qualquer, vestiu uma roupa que o deixou “sufocado, suando, sentindo comichões [...], estrangulado por um colarinho engomado, os pés já doendo dentro das botas novas”.⁵⁰ Esta descrição se assemelha muito à que faz de João quando ele vai receber a lista de regras: “João foi obrigado a vestir roupas novas. Eram as roupas mais feias que já foram colocadas nele e com as quais ele nem se incomodou, mas elas também pinicavam seu queixo e eram apertadas nos braços, o que o deixou bastante incomodado e com coceiras por todo o corpo”.⁵¹

Uma vez que Wynyard obrigava seus alunos a comparecer na Igreja Anglicana, Lewis relata que lá se tornou, pela primeira vez, um crente competente, pois ouvia as doutrinas do cristianismo de homens que realmente criam nelas.⁵² Todavia, também admite que sua experiência religiosa nesse período foi marcada pelo temor: “Eu temia por minha alma, especialmente em certas noites de luar resplandecente naquele dormitório sem cortinas. [...] Comecei com seriedade a orar, a ler minha Bíblia e tentar obedecer à minha consciência. A religião figurava entre os assuntos que debatíamos com frequência”⁵³. Downing escreve que as crenças recém-descobertas de Lewis lhe causaram apenas autocondenação, pois o mesmo vivia preso num legalismo particular, nunca acreditando que suas preces eram boas o bastante para Deus, logo, “o garotinho solitário aprisionou-se em uma religião da culpa, não da graça”.⁵⁴

⁴⁶ LEWIS, C. S. **Surpreendido pela alegria**. Tradução de Eduardo Pereira e Ferreira. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021c, p. 13.

⁴⁷ DURIEZ, Colin. **J. R. R. Tolkien e C. S. Lewis: o dom da amizade**. Tradução de Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018, p. 24; MIRANDA, Vinicius A.; GREGGERSEN, Gabriele. **O outro nome de Aslam: a simbologia bíblica nas Crônicas de Nárnia**. Osasco: 100% Cristão, 2019, p. 14.

⁴⁸ MCGRATH, 2022, p. 729.

⁴⁹ DOWNING, 2006, p. 40.

⁵⁰ LEWIS, 2021c, p. 33.

⁵¹ LEWIS, 2022a, p. 32.

⁵² LEWIS, 2021c, p. 45.

⁵³ LEWIS, 2021c, p. 46.

⁵⁴ DOWNING, 2006, p. 50.

A experiência religiosa de Lewis em sua próxima escola, a Cherbourg School (1911-1913), não foi muito diferente da primeira. Aliás, é possível que tenha sido pior, pois ele admite que foi ali que deixou de ser cristão.⁵⁵ Segundo ele, nesse período já estava “desesperadamente ansioso” para se “livrar da religião”, e o motivo é que o mesmo havia transformado sua devoção pessoal “num fardo quase intolerável”.⁵⁶ Lewis estabeleceu um padrão espiritual tão elevado para si mesmo no que diz respeito à oração que, percebendo ser impossível alcançar, a solução que encontrou foi deixar toda fé para trás.

Por fim, o próprio Lewis admite: “e assim, pouco a pouco, com flutuações que não posso hoje precisar, tornei-me apóstata, abandonando minha fé sem nenhum senso de perda, mas com o maior alívio”.⁵⁷ Então, é possível notar que um dos principais motivos que levou Lewis ao ateísmo foi a experiência religiosa legalista e negativa a qual foi submetido no início de sua adolescência. O que se relaciona diretamente com a experiência de João, de *O regresso do peregrino*, e a descrita por Paulo, em Romanos 7. A seguir, serão desenvolvidas as consequências do abandono da fé cristã por C. S. Lewis.

3.3 As consequências do ateísmo de C. S. Lewis

Até 1929, ano em que iniciou seu processo de conversão, Lewis demonstrava um grande desprezo pela religião, em especial pelo cristianismo. Em 12 de outubro de 1916, Lewis escreve para seu amigo Arthur Greeves que não acredita em nenhuma religião.⁵⁸ Para ele, não havia prova da veracidade de nenhuma religião, e, “de um ponto de vista filosófico, o cristianismo não é nem mesmo a melhor delas”.⁵⁹ Ao longo de toda correspondência entre Lewis e Greeves no período em questão, o primeiro sempre desviava dos assuntos principais para zombar do cristianismo seguido pelo seu amigo.⁶⁰

Já em carta endereçada à seu irmão mais velho, Warren, em 20 de abril de 1921, chama os hebreus de “primitivos classe A”.⁶¹ Em seu diário pessoal, em especial em registros do ano de 1922, também apresenta seu desprezo: 1) em 11 de junho, afirma de a Bíblia e o Livro de Oração Comum eram considerados ortodoxos apenas por pessoas antiquadas;⁶² 2) em 31 de agosto, chama o Exército da Salvação de “banda infernal”;⁶³ e, 3) em 18 de outubro, critica os autores bíblicos afirmando que “se tem muito pouco ensinamento definido nos Evangelhos: os escritores aparentemente viram algo esmagador, mas foram incapazes de reproduzi-lo”.⁶⁴ Por fim, em outra de suas cartas, endereçadas a seu próprio pai, em 31 de março de 1928,

⁵⁵ LEWIS, 2021c, p. 72.

⁵⁶ LEWIS, 2021c, p. 74.

⁵⁷ LEWIS, 2021c, p. 79.

⁵⁸ LEWIS, 2021a, p. 64.

⁵⁹ LEWIS, 2021a, p. 64.

⁶⁰ DOWNING, 2006, p. 66.

⁶¹ LEWIS, 2021a, p. 153.

⁶² LEWIS, C. S. **Todo meu caminho diante de mim**. Tradução de Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, p. 76.

⁶³ LEWIS, 2020, p. 138.

⁶⁴ LEWIS, 2020, p. 169.

reclama de um avivamento religioso que acontecia em Oxford, afirmando que, caso alguém tentasse suprimir tal movimento, “só o que vai conseguir é criar mártires”.⁶⁵

Dessa maneira, é possível notar como a experiência negativa de Lewis com uma visão legalista do cristianismo em sua adolescência gerou sérias consequências para sua vida espiritual. Ao interpretar a religião cristã como um sistema moralista de regras de comportamento que nunca serão plenamente cumpridas, Lewis desenvolve aversão pela mesma, sentindo-se em paz, finalmente, quando abandona sua fé. Novamente, algo muito semelhante com o que acontece com sua personagem de *O regresso do peregrino*.⁶⁶

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O regresso do peregrino trata-se de uma obra que se inicia demonstrando a angústia de um garoto submetido a um sistema legalista de vida e religião. A partir do momento que João descobre que sua relação com o Proprietário é condicionada pelo cumprimento cego de inúmeras normas, e a condenação ao Buraco Negro é um castigo imposto pelo mesmo, os únicos sentimentos gerados dessa situação são temor, desespero e frustração:

Está claro que, no entendimento do Lewis mais velho, esse é o tipo de ensinamento do qual uma pessoa necessita fugir a fim de chegar à fé verdadeira. O Encarregado [Mordomo] não oferece salvação por meio da graça obtida pela fé, mas, em vez disso, um código legalista abrangente, tão detalhado e arbitrário que somente pode levar à exaustão moral ou à hipocrisia.⁶⁷

Enquanto isso, o apóstolo Paulo, no capítulo 7 da Epístola aos Romanos, apresenta a imagem de alguém que passa por situação semelhante. Independente se ele narra sua própria história ou faz alusão da história de Israel como um todo, a conclusão é a mesma: o relacionamento legalista com a Lei de Deus não oferece nenhum tipo de conforto, apenas o mesmo sentimento de João, a frustração e o medo da condenação.

Por fim, o próprio Lewis relata que sua vida religiosa, por muito tempo, também foi pautada num sistema legalista e moralista que não lhe oferecia nenhum alento. Quando garoto, era obrigado a frequentar uma comunidade de fé marcada pelo legalismo e, após isso, estabeleceu para si mesmo padrões morais e religiosos que não conseguia cumprir. As consequências dessa relação com a religião foi o afastamento de Lewis de sua vida com Deus e um longo período de ateísmo por parte dele.

Dessa maneira, é possível perceber como as três situações aqui apresentadas se relacionam: a personagem João, o apóstolo Paulo e C. S. Lewis relatam as consequências negativas que uma experiência legalista pode gerar em alguém. Logo, destaca-se, também, a maneira como Lewis utiliza-se de sua Literatura Imaginativa para ilustrar o erro de uma relação legalista com a Lei de Deus, bem como sua própria experiência com um sistema religioso também marcado pelo extremo legalismo e moralismo.

⁶⁵ LEWIS, 2021a, p. 209.

⁶⁶ LEWIS, 2022a, p. 59.

⁶⁷ DOWNING, 2006, p. 49.

REFERÊNCIAS

CALDAS FILHO, C. R.; LIMA, E. A. S. A teologia imaginativa de C. S. Lewis: O sobrinho do mago e a visão lewisiana da criação. **Caminhos**, v. 18, p. 840-858, 2020.

CALVINO, João. **Romanos**. Tradução de Valter Graciano Martins. São José dos Campos: Fiel, 2014.

DOWNING, David. **C. S. Lewis: o mais relutante dos convertidos**. Tradução de Almiro Pisetta e Fernando Dantas. São Paulo: Vida, 2006.

DURIEZ, Colin. **J. R. R. Tolkien e C. S. Lewis: o dom da amizade**. Tradução de Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

GREGGERSEN, Gabriele. “Prefácio à edição brasileira”. In: DOWNING, David. **C. S. Lewis: o mais relutante dos convertidos**. Tradução de Almiro Pisetta e Fernando Dantas. São Paulo: Vida, 2006, p. 9-10.

JASPER, David. “The Pilgrim’s Regress e Surprised by Joy”. In: MACSWAIN, Robert; WARD, Michael (Orgs.). **C. S. Lewis: além do universo mágico de Nárnia**. Tradução de Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2015, p. 279-295.

KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**. Novo Testamento. Tradução de Josá Gabriel Said e Thomas Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017.

LEWIS, C. S. “Prefácio à terceira edição”. In: LEWIS, C. S. **O regresso do Peregrino**. Uma defesa alegórica do cristianismo, da razão e do romantismo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022b, p. 15-28.

LEWIS, C. S. **Cartas de C. S. Lewis**. Tradução de Gabriele Greggersen. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021a.

LEWIS, C. S. **O problema da dor**. Tradução de Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021b.

LEWIS, C. S. **O regresso do Peregrino**. Uma defesa alegórica do cristianismo, da razão e do romantismo. Tradução de Jorge Camargo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022a.

LEWIS, C. S. **Surpreendido pela alegria**. Tradução de Eduardo Pereira e Ferreira. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021c.

LEWIS, C. S. **Todo meu caminho diante de mim**. Tradução de Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

MACHADO, Diogo Miguel Mota Carmo Gonçalves. **Esperança, Transposição e Glória: uma abordagem temática à Escatologia de Clive Staples Lewis**. Dissertação (Mestrado Integrado em Teologia). Universidade Católica Portuguesa: Lisboa, 2019.

MCGRATH, ALISTER E. “C. S. Lewis: a apologética imaginativa de um convertido relutante”. In: FORREST, Benjamin K.; CHATRAW, Joshua D.; MCGRATH, Alister E. (orgs.). **A história da**

apologética: uma introdução biográfica e metodológica. Tradução de Leandro Bachega e Daniel Kroker. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022, p. 729-745.

MCGRATH, ALISTER E. **A vida de C. S. Lewis**: do ateísmo às terras de Nárnia. Tradução de Almiro Pisetta. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

MCGRATH, ALISTER E. **Deep Magic, dragons and talking mice**: how reading C. S. Lewis can change your life. London: Hodder & Stoughton, 2014. E-book Kindle, 675 KB.

MEISTER, Mauro. **Lei e graça**. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

MIRANDA, Vinicius A.; GREGGERSEN, Gabriele. **O outro nome de Aslam**: a simbologia bíblica nas Crônicas de Nárnia. Osasco: 100% Cristão, 2019.

MOO, Douglas J. “Romanos”. In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário Bíblico**: Nova Vida. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1678-1745.

PATE, C. Mavin. **Romanos**. Tradução de Suzana Klassen e Vanderlei Ortigosa. São Paulo: Vida Nova, 2015. (Série Comentário Expositivo).

PIPER, John. “C. S. Lewis. Racionalista Romântico: como os caminhos até Cristo moldaram sua vida e seu ministério”. In: MATHIS, David; PIPER, John (Orgs.). **O racionalista romântico**. Tradução de David Portela. Brasília, DF: Monergismo, 2017, p. 23-46.

RANGEL JUNIOR, José Luiz Coelho. **Metáfora e imaginação poética na obra crítica de C. S. Lewis**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Departamento de Letras, 2020.

STOTT, John. **A mensagem de Romanos**. Tradução de Silêda e Marcos D. S. Steuernagel. São Paulo: ABU, 2017. (Coleção A Bíblia fala hoje).

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Novo Testamento I. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v10.n2.006



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

JUÍZES 19 E A GRAÇA SOBERANA DE DEUS

Judges 19 and the Sovereign grace of God

Marivete Zanoni Kunz¹

Stevan Garcia da Luz²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar o relato de Juízes 19, considerando seu contexto histórico, literário e teológico no conjunto do livro de Juízes, com ênfase na violência praticada contra a concubina de um levita, na omissão dos personagens envolvidos e nas consequências dos acontecimentos para o povo de Israel. Inicialmente, apresenta-se um panorama geral do livro, abordando sua estrutura, autoria, datação e contexto histórico. Em seguida, examinam-se as atitudes do levita, do anfitrião e dos homens de Gibeá, destacando a gravidade da violência sexual, a negligência em relação à proteção da mulher e a crise moral e religiosa retratada na narrativa. Para a fundamentação, são utilizadas obras de referência sobre o Antigo Testamento e comentários bíblicos, entre elas as de Cundall e Morris, Ellisen, Mesquita, Wiersbe e o Comentário Bíblico Beacon. Por fim, o artigo propõe uma reflexão teológica sobre a misericórdia e o juízo divinos diante da gravidade do pecado. Conclui-se que Juízes 19 evidencia a profunda desordem moral e social de Israel e alerta para as consequências da violência, da omissão e da ausência de responsabilidade diante da injustiça. A interpretação da misericórdia divina, por sua vez, requer cautela, uma vez que o texto não

¹ Marivete Zanoni Kunz é licenciada em Pedagogia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ) e bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Paraná. Possui mestrado e doutorado em Teologia, com ênfase em Bíblia, pela Escola Superior de Teologia (EST), e pós-doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). É professora da Faculdade Batista Pioneira, em Ijuí/RS, e das Faculdades Batista do Paraná, em Curitiba/PR. Atua também como editora responsável da revista Ensaaios Teológicos. ORCID: <https://orcid.org/0000-00016833-5753>. E-mail: marivete@batistapioneira.edu.br; professora.marivete@fabapar.com.br

² Stevan Garcia da Luz é bacharelando em Teologia na Faculdade Batista Pioneira, seminarista na Igreja Batista Independente de Ijuí. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-6132-9997>. E-mail: stevangluz@gmail.com

afirma explicitamente que Gibeá tenha deixado de ser destruída imediatamente por uma intervenção misericordiosa de Deus.

Palavras-chave: Antigo Testamento. Misericórdia. Históricos. Graça. Juízes.

ABSTRACT

This article aims to analyze Judges 19 in its historical, literary, and theological context within the Book of Judges, focusing on the violence committed against a Levite's concubine, the failure of the characters involved to protect her, and the consequences of these events for the people of Israel. First, the article presents an overview of the book, addressing its structure, authorship, dating, and historical context. It then examines the actions of the Levite, the host, and the men of Gibeah, highlighting the severity of the sexual violence, the failure to protect the woman, and the moral and religious crisis portrayed in the narrative. The study draws on reference works on the Old Testament and biblical commentaries, including those by Cundall and Morris, Ellisen, Mesquita, Wiersbe, and the Beacon Bible Commentary. Finally, the article offers a theological reflection on divine mercy and judgment in the face of human sin. It concludes that Judges 19 portrays Israel's profound moral and social disorder and warns of the consequences of violence, omission, and the failure to take responsibility for injustice. The interpretation of divine mercy, however, requires caution, since the text does not explicitly state that Gibeah was spared immediate destruction through a merciful intervention by God.

Keywords: Old Testament. Compassion. Historical. Grace. Judges.

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

A Bíblia Hebraica está organizada em três grandes seções: a Lei (Torá), os Profetas (Nevi'im) e os Escritos (Ketuvim). O livro de Juízes integra a segunda seção e apresenta um período da história de Israel marcado por instabilidade política, infidelidade religiosa e conflitos sociais. Nesse contexto, Juízes 19 constitui uma das narrativas mais perturbadoras do livro, ao retratar a violência praticada contra uma mulher, a omissão e a responsabilidade dos personagens envolvidos e a progressiva desintegração das relações sociais em Israel.

Este artigo tem como objetivo analisar Juízes 19, considerando o contexto histórico e literário da narrativa, as ações do levita e dos cidadãos de Gibeá e as consequências da violência descrita. A análise dará atenção especial ao tratamento dispensado à concubina, à conduta do levita antes e depois dos acontecimentos e à sua decisão de desmembrar o corpo da mulher e enviar os doze pedaços às tribos de Israel. Busca-se mostrar como essas ações contribuem para o desenvolvimento da narrativa e para a construção de seu significado teológico.

Além disso, serão examinadas as atitudes dos habitantes de Gibeá, os fatores que ajudam a compreender a gravidade dos acontecimentos. A investigação também considerará as implicações teológicas da narrativa, especialmente no que diz respeito à degradação moral e social retratada no capítulo e à responsabilidade individual e coletiva diante da violência. Por fim, será apresentada uma breve reflexão sobre a misericórdia de Deus e a possível

contribuição do texto para a atualidade, considerando as formas de violência e a responsabilidade da sociedade diante de situações de injustiça.

1. PANORAMA GERAL DE JUÍZES

Trazendo à tona a época dos juízes se faz a menção a frase “Naqueles dias, Israel não tinha rei; cada um fazia o que parecia certo a seus próprios olhos”.³ Israel teve alguns juízes (maiores e menores) que governaram o povo por breves períodos. Depois de alguns juízes governarem o povo de Israel, toda a nação ficou desamparada pela falta de um líder. O povo também estava desamparado pois não buscava a Deus, mas havia idolatria a deuses gerando a depravação moral do ser humano.

A narrativa do livro de Juízes evidencia um padrão recorrente na relação entre Israel e Deus: o afastamento do povo, a opressão por povos inimigos, o clamor por socorro e o surgimento de um juiz para promover a libertação. Entretanto, a libertação proporcionada por esses líderes não resultava em uma transformação duradoura da conduta do povo. Ao longo do livro, a recorrência desse padrão demonstra a persistência da infidelidade religiosa e a dificuldade de Israel em permanecer fiel à aliança estabelecida com Deus. Desse modo, o problema apresentado não se restringe à ausência de uma liderança política centralizada, mas envolve também a deterioração da relação do povo com Deus e suas consequências para a vida comunitária.

O livro de juízes é dividido em três grandes partes. A primeira contém o prólogo com duas divisões: uma introdução que registra a morte de Josué e a segunda parte apresenta indivíduos que mantiveram acesa a chama da conquista, mesmo em um período caótico.⁴ A segunda parte de Juízes é voltada aos ciclos de liderança de diversos juízes, destacando nomes como Otoniel, Eúde, Débora, Gideão, Jefté, Sansão e outros. Também há nesta parte o relato de juízes nos quais os relatos são mais sucintos.⁵ A terceira e última parte do livro de Juízes é chamada de Epílogo e tem o objetivo de destacar o fracasso histórico e teológico de Israel. Os capítulos finais de Juízes apresentam episódios que evidenciam a desordem religiosa, social e moral de Israel. Nesse contexto, Juízes 19 se destaca pela violência praticada contra a concubina do levita e pela reação que o acontecimento provoca entre as tribos israelitas. O relato contribui, assim, para evidenciar a gravidade da crise apresentada no encerramento do livro.

A expressão recorrente de que Israel não tinha rei e de que cada um fazia o que parecia certo aos próprios olhos funciona como uma chave interpretativa para compreender os episódios finais do livro. Essa afirmação não descreve apenas a ausência de uma autoridade monárquica, mas também evidencia uma situação de desordem na qual as ações individuais e coletivas revelam o enfraquecimento das referências religiosas e sociais que deveriam orientar o povo. Os capítulos 17–21 apresentam acontecimentos que envolvem desvio religioso, conflitos e violência, mostrando que a crise de Israel alcançava diferentes dimensões

³ MUNDO CRISTÃO. **Bíblia de estudo NVT**. São Paulo: Mundo Cristão, 2016, p. 400.

⁴ Bíblia de Estudo NVT, 2016, p. 400.

⁵ Bíblia de Estudo NVT, 2016, p. 400.

da vida comunitária. Assim, a narrativa de Juízes 19 deve ser compreendida não como um episódio isolado, mas como parte de uma sequência literária que expõe a gravidade da condição moral e social de Israel no período retratado.

1.1 Datação e autoria

Quanto a sua datação não há uma data específica em que o texto foi escrito, todavia uma data possível é antes da captura de Jerusalém, pois os jebuseus ainda controlavam o local.⁶ Entretanto, essa informação, por si só, não permite estabelecer uma data precisa para a composição de todo o livro. O texto não apresenta uma sequência estritamente cronológica dos acontecimentos, mas reúne relatos de diferentes episódios que marcaram a história do povo de Israel durante o período dos juízes.⁷ Esses relatos evidenciam as dificuldades enfrentadas pelas tribos israelitas, especialmente em relação à infidelidade a Deus, às consequências de suas transgressões e à atuação dos juízes como instrumentos de libertação do povo.

Quanto ao autor observa-se que ele tinha plena convicção de que a mão divina cuidava do povo e por isto evidencia no seu registro as transgressões do povo contra Deus.⁸ Entretanto, ao longo do livro, não é mencionado o nome de quem reuniu ou registrou os relatos. Embora alguns nomes tenham sido cogitados, não existem referências suficientes no próprio texto para identificar com segurança seu autor.⁹ Entre as possibilidades levantadas, alguns estudiosos supõem que os próprios juízes possam ter registrado acontecimentos relacionados à sua atuação; outros atribuem a autoria a personagens como Fineias, Ezequias ou Esdras. O Talmude, por sua vez, associa a autoria do livro a Samuel.¹⁰ Entretanto, não existe fontes necessárias para se confirmar a autoria de algum nome, por isto o autor de Juízes se encontra em anonimato.

1.2 Contexto específico de Juízes 19

O relato de Juízes 19 pode parecer deslocado e de difícil compreensão no conjunto do cânon bíblico. Entretanto, a Bíblia não omite as derrotas nem oculta as falhas do povo de Israel, mas as apresenta de maneira explícita, evidenciando a gravidade de suas transgressões e suas consequências.¹¹ A depravação moral retratada nesse relato evidencia a gravidade da situação vivida por Israel naquele contexto e em diferentes momentos de sua história. Dominado por seus próprios pecados, o povo demonstrava estar moralmente cego, incapaz de reconhecer a gravidade de suas ações. O relato bíblico mostra, assim, que o povo de Deus também pode chegar a praticar atos desumanos e pecaminosos quando se afasta dos princípios divinos.

⁶ MACARTHUR, John. **Comentário bíblico de Gênesis a Apocalipse, versículo por versículo**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019, p. 258.

⁷ MEYER, F. B. **Comentário bíblico F. B. Meyer**. Belo Horizonte: Betânia, 2002, p. 115.

⁸ MESQUITA, 1973, p. 155.

⁹ MESQUITA, Antônio Neves. **Estudo nos livros de Josué, Juízes e Rute**. Rio de Janeiro: JUERP, 1973, p. 155.

¹⁰ BEACON. **Comentário bíblico Beacon**. Rio de Janeiro: CPAD, 2022, p. 91.

¹¹ MESQUITA, 1973, p. 215.

No capítulo 19, o autor destaca a viagem de um levita que foi ao encontro de sua concubina. No caminho de volta, eles decidiram repousar em Gibeá. Após procurarem abrigo na cidade e não encontrarem hospitalidade, preparavam-se para passar a noite na rua.¹² Encerrando se o dia rodeando a cidade de Gibeá e já cansado de procurar, o autor do texto relata que se sentaram na praça da cidade. Quando um homem idoso se compadeceu do levita e, embora não fosse benjamita, mas pertencesse à tribo de Efraim e apenas residisse em Gibeá, ofereceu-lhes abrigo em sua casa. Este homem não era natural da região de Gibeá, das regiões montanhosas de Efraim da mesma região em que o levita vinha.¹³

Este senhor, em tom de urgência, os convidou para irem até sua insistindo, para que não passassem a noite na praça.¹⁴ Sua atitude parece antecipar a gravidade do que estava prestes a acontecer. O levita, por costume tradição, esperava receber hospitalidade dos habitantes da cidade, não encontrou acolhimento por parte deles. Todavia a população desta cidade não abriu a porta para a hospitalidade, mas sim para a imoralidade.¹⁵ Este senhor cujo nome não é descrito no relato bíblico, tornou-se alvo de um grupo de homens perversos daquela cidade.¹⁶ Os acontecimentos daquela noite culminaram em violência sexual e findou-se em estupro seguido de assassinato. A narrativa evidencia, assim, a profunda degradação moral retratada no livro de Juízes e prepara o leitor para compreender as graves consequências dessa violência no restante do relato.

Para compreender a gravidade desse episódio, é necessário observar não apenas a violência praticada pelos homens de Gibeá, mas também as atitudes do levita e do anfitrião, cujas decisões fazem parte do cenário de desproteção da mulher. A narrativa apresenta, portanto, diferentes formas de omissão e violência que precisam ser consideradas em conjunto.

2. O PECADO, A VIOLÊNCIA E A MISERICÓRDIA DE DEUS EM JUÍZES 19

Naquele período, o povo vivia em um contexto de instabilidade moral e religiosa. A falta de uma liderança centralizada e o afastamento dos mandamentos de Deus contribuíam para a desordem social e religiosa. Nesse cenário, as funções dos sacerdotes e levitas, relacionadas ao serviço religioso, aparecem em meio a práticas que revelam o enfraquecimento da fidelidade do povo a Deus.

Neste tempo não havia Rei em Israel, sacerdotes perderam seus empregos e com as faltas de prioridade com os cultos os levitas perderam suas funções.¹⁷ Nesse contexto, o povo se afastou de Deus, evidenciando sua infidelidade por meio da idolatria e de ações orientadas por seus próprios interesses, sem considerar os princípios estabelecidos por Deus.

¹² BEACON, 2022, p. 150.

¹³ Bíblia de Estudo NVT, 2016, p. 434.

¹⁴ Bíblia de Estudo NVT, 2016, p. 434.

¹⁵ MACARTHUR, 2019, p. 272.

¹⁶ MACARTHUR, 2019, P. 273.

¹⁷ MESQUITA, 1973, p. 219.

No texto em questão vemos o relato de um levita que tomou para si uma concubina.¹⁸ A definição de concubina está relacionada à de uma esposa de condição inferior, cuja relação também era contemplada por determinadas disposições da lei mosaica. O homem mencionado no relato bíblico pertencia à tribo de Levi, cujos integrantes eram responsáveis por preservar a santidade do povo.¹⁹ Também desempenhavam funções relacionadas ao serviço no tabernáculo e aos sacrifícios, dedicando-se às atividades religiosas estabelecidas para essa tribo.²⁰

O termo em específico para concubina está relacionado à condição de uma mulher que ocupava uma posição conjugal distinta daquela da esposa principal, ou seja, de uma segunda esposa em condição inferior.²¹ Em determinados contextos do Antigo Testamento, a presença de várias mulheres na casa de um homem podia estar associada à riqueza e à autoridade. Apesar de que os sacerdotes tinham autorização para se casar, e tomarem concubinas para si, esta ação não era aprovada por Deus. No relato de Juízes 19, a condição da concubina torna-se especialmente relevante diante da maneira como ela é tratada pelo levita e pelos demais homens envolvidos nos acontecimentos.

2.1 O levita e o tratamento com sua concubina

O marido dentro de um relacionamento conjugal tem o papel de proteger a seu cônjuge, espera-se que o marido proteja sua esposa e zele por seu bem-estar. Este tópico tratará das ações do levita, suas consequências e a atitude que ele deveria ter tomado, mas não tomou, diante da situação relatada no capítulo 19.

2.1.1 Suas ações e consequências

Tanto o anfitrião da casa quanto o levita tinham a obrigação de proteger as mulheres que estavam dentro da casa sob seus cuidados. Todavia, observa-se uma visão corrompida em relação as mulheres, pois tiveram a infame ideia de oferecer a filha e a concubina do levita aos homens que estavam do lado de fora da casa.²² Ao olhar especificamente a perspectiva do levita a situação se agrava ainda mais tendo em vista a responsabilidade de um levita para o cuidado do povo.

Este homem que teria como seu objetivo de vida servir a Deus e sua função primária era de promover a santidade do povo,²³ tomou uma decisão por medo, fraqueza e de uma inimaginável covardia.²⁴ À luz do texto bíblico, não é possível determinar com certeza se ele passou a noite dormindo ou se permaneceu deitado por medo dos homens de Gibeá.²⁵ O relato, contudo, evidencia que ele não impediu a violência contra sua concubina. A postura

¹⁸ BEACON, 2022, p. 149.

¹⁹ GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida, 2005, p. 409.

²⁰ BRAND, Chand; DRAPER, Charles; ENGLAND, Archie. **Dicionário bíblico ilustrado**. São Paulo: Vida, 2018, p. 1004.

²¹ BRAND; DRAPER; ENGLAND, 2018, p. 360.

²² MACARTHUR, 2019, p. 273.

²³ GARDNER, 2005, p. 410.

²⁴ MACARTHUR, 2019, p. 273.

²⁵ MACARTHUR, 2019, p. 273.

do levita também merece atenção em razão da maneira como a narrativa apresenta a concubina. Em Juízes 19.3, o texto informa que ele foi ao encontro da mulher com a intenção de falar-lhe ao coração, mas não registra o conteúdo da conversa nem esclarece como ela reagiu à iniciativa. Ao longo do episódio, a concubina é submetida a uma situação de extrema vulnerabilidade, sem que o levita cumpra o dever de protegê-la. Em vez de impedir a violência, ele permite que ela seja entregue aos homens de Gibeá, expondo-a a consequências devastadoras. Dessa forma, o relato evidencia a gravidade de sua omissão e a condição de desamparo a que a mulher foi submetida.

Tal cenário tem o triste término no Antigo Testamento. Noite findada em estupro, seguido de assassinato. O relato de Gibeá remete à narrativa de Sodoma, em Gênesis 19, uma cidade que foi dizimada pelo Senhor (Gn 19),²⁶ por atos de perversidade e pecado. A comparação evidencia a gravidade moral dos acontecimentos e mostra até que ponto a sociedade retratada em Juízes havia se afastado dos princípios de Deus. Apesar das semelhanças entre as duas narrativas, há um aspecto que merece destaque: em ambas, a hospitalidade, que deveria assegurar proteção ao visitante, é confrontada pela ameaça de violência sexual. Em Juízes 19, entretanto, a narrativa assume um papel particular no desenvolvimento do livro, pois a violência sofrida pela concubina desencadeia acontecimentos que ultrapassam os limites de Gibeá e atingem as tribos de Israel. O episódio deixa de ser apenas um crime cometido por determinados indivíduos e passa a expor uma crise que compromete a organização social e as relações entre os israelitas. A violência, assim, revela não somente a perversidade dos agressores, mas também a fragilidade dos mecanismos de proteção e justiça naquela sociedade.

As consequências das ações narradas não se limitam à morte da concubina. A decisão do levita de desmembrar o corpo e enviar os pedaços às tribos de Israel transforma a violência sofrida pela mulher em um instrumento de convocação e mobilização coletiva (Jz 19.29-30). O episódio provoca uma reação que ultrapassa os limites de Gibeá e desencadeia uma sequência de acontecimentos que culmina em um conflito entre as tribos de Israel (Jz 20-21). Desse modo, a narrativa evidencia a gravidade do crime e a dimensão da crise moral e social vivenciada pelo povo. A violência sofrida pela concubina constitui, assim, um elemento decisivo para o desenvolvimento dos acontecimentos finais do livro, expondo as consequências da degradação das relações sociais e da ausência de uma ordem capaz de impedir a propagação da violência.

2.1.2 A reação que biblicamente exigida

As ações destes homens são complexas e de difícil compreensão. Dentro de uma perspectiva bíblica, é difícil compreender como um homem pôde chegar ao ponto de entregar sua concubina para proteger a si mesmo.²⁷ Tamanha foi a perversidade do levita que não apenas entregou sua concubina para ser violentada durante toda a noite, como também se

²⁶ WIERSBE, Warren Wendel. **Comentário bíblico expositivo Wiersbe**. Santo André: Geográfica, 2006, Vol. 2, p. 163.

²⁷ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 163.

deitou e dormiu. Sua crueldade se evidencia ainda mais quando, após a morte da mulher, mutilou e profanou seu corpo, cortando-o em doze pedaços e enviando-os às doze tribos de Israel.²⁸ Isso ocasionou uma guerra em Israel, causando diversas mortes tanto de inocentes como de pessoas culpadas por tais crimes.

Suas ações refletem o seu caráter, e este caráter não condiz com a vida de um levita. A responsabilidade do levita deveria incluir a proteção de sua casa e de sua esposa. Entretanto, sua atitude no relato bíblico demonstra o contrário, pois ele não a protegeu diante da violência. Em sua carta aos Efésios, Paulo ensina que o marido deve amar sua esposa a ponto de estar disposto a entregar sua própria vida por ela, amando-a também como a si mesmo (Ef 5.21-33). Essa orientação evidencia o contraste entre o comportamento esperado no relacionamento conjugal e a atitude do levita, uma vez que, segundo o princípio bíblico, marido e esposa são unidos em uma só carne.²⁹ Embora o relato de Juízes 19 pertença a um contexto histórico distinto daquele abordado por Paulo em Efésios, a comparação permite refletir sobre a responsabilidade de cuidado e proteção nas relações conjugais. A atitude do levita contrasta com esse princípio, pois ele não protegeu a mulher que estava sob sua responsabilidade, contribuindo para que a violência contra ela se concretizasse.

A história poderia ter tido outro desfecho se tanto o levita quanto o anfitrião estivessem dispostos a se expor ao perigo para proteger as mulheres, em vez de permitir que fossem entregues à violência. Ainda assim, o anfitrião reconhece a gravidade da situação ao condenar a intenção dos homens como algo “mau” e uma “loucura”.³⁰ Assim, o relato evidencia a distância entre a conduta desses homens e os princípios de cuidado e responsabilidade que devem orientar as relações humanas.

2.2 O povo de Gibeá e seu pecado

Gibeá é semelhante a Sodoma em sua rotina diária de perversidade e pecado.³¹ Naquele contexto, era habitual que os moradores acolhessem viajantes e visitantes em suas casas, uma prática culturalmente valorizada. Nesse caso, o anfitrião não precisaria arcar com as despesas de alimentação, pois o levita levava mantimentos suficientes para si, seu servo, sua concubina e até mesmo para seus dois jumentos.³² Tamanha perversidade também poderia ser resultado da falta de disciplina dos jovens, o que contribuiu para que o povo de Gibeá se assemelhasse aos sodomitas.³³ Em todo relato de Juízes se vê que a corrupção moral e espiritual do povo, atingiu seus jovens e até mesmos os mais sábios os quais não buscavam a liderança que Deus aprovava.³⁴

Outro aspecto relevante é a responsabilidade dos habitantes de Gibeá diante da violência praticada na cidade. Em Juízes 19.22-25, o relato apresenta um grupo de homens

²⁸ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 164.

²⁹ Bíblia de Estudo NVT, 2016, p. 1937.

³⁰ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 163.

³¹ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 164.

³² MESQUITA, 1973, p. 220.

³³ ELLISEN, Stanley A. **Conheça melhor o Antigo Testamento**. São Paulo: Vida, 1991, p. 80.

³⁴ Bíblia de Estudo NVT, 2016, p. 402.

que exige ter relações sexuais com o viajante hospedado na casa. Diante da recusa, a situação culmina na entrega da concubina, que é submetida à violência durante a noite. A gravidade do episódio não está apenas na intenção dos agressores, mas também na violação dos deveres de proteção e hospitalidade que deveriam orientar o acolhimento de um viajante. A narrativa evidencia, assim, o contraste entre a prática culturalmente valorizada da hospitalidade e a conduta daqueles que transformam a presença de um visitante em ocasião para a violência.

O pecado cometido em Gibeá acabou contaminando a tribo de Benjamim e causando uma guerra em todo Israel.³⁵ Tal pecado quase ocasionou a extinção de uma das tribos de Israel, evidenciando a dimensão das consequências da violência e da resposta do povo ao ocorrido.³⁶ Desta tragédia é possível tirar algumas conclusões e lições. A primeira é que tomar uma posição defensiva quando se trata do pecado é notoriamente errado,³⁷ e deixar de reconhecer sua gravidade e de responsabilizar os envolvidos, contribui para a continuidade da injustiça. A segunda é que quando o povo busca por justiça própria há aumento drástico de violência. A busca por justiça desvinculada de uma avaliação cuidadosa e dos princípios de Deus pode resultar em mais violência, ampliando o sofrimento e as perdas. Essa reação é desenvolvida nos capítulos seguintes, quando as tribos de Israel se mobilizam contra Benjamim. A narrativa mostra que a violência inicial desencadeia novos conflitos e amplia o sofrimento, chegando a colocar em risco a continuidade de uma das tribos de Israel (Jz 20–21). Desse modo, o relato não apresenta apenas a perversidade dos homens de Gibeá, mas também as consequências coletivas de uma crise que envolve violência, indignação e decisões tomadas no decorrer do conflito.

Dessa forma, o capítulo 19 de Juízes apresenta não apenas a perversidade dos homens de Gibeá e a omissão do levita, mas também a profunda crise moral e religiosa vivida por Israel. O relato mostra como a violência, a falta de responsabilidade e as respostas movidas pela indignação podem produzir consequências devastadoras para toda a comunidade.

2.3 A misericórdia de Deus diante do pecado de Gibeá

A análise do pecado dos habitantes de Gibeá à luz de outros textos bíblicos permite estabelecer uma comparação com a narrativa de Sodoma, em Gênesis 19. Embora os dois relatos apresentem semelhanças quanto à ameaça de violência sexual contra hóspedes, seus desfechos são distintos. Em Gênesis, a destruição de Sodoma é apresentada como resultado da intervenção divina, enquanto Juízes 19 descreve a violência praticada em Gibeá e suas consequências para a comunidade israelita. O episódio revela uma situação de profunda degradação moral e social, na qual os deveres de proteção e hospitalidade são violados e a violência atinge uma pessoa vulnerável. A gravidade dos acontecimentos suscita, portanto, uma reflexão sobre o pecado, a responsabilidade humana e o juízo divino.

³⁵ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 162.

³⁶ ELISSEN, 1991, p. 80.

³⁷ ELISEN, 1991, p. 80.

Conforme a interpretação de Wiersbe, a situação de completa anarquia em que Israel se encontrava era tão grave que o povo merecia ser destruído. Percebe-se que não havia, naquele contexto, uma busca por Deus e por um relacionamento com Ele.³⁸

Em meio a tanto caos e desgraça Deus ainda se manteve misericordioso, apesar do povo se afastar Dele. Da mesma forma que o autor de Juízes apresenta as bênçãos de Deus em caso de obediência ele também apresenta as maldições de Deus em caso de desobediência.³⁹ Nesse cenário catastrófico, no qual os homens da cidade de Gibeá deveriam ser zelosos e agir com compaixão acolhendo o levita, mas ficaram atônitos com a visita e quiseram “conhecê-los” ou “ter relações sexuais” o que significa “abusar”.⁴⁰ Diante deste cenário, e caso específico, observa-se a misericórdia de Deus. A gravidade dos acontecimentos evidencia a perversidade dos homens e levanta a reflexão sobre o juízo divino diante do pecado. A ausência de uma destruição imediata de Gibeá por intervenção divina pode levar a uma reflexão sobre a misericórdia de Deus, embora o relato não apresente explicitamente essa interpretação.

No Novo Testamento, quando Paulo escreve aos Romanos a respeito da misericórdia de Deus, afirma: “Porque Deus disse a Moisés: ‘Terei misericórdia a quem eu quiser, e mostrarei compaixão a quem eu quiser’. Portanto, a misericórdia depende apenas de Deus, e não de nosso desejo nem de nossos esforços” (Rm 9.15-16). Paulo retoma Êxodo 33.19 a fim de mostrar que a misericórdia e sua compaixão são oferecidas de acordo com sua própria vontade, e não vindas de homens.⁴¹ Essa perspectiva contribui para a reflexão sobre a misericórdia divina, embora a passagem de Romanos não trate diretamente dos acontecimentos de Juízes 19. Assim, a leitura desses textos permite refletir sobre a gravidade do pecado e a soberania de Deus na manifestação de sua misericórdia, sem desconsiderar a responsabilidade humana pelas ações praticadas.

É necessário, contudo, considerar que o relato bíblico não atribui explicitamente à misericórdia divina a ausência de uma destruição imediata de Gibeá. Além disso, em Juízes 20, a cidade é atacada durante a guerra contra Benjamim, e o conflito resulta em grande perda de vidas. Por isso, a interpretação da misericórdia nesse episódio deve ser apresentada com cautela, considerando tanto a gravidade do pecado quanto os desdobramentos narrados nos capítulos seguintes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esta breve exposição do relato do capítulo 19 de Juízes vê-se a misericórdia de Deus em não destruir a cidade de Gibeá e o povo. Entende-se que quando o povo se afasta de Deus ele está propagando destruição e pode ser dizimado por conta de seu pecado, isso ficou evidente no relato dos atos do levita com a concubina e do povo de Gibeá. O levita deveria proteger sua esposa e o anfitrião, que também era da região de Efraim, proteger sua casa e

³⁸ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 162.

³⁹ ELISSEN, 1991, p. 78.

⁴⁰ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 163.

⁴¹ WIERSBE, 2006, vol. 1, p. 709.

sua filha o que não houve devido a depravação moral dos cidadãos desta região. Assim observa-se que quanto mais longe o povo está de Deus mais imoral o povo se torna.

Ao comparar esse episódio com o relato de Gênesis 19, percebe-se a semelhança entre a perversidade dos homens de Gibeá e a dos habitantes de Sodoma. Essa comparação permite refletir sobre a gravidade do pecado e o juízo divino, bem como sobre a misericórdia de Deus, embora o texto não afirme explicitamente que a cidade de Gibeá tenha sido poupada por esse motivo.

O levita deveria ter assumido a responsabilidade de proteger sua concubina, mas, em vez disso, permitiu que ela fosse entregue aos homens da cidade. Da mesma forma, o anfitrião, que também era da região montanhosa de Efraim, procurou oferecer hospitalidade ao levita, mas sua atitude de oferecer a própria filha e a concubina para evitar a violência contra o visitante também revela os limites de sua resposta diante daquela situação. Por sua vez, os homens de Gibeá demonstraram profunda perversidade ao rejeitar a hospitalidade e procurar abusar sexualmente do visitante. O resultado foi uma tragédia que culminou na morte da concubina e na profanação de seu corpo pelo levita.

Esses acontecimentos evidenciam que a degradação moral não se manifesta apenas nas ações daqueles que praticam diretamente a violência, mas também na omissão e nas decisões daqueles que deveriam proteger os mais vulneráveis. O relato mostra como a ausência de responsabilidade, a falta de compaixão e o desprezo pela vida humana contribuem para o agravamento da violência. Além disso, o capítulo se insere no contexto de um período marcado pela desordem em Israel, sintetizado pela afirmação de que não havia rei em Israel e de que cada um fazia o que parecia certo aos seus próprios olhos (Jz 21.25).

Dessa forma, Juízes 19 convida o leitor a refletir sobre as consequências do afastamento de Deus e sobre a necessidade de uma vida orientada por seus princípios. A narrativa evidencia a gravidade do pecado e a responsabilidade humana diante da violência e da injustiça. Ao mesmo tempo, a reflexão sobre a misericórdia divina deve considerar o conjunto do testemunho bíblico, no qual Deus se revela tanto como aquele que julga o pecado quanto como aquele que demonstra compaixão. Assim, o capítulo deixa um alerta sobre os efeitos devastadores da degradação moral e sobre a importância de cultivar a responsabilidade, a justiça e o cuidado com o próximo. A reflexão sobre esse episódio também desafia o leitor a avaliar como suas atitudes respondem à violência e à injustiça, especialmente quando aqueles que deveriam proteger os vulneráveis se omitem ou contribuem para o sofrimento. Nesse sentido, a responsabilidade, a compaixão e a busca pela justiça constituem aspectos importantes da reflexão sobre o relato.

REFERÊNCIAS

BEACON. **Comentário bíblico Beacon**. Rio de Janeiro: CPAD, 2022.

BRAND, Chand; DRAPER, Charles; ENGLAND, Archie. **Dicionário bíblico ilustrado**. São Paulo: Vida, 2018.

CUNDALL, Arthur E.; MORRIS, Leon. **Juízes e Rute**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

ELLISEN, Stanley A. **Conheça melhor o Antigo Testamento**. São Paulo: Vida, 1991.

GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida, 2005.

MACARTHUR, John. **Comentário bíblico de Gênesis a Apocalipse, versículo por versículo**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

MESQUITA, Antônio Neves. **Estudo nos livros de Josué, Juízes e Rute**. Rio de Janeiro: JUERP, 1973.

MEYER, F. B. **Comentário bíblico F. B. Meyer**. Belo Horizonte: Betânia, 2002.

MUNDO CRISTÃO. **Bíblia de estudo NVT**. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

WIERSBE, Warren Wendel. **Comentário bíblico expositivo Wiersbe**. Santo André: Geográfica, 2006.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v10.n2.007



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

REFLEXÕES TEOLÓGICAS: O CUSTO DO DISCIPULADO, O JOVEM RICO, A NARRATIVA DE PEDRO E LIÇÕES FUNDAMENTAIS PARA A JORNADA CRISTÃ

*Theological reflections: the cost of discipleship, the rich young man, Peter's
narrative and fundamental lessons for the christian journey*

Paulo Henrique Pedrão¹

RESUMO

Este artigo aborda a centralidade do custo do discipulado na teologia cristã, explorando as implicações do sacrifício e da entrega total na jornada espiritual. A análise, fundamentada em obras de estudiosos como Ryle, Pohl, Rienecker e outros, revela a essência desse desafio, destacando quatro palavras-chave: renúncia, imitação de Cristo, entrega e verdadeira vida. Ao examinar a passagem do jovem rico e a narrativa de negação e arrependimento de Pedro, o texto oferece uma visão abrangente do custo do discipulado, enriquecendo a compreensão da fé cristã autêntica.

Palavras-Chave: Discipulado. Renúncia. Imitação de Cristo. Custo.

ABSTRACT

this article addresses the centrality of the cost of discipleship in Christian theology, exploring the implications of sacrifice and total surrender in the spiritual journey. The analysis, based on works by scholars such as Ryle, Pohl, Rienecker and others, reveals the essence of this challenge, highlighting four key words: renunciation, imitation of Christ, surrender and true life. By examining the parable of the rich young ruler and Peter's narrative of denial and repentance, the text offers a comprehensive view of the cost of discipleship, enriching the understanding of authentic Christian faith.

¹ Pós-graduado em Teologia Sistemática Contextualizada e Mestrando em Teologia pela FABAPAR. Bacharel em Administração pela FGV/EAESP e em Teologia pela FABAPAR. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-3392-7733>. Email: paulo.pedrao.fgv@gmail.com

Keywords: Discipleship. Renounce. Imitation of Christ. Cost.

INTRODUÇÃO

O caminho do discipulado, delineado nas Escrituras e refletido nas discussões teológicas e espirituais, emerge como uma temática central que transcende as superficialidades de uma fé desprovida de sacrifícios. O cerne dessa jornada cristã é encapsulado pelo conceito do custo do discipulado, profundamente enraizado na teologia cristã. Como proclamado por estudiosos ao longo da história, a religião desprovida de ônus carece de valor intrínseco, lançando luz sobre a verdade de que, como afirmado por Ryle, “a religião que não nos custa nada não tem valor nenhum”.²

Neste contexto, será explorado as nuances e implicações desse custo do discipulado, investigando as complexidades inerentes à busca do prazer divino em contrapartida ao prazer efêmero deste mundo. Por meio da análise de estudiosos como Lopes (2006), Pohl (1998), Rienecker (2005), Mulholland (1999), Vang (2018), Boor (2004) e Kempis (2019), este artigo buscará desvelar as dimensões desse desafio, considerando a renúncia, a entrega total, a imitação de Cristo e a compreensão profunda da verdadeira vida. Essa jornada de reflexão buscará lançar luz sobre a essência do discipulado cristão e os preciosos custos envolvidos no caminho de seguir a Cristo.

Ryle ressoa a ideia de que uma religião destituída de sacrifícios e ônus carece de valor intrínseco.³ Semelhantemente, a obra de Hastings destaca a tensão latente no cristianismo, centrada na dicotomia entre buscar prazer alheio a Deus e encontrar Deus no mundo, desfrutando plenamente de Seu prazer.⁴

Este estudo não apenas explorará o custo do discipulado, mas também lançará um olhar penetrante sobre a passagem do jovem rico, que transcende séculos e instiga reflexões sobre as complexidades e custos inerentes ao seguir a Cristo. Além dela, a narrativa da negação e arrependimento de Pedro, figura central nos relatos evangélicos, adicionará camadas de significado a essa investigação, revelando não apenas os desafios, mas também as profundezas do arrependimento e da restauração na jornada espiritual. Assim, a análise dessas narrativas oferecerá um panorama abrangente do custo do discipulado, proporcionando lições fundamentais para a vivência autêntica da fé cristã.

1. CAMINHO DO DISCIPULADO: OS CUSTOS E DESAFIOS DA JORNADA CRISTÃ

No âmbito das reflexões teológicas e espirituais, emerge uma temática central que permeia as Escrituras e as discussões doutrinárias: o custo do discipulado. Este conceito, profundamente arraigado na teologia cristã, propõe uma abordagem que transcende a superficialidade de uma fé desprovida de sacrifícios.

² RYLE, John Charles. **Mark**. Reino Unido: SPCK, 1993, p. 122-123.

³ RYLE, 1993, p. 122-123.

⁴ HASTINGS, James. **The Great Texts of the Bible**: St Mark. Edinburgh: Clark, 1910, p. 199.

Afirmado por diversos estudiosos e teólogos ao longo da história, o princípio de que uma religião desprovida de ônus carece de valor intrínseco ressoa em palavras como as de Ryle, que proclama que “a religião que não nos custa nada não tem valor nenhum”.⁵ Dessa forma, será explorado as nuances e implicações do custo do discipulado, investigando as complexidades inerentes à busca do prazer divino em contrapartida ao prazer efêmero deste mundo, conforme delineado por Hastings.⁶

Ao percorrer as análises de estudiosos como Lopes, Pohl, Rienecker, Mulholland, Vang, Boor e Kempis, será desvelado as dimensões e implicações desse desafio, considerando a renúncia, a entrega total, a imitação de Cristo e a compreensão profunda da verdadeira vida. Esta jornada de reflexão e análise buscará lançar luz sobre a essência do discipulado cristão e os preciosos custos envolvidos no caminho de seguir a Cristo.⁷

Ryle ressoa a ideia de que uma religião destituída de sacrifícios e ônus carece de valor intrínseco.⁸ Nesse contexto, a obra de Hastings destaca a tensão latente no cristianismo, centrada na dicotomia entre buscar prazer alheio a Deus e encontrar Deus no mundo, desfrutando plenamente de Seu prazer.⁹

No que tange ao discipulado, Lopes identifica cinco aspectos de relevância: a natureza pessoal do convite, a proposta de estabelecer uma relação íntima com Jesus, a chamada à renúncia radical, a convocação para a abnegação total e a incitação a uma jornada dinâmica com Cristo.¹⁰ Pohl enfatiza que a vontade divina se manifesta por meio de leis gerais, não visando a uma espiritualidade particular, mas à prática normal do discipulado, excluindo qualquer desvio dessas normas.¹¹

Pohl ainda ressalta a advertência de Jesus sobre o uso indevido de Deus para satisfazer interesses pessoais, destacando a primazia das três primeiras petições do Pai-Nosso: o nome, o reino e a vontade de Deus.¹² Em consonância, a negação de si mesmo, conforme Rienecker, implica viver como se a própria vontade e interesses já não importassem.¹³

Com honestidade total Jesus diz aos seus discípulos que Deus não pode ser usado como desculpa para impor interesses próprios. Pelo contrário, Jesus reafirma o primeiro mandamento: nada de deuses paralelos, nada de intenções paralelas! Triunfam as três primeiras petições do Pai-nosso: o nome, o reino e a vontade de Deus. De outra forma não se pode seguir Jesus.¹⁴

⁵ RYLE, 1993, p. 122-123.

⁶ HASTINGS, 1910, p. 199.

⁷ Lopes (2006, p. 409-411), Pohl (1998, p. 264), Rienecker (2005, p. 215), Mulholland (1999, p. 137), Vang (2018, p. 143), Boor (2004, p. 169) e Kempis (2019, p. 78-79),

⁸ RYLE, 1993, p. 122-123.

⁹ HASTINGS, 1910, p. 199.

¹⁰ LOPES, Hernandes Dias. **Marcos: o evangelho dos milagres**. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 409-411.

¹¹ POHL, Adolf. **Evangelho de Marcos: Comentário Esperança**. Curitiba: Esperança, 1998, p. 264.

¹² POHL, 1998, p. 264-265.

¹³ RIENECKER, Fritz. **O Evangelho de Lucas: Comentário Esperança**. Curitiba: Esperança, 2005, p. 215.

¹⁴ POHL, 1998, p. 264-265.

A imposição da cruz sobre si, conforme Pohl, representa um acordo com o sofrimento, isolando o discípulo e tornando-o incompreendido pelos demais. Cada discípulo, segundo Rienecker, carrega uma cruz única, ordenada por Deus, simbolizando sua própria morte.¹⁵

A exigência rigorosa de Jesus, segundo Rienecker, destaca que uma vida alheia a Deus carece de valor.¹⁶ Negar-se a si mesmo implica, para Rienecker, viver como se a própria existência e vontade já não importassem.¹⁷

A serviço de Jesus, mesmo em meio a renúncias, é, para Pohl, uma honra, felicidade e plenitude de vida. O anseio por viver com Jesus supera a mera vontade de sobreviver.¹⁸ Nesse contexto, Mulholland destaca o discipulado como um relacionamento pessoal com Jesus, diferenciando-o das abordagens de rabinos, filósofos e profetas.

Discipulado é ‘seguir a Jesus’ num relacionamento pessoal com ele. Os rabinos faziam com que seus alunos se apegassem à Lei. Os filósofos ligavam seus estudantes à verdade. Os profetas punham-se de lado, de modo que sua mensagem, e não sua pessoa, sobressaísse. Num contraste marcante, Jesus chama a atenção para uma aliança pessoal entre ele e aqueles que o seguem. Descobrimos quem Jesus é, as pessoas descobrem o sentido de sua existência. Seguindo a Jesus, são livres para viver todo o potencial que Deus lhes deu.¹⁹

O ato de “negar-se a si mesmo”, para Mulholland, vai além da renúncia material, envolvendo a supremacia de Jesus sobre o ego. O verdadeiro ganho, segundo Mulholland, está em dar a própria pessoa em serviço, não se medindo por perdas e ganhos comerciais.²⁰

Vang destaca que a vida do apóstolo Paulo serve como modelo para os seguidores de Cristo, ressaltando a imitação de Cristo como chave para o discipulado. A ênfase em “imitação”, segundo Vang, é crucial devido à natureza relacional e prática da fé cristã.²¹ Além disso, Boor salienta que a imitação não é uma reprodução artificial de atos isolados de Jesus, mas a adoção da “mente do Cristo” pelo Espírito Santo. Essa mentalidade básica implica servir aos outros e contribuir para a salvação, em contraste com uma abordagem meramente externa.²²

Kempis destaca, complementando o que já foi apresentado, a disparidade entre aqueles que amam o reino celestial de Jesus e os poucos que verdadeiramente carregam a cruz, sofrem com Jesus e abraçam a ignomínia.²³ A fidelidade dos discípulos, para Tomás de Kempis, transcende os momentos de consolação, permanecendo inabalável diante da adversidade.

Tem Jesus muitos que amam seu reino celeste, poucos que carreguem a sua cruz; muitos que desejam as suas consolações, poucos os seus sofrimentos; muitos são os companheiros de sua mesa, poucos de sua abstinência. Todos

¹⁵ RIENECKER, Fritz. **O Evangelho de Mateus**: Comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 1998, p. 295.

¹⁶ RIENECKER, 1998, p. 265.

¹⁷ RIENECKER, 2005, p. 215.

¹⁸ POHL, 1998, p. 266.

¹⁹ MULHOLLAND, Dewey M. **Marcos**: Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 137.

²⁰ MULHOLLAND, 1999, p. 137-138.

²¹ VANG, Preben. **1 Coríntios**. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 143.

²² BOOR, Werner de. **Cartas aos Coríntios**: Comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 2004, p. 169.

²³ KEMPIS, Tomás de. **Imitação de Cristo**. Jandira: Principis, 2019, p. 78-79.

almejam gozar com Ele, poucos querem sofrer algo por seu amor. Muitos acompanham Jesus até ao partir do pão, poucos ao beber do cálice de sua paixão. Muitos admiram os seus milagres, poucos abraçam a ignomínia da cruz. Muitos amam a Jesus enquanto não lhes bate à porta a adversidade; louvam-no e bendizem-no enquanto dele recebem consolações. Se Jesus, porém, se esconde ou deles se afasta por algum tempo, entram logo a queixar-se e a cair em excessivo desalento.²⁴

Cabe a todo aquele que desejar seguir Jesus, então, não o seguir de forma customizada, ou seja, apenas quando é agradável ou conveniente. O custo do discipulado é integral, envolvendo toda a essência do cristão. A seguir, será apresentado o jovem rico e o que o impediu de seguir Jesus.

2. O CUSTO IMPRESCINDÍVEL NA PASSAGEM DO JOVEM RICO

Na vastidão das narrativas evangélicas, uma passagem emerge com singular impacto, transcendendo os séculos e instigando reflexões profundas sobre a natureza do discipulado cristão. A passagem do jovem rico, meticulosamente registrada nos evangelhos sinóticos, constitui um chamado imperativo à reflexão sobre as complexidades e custos inerentes ao seguir a Cristo.

Por meio do diálogo entre Jesus e um jovem que, embora observador da lei, se vê diante de uma lacuna vital, delineia-se uma narrativa que desvenda as nuances do discipulado e suas implicações. A assertiva de Jesus, ao afirmar que “só uma coisa te falta”, desencadeia uma série de imperativos que não se limitam a uma análise acadêmica, mas desvelam as profundezas da renúncia, entrega e amor supremo exigidos pelo Mestre.

Assim, será explorado não apenas o custo do discipulado, mas também as camadas de significado presentes na passagem do jovem rico, investigando como sua recusa em aceitar o desafio de Jesus ecoa através dos séculos, alertando para as implicações cruciais da escolha entre a riqueza terrena e o reino celestial. A passagem do jovem rico torna-se assim uma lente penetrante, revelando não apenas as exigências do discipulado, mas também as profundezas da condição humana e a magnitude da resposta requerida para seguir o caminho proposto por Cristo.

A interpelação de Jesus, longe de ser meramente acadêmica, revela a estaca existencial do interlocutor, cuja condição eterna está em jogo. Em seu esforço para conduzi-lo à renúncia de sua autojustiça e à súplica por um dom divino, Jesus aponta de maneira incisiva: “Só uma coisa te falta”. Essa declaração, desestabilizando a complacência do homem, inaugura uma série de cinco imperativos, unidos por uma promessa – “terás um tesouro no céu” - que estrutura o desafio de Jesus em dois movimentos distintos: “vai, vende tudo o que tens, dá aos pobres” e “vem, e segue-me”. Na verdade, esses cinco imperativos constituem uma única ordem que demanda uma resposta integral, exigindo a renúncia do objeto de sua afeição como pré-condição para viver sob o senhorio divino, conforme apontado por Mulholland.

²⁴ KEMPIS, 2019, p. 78-79.

A questão que Jesus propõe não é acadêmica, a condição eterna desse homem está em jogo. Para auxiliá-lo a renunciar seu conceito de justiça própria e a pedir a Deus pelo dom da vida, Jesus declara: ‘Só uma coisa te falta’. Depois de perturbar a complacência do homem com essa constatação, Jesus o desafia com uma série de cinco imperativos. Uma promessa (‘terás um tesouro no céu’) separa, separa os imperativos em dois movimentos (‘vai, vende tudo o que tens, dá aos pobres’ e ‘vem, e segue-me’). Esses cinco imperativos são, de fato, apenas uma ordem que exige uma só reação. Ele deve renunciar aquilo que se constitui no objeto de sua afeição antes de poder viver debaixo do senhorio de Deus.²⁵

Mulholland corrobora a assertiva de que aqueles sob o domínio de suas riquezas estão impedidos de seguir a Jesus.²⁶ O caso do rico justo, abordado por Pohl, evidencia uma submissão parcial a Deus, em que, apesar do respeito às ordenanças divinas, persiste a autossuficiência.²⁷ O autor argumenta que a submissão se assemelha a obedecer a um guarda de trânsito apenas para obter permissão de passagem, enquanto, na essência, permanece a autonomia do indivíduo sobre si mesmo.

O rico justo ainda vivia com reservas decisivas em relação a Deus. É verdade que ele respeitava a ordem de Deus e neste aspecto podia ter uma consciência tranquila, mas no cumprimento de cada mandamento faltava o cumprimento do 1º mandamento, este de pertencer completamente a Deus. Em tudo ele continuava senhor de si mesmo. De alguma forma, nele o ser e o fazer estavam divorciados. Isto existe: muita submissão, em caminhos próprios! Deus, neste caso, se parece com um guarda de trânsito a cujos gestos obedecemos com solicitude, para que ele nos deixe passar. No mais, pouco nos importa o guarda de trânsito, e pertencemos a nós mesmos.²⁸

Rienecker destaca a incompreensão do jovem sobre a interpretação da lei por Jesus, sublinhando que Deus não demanda ações isoladas, mas a entrega integral do ser humano, incluindo pensamentos, palavras e ações.²⁹ A tristeza que envolve a partida do homem rico, que, conforme Pohl, retorna para carregar seu próprio fardo, evidencia a recusa em aceitar o “jugo suave” e o “fardo leve” propostos por Jesus.³⁰

O erro do jovem não era que ele não tivesse reconhecido suas transgressões, mas que ele não compreendeu a *interpretação* da lei feita por Jesus, tal como se depreende do sermão do Monte. Não compreendeu que Deus não exige ações isoladas que o ser humano pudesse apresentar, porém quer que a pessoa *toda*, incluindo seus *pensamentos, palavras e ações*.³¹

O homem vai embora triste, abandonando aquele de quem Deus se agrada e cuja presença traz alegria à humanidade. O homem rico se torna o mais pobre entres os pobres. Wiersbe destaca a incapacidade humana para compreender o divino, ressaltando, a partir

²⁵ MULHOLLAND, 1999, p. 160.

²⁶ MULHOLLAND, 1999, p. 161.

²⁷ POHL, 1998.

²⁸ POHL, 1998, p. 303.

²⁹ RIENECKER, 1998.

³⁰ POHL, 1998, p. 304.

³¹ RIENECKER, 1998, p. 329.

desse episódio, a incompatibilidade entre a confiança no dinheiro e a salvação.³² Semelhantemente, Lopes sublinha a singularidade negativa desse homem entre todos os que se aproximaram de Cristo, indicando que, ao contrário dos demais, ele saiu pior do que chegou.³³

A exigência de Jesus por um amor supremo daqueles que desejam segui-lo, conforme Wiersbe, destaca a centralidade da devoção na jornada cristã.³⁴ Gusso aponta o ponto crucial do relato como a demonstração da impossibilidade de ingressar no reino pelas próprias forças. Nesse panorama, a narrativa transcende a mera análise acadêmica, tornando-se um alerta sobre as implicações profundas e abrangentes do custo do discipulado.³⁵

Diante do arcabouço teológico delineado pelo custo do discipulado, extraído da passagem do jovem rico, emergem lições prementes que demandam a atenção do cristão em sua jornada espiritual. Primordialmente, a narrativa suscita a compreensão de que o discipulado cristão transcende a mera observância de preceitos morais ou rituais religiosos. O enfoque de Jesus sobre a falta essencial no coração do jovem destaca a necessidade de uma renúncia profunda, exigindo a desvinculação de apegos terrenos que obstruem a plena entrega ao Senhor.

A imperatividade de vender tudo e distribuir aos pobres, precedendo o convite de Jesus para segui-Lo, instiga a reflexão sobre a renúncia material como precursora do verdadeiro discipulado. Essa lição implica não apenas na disposição para renunciar a possessões materiais, mas na submissão integral ao senhorio de Cristo, tornando-o a principal prioridade em detrimento das riquezas mundanas.

A narrativa também evidencia que a justiça própria, mesmo quando em conformidade com a lei, não é suficiente para a plena adesão ao discipulado. O rico justo, apesar de sua obediência aparente, retinha o controle sobre sua própria vida, revelando uma autonomia que impedia a total sujeição a Deus. A lição aqui reside na necessidade de uma entrega completa, em que a submissão não se limite ao cumprimento de mandamentos isolados, mas permeie todos os aspectos do ser.

Outrossim, a incapacidade do jovem em aceitar o “jugo suave” e o “fardo leve” propostos por Jesus reforça a essência da dependência do discípulo na graça divina. A resistência do jovem em trocar o fardo opressivo de suas próprias conquistas pela leveza proporcionada por Cristo ilustra a dificuldade humana em abraçar a simplicidade e a confiança absoluta na provisão divina.

Por fim, a tristeza do jovem ao se deparar com a escolha entre as riquezas e o reino celestial ressoa como um alerta sobre a complexidade da decisão de seguir a Cristo. A lição aqui é a urgência de escolher sabiamente, reconhecendo que a busca desenfreada por tesouros terrenos pode resultar no empobrecimento espiritual. A seguir, será apresentado o

³² WIERSBE, Warren. **Be Diligent**. Colorado Springs: David C Cook, 1987, p. 102.

³³ LOPES, 2006, p. 477.

³⁴ WIERSBE, Warren. **Comentário bíblico expositivo**: Novo Testamento: Vol.1. Santo André: Geográfica, 2006, p. 95.

³⁵ GUSSO, Antônio Renato. **O Evangelho segundo Lucas**: introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: ADSantos, 2022, p. 131.

apóstolo Pedro, que, diferentemente do jovem rico, alcançou perdão e graça, permanecendo na caminhada cristã.

3. ENTRE DESAFIOS E ARREPENDIMENTO: REFLEXÕES SOBRE O CUSTO DO DISCIPULADO NA JORNADA DE PEDRO

No cenário teológico delineado pelos Evangelhos, o tema do custo do discipulado se entrelaça de maneira intrigante com a narrativa da negação de Pedro e seu subsequente arrependimento. A trajetória do apóstolo Pedro, figura central nos relatos evangélicos, transcende a mera análise acadêmica, emergindo como um retrato vívido das complexidades inerentes à jornada espiritual.

A passagem do custo do discipulado, encapsulada nas experiências de Pedro, revela-se como um espelho genuíno no qual os cristãos contemporâneos podem contemplar não apenas os desafios inerentes ao seguir a Cristo, mas também as profundezas do arrependimento e da restauração.

A negação de Pedro, delineada nas páginas dos Evangelhos, não apenas ilustra a fragilidade humana diante das provações, mas também ressoa como um eco atemporal, convocando os crentes a confrontarem suas próprias ambiguidades e contradições. Este texto se propõe a explorar não apenas o custo inerente ao discipulado, mas também a teia de circunstâncias que envolvem a negação de Pedro e seu posterior arrependimento.

Ao desvendar as implicações dessa narrativa para os cristãos contemporâneos, almeja-se oferecer *insights* transformadores sobre a natureza do compromisso com Cristo, a superação das quedas e a restauração pela graça divina. Neste exame aprofundado, a história de Pedro emerge como um convite à reflexão e autorreflexão, inspirando uma compreensão mais profunda sobre o custo, as dores, mas também as recompensas do discipulado genuíno.

Pedro, figura emblemática nas narrativas evangélicas, personifica a dualidade intrínseca à natureza humana, revelando-se como um ser paradoxal e contraditório. As palavras de Lopes delineiam a ambiguidade presente na trajetória de Pedro, caracterizado por ascensões vertiginosas seguidas por quedas profundas. Sua propensão a fazer declarações audaciosas, para em seguida adotar uma postura covarde, ilustra a complexidade de sua jornada espiritual.

Pedro é símbolo da nossa natureza ambígua, contraditória e paradoxal. É homem que chega às alturas excelsas e desce aos vales profundos. É o homem que faz declarações ousadas e demonstra em seguida uma postura covarde. É o homem que faz promessas de fidelidade incondicional para logo depois negar seu nome, sua fé no Senhor, com juramentos e anátemas. É o homem que faz avanços inusitados e dá marcha ré com a mesma velocidade.³⁶

O estudo de Lopes elucida sete facetas distintas da vida de Pedro, ressaltando sua natureza fugitiva (Mc 14.50), a hesitação em seguir Jesus de perto (Mc 14.54), a participação na zombaria contra o Mestre (Mc 14.66-67), a covardia manifestada em sua negação (Mc

³⁶ LOPES, Hernandes Dias. **Pedro**: pescador de homens. São Paulo: Hagnos, 2015, p. 19.

14.67-68), o perjúrio cometido ao renegar sua associação com Cristo (Mc 14.69-70), as imprecações proferidas (Mc 14.17.71) e, por fim, o arrependimento genuíno (Mc 14.72). Essa análise minuciosa destaca a complexidade do discípulo, revelando a amplitude de suas experiências e falhas.³⁷

Lopes ainda aponta para a falta de coragem de Pedro em cumprir suas promessas, salientando que suas palavras carecem do peso da lealdade. A análise prossegue ao destacar o arrependimento de Pedro, que, ao contrário de Judas, não sucumbe ao desespero, mas, chorando amargamente, caminha em direção à alvorada.³⁸ Rienecker sublinha a condução angustiante de Pedro pelo caminho do arrependimento, um processo vital para sua transformação e reconciliação com Cristo.

Então retirou-se e chorou amargamente. Pedro saiu para noite, mas não para noite do desespero como Judas. Chorando amargamente, caminhou em direção da alvorada. O anjo da graça o conduziu no árduo caminho para o tribunal do espírito, o qual condenaria à morte sua velha vida, sobretudo o seu velho orgulho. Dessa forma, foi-lhe dado que ele pudesse caminhar para morte com Cristo de uma maneira muito mais salutar do que ele imaginara. Primeiramente seu arrependimento tinha de ser completo, ele tinha de obter a paz da misericórdia e da reconciliação da boca de Cristo. Somente depois ele teria condições de prestar a reparação de sua culpa contra as pessoas, por meio de um grandioso testemunho, diante do qual desapareceu o escândalo de sua grande negação. Deve ser observado muito bem que, pelo caminho do seu arrependimento, Pedro se apresenta como o primeiro grande tipo radiante da verdadeira salvação. Quando a doutrina cristã descreve a natureza de uma conversão sincera, ela de forma alguma pode esquecer-se de olhar para o coração e a vida de Pedro, a *figura davídica da nova aliança*.³⁹

Semelhantemente, Mulholland discute a falha de Pedro em um teste aparentemente insignificante, ressaltando que, embora não tenha proferido palavras contra Jesus, sua negação foi manifesta através da alegação de ignorância, da recusa em se identificar como discípulo e da negação de qualquer relação com Cristo. Contudo, Mulholland reconhece o crescimento e a verdadeira natureza discipular de Pedro, que, persistindo no erro, evidencia-se como um verdadeiro seguidor de Jesus.⁴⁰

Vale aqui apresentar a visão de Gusso que, de forma muito elegante, oferece uma interpretação diferenciada do choro de Pedro, sugerindo não apenas arrependimento, mas também desespero diante do cumprimento da profecia relacionada à prisão de Jesus. Essa análise aponta para a incapacidade de Pedro compreender a totalidade do plano divino naquele momento, resultando em um choro amargo de dor e perplexidade.⁴¹

A trajetória de Pedro, embora marcada por momentos de negação e desespero, não se encerra no desfecho trágico de sua queda. Mulholland destaca que, mesmo ausente nas

³⁷ LOPES, 2006, p. 602-604.

³⁸ LOPES, 2015, p. 53.

³⁹ RIENECKER, 1998, p. 430.

⁴⁰ MULHOLLAND, 1999, p. 223.

⁴¹ GUSSO, 2022, p. 161.

últimas passagens de Marcos, Pedro é restaurado à comunhão e ao ministério por Jesus após Sua ressurreição. Essa restauração evidencia a graça redentora que transcende as falhas humanas.⁴²

Por fim, Pohl enfatiza a aprendizagem prática que Pedro experimenta, compreendendo a incongruência entre a santidade divina e a natureza humana. A necessidade de beber o cálice até o fundo e compreender a amargura de abandonar a Deus é destacada como parte essencial do processo de salvação.⁴³

Deus é santo, Pedro era carne. Carne e sangue não podem herdar o reinado de Deus (1Co 15.50). Mas isto precisa ser aprendido na prática. Temos de beber este cálice até o fundo, precisamos ‘compreender e ver como é mau e amargo abandonar a Deus’ (Jr 2.19). Pode demorar até entendermos que não somos capazes de estar com Deus. Mas sem esta percepção não há salvação. Quando nós chegamos ao fim têm início os começos de Deus, dos quais carecemos.⁴⁴

Assim, a trajetória de Pedro, permeada por contradições e aprendizado constante, oferece um panorama complexo e multifacetado do discipulado. Sua experiência, marcada por quedas e restauração, ressoa como um exemplo vívido da obra transformadora da graça divina na vida daqueles que, como Pedro, buscam seguir a Cristo.

O exame minucioso das narrativas que envolvem o custo do discipulado, notadamente evidenciado na trajetória de Pedro, assim como sua negação e subsequente arrependimento, proporciona ao cristão ensejo para a absorção de lições fundamentais que permeiam a vivência da fé. Nesse contexto, destacam-se algumas premissas cruciais que demandam reflexão e aplicação na jornada espiritual do discípulo.

Primeiramente, emerge a imperiosa compreensão de que o discipulado cristão não se insere em um contexto de comodidade ou isenção de desafios. A exemplificação contida na vida de Pedro demonstra que seguir a Cristo implica invariavelmente enfrentar adversidades e dilemas morais, expondo a natureza intrínseca do custo inerente a essa jornada.

Além disso, a narrativa da negação de Pedro enseja uma lição essencial sobre a vulnerabilidade humana diante das circunstâncias adversas. A despeito de promessas de fidelidade incondicional, a fraqueza humana se manifesta, revelando que o discípulo está sujeito a oscilações morais e desafios que exigem humildade e autoconhecimento.

O arrependimento de Pedro, por sua vez, destaca a relevância da contrição e do retorno ao Senhor diante das quedas e falhas. A capacidade de reconhecer erros, chorar amargamente e buscar a reconciliação com Cristo representa uma lição valiosa sobre a natureza restauradora da graça divina, oferecendo ao discípulo a oportunidade de renovação espiritual.

Outrossim, a história de Pedro reforça a necessidade de perseverança e crescimento no discipulado. A superação das quedas não se limita ao arrependimento, mas estende-se à continuidade do caminho de fé. A restauração de Pedro após a ressurreição de Jesus sugere

⁴² MULHOLLAND, 1999, p. 223.

⁴³ POHL, 1998, p. 424-425.

⁴⁴ POHL, 1998, p. 424-425.

que, mesmo diante das falhas, a graça divina concede oportunidade para uma vida renovada e um ministério restaurado.

A aprendizagem prática, conforme apontada por Pohl, destaca a importância de compreender, na prática, a incongruência entre a santidade divina e a natureza humana, proporcionando uma experiência transformadora que conduz à verdadeira salvação.⁴⁵

Portanto, as lições extraídas da interseção entre o custo do discipulado e a narrativa de Pedro incluem a aceitação dos desafios inerentes ao seguimento de Cristo, o reconhecimento da vulnerabilidade humana, a prática do arrependimento e da busca pela reconciliação, a perseverança no crescimento espiritual e a compreensão prática da necessidade da graça divina. Essas lições, se internalizadas e aplicadas, orientam o cristão em sua jornada de fé, proporcionando alicerces sólidos para uma vivência autêntica do discipulado cristão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre o custo do discipulado, fundamentado nas reflexões teológicas e nas passagens examinadas, oferece *insights* para os cristãos contemporâneos. A centralidade da renúncia e do sacrifício na jornada cristã é ressaltada pelos diversos estudiosos abordados, como Ryle, Hastings, Lopes, Pohl, Rienecker, Mulholland, Vang, Boor e Kempis.

A passagem do jovem rico serve como uma lente penetrante, revelando não apenas as exigências do discipulado, mas também as profundezas da condição humana e a magnitude da resposta requerida para seguir o Caminho proposto por Cristo. A análise cuidadosa desse relato destaca a necessidade não apenas de renúncia material, mas de uma entrega completa ao senhorio de Cristo.

A trajetória de Pedro, figura emblemática nos Evangelhos, adiciona uma dimensão humana e realista ao estudo. A ambiguidade e as contradições presentes na vida de Pedro oferecem aos discípulos contemporâneos uma visão da vulnerabilidade humana diante dos desafios espirituais. Seu arrependimento e restauração evidenciam a graça redentora que transcende as falhas humanas, apontando para a possibilidade de renovação espiritual mesmo após quedas significativas.

Em síntese, a jornada do discipulado, marcada por desafios, renúncia, arrependimento e restauração, é apresentada como uma experiência profunda e transformadora. As lições extraídas dessas reflexões oferecem orientações valiosas para os cristãos contemporâneos, destacando a importância da perseverança, humildade, busca constante pela reconciliação e compreensão prática da necessidade da graça divina.

Dessa forma, ao considerar as contribuições dos estudiosos, as passagens analisadas e a trajetória de Pedro, o estudo sobre o custo do discipulado não apenas enriquece o entendimento teológico, mas também inspira uma vivência autêntica e comprometida da fé cristã. Essa reflexão profunda proporciona alicerces sólidos para uma jornada espiritual significativa e transformadora.

⁴⁵ POHL, 1998, p. 424-425.

REFERÊNCIAS

- BOOR, Werner de. **Cartas aos Coríntios**: Comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 2004.
- GUSSO, Antônio Renato. **O Evangelho segundo Lucas**: introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: ADSantos, 2022.
- HASTINGS, James. **The Great Texts of the Bible**: St Mark. Edinburgh: Clark, 1910.
- KEMPIS, Tomás de. **Imitação de Cristo**. Jandira: Principis, 2019.
- LOPES, Hernandes Dias. **Marcos**: o evangelho dos milagres. São Paulo: Hagnos, 2006.
- LOPES, Hernandes Dias. **Pedro**: pescador de homens. São Paulo: Hagnos, 2015.
- MULHOLLAND, Dewey M. **Marcos**: Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1999. (Série cultura bíblica).
- POHL, Adolf. **Evangelho de Marcos**: Comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 1998.
- RIENECKER, Fritz. **O Evangelho de Lucas**: Comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 2005.
- RIENECKER, Fritz. **O Evangelho de Mateus**: Comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 1998.
- RYLE, John Charles. **Mark**. Reino Unido: SPCK, 1993.
- VANG, Preben. **1 Coríntios**. São Paulo: Vida Nova, 2018. (Série Comentário Expositivo).
- WIERSBE, Warren. **Be Diligent**. Colorado Springs: David C Cook, 1987.
- WIERSBE, Warren. **Comentário Bíblico Expositivo**: Novo Testamento: volume I. Santo André: Geográfica, 2006.

Revista
ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v10.n2.008

Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional**ISRAEL E A IGREJA: A RELAÇÃO ENTRE O POVO DE DEUS DO ANTIGO
TESTAMENTO E O REBANHO DE CRISTO DO NOVO TESTAMENTO***Israel and the Church: The Relationship Between the People of God of the Old
Testament and the Flock of Christ of the New Testament*Renato Goes Damasceno¹**RESUMO**

O presente artigo analisa a relação bíblico-teológica entre Israel, denominado povo de Deus no Antigo Testamento, e a Igreja, constituída pelo rebanho de Cristo no Novo Testamento. Mediante uma abordagem exegética e hermenêutica, examina o conceito, a formação e a missão de ambos, destacando suas particularidades e os elementos de continuidade entre eles. Israel foi formado por iniciativa divina, mediante a aliança estabelecida com Abraão e sua descendência, com a missão de ser reino de sacerdotes e nação santa, testemunhando às demais nações o caráter e o poder de Deus. De modo semelhante, a Igreja é formada pelo chamado de Cristo, reunindo pessoas que creem nele independentemente de sua origem étnica ou geográfica, e recebe a missão de proclamar as virtudes de Deus e testemunhar o evangelho a todos os povos. A análise de textos como Êxodo 19.5-6, 1 Pedro 2.9-10 e Romanos 11 evidencia tanto diferenças contextuais quanto correspondências significativas entre Israel e a Igreja. Conclui-se que a relação entre ambos não deve ser compreendida como substituição, correção ou atualização de Israel pela Igreja, mas como continuidade e ampliação do propósito divino de revelar seu amor e poder às nações por meio de seu povo, em diferentes contextos da história da redenção.

Palavras-chave: Israel. Igreja. Povo de Deus. Aliança. Missão divina.

¹ O autor é graduado em Teologia pela FTBB – Faculdade Teológica Batista de Brasília, pós-graduado em Teologia e Interpretação Bíblica pela FABAPAR e mestrando em Teologia pela FABAPAR. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1516-1179>. E-mail: regodam@hotmail.com

ABSTRACT

This article examines the biblical and theological relationship between Israel, designated as the people of God in the Old Testament, and the Church, constituted as the flock of Christ in the New Testament. Through an exegetical and hermeneutical approach, it explores the concept, formation, and mission of both, highlighting their distinctive characteristics and the elements of continuity between them. Israel was formed by divine initiative through the covenant established with Abraham and his descendants, with the mission of being a kingdom of priests and a holy nation, bearing witness to God's character and power before the other nations. Similarly, the Church is formed through Christ's calling, bringing together people who believe in him regardless of their ethnic or geographical origins, and is commissioned to proclaim God's excellencies and bear witness to the gospel among all peoples. The analysis of passages such as Exodus 19:5–6, 1 Peter 2:9–10, and Romans 11 reveals both contextual differences and significant correspondences between Israel and the Church. The article concludes that their relationship should not be understood in terms of the replacement, correction, or updating of Israel by the Church, but rather as the continuity and expansion of God's purpose to reveal his love and power to the nations through his people in different contexts throughout redemptive history.

Keywords: Israel. Church. People of God. Covenant. Divine Mission.

INTRODUÇÃO

Muito se discute sobre o tipo de análise que se pode fazer associando o povo de Israel, descrito no Antigo Testamento, e a Igreja destacada no Novo Testamento. Existe alguma relação que se possa estabelecer, à luz da Bíblia, entre Israel e a Igreja? Se existe, qual tipo e qual nível dessa relação? Existe algum nível de atualização, alguma espécie de correção ou até mesmo algum tipo de substituição?

Em muitos casos, tanto o método de análise como as conclusões obtidas são tema de debates, quando não embates; certos posicionamentos visam estabelecer hierarquia ou graus de importância, santidade e até preferência por parte de Deus. Tudo isso causa, em várias oportunidades, celeumas desnecessárias.

Além disso, surgem também interpretações e aplicações tão discrepantes com o texto bíblico que não se pode chamá-las de outra coisa, senão de heresia. O tema, tão precioso e rico em ensino ainda hoje torna-se terreno minado e evitado por muitos, que preferem não arriscar estabelecer nenhum tipo de correlação, pelo receio de ofender diferentes polos de interpretação e compreensão acerca do papel de Israel e da Igreja.

Para evitar desgastes, o mais correto é analisar biblicamente cada uma das partes desse precioso binômio, para à luz disto, buscar estabelecer, se possível, a correta relação entre eles. É imprescindível uma análise de elementos exegéticos e hermenêuticos em separado para Israel e para a Igreja. Para cada um, devem ser analisados biblicamente aspectos como a conceituação a partir dos termos bíblicos originais, o contexto original de formação e o chamado específico, tanto para Israel como para a Igreja. Somente após essa análise, as conclusões teológicas serão razoavelmente seguras e biblicamente aplicáveis. A partir do resultado dessa análise, poderá ser definido qual tipo ou nível de relação pode ser

estabelecida entre Israel, o chamado “Povo de Deus” do Antigo Testamento, e a Igreja, o rebanho de Cristo do Novo Testamento.

1. O POVO CHAMADO POR DEUS NO ANTIGO TESTAMENTO

A compreensão do povo de Deus no Antigo Testamento envolve considerar a iniciativa de Yahweh em constituir para si um povo, estabelecer com ele uma aliança e confiar-lhe uma missão diante das demais nações. Israel, descendência de Abraão, foi formado a partir de uma promessa divina e chamado a viver em relacionamento de obediência, dependência, confiança e adoração exclusiva a Yahweh. Essa identidade, portanto, não se restringe à origem étnica ou à constituição de uma nação, mas está vinculada ao propósito divino para o qual o povo foi chamado: viver como propriedade peculiar de Deus, como nação santa e reino de sacerdotes, testemunhando diante dos outros povos o caráter e a vontade do Senhor. Nesse sentido, esta seção aborda o significado da expressão “povo de Deus”, o processo de formação de Israel e a missão que lhe foi confiada no contexto da aliança.

1.1 O conceito de “povo de Deus”

Vários povos são mencionados no Antigo Testamento, porém um deles tem papel destacado, sendo chamado muitas vezes como “povo de Deus”. Trata-se do povo de Israel, descendência de Abrão, conforme promessa do Deus Yahweh que se encontra em Gênesis 12.1-2: “Ora, disse o Senhor a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção!”

A expressão “povo de Deus” não se refere à posse ou autoridade, nem se resume meramente aos aspectos geográfico ou genealógico; embora a expressão se refira a um povo específico, a ênfase não está na geografia ou etnia, mas na aliança que Yahweh propôs de forma especial a esse povo, conforme as palavras do próprio Yahweh ao chamar Moisés para liderar Israel, cativo no Egito:

Portanto, dize aos filhos de Israel: eu sou o Senhor, e vos tirei de debaixo das cargas do Egito, e vos livrarei da sua servidão, e vos resgatarei com braço estendido e com grandes manifestações de julgamento. Tomar-vos-ei por meu povo e serei vosso Deus... (Êx 6.6-7).

Israel não é chamado “povo de Deus” no Antigo Testamento apenas por uma questão de posse ou autoridade, mas principalmente, conforme destaca Champlin, para contrastá-lo das demais nações e povos – os chamados povos gentios.²

Dessa forma, embora Yahweh detenha soberana autoridade e pleno poder sobre todos os povos e nações da Terra, Israel é o povo chamado para uma aliança com aquele que é conhecido também como “Deus de Israel”, conforme mencionado em Isaías 37.16. Trata-se de um povo que não foi aleatoriamente escolhido, mas intencionalmente originado, milagrosamente gerado e solenemente chamado para um relacionamento de obediência,

² CHAMPLIN, Russell N.; BENTES, João M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. 3.ed. São Paulo: Candeia, 1995, vol. 5, p. 346.

dependência, confiança e adoração exclusiva a Yahweh: “Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor” (Dt 6.4). Essa aliança solene não só evidencia como também justifica o caráter formativo especial e intencional – por parte de Yahweh – de Israel como povo de Deus.

1.2 A formação do povo de Deus no Antigo Testamento

O inegável diferencial do chamado “Povo de Deus” no Antigo Testamento é evidente já em sua formação, quando Yahweh decidiu não escolher, mas formar para si um povo que seria exclusivamente consagrado a ele. Yahweh forma para si um povo a partir do chamado pessoal a Abrão:

Ora, disse o Senhor a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção! Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra (Gn 12.1-3).

A partir do chamado pessoal a Abrão, confirmado a Isaque e depois a Jacó, de quem vieram as doze tribos que formaram o povo de Israel, Yahweh formou para si um povo solenemente chamado para amá-lo de todo coração, bem como prostar-se e adorar somente a ele e a nenhum outro: “Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força.” (Dt 6.4-5).

Mais que divinamente formado, o povo de Israel também é chamado por Yahweh. A ideia de chamado é reforçada pelo termo hebraico *qāhāl*, que “frequentemente se refere à assembleia do povo de Deus [...] e significa uma multidão ou grupo que se reúne especialmente para propósitos religiosos”.³

Israel foi então formado em torno de um chamado: primeiramente de forma pessoal a Abrão, cuja descendência deu origem às tribos de Israel, e posteriormente em relação a todo o povo de Israel, chamado para amar e adorar somente a Yahweh, dando não só prioridade, mas exclusividade na submissão e adoração: “Se Yahweh é um, a devoção de Israel para com ele tinha de ser caracterizada por singeleza de propósito, lealdade indivisa, uma concentração única. Pois, se a devoção tem de ser concentrada totalmente num só objeto, segue-se daí que tem de ser absoluta”.⁴ A ideia de um povo especialmente formado e chamado é importante, pois caracteriza não só o caráter especial e intencional de sua formação, mas também sua missão.

1.3 A missão do povo de Deus no Antigo Testamento

O Antigo Testamento mostra não apenas a formação de Israel, mas também evidencia a natureza do chamado do povo de Deus, ou seja, a missão conferida por Yahweh ao seu povo,

³ FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia sistemática**: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 946.

⁴ WATTS, John D. W. **Comentário bíblico Broadman**. Editado por Clifton J. Allen. Tradução de Arthur Anthony Boorne. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994, vol. 2, p. 255.

conforme o texto que precede a entrega das tábuas da Lei a Moisés, quando o povo recém-liberto se encontrava no Sinai:

Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha; vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa (Êx 19.5-6).

A formação de Israel como povo não demonstrava somente uma possível predileção de Yahweh por uma determinada etnia; o desejo de Yahweh fica evidente desde o princípio: Israel foi formado para ser uma nação sacerdotal, levando os outros povos a conhecer e obedecer ao Eterno e Único Deus. Segundo Waltke, Israel foi chamado para obedecer a Yahweh a ponto de transformar-se em um reino de sacerdotes para as nações; como povo separado, Israel tinha a missão de ser o intermediário da bênção divina.⁵

Para tanto, era necessário que o povo de Deus exercesse sua condição de povo separado e consagrado a Yahweh, pela observância de seus mandamentos e total separação das práticas religiosas das nações vizinhas. Wiersbe destaca que essa separação seria demonstrada em todas as áreas da vida comum, não apenas em momentos meramente cúlticos ou ritualísticos: “em cada área da vida, as atividades de Israel deviam ser governadas pelo fato de que pertenciam a Deus”.⁶

Ser um povo sacerdotal exigia de Israel uma postura ímpar, diferenciada dos outros povos: era preciso observar a aliança divinamente proposta. “Deus lhes diz, claramente, o que esperava e exigia deles. Em uma única palavra, obediência, que eles obedecessem verdadeiramente à sua voz, e mantivessem o seu concerto”.⁷

Fica evidente o desejo divino de que Israel apontasse o caminho às nações para o contato com o Deus de Israel, e isso seria feito com base na sincera obediência aos mandamentos de Yahweh, na santificação das práticas comuns da vida diária e do consequente testemunho transmitido aos povos vizinhos.

2. A IGREJA CHAMADA POR CRISTO NO NOVO TESTAMENTO

O Novo Testamento apresenta a Igreja como a coletividade daqueles que creem em Jesus Cristo e o reconhecem como Senhor e Salvador. Sua identidade, formação e missão estão relacionadas à iniciativa divina de reunir para si um povo que não se define por critérios étnicos, geográficos ou hereditários, mas pela fé em Cristo. Assim como Israel foi formado e chamado por Yahweh para viver em aliança com ele e testemunhar diante das nações, a Igreja é constituída por pessoas de diferentes povos e nações, chamadas a viver em obediência a Cristo e a proclamar as virtudes daquele que as chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.

⁵ WALTKE, Bruce. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 459.

⁶ WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**. Antigo Testamento. Santo André: Geográfica, 2007, vol. 1, p. 287.

⁷ HENRY, Matthew. **Comentário bíblico do Antigo Testamento**. Gênesis a Deuteronômio. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 289.

Nesse sentido, esta seção aborda o conceito de Igreja no Novo Testamento, os aspectos relacionados à sua formação e a missão que lhe foi confiada por Cristo.

2.1 O conceito de “igreja”

Embora muitos entendam que o termo igreja se refira a um local sagrado, uma construção para reuniões e celebrações espirituais, ou ainda uma instituição com fins religiosos, a ideia principal é a coletividade, o ajuntamento específico de pessoas. As especificidades desse ajuntamento precisam ser observadas à luz da Bíblia, especialmente do texto neotestamentário, onde o termo é empregado.

A primeira ocorrência do termo igreja na Bíblia ocorre nas palavras do próprio Cristo, narradas assim pelo evangelista Mateus: “Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16.18). No idioma original, é usado o termo grego ἐκκλησία (*ekklēsia*), que etimologicamente se refere a um “chamado para fora”. O termo não se restringe ao contexto bíblico, mas também era empregado em relação às convocações do povo em geral, para reuniões e assembléias a fim de tratar sobre assuntos civis ou de interesse geral. O povo era literalmente chamado para fora de suas casas, devendo reunir-se para então tratar sobre temas diversos.

No contexto do Novo Testamento, o termo é empregado, seja nos Evangelhos ou nas Cartas, sempre referindo-se ao ajuntamento dos que crêem em Jesus como Filho de Deus e o recebem como Senhor e Salvador. Nesse sentido, vemos a igreja sendo mencionada tanto de maneira geral, referente à igreja universal (Mt 16.18; 1Co 12.28; Gl 1.13; Ef 1.22; 3.10; Hb 12.23) como também de maneira específica, referindo-se ao ajuntamento de crentes em Cristo em determinados locais (At 8.1; 11.22; 11.26; 13.1; 1Co 1.2; 2Co 1.1; Gl 1.2, etc).

O termo igreja se refere, de maneira geral ou específica, aos que crêem em Jesus – sem restrições geográficas nem étnicas. Interessante que nas mais de cem ocorrências do termo no Novo Testamento, apenas duas são proferidas por Jesus aos seus discípulos (Mt 16.18 e 18.17): as outras estão nos demais livros neotestamentários, grande parte nas cartas de Paulo aos gentios – ou seja, aos não judeus – evidenciando que o conceito de igreja não se restringe aos descendentes das tribos de Israel, mas tem abrangência muito maior, universal: tanto em Jerusalém e na Judéia, como em Samaria e até os confins da terra (At 1.8).

2.2 A formação da igreja no Novo Testamento

Tal qual Israel que, como “Povo de Deus” tem uma formação especial e intencional no Antigo Testamento, também a Igreja no Novo Testamento tem aspectos especiais e intencionais no contexto e propósito de sua formação. Assim como há um chamado específico de Yahweh para um povo que ele mesmo decidiu formar para si, também a Igreja é formada a partir de um chamado, conforme o relato de João logo no início de seu Evangelho: “Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus” (Jo 1.12-13).

Cristo forma sua Igreja a partir de um chamado que precisa ser aceito, a saber, por aqueles que creem nele como Filho de Deus e como cumprimento de toda promessa messiânica da Lei de Moisés e dos Profetas do Antigo Testamento. Reconhecer e receber a Cristo como Filho de Deus determina o ingresso na Igreja, o que se dá de maneira independente de critérios geográficos, de linhagem e hereditariedade. Trata-se de um chamado amplo, que se refere à uma abrangência sem fronteiras. “Todos quantos o receberam”, conforme João escreveu, não admite predileções nem exceções: aos que recebem, aceitam e confessam Jesus como Filho de Deus, Senhor e Salvador, a estes é concedida graciosamente a entrada no ajuntamento chamado Igreja.

O apóstolo Paulo defende em várias oportunidades o aspecto universal da Igreja chamada por Cristo, abrangendo não apenas judeus praticantes da Lei, mas também gentios que abandonam suas práticas religiosas e passam a seguir a doutrina do Filho de Deus: “Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3.28).

Se anteriormente havia critérios geográficos e hereditários para determinar quem fazia parte do Povo de Deus, critérios esses que precisavam ser confirmados pela sincera e plena obediência a Yahweh, agora o ingresso na coletividade da Igreja chamada por Cristo se dá pela manifestação da fé em Jesus como Filho de Deus, fé esta que também precisa ser confirmada pela obediência à divina doutrina.

2.3 A missão da igreja no Novo Testamento

A formação da coletividade da Igreja ocorre de forma intencional, pois Cristo deixou bastante claro seu desejo de que aqueles que nele creem cumpram uma missão ao afirmar durante o célebre Sermão do Monte: “Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte.” A missão de ser diferente e fazer a diferença é inegável a todos os discípulos de Cristo.

Ao ilustrar que o sal precisa salgar ou será absolutamente inútil, e que a luz não pode ser escondida nem abafada, Cristo afirmou que a Igreja é caracterizada não apenas por sua formação, mas também pelo cumprimento de sua missão. A importância da missão da Igreja também é confirmada pelo apóstolo Pedro:

Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz; vós, sim, que, antes, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia (1Pe 2.9-10).

O chamado de Cristo à coletividade da Igreja não visava apenas formar uma comunidade selecionada ou até elitizada em algum sentido, mas foi dada a esse ajuntamento uma missão: a Igreja foi chamada para tornar-se um “sacerdócio real”, expressão utilizada pelo apóstolo Pedro, um judeu que certamente tinha em mente a missão divinamente conferida a Israel por Yahweh em Êxodo 19.5-6. Tal qual o povo de Israel precisava confirmar seu sacerdócio às

nações, dando testemunho do poder e majestade de Yahweh por meio de seu testemunho em obediência aos mandamentos, também a Igreja é chamada para testemunhar, servindo assim como povo sacerdotal que encaminha todos os povos a Cristo.

A missão da Igreja, portanto, não consiste em ser um ajuntamento de chamados apenas. A coletividade dos que entendem que Jesus os livrou da eternidade afastados do Criador, e que o sacrifício e ressurreição de Jesus lhes concedeu essa incomparável bênção, entendem também que essa dádiva precisa ser evidenciada na obediência e proclamada pelo testemunho a todos: “o privilégio cristão é exercido sempre em serviço”.⁸

3. RELAÇÕES ENTRE ISRAEL E A IGREJA

A análise do chamado específico, da formação e da missão de Israel no contexto do Antigo Testamento certamente traz à mente vários aspectos e características da Igreja no contexto do Novo Testamento; de igual forma, a observação do chamado, formação e missão da Igreja também faz lembrar o povo de Israel no Antigo Testamento. Esse fato leva muitos a estabelecer comparações entre Israel como povo de Deus e a Igreja como rebanho de Cristo.

Nem sempre as comparações são precisas; por vezes sérias injustiças são cometidas nessa correlação que para alguns consiste numa atualização, correção e até mesmo substituição. É preciso responder se existe alguma relação que se possa estabelecer, à luz da Bíblia, entre Israel e a Igreja. Caso exista, é preciso então definir qual tipo e qual nível dessa relação: se há algum nível de atualização, alguma espécie de correção ou até mesmo algum tipo de substituição.

Um primeiro passo sensato e biblicamente responsável para análise do tema poderia ser a observação de dois textos bíblicos importantes e consideravelmente conhecidos que ensinam, cada um no seu próprio contexto, sobre o propósito divino tanto para Israel no Antigo Testamento como para a Igreja no Novo Testamento.

Ao avaliar o texto de Êxodo 19.5-6, que evidencia a missão divinamente concedida ao povo de Israel, nota-se a expressão “reino de sacerdotes”, que demonstra o desejo de Deus para que Israel desse testemunho às nações acerca do amor, poder e fidelidade de Deus. É bem semelhante ao que se encontra em 1 Pedro 2.9-10, quando a expressão “sacerdócio real” é empregada. Ao invés de mera comparação, certamente é possível buscar uma correlação entre esses textos. Assim afirma Henry sobre essa correlação:

Alguns comentaristas observaram, muito adequadamente, que se diz que a igreja do Antigo Testamento foi sustentada por asas de águias, indicando o poder daquela dispensação, que foi realizada com mão forte e com braço estendido. Mas sobre a igreja do Novo Testamento, diz-se que é ajuntada pelo nosso Senhor Jesus, como uma galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas (Mt 23.37), indicando a graça e a compaixão dessa dispensação, e a admirável condescendência e humilhação do Redentor.⁹

⁸ DAVIDSON, F. (Edit.). **O novo comentário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1985, vol. 2, p. 1408.

⁹ HENRY, 2017, p. 289.

Não parece razoável afirmar que não haja nenhum tipo de relação entre Israel e a Igreja. O desafio é estabelecer que tipo de relação a Bíblia permite estabelecer nesse caso. Henry demonstra ser favorável à afirmação de que tanto Israel como também a Igreja são sustentados por Deus, embora os contextos sejam diferentes.

Vale lembrar que Paulo também mostrou existir correlação entre o Povo de Deus e a Igreja de Cristo, escrevendo aos cristãos de Roma e usando a ilustração do enxerto de ramos (referindo-se aos gentios) na raiz da videira (referindo-se aos judeus) no capítulo 11 de sua carta. Sobre uma hipotética substituição de Israel pela Igreja, Stern assim comenta, baseado em Romanos 11.13-32: “Curiosamente, grande parte da igreja cristã ao longo dos séculos (e sem excluir hoje) conseguiu acreditar nessa mentira da teologia da substituição que ela mesma inventou...”¹⁰ Ainda sobre essa hipótese da substituição, Stern defende tratar-se de uma invenção de teólogos que chamam a Igreja de “Nova Israel”, expressão que não se encontra no Antigo nem no Novo Testamento.

Analizando paralelos e contrastes entre Israel e a Igreja, Bledsoe destaca que há várias similaridades de papéis, propósitos e prescrições entre Israel e a Igreja, assim como diferenças em muitos aspectos, mas afirma: “Claramente tudo se desdobrou de acordo com o plano de Deus em Cristo Jesus, já que ele é a “luz para revelação aos gentios e para a glória de Israel, teu povo” (cf Lc 2.32).¹¹ Dessa forma, Bledsoe parece sugerir a ideia não de substituição nem atualização, mas de um desdobramento já planejado por Deus desde o princípio, quando conferiu ao povo de Israel uma missão (cf Êx 19.5-6) bastante semelhante à missão conferida também à Igreja em 1 Pedro 2.9-10.

Nota-se, portanto, que há diferenças contextuais evidentes entre o povo de Israel e o ajuntamento da Igreja, porém são grandes as dificuldades para fundamentar biblicamente as ideias de atualização, correção ou substituição. A continuidade da missão de testemunhar o amor e poder de Deus às nações certamente leva a pensar num desdobramento previamente planejado, como sugere Bledsoe, ou ainda numa expansão e ampliação do propósito divino de revelar-se ao mundo por meio do seu povo – tanto Israel como depois com a Igreja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma reflexão séria e atenta sobre a formação e a missão de Israel como Povo de Deus nas páginas do Antigo Testamento, e também sobre o chamado de Cristo à sua Igreja no contexto do Novo Testamento, certamente vai chamar atenção para várias semelhanças, assim como muitas diferenças.

Porém, essa reflexão precisa ser feita de forma sensata e acima de tudo bíblica: as ponderações e conclusões muitas vezes demonstram pouco (ou até nenhum) critério na análise exegética e na hermenêutica dos textos bíblicos que evidenciam os propósitos divinos para formar e comissionar Israel e a Igreja.

¹⁰ STERN, David H. **Comentário Judaico do Novo Testamento**. Tradução de Regina Aranha. Belo Horizonte: Atos, 2008, p. 434.

¹¹ BLEDSOE, David A. **Igreja regenerada: uma eclesiologia bíblica, histórica e contemporânea**. São José dos Campos: Fiel, 2022, p. 68.

Entender a relação existente entre o Povo de Deus e a Igreja de Cristo é bem mais do que um simples encaixe de conceitos similares, ou mera (e equivocada) substituição de coletividades divinamente comissionadas. Para entender a correlação entre Israel e a Igreja, é preciso se dispor a avaliar o contexto bíblico por inteiro, haja vista a missão da Igreja no Novo Testamento ser descrita com termos que intencionalmente remetem ao comissionamento de Israel no Antigo Testamento.

Diz muito o fato da missão concedida por Yahweh a Israel ser mantida no texto neotestamentário, porém com abrangência ampliada, para além das fronteiras da Judéia, englobando gente de todas as tribos, povos e raças, desde que haja a confissão e o recebimento verdadeiro de Jesus, o Filho de Deus. O desejo de Deus em proclamar, por meio de seu povo, seu amor e seu poder a todos os povos perdura ao longo de todo o relato bíblico; a redenção oferecida por Yahweh ao seu povo permanece vigente, porém ampliado a todos que aceitem fazer parte do ajuntamento chamado Igreja. O interesse de Deus para além de um povo específico já era demonstrado no Antigo Testamento, e se torna inegável nas páginas do Novo Testamento por meio da Igreja de Cristo.

Não cabe então, à luz da Palavra de Deus, a ideia de substituição do Israel chamado por Yahweh pela Igreja chamada por Cristo: antes, o que fica mais claro é a continuidade do propósito de Deus, primeiramente desempenhado pelo povo de Israel, formado a partir de um chamado de fé e obediência, e posteriormente por meio da Igreja, chamada não só para anunciar Jesus, mas seguir, também com fé e obediência, sua doutrina e seus mandamentos.

REFERÊNCIAS

BLEDSON, David A. **Igreja regenerada**: uma eclesiologia bíblica, histórica e contemporânea. São José dos Campos: Fiel, 2022.

CHAMPLIN, Russell N.; BENTES, João M. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. 3.ed. São Paulo: Candeia, 1995. Vol. 5.

DAVIDSON, F. (Edit.). **O novo comentário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1985. Vol. 2.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia sistemática**: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007.

HENRY, Matthew. **Comentário bíblico do Antigo Testamento**. Gênesis a Deuteronômio. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

STERN, David H. **Comentário Judaico do Novo Testamento**. Tradução de Regina Aranha. Belo Horizonte: Atos, 2008.

WALTKE, Bruce. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2015.

WATTS, John D. W. **Comentário bíblico Broadman**. Editado por Clifton J. Allen. Tradução de Arthur Anthony Boorne. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994. Vol. 2.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**. Antigo Testamento. Vol. 1. Santo André: Geográfica, 2007.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v10.n2.009



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

ZELO DESTRUTIVO: QUANDO O CUIDADO COM AS COISAS DE DEUS ULTRAPASSA A VONTADE DE DEUS (PERSPECTIVA HISTÓRICA)¹

*Destructive zeal: when care for the things of God surpasses the will of God
(historical perspective)*

Samuel Cristian Hein²

RESUMO

O zelo pelas coisas de Deus constitui um aspecto importante da vida cristã, pois expressa o compromisso com a fé, a Palavra de Deus e a missão da Igreja. Entretanto, quando desprovido de equilíbrio, conhecimento e amor, esse zelo pode assumir um caráter destrutivo, levando a atitudes de intolerância, perseguição, abuso de poder e afastamento da própria vontade divina. Este trabalho tem como objetivo analisar manifestações do zelo destrutivo em diferentes períodos da história da Igreja, identificando suas motivações, consequências e possíveis relações com práticas presentes no contexto eclesial contemporâneo. Para isso, aborda episódios da Igreja Imperial, com destaque para os conflitos doutrinários envolvendo Ário e Nestório; da Igreja Medieval, marcada por disputas de poder, pelas Cruzadas, pela Inquisição e por tentativas de reforma; da Igreja Reformada, considerando os conflitos religiosos envolvendo grupos anabatistas e as ações de João Calvino em Genebra; e da Igreja Moderna, com atenção ao fundamentalismo e às reações de determinados grupos cristãos às transformações culturais e científicas. Ao longo da análise, busca-se compreender como o zelo, embora frequentemente motivado pelo desejo de defender a fé e preservar a doutrina, pode ser desvirtuado quando interesses institucionais, políticos ou pessoais se sobrepõem ao amor, à misericórdia e à missão cristã. O trabalho também estabelece relações entre os acontecimentos históricos e situações contemporâneas, especialmente no que diz

¹ Este conteúdo é parte de um trabalho de conclusão de curso desenvolvido na Faculdade Batista Pioneira, desenvolvido no ano de 2022. Este texto é continuidade do artigo que se encontra em <https://revista.batistapioneira.edu.br/index.php/ensaios/article/view/698>

² O autor é bacharel em teologia pela Faculdade Batista Pioneira e obreiro na Igreja Batista Emanuel em Panambi. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-8165-4933>. E-mail: samuelhein@hotmail.com

respeito ao abuso de autoridade, à valorização excessiva das estruturas e tradições, à intolerância diante das diferenças e ao enfraquecimento do compromisso evangelístico. Conclui-se que o zelo cristão precisa ser orientado pelo conhecimento da Palavra de Deus, pelo amor ao próximo e pela compreensão da missão da Igreja, de modo que a defesa da fé não se transforme em instrumento de opressão, mas contribua para o testemunho do Evangelho e para a edificação da comunidade cristã.

Palavras-chave: Zelo. Igreja. História. Deus.

ABSTRACT

Zeal for the things of God is an important aspect of Christian life, as it expresses commitment to faith, the Word of God, and the mission of the Church. However, when lacking balance, knowledge, and love, zeal can become destructive, leading to intolerance, persecution, abuse of power, and actions that contradict God's will. This paper aims to analyze manifestations of destructive zeal in different periods of Church history, identifying their motivations, consequences, and possible connections with practices in contemporary ecclesiastical contexts. It examines the Imperial Church, highlighting doctrinal conflicts involving Arius and Nestorius; the Medieval Church, marked by power struggles, the Crusades, the Inquisition, and attempts at reform; the Reformed Church, considering religious conflicts involving Anabaptist groups and John Calvin's actions in Geneva; and the Modern Church, focusing on fundamentalism and the reactions of certain Christian groups to cultural and scientific changes. The analysis also relates historical events to contemporary situations, particularly regarding the abuse of authority, excessive emphasis on institutional structures and traditions, intolerance of differences, and the weakening of the Church's commitment to evangelism. It concludes that Christian zeal must be guided by knowledge of God's Word, love for one's neighbor, and an understanding of the Church's mission. Thus, defending the faith should not become an instrument of oppression but should contribute to the witness of the Gospel and the edification of the Christian community.

Keywords: Zeal. Church. History. God.

INTRODUÇÃO

O trabalho apresentará uma visão sobre o zelo, principalmente sobre o zelo destrutivo, em que momento foi aplicado de forma incorreta e de forma correta. Abordará como a Igreja foi permeada de um zelo excessivo em diversos aspectos ao longo da história. Ademais, na conclusão, será apresentada uma visão acerca do equilíbrio no zelo com as coisas de Deus, mostrando como evitar chegar aos extremos e viver no centro da vontade de Deus. Será visto como muitas vezes, pelo imenso desejo de fazer o certo e zelar pelo Reino e pelas coisas de Deus, pessoas ultrapassaram a vontade de Deus e impediram o avanço e a proclamação do Evangelho. Como resposta, o trabalho terá como objetivo ser um alerta de como o zelo destrutivo tem permeado a história e como afeta a Igreja atual da mesma forma, para que o leitor possa enxergar as perspectivas contemporâneas e buscar evitar esse mau zelo.

O assunto aborda um tema importantíssimo que é o cuidado para com as coisas de Deus, o que a Palavra de Deus ressalta do seu começo ao fim. O trabalho visará colaborar com um estudo bíblico e com aplicação prática para o problema do zelo destrutivo, o excesso de cuidado com as coisas de Deus. Ajudará a ter uma visão e um parâmetro de como aplicar o

zelo com a Igreja de forma prática, a fim de que a Igreja desenvolva um trabalho equilibrado e possa ser bênção para a sociedade. O interesse veio a partir das aulas na Faculdade Batista Pioneira e de uma conversa que despertou o interesse para o tema. Após ouvir vários exemplos práticos, seja em sala de aula ou em conversas, foi visto a necessidade de pesquisar sobre o assunto e ver como o zelo destrutivo ainda atua na Igreja e como evitar os erros do passado e do presente.

O desafio de ser equilibrado quanto ao zelo e não ultrapassar a vontade de Deus é grande. O descumprir dessa vontade traz destruição e separação ao invés de bênção e restauração. Tendo isso em mente, surge a pergunta: *“O que algumas perspectivas da história evidenciam sobre o zelo e como chegar a um equilíbrio?”*

No decorrer de todo o conteúdo, após os pontos necessários, será apresentado como o zelo, no contexto bíblico ou histórico vigente, se apresenta na Igreja atualmente. Isso terá como objetivo alertar o leitor de que os problemas do passado podem se apresentar com uma nova roupagem no presente. Será visto que o zelo é o inspirador de grandes projetos espirituais. Muito se pode fazer com o zelo, como levar a Igreja a vontade de Deus, mas o zelo destrutivo se mostrará e se revelará na destruição da Igreja.

Serão abordados momentos na história da Igreja quando o zelo desmedido pelas coisas de Deus destruiu vidas, famílias, movimentos e manchou a imagem do Evangelho. É necessário abordar o tema ao longo da história, pois o que aconteceu no passado deve ser aprendido para melhorar o futuro e para que os erros não se repitam. O bom zelo levou homens na história da Igreja a grandes realizações da parte de Deus, projetos que não poderiam ser completados sem um enorme zelo pela causa do Senhor. No entanto, o zelo mal orientado guiou homens, as vezes com boas intenções pela causa do Senhor, a muitas perseguições, banimentos, encarceramentos e até crimes de sangue. Há, segundo Champlin, um zelo piedoso da parte de Deus e um zelo satânico, que leva a morte e maldade.³

Há uma profunda lição espiritual aqui. Os homens podem cometer erros ao tentar realizar supostas boas coisas. É fácil enganar-nos e fazer uma viagem pelo “ego”, ou ocultar o ódio sob a capa da espiritualidade. É fácil destruir e então dizer: “Fiz isso para Deus”. Entrementes, a única lei universal, a do amor, é esquecida.⁴

Para isso, o trabalho será dividido em quatro períodos da história da Igreja: a Igreja Imperial, a Igreja Medieval, a Igreja Reformada e a Igreja Moderna. Em cada período, serão apresentados acontecimentos que permitem observar como o zelo pelas coisas de Deus foi exercido, bem como as consequências de sua aplicação desmedida. Também serão consideradas algumas implicações desses acontecimentos para a Igreja atual, buscando compreender como o zelo pode ser praticado de maneira equilibrada, sem perder de vista a Palavra de Deus, o amor e a missão cristã.

³ CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia teologia e filosofia**. Tradução de João Marques Bentes. 3.ed. São Paulo: Candeia, 1995, vol. 6, p. 886.

⁴ CHAMPLIN, Russell Norman. **O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo: Deuteronômio, Josué, Juízes, Rute, I Samuel, II Samuel, I Reis**. São Paulo: Hagnos, 2001, vol. 2, p. 1172.

A análise parte do entendimento de que o zelo pode contribuir para a realização de importantes ações em favor do Reino de Deus, mas também pode se tornar prejudicial quando deixa de ser orientado pelo conhecimento, pelo discernimento e pelo amor. Desse modo, a reflexão proposta não pretende desconsiderar a importância da defesa da fé e da fidelidade às Escrituras, mas questionar as atitudes que, em nome desses compromissos, comprometem a dignidade humana, a comunhão cristã e a proclamação do Evangelho. Espera-se, portanto, que o estudo contribua para reconhecer as manifestações do zelo destrutivo na história e na atualidade e para refletir sobre uma prática cristã equilibrada, comprometida com a vontade de Deus e com o testemunho de Cristo.

1. O ZELO DOUTRINÁRIO E O PODER NA IGREJA IMPERIAL

A Igreja Imperial começa com uma grande e exultante notícia - o imperador Constantino se converteu! O Cristianismo venceu o império, a Palavra de Deus triunfou. Há muitas coisas a se considerar nesse momento da história da Igreja. A “conversão” do império e o reconhecimento do Cristianismo é realmente uma vitória, mas muitas coisas negativas vieram com a unidade da Igreja e do Estado.⁵

Um triste episódio ocorreu no ano de 390, quando o imperador Teodósio, no Ocidente, decidiu zelar pela Igreja. Ao saber das práticas homossexuais de um cocheiro, lançou-o na prisão, o que causou a ira do povo, que assassinou o governador por não o libertar. Imbuído de um zelo destrutivo, esperou uma corrida de bigas em Tessalônica começar, fechou as portas com o povo dentro e naquele dia 7 mil cidadãos foram mortos a espada. Ambrósio, arcebispo, sentiu-se na obrigação de resolver o problema, a fim de defender a humanidade e o nome da Igreja. Enviou uma carta repreendendo o imperador e o excomungou da Comunhão até que se arrependesse de seus atos. O imperador resistiu inicialmente, mas por fim aceitou as condições e se humilhou por seus atos em perdão.

Era necessária muita coragem para enfrentar e humilhar um imperador bizantino, mas nessa ocasião fora descoberta uma arma que, em breve, seria utilizada para domínio e poder por parte da igreja - a excomunhão - que seria usada para humilhar príncipes e reis e para controlar aqueles que saíam fora das doutrinas da Igreja.⁶ “O período é ainda uma boa ilustração de como um forte zelo pela doutrina pode levar uma pessoa ou uma igreja involuntariamente ao erro, se não se fizer um estudo equilibrado da Bíblia”.⁷

1.1 Ário e o debate sobre a divindade de Cristo

Um dos grandes debates dos primeiros séculos foi acerca da Cristologia. Estava em pauta a divindade de Cristo. A teologia moderna tem muito a agradecer a esse tempo, pois muito do que é desenvolvido e crido tem por base as discussões que aconteceram séculos

⁵ SHELLEY, Bruce L. **História do cristianismo**: uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2018, p. 109-111.

⁶ SHELLEY, 2018, p. 117-118.

⁷ CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da Igreja cristã. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. P. 105.

antes. O conhecimento desses assuntos ainda era obscuro, a teologia estava em desenvolvimento e pessoas estavam sujeitas a erros de interpretação graves, mesmo que suas intenções fossem as melhores. Muitas doutrinas confundiam até os maiores teólogos, que através de trabalho árduo conseguiram elaborá-las.⁸

Um grande debate surgiu em Alexandria entre Ário e Alexandre, por volta de 318 d.C. Ário, ao tentar criar uma teologia sobre a divindade de Cristo, escreveu que o “Logos” encarnado em Jesus (Jo 1.14) significava que Cristo havia sido criado pelo Pai e que, por conseguinte, era uma divindade inferior e não eterno desde o princípio como o Pai. Cria que Cristo era uma divindade menor e de natureza diferente. Como escreveu ao bispo Eusébio de Nicomédia: “O Filho tem um começo, mas [...] Deus, não”. Cria que Deus era tão radicalmente singular que não podia partilhar a sua substância com nada.⁹ Zeloso em não desenvolver uma teologia politeísta, “Ário acabou concebendo uma doutrina que recusava a verdadeira divindade de Cristo”.¹⁰

Ário caiu em um grande erro hermenêutico; no entanto, fez isso em uma época em que não havia sido desenvolvida uma teologia acerca do assunto. Movido por um zelo por Deus e pela Palavra, infelizmente caiu em um erro de interpretação. Seu ensino, infelizmente, parecia-se com as religiões pagãs, que criam em um deus supremo e diversos semideuses abaixo dele. Por isso, muitos ex-pagãos começaram a seguir a teologia de Ário, pois achavam difícil compreender Cristo como coexistente e coeterno com o Pai.¹¹

O ensino de Ário não foi tolerado e Alexandre convocou um sínodo em Alexandria, e o resultado foi a excomunhão. Isso fez com que Ário recorresse a seu amigo Eusébio de Nicomédia, o que desencadeou uma disputa teológica para defender o seu lado. O que poderia ter sido resolvido de forma pacífica e com debates,¹² “tornou-se um teste de força entre as duas igrejas mais importantes do Oriente: Nicomédia, a capital política e a capital intelectual”.¹³

Ário provocou tumultos nas ruas de Alexandria e calorosos debates, o que precisava ser resolvido urgentemente. Constantino interveio e convocou um concílio em Niceia no ano de 325, que foi importantíssimo para o desenvolvimento da teologia. Os mais de 300 bispos presentes tiveram seu transporte pago pelo imperador. Constantino falou brevemente aos eclesiásticos, lembrando-os de que deveriam chegar a algum acordo diante das questões que os separavam, pois, divisão na Igreja era pior do que guerra.¹⁴

De acordo com um relato do concílio, alguns bispos que apoiavam Ário queriam a vitória completa a todo custo e defenderam sua causa com arrojo e confiança. O conselho como um todo ficou tão perturbado que a apresentação foi interrompida aos gritos. Pelo jeito, todos aqueles bispos

⁸ CURTIS, A. Kenneth. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo**: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China. São Paulo: Vida, 2003. P. 38.

⁹ SHELLEY, 2018, p. 121.

¹⁰ CAIRNS, 1995, p. 107.

¹¹ CURTIS, 2003, p. 39.

¹² CAIRNS, 1995, p. 107.

¹³ SHELLEY, 2018, p. 122.

¹⁴ CURTIS, 2003, p. 39-40.

vinham de igrejas onde Jesus era adorado, então, enfatizá-lo como um tipo diferente de ser certamente soou irreverente aos seus ouvidos. Em certo sentido, o concílio havia acabado ali; a doutrina de Ário perdera a rodada. Em seguida, veio o trabalho árduo de elaborar uma declaração que fosse adotada pelo concílio, mas que também excluísse os ensinamentos de Ário.¹⁵

Todos os presentes, exceto dois, assinaram o credo do concílio de Niceia. Por eles não terem assinado, foram exilados junto com Ário pouco tempo depois. O imperador Constantino, junto com os bispos, comemorou a vitória e selaram uma amizade entre o império e a Igreja.¹⁶

Após o episódio de Niceia, contudo, Constantino e seus sucessores precisaram intervir várias vezes, banindo ou exilando algum eclesiástico. A doutrina da Igreja dependia, com muita frequência, do controle do imperador, e a corte estava infestada de porta-vozes de partidos cristãos. Como consequência, o poder imperial estava sempre banindo bispos e trazendo-os de volta de acordo com o grupo de conselheiros eclesiásticos em alta no momento.¹⁷

“A sabedoria coletiva dos bispos foi consultada nos anos que se seguiram, [...] Constantino deu início à prática de unir o império e a igreja no processo decisório. Muitas consequências perniciosas seriam colhidas nos séculos futuros dessa união”.¹⁸ Embora o concílio tivesse chegado a uma conclusão, não evitou que os anos entre 325 e 381 fossem um tempo de muitas lutas, atritos e regado a ódio.¹⁹

1.2 Nestório e as controvérsias cristológicas

Outro grande debate sobre a pessoa de Cristo foi acerca de suas duas naturezas: humana e divina. Nesse contexto surgiu Nestório, pregador de Antioquia e ordenado bispo de Constantinopla pelo imperador no ano 428. Ele cria na divindade de Cristo, mas rejeitava a ideia de Maria como a “genitora de Deus”.²⁰ Defendia que existiam duas pessoas na figura de Cristo, que viviam em harmonia moral e em uma fusão de vontades, mas não em uma união essencial. Nunca dividiu Cristo em dois filhos, mas, como ele mesmo afirmou: “Eu separo as naturezas, mas uno a adoração”. Sua crise era com a ideia de Maria ser mãe do ser divino ou considerar, por exemplo, que Deus na pessoa de Jesus poderia ter três dias de vida (quando bebê).²¹

Nestório foi altamente condenado por seu pensamento, mas a história demonstra que foi mais por razões políticas do que teológicas. Virou alvo de hostilidade de Cirilo, patriarca de Alexandria, que em 428 d.C. iniciou seu ataque, acusando-o e difamando-o em Roma, o que fez o papa Celestino ficar ainda mais descontente com o fato. No concílio geral de Éfeso (431

¹⁵ SHELLEY, 2018, p. 122.

¹⁶ CURTIS, 2003, p. 40.

¹⁷ SHELLEY, 2018, p. 124.

¹⁸ CURTIS, 2003, p. 40.

¹⁹ CAIRNS, 1995, p. 108-109.

²⁰ CAIRNS, 1995, p. 109.

²¹ SHELLEY, 2018, p. 134.

d.C.) foi deposto e expulso da capital por ordem de Cirilo por questões políticas e de poder, disfarçadas de zelo pela Igreja e pela doutrina.²² “Cirilo conseguiu que Nestório fosse deposto antes que ele e seus amigos pudessem chegar ao local das reuniões”.²³ Nestório foi exilado no Egito onde morreu no ano de 450. “Até hoje não é claro até que ponto os ensinamentos de Nestório foram realmente heréticos e até que ponto ele foi vítima de mal-entendidos e deturpações”. O historiador Williston Walker chamou o episódio de “uma das disputas mais repugnantes na história da Igreja”.²⁴

Em sua autobiografia, Nestório insiste que não se opunha ao uso da expressão “genitora de Deus” por negar a divindade de Cristo, mas para enfatizar que Jesus nascera como um ser humano genuíno, com o corpo e alma, e suas preocupações não eram infundadas. Contudo, ainda que injustamente, a Igreja atribui o nome Nestório à postura de não se considerar verdadeiramente unidas em Jesus as naturezas divina e humana.²⁵

1.3 O zelo doutrinário e o exercício da autoridade na Igreja contemporânea

Infelizmente os casos como de Ário e Nestório não ficaram no passado. Eles tomaram novas roupagens e estão na igreja contemporânea. São casos como de líderes que utilizam as organizações para manterem o seu “império” e o que conquistaram, por medo de que outros o tomem ou o ameacem, como Rinehart bem mostra em um exemplo:²⁶

Dois missionários veteranos são mantidos fora de uma grande cidade porque um líder se sentiu ameaçado pela presença deles. “Eles não são controláveis”, diz o líder. Esse homem disse isso para manter muitos outros missionários nacionais e estrangeiros fora de “sua área” ao longo dos anos. Mas agora seus colegas veem que ele aplicou essa mesma estratégia para tirar outras pessoas ou impedir a entrada de missionários. “Enganador e manipulador” são palavras que descrevem seu controle sobre a organização, mas por fora ele manteve uma boa fachada, usando toda a linguagem certa. Isso está abaixo de nosso chamado de líderes que receberam a ordem para ajudar no cumprimento da Grande Comissão no nosso mundo.²⁷

Quando a Igreja vive inflada com o ego, sente-se ameaçada por outros. Líderes assim corrompem o Reino, não aceitando ajuda e cooperação para a obra do Senhor, mandando embora aqueles que os “ameaçam”. Ário e Nestório foram excomungados e exilados por apresentarem ideias que diferiam e que ameaçavam. A reação imediata foi como desses péssimos líderes que dizem: “Você não está fazendo o que queremos, então deve ir embora”. Há de ressaltar que as ideias deles foram hereges e contrárias à verdadeira doutrina, mas a

²² SHELLEY, 2018, p. 134-135.

²³ CURTIS, 2003, p. 56.

²⁴ SHELLEY, 2018, p. 134-135.

²⁵ SHELLEY, 2018, p. 135.

²⁶ RINEHART, Stacy T. **Liderar a luz da eternidade: o modelo de Jesus**. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2021, p. 132-133.

²⁷ RINEHART, 2021, p. 132-133.

pergunta que se deve fazer é se o modo como isso foi tratado foi também de acordo com a verdadeira doutrina.²⁸ Muitas vezes:

A tradição está mais arraigada em nós do que a Palavra de Deus. Somos capazes de deixar de lado um versículo, mas incapazes de deixar de lado nossas tradições. Muitas vezes fazemos coisas contrárias à Bíblia baseados em nossas tradições. [...] As tradições são tão fortes que geralmente quando alguém é expulso da Igreja, o motivo não é a violação de alguma doutrina da Bíblia, mas a transgressão de alguma tradição. [...] É todo o nosso ser que diz não a Deus quando Ele não concorda com as nossas tradições, mesmo quando dizemos que a Bíblia é a nossa única regra de fé e doutrina.²⁹

2. O ZELO INSTITUCIONAL E A BUSCA PELO PODER NA IGREJA MEDIEVAL

Na Igreja Medieval, o foco passou a ser cada vez mais manter estruturas e poder a qualquer custo, mesmo que esse custo fosse a Palavra ou pessoas, ao invés de manter a pura doutrina. O dinheiro, a instituição e a política tornaram-se o foco da Igreja por praticamente um milênio.³⁰ Também usaram dos mais diversos meios para conquistar o céu e passaram a ver a igreja (estrutura) como meio para isso. Como bem discorre González:

Durante toda a “era das trevas” a faísca dos ideais evangélicos sempre esteve acesa. Os nobres que guerreavam entre si, os membros dos diversos partidos que disputavam o papado, e os servos que no fim das contas proviam o sustento da Europa, todos eram cristãos. Chamá-los “cristãos nominais” não seria correto, pois sua fé, apesar de talvez errada ou infrutífera, e sem dúvida por demais ignorante dos desígnios de Deus para a história humana, era sincera. Tratava-se antes de pessoas para as quais a fé era a maneira de ganhar o céu, que lhes parecia tão real como a terra em que viviam. Para elas a salvação da alma era o propósito último da vida humana, e por isto as maiores atrocidades eram desculpadas com base na justificação eterna.³¹

A maior parte da Europa “tornou-se cristã” nessa época. Os ritos religiosos como casamento, batismo, confissão, entre outros, eram seguidos e realizados religiosamente, no entanto, nada se parecia com o Reino de Deus. Eram frequentes as disputas de poder, conflitos e o esquecimento das pessoas comuns, que ficavam marginalizadas frente a prioridade estrutural da Igreja católica.³²

2.1 Breve panorama: a concentração do poder eclesiástico

O poder dos papas sobre o governo e o império era cada vez maior e cada vez mais as decisões da Igreja eram mais políticas do que religiosas. Mais em busca de poder humano do que do poder de Deus. Os chamados “falsos decretos” deram grande poder aos papas, que passaram a possuir poder de frear os superiores imperiais. Um caso que aumentou o poder

²⁸ RINEHART, 2021, p. 133.

²⁹ ORTIZ, Juan Carlos; BUCKINGHAM, Jamie. **Ser e fazer discípulos**. São Paulo: Loyola, 1979, p. 80-82.

³⁰ SHELLEY, 2018, p. 170.

³¹ GONZÁLEZ, Justo L. **E até aos confins da terra**: uma história ilustrada do Cristianismo, a era dos altos ideais. São Paulo: Vida Nova, 2001. Vol. 4, p. 7.

³² CURTIS, 2003, p. 82.

do papado é o do papa Adriano II, que repreendeu Lotário a apenas participar da ceia se tivesse se arrependido do seu caso de adultério, caso contrário, provocaria o juízo de Deus sobre todos os presentes para a comunhão da ceia. Ele tomou a ceia mesmo assim e pouco tempo depois uma terrível praga ocorreu na corte do rei, o que aumentou ainda mais a autoridade papal.³³

O papa seguinte foi João VII, que se envolveu em problemas políticos e acabou sendo assassinado em seu próprio palácio envenenado, e como demorava a morrer, deram-lhe um golpe de machado no crânio. Após esse momento os papas sucediam uns aos outros rapidamente e a história tornou-se cheia de intrigas, discórdia entre partidos. “Não faltaram papas que foram estrangulados, ou que morreram de fome nos calabouços em que seus sucessores os tinham colocado. Às vezes houve mais de um papa, e até três”.³⁴ Os três papas tentaram reivindicar o poder para si mesmos e houve diversos conflitos e rivalidades que só foram resolvidos após muitas discussões e desdobramentos.³⁵

Alguns episódios que precederam essa época foram terríveis e mostram como a Igreja havia apenas se tornado um lugar de disputa por poder. Em 897, Estevão VI presidiu o chamado “concílio cadavérico”, no qual desenterrou seu antecessor Formoso. Junto com seus súditos, vestiram-lhe com a indumentária, o acusaram de diversos crimes, cortaram seus dedos e jogaram seus restos em um rio. Pouco depois, em 904, Sérgio III mandou prender e assassinar dois de seus rivais: Leão V e Cristóvão I. O papa Sérgio chegou ao poder por conta da ajuda de uma família poderosa da Itália e foi amante da filha da família. O filho do papa e da amante subiu mais tarde ao trono como João XI. Com a morte do papa, o marquês Guido invadiu o palácio e aprisionou o papa João X, que depois foi morto asfixiado com um travesseiro. Cada vez mais se afundava a Igreja atrás de um falso zelo, que escondia suas intenções políticas e egoístas. Houve aqueles que zelaram verdadeiramente e tentaram modificar a Igreja nesse tempo, mas seus esforços não foram o bastante.³⁶

Exemplo de tentativa de reforma foi por parte do bispo Bruno, que lutou contra a simonia, que é a compra ou venda ilícita de coisas espirituais (como indulgências e sacramentos) ou temporais ligadas às espirituais (como os benefícios eclesiásticos). Para começar sua luta, recusou-se a aceitar o cargo de papado pelas mãos do imperador e só assumiria se o povo e o clero o elegessem, e assim foi. Tornou-se papa em 1049 e tomou o nome de Leão IX. Seu desejo era ir para Roma como “apóstolo” e não como apóstata. Infelizmente seus esforços não foram o suficiente para revolucionar a Igreja, pois defendia que os sacramentos eram válidos e empunhou armas para guerrear contra os normandos. Havia muito a ser mudado no contexto do Igreja.³⁷

³³ GONZÁLEZ, Justo L. **E até aos confins da terra**: uma história ilustrada do Cristianismo, a era das trevas. São Paulo: Vida Nova, 1995. Vol. 3, p. 178-179.

³⁴ GONZÁLEZ, 1995, p. 179.

³⁵ GONZÁLEZ, Justo L. **E até aos confins da terra**: uma história ilustrada do Cristianismo, a era dos sonhos frustrados. São Paulo: Vida Nova, 1995. Vol. 5, p. 71-73.

³⁶ GONZÁLEZ, 1995, p. 179-181.

³⁷ GONZÁLEZ, 2001, p. 17.

2.2 As Cruzadas e a legitimação religiosa da violência

Como bem diz Gonzáles:

De todos os ideais elevados que cativaram o espírito da época, nenhum foi tão avassalador, tão dramático, nem tão contraditório como o das cruzadas. Durante vários séculos a Europa ocidental derramou seu fervor e seu sangue em uma série de expedições cujos resultados foram, nos melhores casos, de pouca duração; e nos piores casos, trágicos. O objetivo era derrotar os muçulmanos que ameaçavam Constantinopla, salvar o Império do Oriente, unir de novo a cristandade, reconquistar a Terra Santa, e em tudo isto ganhar o céu. Se este último propósito foi alcançado ou não, cabe ao Juiz Supremo decidir. Todos os outros foram concretizados, de uma ou outra forma. Mas nenhum deles de maneira permanente.³⁸

Quem foi o idealizador das cruzadas foi o papa Urbano II, que lançou a primeira cruzada em 1095. Ele queria ter o domínio do Oriente e mais poder, enquanto os príncipes do ocidente brigavam entre si. Os guerreiros convocados sentiam-se fazendo um serviço a Deus, eram assegurados de que seus serviços teriam benefícios espirituais e minimizariam seu tempo no purgatório ou até mesmo poderiam ter acesso direto ao céu. “Depois da vitória na Terra Santa, houve um banho de sangue. “‘Não faça prisioneiro algum’, era a tática que os cruzados usavam. Um observador apaixonado escreveu que os soldados ‘cavalgavam com sangue chegando até a altura de suas rédeas’”. Prestar um serviço a Deus era tão nobre e nenhum príncipe ou imperador poderia oferecer isso, assim a Igreja ganhava mais poder que o império.³⁹

Em 1095, Urbano convocou o Concílio de Clermont. Ali, ele pregou um sermão inspirador: “Uma horrível notícia está sendo propagada [...] uma raça amaldiçoada e totalmente alienada de Deus [...] invadiu as terras dos cristãos e os expulsou por meio da espada, da pilhagem e do fogo”. Ele fez o seguinte apelo: “Devemos retomar as terras dessa raça ímpia, subjugando-a a nós”. “*Deus vult! Deus vult!*” [“Deus deseja isso!”], gritava a multidão. E esse se tornou o grito de guerra das Cruzadas.⁴⁰

“Talvez o resultado mais significativo tenha sido o esplendor adicional que as cruzadas conferiram ao papado”. Disfarçado de zelo pela terra santa, grandes atrocidades foram feitas em nome da fome pelo poder e engrandecimento da estrutura da Igreja. A cada novo papado, uma nova cruzada era lançada e o terror ficou na memória de povos por gerações em nome do egoísmo.⁴¹

Todavia, assim como os arquitetos góticos, que construíam suas catedrais a alturas cada vez mais elevadas até as torres racharem e caírem, os papas tentaram o impossível. A Europa cristã não tinha necessidade da Síria ou de Jerusalém, portanto, a captura delas viera em um momento de entusiasmo, mas a Europa cristã não tinha poder para mantê-las sob seu controle. Enquanto o comércio e as cidades ofereciam novos interesses aos

³⁸ GONZÁLEZ, 2001, p. 47.

³⁹ CURTIS, 2003, p. 82-84.

⁴⁰ CURTIS, 2003, p. 83.

⁴¹ SHELLEY, 2018, p. 217.

governantes e ao povo, os papas permaneciam fiéis ao antigo controle cristão ideal da Terra Santa, e essa era sua preocupação constante. Infelizmente os papas nunca defenderam duas verdades básicas que jamais devemos esquecer: que as satisfações mais elevadas do cristianismo não são asseguradas pela posse de lugares especiais e que a espada nunca é a maneira divina de ampliar a Igreja de Cristo. Essa falha garantiu o colapso religioso de toda a estrutura.⁴²

As Cruzadas evidenciam como o zelo religioso pode ser distorcido quando se associa à busca por poder e à justificativa da violência. Embora fossem apresentadas como uma forma de defender a cristandade e recuperar a Terra Santa, essas expedições produziram mortes e sofrimento, revelando a contradição entre os objetivos religiosos anunciados e os meios utilizados para alcançá-los. Desse modo, o episódio demonstra que a intenção de servir a Deus não justifica ações contrárias aos princípios cristãos. Além disso, o fortalecimento do poder papal nesse período ajuda a compreender a relação entre religião e poder político, que se torna ainda mais evidente no pontificado de Inocêncio III, abordado a seguir.

2.3 Inocêncio III e a consolidação do poder papal

Por volta de 1125, o império começou a decair vagarosamente, enquanto o poder da Igreja crescia vertiginosamente, chegando no seu ápice com o papa Inocêncio. Como uma forma de organizar o império após a morte repentina de Henrique, o imperador Inocêncio elegeu Oto para o trono, mesmo que outro possuísse mais direito, reivindicando que o outro estava em pecado por conta dos atos de seus pais. O papa afirmou que o papa tem autoridade sobre o imperador, assim como Deus estabeleceu luminares para governar o dia e a noite, assim também estabeleceu o papado para governar a terra, como se fosse uma extensão da sua ação. A ação do papa desencadeou uma terrível guerra civil, que após dez anos terminou com a vitória de Oto e o poder do papado intacto.⁴³

Sobre Inocêncio III, Shelley questiona o seguinte:

Uma coisa estava clara: a visão de Inocêncio III sobre o Cristo no céu que governava, por meio de seu Vigário, todas as nações, todo o conhecimento e toda a graça na vida presente e na vindoura enfrentava um rival formidável na antiga imagem do Salvador que havia afirmado: “As raposas têm suas tocas e as aves do céu têm seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde repousar a cabeça”. Mas onde, afinal de contas, está o verdadeiro cristianismo? Em uma instituição sacramental ou em um estilo de vida abnegado?⁴⁴

O grande poder da Igreja atingido por Inocêncio também resultou nas Inquisições. Os métodos de torturas prolongadas utilizados no processo de punir hereges não podem ser conciliados com a vontade de Deus. Como afirma Shelley, “o problema é que, ao expulsar um demônio, a Igreja abriu a porta para outros sete”. A Igreja estava lutando contra infiéis nas cruzadas e também incinerando e torturando hereges em seus territórios. Como viam a Igreja

⁴² SHELLEY, 2018, p. 217.

⁴³ GONZÁLEZ, 2001, p. 171-179.

⁴⁴ SHELLEY, 2018, p. 230.

de Roma como o corpo, utilizavam o texto de Mateus 5.30 como base para que os membros podres (hereges, segundo a visão da Igreja da época) fossem cortados fora. E foram, mas através de tortura e fogo.⁴⁵

Em resposta a grande pompa e infraestrutura da igreja que só crescia, irrompeu um grande movimento de líderes que decidiram viver abnegados das riquezas. Revelou-se que o cristianismo político e a pompa não podiam responder a todas as questões, pois do que adianta ganhar o mundo e perder a alma (Mt 16.26). De que servem as cruzadas, grandes feitos arquitetônicos, o poderio e as discussões escolásticas se o povo passava fome e era desprezado, se recebiam pedra ao pedir pão (Mt 7.9). Muito mais que fome física, o povo tinha fome espiritual.⁴⁶

2.4 João Hus e os conflitos em torno da reforma da Igreja

As pessoas não suportavam mais a manutenção da Igreja política e distante dos ideais bíblicos praticados pelos apóstolos. Surgiram grandes homens de Deus para questionar os ideais de poder. Um desses homens foi João Hus, cujo martírio foi um dos estopins para a Reforma. Influenciado pelos ensinamentos de Wycliffe, começou a reparar e apontar as diferenças gritantes vistas nas pinturas da Capela de Belém: Cristo andava a pé, era humilde e não possuía pompa ou poder, do outro lado, os papas e líderes religiosos desfilavam em palácios folheados a ouro, viviam e desfrutavam de poder e do melhor que o mundo podia oferecer. O mundanismo e a falta da autoridade da Bíblia na Igreja impulsionaram Hus a querer mudar as coisas.⁴⁷

A pregação de suas ideias, pautadas na Palavra de Deus, angariou diversos seguidores. O clero ficou ainda mais enfurecido quando Hus começou a enfatizar que Cristo é quem deve ser o cabeça da Igreja, que somente Ele pode perdoar pecados e que nada além da Bíblia deveria estabelecer doutrinas. Hus chamou os crentes a obedecerem a Bíblia, mesmo que fosse contrária às ordens da Igreja ou até mesmo do papa. “Sob ataque, Hus se recusou a negar que afirmara que quando um papa ou um bispo estivesse em pecado mortal, ele deixava de ser papa ou bispo”. Obviamente Hus foi preso, pois mexeu no conforto dos poderosos e não se retratou dizendo: “eu não renunciaria à verdade nem mesmo por uma capela repleta de ouro”. Em 6 de julho de 1415 a igreja o condenou formalmente e Hus foi entregue às autoridades seculares para que fosse executado. Como disse seu executor:⁴⁸

“Vamos cozinhar esse ganso”. O homem a quem essas palavras se referem era João Hus, cujo sobrenome significa “ganso”, em seu idioma pátrio, o tcheco. A pessoa que proferiu essas palavras se referia ao fato de que Hus seria queimado em uma fogueira. Porém, quando o Estado e as autoridades eclesiásticas condenaram Hus, estavam acendendo a fogueira do nacionalismo e da Reforma da igreja.⁴⁹

⁴⁵ SHELLEY, 2018, p. 231,136.

⁴⁶ GONZÁLEZ, 2001, p. 8.

⁴⁷ CAIRNS, 1995, p. 206-207.

⁴⁸ CURTIS, 2003, p. 100-101.

⁴⁹ CURTIS, 2003, p. 99.

O caso de João Hus evidencia os conflitos gerados quando a autoridade institucional se sobrepõe à crítica fundamentada nas Escrituras. Sua condenação e execução revelam como a defesa do poder eclesiástico pode resultar na perseguição daqueles que questionam suas práticas. Ao mesmo tempo, sua trajetória contribuiu para o questionamento de estruturas da Igreja que seriam retomadas posteriormente pelos movimentos de Reforma. Esse episódio reforça a importância de avaliar não apenas as convicções defendidas, mas também os meios utilizados para as defender. Na sequência, será possível observar como problemas relacionados ao poder, às estruturas e ao uso do zelo religioso também encontram paralelos na Igreja contemporânea.

2.5 O zelo institucional e suas implicações para a Igreja contemporânea

O amor pelas estruturas, por poder e dinheiro ao invés do zelo correto pelas coisas de Deus não é exclusivo da Igreja medieval. Será que a verdadeira Igreja mora nos “palácios modernos”, adornados, modernos, tecnológicos e banhados a ouro? Será que ela estava no sangue derramado nas cruzadas ou está na excomunicação dos opositores? Será que a Igreja não está mais para um lugar que zela pelos famintos, necessitados física e espiritualmente?⁵⁰ A Igreja tentou de tudo para manter a pompa e as estruturas. Se preciso, opunha-se a senhores ou se aliava a eles se estes a ajudassem a ser uma Igreja rica, linda e poderosa.⁵¹

“Embora nosso coração seja bom, nossas ações às vezes revelam que estamos focados na organização, e nosso foco organizacional tem prioridade sobre Jesus e seu Reino. Isso é idolatria”. O problema nunca foi a estrutura em si, pois ela é um meio para um grande fim. “A estrutura é necessária para sustentar a vida. Temos pele e ossos. As flores têm caules, e as árvores têm troncos e ramos. O sistema solar tem uma estrutura”. Mas muitas vezes acaba-se caindo no seguinte erro:⁵²

As organizações no Corpo de Cristo podem cair sob o controle de pessoas carnais que as usam para seus próprios fins. A manipulação, o abuso de poder e o controle sobre as pessoas podem ser justificados com os mandatos da organização. A organização torna-se a peça central ou ponto focal, e tira a autoridade de Jesus. É uma forma de os líderes não serem punidos pelas práticas carnais. É isso o que chamo de organizacionalismo.⁵³

O dinheiro da Igreja Romana era investido em poder e estrutura, o que não difere em muito da atualidade. Jesus ensina que o dinheiro deve ser gasto em tesouros eternos (Mt 6.19,20). Mas o que seria isso? É investir o dinheiro da Igreja para que vidas sejam alcançadas. “O líder cristão deve buscar o reino e não o lucro. Deus sabe quais são as necessidades dos seus filhos e acrescentará todas as coisas aos que põem em primeiro lugar o Reino de Deus (Mt 6.33)”. Hudson Taylor acreditava que a obra de Deus nunca sofreria da falta de recursos

⁵⁰ SHELLEY, 2018, p. 231.

⁵¹ GONZÁLEZ, 2001, p. 31-32.

⁵² RINEHART, 2021, p. 127-128.

⁵³ RINEHART, 2021, p. 129.

e nunca lhe faltou nada. Aqueles que focam no dinheiro e criam mirabolantes planos financeiros por preocupações terrenas ainda precisam aprender muito sobre fé em Deus.⁵⁴

As Igrejas acabam muitas vezes por apenas apoiar aqueles a quem ela controla, como por exemplo os seus missionários ou seus enviados. Isso causa um individualismo no Reino que não deveria existir. Infelizmente algumas Igrejas caem no erro de utilizar a oferta específica para crescimento de outras áreas. Isso é desvio de verba disfarçado de zelo. Outro erro é a Igreja tratar as finanças assim como uma empresa trata. A Igreja de Cristo não é uma empresa, mas um Reino vivo, guiado e conduzido pelo Senhor. Não se está afirmando que se deixem de usar estratégias e bons planos financeiros, mas que a Igreja não é uma empresa. O Reino é uma família unida para servir ao Senhor Jesus, e não deve ver a obra como uma busca de quem faz melhor, como uma corrida ou uma competição. O foco precisa estar em Jesus. O que será que Ele pensa ao ver a Igreja agindo de forma incoerente com as finanças?⁵⁵

A Igreja que se faz indiferente frente às necessidades dos famintos e necessitados, buscando lucro, não se faz diferente da Igreja Medieval que se importou em ter recursos em detrimento das pessoas e da vontade de Deus. “Um líder comprometido com o Senhor precisará de sabedoria para avaliar como o dinheiro é gasto, para que Deus seja supremamente glorificado”.⁵⁶ Muitas vezes o tesoureiro da Igreja foca em guardar o dinheiro, como se o Deus da obra não fosse suficientemente grande e provedor. Por fim, por um zelo pelas finanças e pelo Reino, acaba deixando de investir os recursos na obra de expansão do Reino. Se preocupa com a estrutura, com os recursos, zela pelas coisas de Deus, mas esquece de fazer a vontade de Deus.⁵⁷

Neste sentido, destaca que:

Você já esteve em um dos edifícios das belas igrejas na Europa? Eles representam realizações artísticas e arquitetônicas fenomenais. Alguns levaram décadas para ser construídos. Quais eram as motivações de seus idealizadores? O Senhor sabe. As pessoas devem ter sentido orgulho deles. Até hoje são lindos. São monumentos de investimentos financeiros maciços em sua construção. Mas eles nunca foram a verdadeira igreja naquela área. A verdadeira igreja, o Corpo de Cristo, são as pessoas. Nós nos esquecemos disso e damos destaque aos edifícios. As pessoas se foram, mas o monumento permanece conosco. Muitas vezes criamos uma variante disso quando colocamos o foco no nome ou no logotipo de nossa organização. As pessoas vêm e vão, mas a organização permanece - esquecemos o propósito original do edifício ou da organização e, em vez disso, honramos o edifício ou os remanescentes organizacionais.⁵⁸

Portanto, o problema não está na existência de estruturas, na organização financeira ou no planejamento das atividades da Igreja, mas em permitir que esses elementos se tornem

⁵⁴ SHEDD, Russell Philip. **O líder que Deus usa: resgatando a liderança bíblica para a Igreja no novo milênio**. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 64.

⁵⁵ RINEHART, 2021, p. 134-136.

⁵⁶ SHEDD, 2000, p. 65.

⁵⁷ LEBEDENCO, Ricardo. **Aula da disciplina de administração eclesialística**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 04 abr. 2022.

⁵⁸ RINEHART, 2021, p. 129,130.

mais importantes do que sua missão. Quando a manutenção da instituição, a busca por recursos e a preservação do poder se sobrepõem ao cuidado com as pessoas e à centralidade de Jesus, o zelo pelas coisas de Deus pode assumir um caráter destrutivo. A experiência da Igreja medieval serve, assim, como alerta para a Igreja contemporânea: os recursos e as estruturas devem estar a serviço do Reino de Deus, e não se tornar o próprio objetivo da atuação eclesial.

3. NA IGREJA REFORMADA

Completamente diferente do foco da Igreja medieval, a Igreja reformada passou a se preocupar com a defesa da pura doutrina e foi extremamente zelosa pela Palavra de Deus. O grande problema foi que o zelo pela doutrina, em alguns momentos, tornou-se tão excessivo que resultou na perseguição entre os diversos grupos, principalmente daqueles que pensavam diferente. A guerra consistia em ver quem estava certo. Cada um presava pela sua causa, às vezes, em detrimento de vidas e do ímpeto evangelístico. Em certos momentos, a violência acusada pela Reforma também foi usada pela mesma.⁵⁹

A tolerância com opiniões diferentes de outras denominações é fortemente presente atualmente, no entanto não era assim na época da Reforma. “À luz da Reforma, a discórdia não era uma virtude cristã nem um direito humano e, além disso, os reformadores estavam tão ávidos (*zelosos*) por suprimir a inconformidade quanto os católicos” (grifo do autor). A razão disso é o fato de terem que a verdade cristã unia sociedades, portanto, apenas um lado continha a verdade e essa precisava ser defendida a todo custo. Esse zelo causou muito sofrimento e perseguições daqueles cuja única ofensa era a divergência religiosa. “Novos territórios foram moldados segundo o antigo conceito de que podia existir apenas uma religião por região”. Essa luta levou a ideia denominacional:⁶⁰

A teoria denominacional da Igreja, portanto, insiste que a verdadeira Igreja não pode ser identificada com uma única estrutura eclesial. Nenhuma denominação alega representar toda a Igreja de Cristo, e cada uma delas simplesmente constitui uma forma diferente — de culto e organização — da vida maior da Igreja. Os reformadores haviam plantado as sementes da teoria denominacional ao insistir que a verdadeira Igreja nunca pode ser identificada com uma instituição em um sentido exclusivo — a verdadeira sucessão não é de bispos, mas de cristãos. Lutero enfatizou que uma expressão institucional “situada em algum lugar e envolvida nas coisas e atividades do mundo” é inevitável, mas que, “nesta vida, a maneira adequada de se entender a Igreja não é nesses termos”. As formas externas da Igreja, disse Lutero, devem dar à Palavra de Deus livre acesso ao mundo, não bloquear seu poder para salvar.⁶¹

Serão ressaltados apenas dois episódios que ilustram o que foi dito acima: a Reforma Radical, no triste episódio em Munster e as medidas tomadas por Calvino frente aos hereges e opositores.

⁵⁹ CHAMPLIN, 1995, Vol. 5, p. 244.

⁶⁰ SHELLEY, 2018, p. 325.

⁶¹ SHELLEY, 2018, p. 329-330.

3.1 Reforma radical

“A chamada Reforma Radical se tornou sinônimo de Reforma Anabatista”.⁶² Embora pregassem o pacifismo, alguns anabatistas desviaram-se desse conceito, gerando tumulto e interrompendo pregadores protestantes durante suas pregações. Isso tornou o movimento um sinônimo de “ruptura”.⁶³ O movimento anabatista não era homogêneo e haviam divergências doutrinárias. No entanto, foram fortemente perseguidos e reprimidos por meio de exílio, excomunicação, tortura e morte, tanto por parte de católicos como de protestantes.⁶⁴

O movimento começou na Suíça, em Zurique, pois não havia o domínio do papa na região. Zuínglio incentivou a Bíblia como fundamento e encorajou formação de conceitos anabatistas pautados na Palavra. Todavia, pelo motivo de muitas pessoas perderem sua cidadania, retrocedeu no combate ao batismo infantil.⁶⁵ Em 1523, um grupo se opôs a Zuínglio por conta da sua decisão, e em 1525 alguns da comunidade foram “rebatizados”, dando ênfase de que a Igreja deve ser uma comunidade somente de regenerados, tendo como confirmação o batismo de crentes.⁶⁶ O grupo queria voltar aos ideais da Igreja do século I, ao invés de se concentrar na hierarquia e sistemas políticos. Também pregava a separação entre Igreja e estado. A discórdia principal foi o batismo infantil.⁶⁷

Zuínglio tentou convencê-los a mudar de ideia com debate e persuasão, mas ao falhar o “conselho adotou medidas drásticas, como multas e exílio. Em 1526, o conselho decidiu punir com a morte por afogamento todos quantos esposassem os princípios anabatistas”. Em 1531, o movimento estava quase extinto em Zurique, pois os cristãos anabatistas tiveram que fugir para outras regiões.⁶⁸

Um triste episódio foi o que aconteceu em Múnster. Um dos três grandes grupos dos anabatistas eram os escatológicos e espirituais, os quais enfatizavam experiências sobrenaturais, crença em profecias em detrimento das Escrituras e uma forte ênfase no milênio literal na cidade alemã de Múnster.⁶⁹ Por conta da perseguição, esse grupo específico tornou-se violento. Hoffmann, um grande líder desse grupo, profetizou que o Dia do Senhor aconteceria em Estrasburgo, onde seria encarcerado por seis meses e aí viria o fim. Também incentivou os anabatistas a pegarem em armas quando isso ocorresse. E assim aconteceu. No entanto, outro disse que isso aconteceria em Múnster e não em Estrasburgo. Múnster era uma cidade tranquila, havia trégua entre católicos e protestantes e, como consequência, os anabatistas não eram perseguidos, mas tudo estava prestes a mudar quando os anabatistas tomaram a cidade.

⁶² FERREIRA, Franklin. **A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais**. São Paulo: Vida Nova, 2013. P. 169.

⁶³ CURTIS, 2003, p. 114.

⁶⁴ FERREIRA, 2013, p. 170.

⁶⁵ CAIRNS, 1995, p. 248.

⁶⁶ FERREIRA, 2013, p. 169.

⁶⁷ CURTIS, 2003, p. 113-114.

⁶⁸ CAIRNS, 1995, p. 248.

⁶⁹ FERREIRA, 2013, p. 169.

O líder do movimento foi João Matthys e seu discípulo, João de Leiden. Ao tomarem a cidade, expulsaram os católicos que em contrapartida sitiaram a cidade e matavam os anabatistas que cruzassem seu caminho. Os protestantes moderados também foram considerados ímpios por esse grupo. Ao tentar lutar contra as tropas católicas, João Matthys morreu e seu discípulo João de Leiden assumiu.⁷⁰

O cerco fez com que muitos passassem fome e muitos homens saíram da cidade. Como havia mais mulheres do que homens, Leiden instituiu a poligamia defendendo-a com textos bíblicos dos patriarcas do Antigo Testamento. “O sítio se prolongava e, ao mesmo tempo que os sitiados necessitavam de alimentos, os fundos do bispo começaram a terminar. Numa ação desesperada, João de Leiden saiu com um punhado de homens e derrotou numa escaramuça os soldados do bispo”. Como venceram, Leiden foi proclamado rei, o que fez com que um grupo que estava cansado dos excessos, da fome e do medo, abrisse as portas para as tropas do bispo.⁷¹ Leiden e seus dois principais assessores foram presos em jaulas de ferro e exibidos por toda região, depois torturados e executados. As três jaulas, exibindo os corpos, foram penduradas na igreja de São Lamberto em Múnster, as quais podem ser vistas até hoje. Seus corpos ficaram expostos como sinal por 50 anos.⁷²

Como consequência, os anabatistas como um todo foram associados ao acontecimento em Múnster e ao fanatismo religioso.⁷³ Assim, a perseguição tornou-se ainda mais forte e ativa,⁷⁴ e “os Anabatistas foram cruelmente vitimados, tanto pelos protestantes como pelos Católicos. Eles foram forçados a pular, para a morte, de penhascos, e foram afogados, queimados e enforcados”.⁷⁵ No entanto, um novo ânimo para os anabatistas surgiu através do ministério de Menno Simons, que pregou o pacifismo e bons ideais anabatistas, tanto que os descendentes dos anabatistas são chamados de menonitas.⁷⁶

3.2 João Calvino: zelo doutrinário e intolerância religiosa

Um dos grandes feitos de Calvino foi levar Genebra a ser uma cidade modelo em santidade e temor ao Senhor. Em 1541, Calvino foi convidado a retornar a Genebra, para ajudar a cidade a sair da imoralidade e reformar espiritualmente a cidade. Teve grande êxito e transformou-a em um exemplo para todos.⁷⁷ Calvino tornou Genebra um refúgio para os protestantes que estavam sob perseguição e usou-a para formar grandes teólogos.⁷⁸ Ferreira fala que João Knox disse que Genebra era “a mais perfeita escola de Cristo que jamais houve na terra desde a época dos apóstolos”. Ao morrer, as últimas palavras de Calvino foram: “É

⁷⁰ GONZÁLEZ, Justo L. **E até aos confins da terra**: uma história ilustrada do Cristianismo, a era dos reformadores. São Paulo: Vida Nova, 1995, Vol. 6, p. 102-103.

⁷¹ SHELLEY, 2018, p. 275.

⁷² GONZÁLEZ, 1995, p. 103-104.

⁷³ SHELLEY, 2018, p. 275.

⁷⁴ CAIRNS, 1995, p. 249.

⁷⁵ CAIRNS, 1995, p. 249.

⁷⁶ SHELLEY, 2018, p. 275.

⁷⁷ FERREIRA, 2013, p.165.

⁷⁸ SHELLEY, 2018, p.283.

suficiente para mim viver e morrer para Cristo, que é, para todos os seus seguidores, um ganho tanto na vida quanto na morte”.⁷⁹

A contribuição teológica de Calvino é inegável. Ele fez grandes coisas em vida e todos conhecem o lado bom de sua vida e como ele foi um grandíssimo homem de Deus. No entanto, como a Bíblia mostra, grandes homens de Deus podem ser falhos, e são.⁸⁰ Por ser uma cidade que recebia muitos exilados, ocorreu que um deles foi Serveto, que negava a doutrina da trindade. Ele procurou refúgio em Genebra por estar sendo perseguido pelos católicos.⁸¹ Serveto foi executado na fogueira em Genebra e o que poucos sabem é que isso ocorreu a mando de Calvino, que, em um zelo pela doutrina verdadeira, mandou executá-lo para que não influenciasse outros. Infelizmente esse é apenas um relato na vida de Calvino. Uma vítima entre muitas outras que ele fez.⁸²

Para chegar a um modelo de santidade, Calvino estabeleceu um sistema que cuidasse da vida moral das pessoas e estabeleceu penalidade como excomunhão, exílio e até a morte. No ano de 1546, 28 pessoas foram mortas e 76 exiladas.⁸³ “Ninguém podia evitar suas reformas, pois Calvino tentava excomungar quem não se aproximasse dos padrões das Escrituras e, assim, todos os cidadãos de Genebra tiveram de aderir à confissão de fé de Calvino”.⁸⁴

Entre os anos de 1542 e 1546 (apenas quatro anos), embora Genebra contasse com uma população de apenas vinte mil pessoas, houve nada menos de cinquenta e sete execuções capitais, sessenta e seis banimentos e um número incalculável de encarceramentos, tudo por motivos religiosos. Tais pessoas não eram criminosos civis. Tão-somente eram indivíduos que discordavam de uma ou de outra das doutrinas ensinadas por Calvino. Ele usava textos de prova do Antigo Testamento, para encontrar autorização para as suas matanças. Convenientemente, ignorava textos neotestamentários, como Lucas 9:54-56, que nos mostra qual o espírito da pessoa que se envolve com tais coisas. Assim, Jacques Gruet foi decapitado. Jerônimo Bolsac foi encarcerado, e então banido. Sebastião Castellio, que era diretor do sistema escolar de Genebra, foi banido por duas razões: primeira, ele objetava às execuções e aos encarceramentos; em segundo lugar, ele objetava à interpretação dada por Calvino sobre a história da descida de Cristo ao Hades. Calvino dizia que Cristo pregara a condenação no Hades, contradizendo a passagem de I Pedro 4:6. Castellio teve de se retirar de Genebra e foi ensinar grego na Bailéia. Kurtz juntou que esse período foi “um reinado inquisitorial de terror” (vol. 3, pág. 304). Calvino era conhecido por suas explosões de fúria, que ele chamava de sua “fera”.⁸⁵

A trajetória de Calvino em Genebra evidencia a tensão entre a busca por uma sociedade orientada pelos princípios cristãos e o uso de medidas coercitivas para impor determinada

⁷⁹ FERREIRA, 2013, p. 165.

⁸⁰ CHAMPLIN, 1995, Vol. 6, p. 571-572.

⁸¹ SHELLEY, 2018, p. 282.

⁸² CHAMPLIN, 1995, Vol. 6, p. 572.

⁸³ CAIRNS, 1995, p. 254.

⁸⁴ CURTIS, 2003, p. 118.

⁸⁵ CHAMPLIN, 1995, Vol. 6, p. 572.

compreensão da fé. Embora sua contribuição teológica tenha sido significativa, a perseguição e a execução de opositores mostram que o zelo pela doutrina pode assumir um caráter destrutivo quando se associa à intolerância e à imposição pela força. O episódio convida a refletir sobre a necessidade de avaliar não apenas as convicções defendidas, mas também os meios empregados para as sustentar, pois a defesa da verdade cristã não deve ser confundida com a legitimidade de toda ação realizada em seu nome.

3.3 Contextualização

As competições pela razão se fizeram presentes na Reforma. Ganha quem tem a razão e só um pode ser dono da verdade. A Igreja no tempo presente age da mesma forma. Reis, citando C. S. Lewis, afirma:

Crítica construtiva é a de Lewis: “Todos os piores prazeres são puramente espirituais: o prazer de provar que o outro está errado; o prazer de desempenhar papel de mandão, de protetor arrogante, de desmancha-prazeres ou de linguarudo; os prazeres do poder e do ódio. Porque há duas coisas que eu devo procurar transformar. São o eu animal e o eu diabólico. O eu diabólico é o pior dos dois. Essa é a razão por que um homem pretensioso, frio e farisaico, que vai regularmente à igreja, pode estar muito mais perto do inferno do que uma prostituta, mas, naturalmente, é melhor não ser uma coisa nem outra”.⁸⁶

Assim como na Reforma, em que os líderes exigiram liberdade para si, mas a negaram para os outros, a Igreja atua presentemente. Ao tentar sair de regimes autoritários, por vezes a Igreja cai nesse mesmo erro e persegue outras.⁸⁷ Esse zelo destrutivo ocorre quando um irmão se vê tomado pelo seu zelo político e denigre o outro irmão e até mesmo briga por assuntos fúteis ao Reino como times, gostos, entre tantas coisas que não influenciam no Reino. É necessário ver “humildemente que nossa intolerância aos que julgamos errados pode ser erro maior do que o deles. Somos todos falhos”.⁸⁸

A luta pelos ideais na Reforma também resultou muitas vezes na perda do zelo evangelístico. O zelo excessivo pela doutrina e pela liberdade religiosa faz com que o foco da Igreja seja perdido e a grande comissão perca a sua vez na Igreja.⁸⁹ A Igreja estava investindo recursos em si mesma, como muitas vezes ocorre e não se preocupava em plantar outras Igrejas algumas vezes, mas focava apenas na doutrina. Isso tem perpassado os tempos e reflete hoje. As Igrejas que não olham para a multiplicação e para a grande comissão em breve poderão morrer se não forem revitalizadas.

É visto que na Igreja tanto reformada como contemporânea falta a prática da lei do amor. Acima da tolerância deve estar a lei do amor de Cristo, ultrapassando opiniões diferentes, discordâncias doutrinárias e de forma de culto. Entende-se que é possível “tolerar e até mesmo amar a outros, ao mesmo tempo em que discordamos de certos pontos de

⁸⁶ REIS, 2004, p. 91-92.

⁸⁷ GETZ, Gene A. **Igreja, forma e essência**: o corpo de Cristo pelos ângulos das Escrituras, da história e da cultura. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 290.

⁸⁸ REIS, 2004, p. 90.

⁸⁹ SHELLEY, 2018, p. 277.

doutrina de outras pessoas”. Essa lei deve imperar, para que não se mate em nome da teologia e da doutrina. O matar vai muito além do físico; Ele pode ser psicológico, emocional ou espiritual. É preciso que a Igreja acorde para o amor.⁹⁰

Se alguém quiser ser tolerado, precisa usar de tolerância. Se alguém quiser liberdade religiosa, precisará concedê-la a outros. Se alguém quiser ser compreendido, terá de tentar compreender ao próximo. Se alguém quiser desfrutar de paz, precisará promover a paz entre seus semelhantes. Essas são questões fundamentais, mas os preconceitos religiosos, com frequência, manifestam-se com maior força que a razão. Acima da mera tolerância, brilha a compreensão, e acima de ambas rebrilha a lei do amor. O intolerante desconhece quase inteiramente a compreensão, e menos ainda conhece o amor. De fato, o ódio teológico [...] para algumas pessoas, aparece como se fosse uma virtude. E não há ódio tão intenso e persistente quanto o ódio teológico. Os homens chegam a matar por causa da teologia, e pensam estar prestando a Deus um serviço. Os homens escrevem grossos volumes em favor do ódio teológico, pensando que a arrogância religiosa é sinônimo de espiritualidade. A tolerância, de fato, é uma virtude espiritual, mas é apenas um ponto inicial na estrada do amor com que devemos amar ao próximo como a nós mesmos. Assim, ser tolerante é ser compreensivo ao ponto de permitirmos que outros creiam o que creem sem procurarmos prejudicá-los ou tratá-los de forma amarga. A tolerância consiste em um estado permanente de boa vontade, dando margem às diferenças que vemos em outros, mesmo que discordemos dessas diferenças. Consiste em permitirmos que outras pessoas promovam as suas ideias, sem tentarmos restringir suas atividades, o que é precisamente a atitude que nós esperamos da parte dos outros.⁹¹

A reflexão sobre a Reforma evidencia que o zelo destrutivo não pertence apenas ao passado, mas pode manifestar-se também na Igreja contemporânea. Quando a defesa das convicções pessoais ou doutrinárias se sobrepõe ao amor fraternal, a divergência deixa de ser uma oportunidade de diálogo e passa a justificar julgamentos, divisões e conflitos. Por isso, é necessário avaliar não apenas aquilo que se pretende defender, mas também a maneira como essa defesa é conduzida. O zelo cristão precisa estar associado à humildade, ao amor e ao compromisso com a missão da Igreja, para que a busca pela verdade não se transforme em instrumento de destruição da comunhão e do testemunho do Evangelho.

4. O ZELO NA IGREJA MODERNA

Um forte movimento que ocorreu no começo do século XX foi o fundamentalismo. O movimento fundamentalista nasceu no coração de Lyman Stewart, no seu desejo de defender a fé frente ao modernismo nas igrejas e o ataque à fé tradicional. Conseguiu angariar fundos para o projeto de publicar diversos livros em defesa da fé e juntou diversos teólogos para auxiliar no empreendimento. Assim surgiram as obras dos fundamentos.⁹²

⁹⁰ CHAMPLIN, 1995, Vol 6, p. 572.

⁹¹ CHAMPLIN, 1995, Vol 6, p. 571.

⁹² CURTIS, 2003, p. 206-207.

4.1 O fundamentalismo e a defesa da fé

Por um zelo por preservar as Escrituras dos ataques recebidos das teorias evolucionistas, os cristãos e teólogos na época zelaram tanto pela palavra de Deus que se tornaram bitolados e “ignorantes” quanto à cultura “secular”, deixando de alcançar muitas pessoas, afirmando que a única forma de Deus se manifestar era a Bíblia, limitando, assim, o poder de Deus.⁹³

Desde “sempre” a ciência esteve em acordo com a verdade bíblica. O que fugia disso era condenado como heresia. Contudo, a modernidade trouxe a publicação de Darwin sobre a evolução das espécies, o que não estava de acordo com as verdades bíblicas e assustava a Igreja, pois estava ganhando apoio. A Bíblia estava sendo questionada e seculares afirmavam que ela não era digna de confiança. Será que a Palavra era uma falácia e agora Darwin havia descoberto a verdade?⁹⁴ “Alguns imaginavam que essas teorias simplesmente desapareceriam. Outros pensavam que era melhor concentrar-se no evangelismo e em missões (a igreja ainda estava em meio ao apogeu da consciência missionária)”.⁹⁵

Um episódio que marcou essa época ocorreu em 1925. Aconteceu o famoso julgamento de Scopes, professor americano acusado de ensinar a teoria da evolução em sala de aula, o que era visto como uma afronta terrível pelos cristãos e uma quebra da lei americana.⁹⁶ O advogado fundamentalista ganhou o caso, mas perdeu a guerra. A partir de então, cada vez mais os fundamentalistas ficaram conhecidos como “os zelotes, matutos fanáticos e ignorantes, e todos zombavam deles”.⁹⁷

O desejo desses teólogos era defender a fé e levar os cristãos a não se desviarem da sã doutrina, mas seu forte zelo pendeu para um lado que prejudicou a fé. Os que assumiram o movimento tornaram-se radicais, e a partir de 1925 ficaram conhecidos como “cismáticos”, “antiacadêmicos” e “desinteressados dos problemas políticos e sociais”. O movimento rejeitava o debate acadêmico, defendia a Palavra sem um estudo sério do seu conteúdo e passou a ter uma visão escatológica pessimista da história, gerando inúmeras barreiras culturais. “Com o tempo, as igrejas influenciadas por esse movimento se tornaram anti-intelectuais, com ênfase no relacional, terapêutico, carismático ou empresarial”. Isso resultou em várias divisões conservadoras nas grandes denominações americanas.⁹⁸

Embora o fundamentalismo se declarasse defensor da ortodoxia tradicional, ele também serviu para dar origem à novas interpretações da mensagem bíblica. A sua ênfase na infalibilidade absoluta das Escrituras, e a sua rejeição de boa parte dos estudos históricos acerca da Bíblia, tornavam possível a criação de interpretações em que diversos textos se justapunham, para, assim, criar novas doutrinas.⁹⁹

⁹³ FERREIRA, 2013, p. 247.

⁹⁴ GONZÁLEZ, Justo L. **E até aos confins da terra: uma história ilustrada do Cristianismo, a era dos novos horizontes**. São Paulo: Vida Nova, 2000, Vol. 9, p. 48-50.

⁹⁵ CURTIS, 2003, p. 208-209.

⁹⁶ GONZÁLEZ, Justo L. **E até aos confins da terra: uma história ilustrada do Cristianismo, a era inconclusa**. São Paulo: Vida Nova, 2001, Vol. 10, p. 83.

⁹⁷ CURTIS, 2003, p. 208-209.

⁹⁸ FERREIRA, 2013, p. 247-248.

⁹⁹ GONZÁLEZ, 2000, p. 49-50.

O fundamentalismo tem semelhança com o que aconteceu com Galileu Galilei, que se criou em um mosteiro, mas ao aderir aos ensinamentos de Copérnico, foi atacado por teólogos. Por causa de seus estudos fez grandes descobertas científicas sobre os planetas do sistema solar e principalmente que a terra é que girava ao redor do sol e não era o centro do universo. Ao defender-se em Roma, seu ensino foi considerado heresia, e os presentes não quiseram nem conferir no telescópio essa verdade. Galileu foi obrigado a retratar-se e precisou viver o resto de seus dias em prisão domiciliar.¹⁰⁰

4.2 O fundamentalismo e seus reflexos na Igreja contemporânea

As implicações do fundamentalismo radical ecoam ainda hoje. O zelo em preservar a doutrina de forma radical tornou-se destrutivo. Uma das marcas é “a glorificação do simplista em reação ao sofisticado, do tradicional contra o novo, do rural contra o urbano”. Em alguns casos, o conhecimento e o diálogo com a cultura são rejeitados pelas igrejas ainda hoje. As pessoas envolvidas na “poesia, literatura, escultura, dança, teatro e meios de comunicação”, que foram rejeitadas pelo fundamentalismo e vistas com desconfiança, são as menos alcançadas pelas igrejas atualmente.¹⁰¹ “A ignorância de nada vale. Os homens têm o direito de investigar, pesquisar e prestar relatório de suas descobertas. Os detratores nem sempre estão com a razão. Na maioria das vezes, eles são culpados de crimes que as suas vítimas nem pensam em cometer”.¹⁰²

Na luta contra o liberalismo, a Igreja conseguiu preservar a fé e colocar a Bíblia em posição elevada, o problema é que refletiu na Igreja contemporânea um foco apenas no ensino bíblico, mas com uma falta de perspectiva de prática cristã. Apenas conhecimento sem prática leva ao erro e ao engano (Tg 1.22).¹⁰³ Esses ensinamentos foram e são diversas vezes carregados de alienação quanto a cultura, tornando-a diabólica. Isso resulta hoje em pais que proíbem seus filhos de se contextualizarem, impede que pontes sejam criadas com os não crentes. Isso é substituir a graça maravilhosa de Deus pelo legalismo e rejeitar tudo que é novo ou diferente.¹⁰⁴ Mais alarmante ainda é que pode resultar em atitudes radicais, como da mãe que queimou a mão das filhas por lerem gibis e querer livrá-las da violência, maldade e do diabo.¹⁰⁵

Triste causa do zelo excessivo do fundamentalismo é que “quase toda população evangélica brasileira, com poucas exceções, tem sérias dificuldades para se relacionar adequadamente com uma pessoa pagã. Ela não sabe pensar como um não-cristão pensa, não sabe falar como ele nem conviver em uma simples amizade”. Os crentes apenas sabem despejar conceitos teológicos, leis espirituais e não conseguem criar pontes de contato entre a cultura e a pessoa que se almejam alcançar, não conseguindo o direito de ser ouvido.

¹⁰⁰ CHAMPLIN, 1995, Vol. 6, p. 572.

¹⁰¹ FERREIRA, 2013, p. 247-248.

¹⁰² CHAMPLIN, 1995, Vol. 6, p. 572.

¹⁰³ GETZ, 1994, p. 298-299.

¹⁰⁴ KEMP, Jaime. **Pastores em perigo**: ajuda para o pastor, esperança para a igreja. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 155.

¹⁰⁵ REIS, 2004, p. 87.

Também é verdade que quando o pagão se converte e se integra em uma igreja local, em poucos anos, também perde a capacidade de relacionar-se com os seus vizinhos. Por consequência, o Evangelho tem tomado uma forma que não é dele: uma forma “puritana, pouco dada ao riso, sem muito entusiasmo pelas belezas e divertimentos que a vida terrena proporciona”.¹⁰⁶

Muitos crentes carregam no rosto uma expressão semelhante à de alguém chupando um limão bem azedo! Não é de se admirar que o pagão não se interesse pelo Evangelho quando os crentes têm na ponta da língua (quando não impressa em papel para distribuição) uma lista enorme de proibições: não cortar cabelos, não usar calça comprida (as mulheres), não beber vinho, não ir ao cinema, não, não, não... É o tradicionalismo erguendo sua carranca feia, aterrorizadora.¹⁰⁷

Assim, a experiência histórica do fundamentalismo e seus reflexos na Igreja contemporânea evidenciam que a defesa da doutrina, quando desvinculada do amor e da disposição para o diálogo, pode produzir afastamento, intolerância e divisões. Preservar as convicções bíblicas não significa rejeitar o conhecimento, a cultura ou aqueles que pensam de maneira diferente. O zelo cristão precisa estar orientado pelo amor ao próximo e pelo compromisso com a missão da Igreja, para que a defesa da fé não se torne um obstáculo ao testemunho do Evangelho. Desse modo, o desafio não está em abandonar as convicções, mas em sustentá-las de maneira coerente com os princípios cristãos que se pretende defender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstrou como a história da Igreja é relevante e atual, pois onde o zelo não foi aplicado de forma correta houve destruição. Na Igreja imperial foi visto que, com seu zelo destrutivo, excluía pessoas como medida de evitar doutrinas e intensos debates teológicos. Já a Igreja medieval, que passou a zelar apenas pelas estruturas, pompa e poder, em detrimento da Palavra e da vontade de Deus, causou a morte e a destruição. A Igreja reformada, que em seu zelo pela doutrina e para voltar as raízes, perseguiu e matou os outros, mesmo que esses fossem crentes em Cristo. No seu zelo só havia espaço para um pensamento, seu zelo foi intolerante e destrutivo. A Igreja moderna, zelou tanto em proteger as Escrituras do ataque dos pensamentos modernos, como o evolucionismo, que gerou uma Igreja bitolada e alheia aos problemas do mundo e à cultura.

Quando há zelo excessivo, o resultado é sempre esse e também é ir contra a vontade de Deus. Assim também é ainda hoje, quando o assunto é o cuidado com as coisas de Deus. É necessário um equilíbrio entre o excesso de zelo e a falta de zelo para que Deus se agrade do Seu povo e a Sua vontade seja feita. Esse equilíbrio só pode ser alcançado ao conhecer a vontade de Deus na Palavra e como Ele tratou o assunto, assim como observar a perspectiva histórica e bíblica e ver de forma empírica o que deve ou não ser feito.

As consequências do zelo destrutivo são diversas. Apresentam-se em uma igreja que se preocupa muito mais com formalismo do que com a essência bíblica; imita o exemplo dos

¹⁰⁶ KEMP, 2006, p. 157-158,160.

¹⁰⁷ KEMP, 2006, p. 160.

fariseus e se importa muito mais com a regra do que com a própria vida; não anseia por revitalização e sempre se mantém a mesma e não alcança novas pessoas; importa-se mais com dinheiro do que missões; dá mais importância a prédios do que a discipulado e, ainda, por querer defender a Palavra do mundanismo, fica bitolada e alheia às novas culturas e perde pontes de contato com os não cristãos.

Champlin afirma que:

O zelo puro pode realizar mais do que o conhecimento; mas sem esse fator, geralmente mostra-se mal orientado ou exagerado, para nada dizermos que pode ser até abertamente prejudicial. O zelo por alguma causa errada é perigoso e arruinador. E até o zelo mal orientado por uma boa causa pode criar um espírito acalorado e prejudicial, se não for equilibrado pela razão e pelo conhecimento.¹⁰⁸

O que Deus deseja é uma vida equilibrada - essa é a vontade de Deus. O equilíbrio é a chave para a vida cristã e isso se aplica também ao zelo.¹⁰⁹ Como afirma Stott, o equilíbrio no zelo é tudo: “Dou graças a Deus pelo zelo. Que jamais o conhecimento sem zelo tome o lugar do zelo sem conhecimento! O propósito de Deus inclui os dois: o zelo dirigido pelo conhecimento, e o conhecimento inflamado pelo zelo”.¹¹⁰ A pessoa que zela pela vontade de Deus mostra-se permeada de amor e da direção do Espírito Santo, pois quando Ele não está presente, o homem está suscetível a erros terríveis.

É notável, através da pesquisa, que esse zelo perigoso ainda está presente no contexto eclesiástico e na vida das pessoas. Apenas as formas com que o zelo destrutivo se apresenta mudaram, mas no cerne ele age da mesma forma, deturpando o Evangelho, levando pessoas ao ódio, intolerância, ao erro e principalmente, a fugir da vontade equilibrada de Deus. Foi importantíssimo ver de forma prática como ele pode se apresentar para que, assim, ele possa ser identificado e evitado nas Igrejas e pelas pessoas de Cristo.

REFERÊNCIAS

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da Igreja cristã. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. 508 p.

CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia teologia e filosofia**. Tradução de João Marques Bentes. 3.ed. São Paulo: Candeia, 1995. Vol. 5 e 6.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Antigo Testamento interpretado**: versículo por versículo: Deuteronomio, Josué, Juízes, Rute, I Samuel, II Samuel, I Reis. São Paulo: Hagnos, 2001. Vol. 2. 1460 p.

CURTIS, A. Kenneth. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo**: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China. São Paulo: Vida, 2003. 239 p.

¹⁰⁸ CHAMPLIN, 1995, Vol 6, p. 886.

¹⁰⁹ MODES, Josemar. **Aula da disciplina de missão integral e responsabilidade social**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 02 dez. 2021.

¹¹⁰ STOTT, John R. W. **Crer é também pensar**. São Paulo: ABU, 2001, p. 7.

FERREIRA, Franklin. **A igreja cristã na história:** das origens aos dias atuais. São Paulo: Vida Nova, 2013. 315 p.

GETZ, Gene A. **Igreja, forma e essência:** o corpo de Cristo pelos ângulos das Escrituras, da história e da cultura. São Paulo: Vida Nova, 1994. 420 p.

GONZÁLEZ, Justo L. **E até aos confins da terra:** uma história ilustrada do Cristianismo, A era das trevas. São Paulo: Vida Nova, 1995. Vol. 3. 181 p.

GONZÁLEZ, Justo L. **E até aos confins da terra:** uma história ilustrada do Cristianismo, A era dos altos ideais. São Paulo: Vida Nova, 2001. Vol. 4. 185 p.

GONZÁLEZ, Justo L. **E até aos confins da terra:** uma história ilustrada do Cristianismo, A era dos sonhos frustrados. São Paulo: Vida Nova, 1995. Vol. 5. 172 p.

GONZÁLEZ, Justo L. **E até aos confins da terra:** uma história ilustrada do Cristianismo, A era dos reformadores. São Paulo: Vida Nova, 1995. Vol. 6. 219 p.

GONZÁLEZ, Justo L. **E até aos confins da terra:** uma história ilustrada do Cristianismo, A era dos novos horizontes. São Paulo: Vida Nova, 2000. Vol. 9. 212 p.

GONZÁLEZ, Justo L. **E até aos confins da terra:** uma história ilustrada do Cristianismo, A era inconclusa. São Paulo: Vida Nova, 2001. Vol. 10. 142 p.

KEMP, Jaime. **Pastores em perigo:** ajuda para o pastor, esperança para a igreja. São Paulo: Hagnos, 2006. 253 p.

LEBEDENCO, Ricardo. **Aula da disciplina de administração eclesiástica.** Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 04 abr. 2022.

MODES, Josemar. **Aula da disciplina de missão integral e responsabilidade social.** Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 02 dez. 2021.

ORTIZ, Juan Carlos; BUCKINGHAM, Jamie. **Ser e fazer discípulos.** São Paulo: Loyola, 1979. 126 p.

REIS, Francisco Mancebo. **Além da letra:** reflexões sobre a palavra viva e eficaz. Rio de Janeiro: JUERP, 2004. 144 p.

RINEHART, Stacy T. **Liderar à luz da eternidade:** o modelo de Jesus. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2021. 192 p.

SHEDD, Russell Philip. **O líder que Deus usa:** resgatando a liderança bíblica para a Igreja no novo milênio. São Paulo: Vida Nova, 2000. 128 p.

SHELLEY, Bruce L. **História do cristianismo:** uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2018. 560 p.

SOCIEDADE Bíblica Internacional. **Bíblia Sagrada:** nova versão internacional. São Paulo: Vida, 2000. 1040 p.

STOTT, John R. W. **Crer é também pensar**. São Paulo: ABU, 2001.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v10.n2.010



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

ISLAMISMO E CRISTIANISMO: DIFERENÇAS RELIGIOSAS E DESAFIOS PARA A EVANGELIZAÇÃO DE MUÇULMANOS

Islam and Christianity: Religious Differences and Challenges in Evangelizing Muslims

Daniel Miotto Zuehl¹

RESUMO

O artigo apresenta uma introdução ao islamismo, abordando sua origem histórica, seus principais fundamentos religiosos e suas diferenças em relação ao cristianismo, com ênfase nos desafios e nas estratégias para a evangelização de muçulmanos. Inicialmente, examina a trajetória de Maomé, o surgimento do Alcorão e a formação da comunidade islâmica, destacando conceitos centrais da fé muçulmana, como o monoteísmo, a autoridade das revelações atribuídas a Alá e os cinco pilares do islamismo. Em seguida, discute aspectos da organização social islâmica e estabelece uma comparação entre as crenças muçulmanas e cristãs, especialmente quanto à identidade de Jesus Cristo, à Trindade, à salvação e à autoridade das Escrituras. Na perspectiva missionária adotada pelo autor, a evangelização de muçulmanos apresenta desafios relacionados às divergências doutrinárias, às barreiras culturais, à rejeição do evangelho e, em determinados contextos, à perseguição religiosa. Como estratégias para o trabalho missionário, o artigo destaca a oração, o preparo bíblico e teológico, o testemunho cristão coerente, a construção de relacionamentos genuínos, o respeito às diferenças culturais e o desenvolvimento de ações sociais. Também menciona o apoio a missionários locais, o uso de tecnologias e a cooperação com organizações missionárias. Conclui-se que o conhecimento do islamismo e de suas particularidades, aliado à paciência, ao amor cristão

¹ O autor é graduado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira e pós-graduado em Teologia Pastoral pela mesma instituição. O autor também é tecnólogo em Marketing Digital. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-8825-2435>. E-mail: Dzmiotto@hotmail.com

e à preparação missionária, é fundamental para o desenvolvimento de iniciativas de evangelização entre os muçulmanos.

Palavras-chave: Islamismo. Muçulmanos. Cristianismo. Evangelização. Missões.

ABSTRACT

The article provides an introduction to Islam, addressing its historical origins, main religious foundations, and differences from Christianity, with an emphasis on the challenges and strategies involved in evangelizing Muslims. Initially, it examines the life of Muhammad, the emergence of the Quran, and the formation of the Islamic community, highlighting central aspects of Muslim faith, such as monotheism, the authority of revelations attributed to Allah, and the five pillars of Islam. It then discusses aspects of Islamic social organization and compares Muslim and Christian beliefs, particularly regarding the identity of Jesus Christ, the Trinity, salvation, and the authority of Scripture. From the missionary perspective adopted by the author, evangelizing Muslims involves challenges related to doctrinal differences, cultural barriers, rejection of the gospel, and, in certain contexts, religious persecution. The article identifies prayer, biblical and theological preparation, consistent Christian witness, the development of genuine relationships, respect for cultural differences, and social action as strategies for missionary work. It also highlights support for local missionaries, the use of technology, and cooperation with missionary organizations. The article concludes that understanding Islam and its particularities, combined with patience, Christian love, and missionary preparation, is essential for developing evangelistic initiatives among Muslims.

Keywords: Islam. Muslims. Christianity. Evangelism. Missions.

INTRODUÇÃO

O povo islâmico é um dos povos mais difíceis de ser alcançado pela Palavra de Deus. Isto reside em grande parte no fato de eles serem anticristãos. De todas as religiões existentes, esta é a única religião que professa em sua regra de fé, ser contra a aceitação da divindade de Cristo. Porém eles aceitam a sua qualidade de profeta, não a de último profeta, mas a de um dos profetas.

O objetivo deste artigo é apresentar ao leitor a religião islâmica e as estratégias possíveis para podermos alcançar este grupo com a Palavra de Deus. É um desafio, mas como cristãos temos a convicção de que a palavra do Senhor deverá ser pregada à todos os povos antes da volta de Cristo, inclusive para o povo islâmico.

O conhecimento do islamismo é relevante para a compreensão das relações entre diferentes tradições religiosas e, particularmente, para a reflexão sobre a prática missionária cristã. Embora o cristianismo e o islamismo compartilhem algumas referências religiosas e reconheçam personagens como Abraão, Moisés e Jesus, apresentam diferenças fundamentais quanto à identidade e à obra de Jesus Cristo, à doutrina da Trindade, à autoridade das Escrituras e à compreensão da salvação. Conhecer essas particularidades é importante para que o testemunho cristão seja desenvolvido com clareza teológica e respeito às convicções religiosas do outro.

A evangelização de muçulmanos envolve desafios que ultrapassam as divergências doutrinárias, abrangendo também aspectos culturais, familiares e sociais. Em determinados

contextos, a conversão ao cristianismo pode ocasionar conflitos familiares, rejeição comunitária e perseguição religiosa. Essas experiências, entretanto, variam conforme o contexto e não devem ser generalizadas para todos os muçulmanos ou países de maioria islâmica. Nesse sentido, a atuação missionária requer preparo bíblico e teológico, compreensão do contexto sociocultural e disposição para estabelecer relacionamentos pautados pela paciência, pelo respeito e pelo amor cristão.

1. O ISLAMISMO E SEUS SEGUIDORES

Islamismo é o nome dado à religião que teve origem no profeta Mohammad (Maomé). A palavra islã é de origem árabe e tem o significado básico de “submissão”. Esta não se resume somente à *Allah*, mas também às doutrinas do livro sagrado (*Alcorão*) e aos ensinamentos do profeta (*Sunnah*). As pessoas que seguem a religião islâmica são chamadas de *islamitas* ou de *muçulmanos*.

Ao longo da história, o islamismo expandiu-se para diferentes regiões do mundo, tornando-se uma das principais tradições religiosas da atualidade. Seus seguidores vivem em contextos culturais, sociais e políticos diversos, de modo que não é possível compreendê-los como um grupo homogêneo. Conhecer a origem dessa religião e a trajetória de seu fundador constitui, portanto, um primeiro passo para compreender quem são os muçulmanos e as particularidades de sua tradição religiosa.

1.1 Origem e desenvolvimento histórico

O islamismo foi fundado por Maomé. Este nasceu por volta de 570 d.C., na cidade de Meca, na Arábia, e faleceu em 8 de junho de 632 d.C., aos 62 anos de idade.² De acordo com o *islamismo*, Maomé recebeu revelações sobrenaturais de *Allah* por intermédio do anjo Gabriel. Estas revelações foram registradas na forma escrita por outras pessoas, pois Maomé era iletrado, e reunidas num livro chamado Corão, o livro que possui as regras de fé dos muçulmanos.³

Após a morte de Maomé, Abu – Bakr (o primeiro *califa*) dá continuidade à expansão do império árabe. A *Jihad*⁴ foi o principal instrumento utilizado nesta expansão.⁵ Graças à unidade de sua religião, os muçulmanos se expandiram de forma rápida. Tudo o que o Islã realizou até hoje, é graças a estas revelações recebidas por Maomé há mais de 1400 anos atrás.

Porém, devido ao fato de ele não ter deixado um sucessor, após a expansão, houve disputas pela posição de *Califa* (representante de Maomé). Estas disputas levaram os muçulmanos a uma guerra civil que acabou por dividir a *Umma* (comunidade islâmica criada

² ABDALLA, Hachid Kail. **Conhecendo o Islamismo**. Curitiba: ADSANTOS, 1996, p. 19.

³ ANKERBERG, John. **Os fatos sobre as religiões mundiais**. Tradução de Lucília Marques Pereira da Silva. Porto Alegre: Actual, 2010, p. 27.

⁴ **Jihad** é considerada a Guerra Santa dos muçulmanos contra os “infiéis”. Alguns autores defendem que traduzir Jihad por Guerra Santa é inadequado. Ela seria mais bem entendida como uma busca interior, um esforço concentrado no caminho de Deus.

⁵ DAMIÃO, Valdemir. **História das religiões: sua influência na formação da humanidade**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p. 300.

por Maomé) em “partidos”. Atualmente, os dois partidos mais conhecidos são: os *xiitas* que são compostos por uma minoria muçulmana de aproximadamente 10%, e os *sunitas* que compõem a grande maioria, cerca de 90% dos muçulmanos.

Mais recentemente, a partir da década de 80, surgiram alguns extremistas muçulmanos que procuram a destruição de Israel e a implantação de um Estado Islâmico.⁶ Estes movimentos armados possuem diversos grupos ou facções radicais. Dentre as mais conhecidas estão o Hamas, a Al-Qaeda, a Jihad Islâmica, a Briga dos Mártires de Al-Aqsa e o Hezbollah.⁷ O último grupo a surgir, o EI⁸, tem espalhado terror no oriente médio e no mundo através de atentados terroristas e de práticas cruéis contra seus inimigos.⁹

É importante registrar que muitos muçulmanos consideram o “EI” como representante de “um perigo para o Islã e os muçulmanos” e que nem a Al-Qaeda apoia suas ações.¹⁰ Sua postura extremista está, possivelmente, ligada a propósitos políticos questionáveis, os quais eles procuram encobrir com um manto religioso.

1.2 Quem foi Maomé?

“O nascimento de Maomé no século VI e o apogeu do islamismo são os eventos mais importantes da história da Arábia”.¹¹ Mas o que conhecemos sobre Maomé? Sabemos sobre o fato de ele ser considerado um profeta no Islamismo, mas será que ele representa algo mais para a nação islâmica? Ele era considerado uma divindade ou apenas homem? Quem foi Maomé e quem ele continua sendo para os muçulmanos? Procuraremos responder a estas perguntas relatando um breve histórico sobre o nascimento, a vida e a morte do fundador do Islamismo.¹²

As informações sobre a vida de Maomé devem ser analisadas com muito cuidado, pois é difícil garantir a veracidade e a autenticidade dos relatos encontrados sobre sua vida. Mas ao que se sabe, Maomé nasceu em 570 d.C. Seu nascimento está envolto por uma história com traços sobrenaturais, onde relata que seu Pai, ao ser escolhido por Deus para gerar Maomé, possuía um brilho em seus olhos. Brilho este atribuído à escolha feita por Deus e percebido por uma mulher que se ofereceu para ele, pois esta semente especial que ele continha a teria atraído. Abdallah, pai de Maomé, à rejeitou, pois já havia assumido um compromisso com Amina, que veio a tornar-se a mãe do profeta. Maomé perdeu seus pais

⁶ FREITAS, Eduardo. **Extremistas Islâmicos**, Disponível em <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/extremistas-islamicos.htm>>. Acesso em 25/11/15.

⁷ VEJA On- line. **Os grupos radicais**: as principais facções terroristas palestinas, seus grupos e objetivos, disponível em <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/crise_palestina/grupos_radicais.html> Acesso em 25/11/15.

⁸ EI é a sigla para Estado Islâmico. É um grupo terrorista muçulmano, responsável por cometer diversos atentados e atrocidades, cujo objetivo é criar um governo islâmico no oriente médio e expandir para o mundo.

⁹ GUIAME. **O que é o ISIS? 4 fatos importantes sobre este grupo terrorista que está atuando no Iraque**, disponível em <<http://guiame.com.br/gospel/missoes-acao-social/o-que-e-o-isis-4-fatos-importantes-sobre-este-grupo-terrorista-que-esta-atuando-no-iraque.html>> Acesso em 25/11/15.

¹⁰ GUIAME, 2015.

¹¹ DAMIÃO, 2003, p. 300.

¹² VERSIGNASSI, Alexandre. Maomé: a face oculta do criador do Islã. **Super Interessante**, p. 22-32, Edição 343, Fevereiro/2015, p. 23.

muito cedo. Seu pai não presenciou o seu nascimento e sua mãe faleceu antes de ele completar 7 anos de idade. Foi adotado por seu avô, que pouco tempo depois vem a falecer.

Aos oito anos de idade, órfão e pobre, é adotado por seu tio, o chefe do clã. Depois, aos 25 anos se casa com Khadija e torna-se o administrador de seus negócios. O menino outrora pobre e órfão se torna agora um respeitado administrador de conflitos e um comerciante bem-sucedido.

Em meio ao politeísmo da época, bem como à exploração das pessoas e às injustiças cometidas, Maomé começa cada vez mais a se retirar dos negócios e a utilizar seu tempo para dedicar à meditação, à busca de um Deus único. Relatos apontam para uma influência de convívio com cristãos e judeus que acaba causando um desconforto em Maomé, fazendo com que ele busque a este Deus único. Aos 40 anos de idade, em uma de suas meditações, ele ouve uma voz que o pede para que recite o que lhe está sendo dito. Ele volta para casa, acreditando estar enlouquecendo. Sua esposa o leva para consultar com um especialista, Waraqa, um primo cristão de Khadija. Ao ouvir o que Maomé recitou, Waraqa o encoraja afirmando serem aquelas, as palavras de Deus, ou seja, que Deus estava falando pela boca de Maomé.

A partir daí, Maomé começa a anunciar as revelações recebidas. Primeiro, ele anuncia somente à sua família, seus primeiros fiéis. Depois de aproximadamente 3 anos, passa a anunciar publicamente as revelações recebidas. Isto causa um desconforto muito grande nos seus concidadãos, pois Maomé os adverte a cerca dos seus erros. Critica o politeísmo, que estava diretamente ligado aos lucros recebidos pelo comércio que este gerava na cidade. Critica a falta de justiça praticada por seus conterrâneos e exige mudança para que haja uma solidariedade social. E forma ainda uma comunidade baseada na fé comum.

Após o falecimento de sua esposa em 617, o “ano de luto”, e da morte de seu tio, Maomé acaba fugindo de Meca e vai para Yathrib, que mais tarde se tornou conhecida como Medina. Essa fuga marca “o ano 1 d.H. (depois da Hégira, fuga em árabe)”¹³ e o início da civilização muçulmana (“o primeiro dia da era muçulmana, corresponde ao dia 16 de julho de 622”¹⁴). Em Medina Maomé encontra três tribos de Judeus com as quais ele procura se identificar. Como elas se opõem a ele, Maomé exila duas delas e mata 800 homens da terceira, vendendo as mulheres e crianças como escravas. Maomé e seu grupo atacavam caravanas e foram acusados de quebrar tratados. “Esta é também uma característica do profeta Árabe: ele é estadista e chefe militar ao mesmo tempo”.¹⁵

Entre uma luta e outra, Maomé continuava tendo seus transes e recitando o futuro Alcorão. Os versos mais belicosos do livro são justamente dessa época. O mais conhecido é a surata (capítulo) 9, versículo 5: “Matem os idólatras (politeísta ou infiel, dependendo da tradução), onde quer que eles estejam; capturem, acossem, embosquem”.¹⁶

¹³ VERSIGNASSI, 2015, p. 30.

¹⁴ DAMIÃO, 2003, p. 315.

¹⁵ KÜNG, Hans. **Religiões do Mundo**: em busca dos pontos comuns. Tradução de Carlos Almeida Pereira. São Paulo: Venus, 2004, p. 260.

¹⁶ VERSIGNASSI, 2015, p. 32.

Este período de guerra contra Meca dura em torno de 6 anos. Esta luta se encerra em 630 d.C. quando Maomé, sem derramar sangue, entra triunfante em Meca vencendo, a guerra. Seu primeiro ato foi libertar os escravos. Em seguida ele elimina a idolatria e consagra o santuário de Caaba a Alá, onde ele permite que permaneçam apenas as imagens de Jesus e Maria. Maomé não se torna rei. Ele volta para Medina, onde permanece até a sua morte aos 62 anos de idade em 8 de julho de 632 d.C., deixando 12 viúvas, 3 filhos, 4 filhas e uma nação. Antes de morrer conseguiu unir o país através dos laços da fé muçulmana. O Corão (conforme a crença) foi recitado por Maomé linha por linha e versículo por versículo durante um período de 23 anos.

Esse é um resumo da história do fundador do Islamismo. Foi a partir deste homem que surgiu a religião islâmica. Quanto às perguntas iniciais, podemos afirmar que Maomé foi um reformador religioso e político e um bem-sucedido general. Pois ele lutou pelos direitos do seu povo. Talvez este tenha sido um dos motivos de ele ter agregado tantos adeptos. Em uma sociedade em que imperava o politeísmo e a injustiça social, ele trouxe esperança ao povo através de uma religião unificada com o estado e imposta por meio da força e do convencimento, chamada de *Islã*. Porém, apesar de ser o fundador desta religião, para si mesmo não exige nenhum tipo de culto ou adoração, pelo contrário, deixa muito claro, inclusive registrado no Alcorão, que é um simples homem: “Sou tão somente um mortal como vós, a quem tem sido revelado que vosso Deus é um Deus único” (Sura 41,6).¹⁷

2. O ISLAMISMO: CRENÇAS, SOCIEDADE E RELAÇÃO COM O CRISTIANISMO

A religião islâmica, assim como diversas religiões, possui regras de fé a serem seguidas por seus adeptos. Neste ponto procuraremos identificar as principais características da religião islâmica. Após identificá-las, procuraremos traçar um paralelo apontando semelhanças e diferenças entre a religião islâmica e o cristianismo.

2.1 Crenças e práticas religiosas da religião islâmica

O islamismo é uma religião monoteísta que professa a Alá como seu único Deus.

A revelação da religião islâmica acha-se contida no Corão (Alcorão) que diz: “Nós acreditamos em Deus e naquilo que nos é revelado; naquilo que foi revelado a Abrão, Ismael, Isaque, Jacó e às tribos; Moisés e a Jesus e aos outros profetas por seu Senhor. Não fazemos distinção entre eles e entregamo-nos a Alá”.¹⁸

Maomé nunca foi considerado um deus, mas sim o último e maior dos profetas dentre muitos outros enviados por Alá. Os profetas mais conhecidos são: Adão, Noé, Abraão, Moisés e Jesus.¹⁹

O islamismo encontra-se difundido em diferentes regiões do mundo, tendo sua expansão ocorrido por diversos fatores, entre eles os movimentos migratórios e o crescimento

¹⁷ KÜNG, 2004, p. 255.

¹⁸ DAMIÃO, 2003, p. 316.

¹⁹ DAMIÃO, 2003, p. 317.

populacional. Em material publicado em 2015, Felipe Blazzigue abordou o crescimento da população muçulmana, destacando a influência das taxas de natalidade nesse processo.²⁰ Uma das formas que o islamismo utiliza para aumentar seus seguidores é o *dawah*.²¹ Embora esses dados devam ser considerados no contexto em que foram apresentados, eles ajudam a compreender a expansão do islamismo em escala mundial. A fé dos muçulmanos está fundamentada em cinco pilares, dos quais depende sua salvação. São eles:

Testemunho (*chahada ou shahada*). É a proclamação de fé de que não há divindade além de Deus e que Maomé é o seu mensageiro.

Oração (*salat*). São cinco orações: 1ª Manhã (alvorada); 2ª Meio dia; 3ª Tarde; 4ª Crepúsculo (pôr do sol); 5ª Anoitecer;

Jejum (*siyam ou açaum*). O adepto priva-se de comer, beber e outras coisas adicionais durante um mês completo, o Ramadã, uma vez por ano, desde a madrugada até o crepúsculo.

Caridade (*Zakat*). O *zakat* é uma espécie de imposto religioso com o objetivo de ajudar os mais necessitados e de lutar contra a ganância e o acúmulo de bens por si só, além da manutenção islâmica. Praticá-lo resulta da purificação da alma e da consciência.

Peregrinação à Meca (*Hajj*). Ordenada no Alcorão (surata 3.97), essa peregrinação deve ser feita pelo menos uma vez na vida para aqueles que estão em condições de empreendê-la.²²

Em síntese, o islamismo possui fundamentos doutrinários e práticas religiosas que orientam a fé e a vida cotidiana de seus adeptos. A crença em um único Deus, o reconhecimento de Maomé como profeta, a importância do Alcorão e a observância dos cinco pilares constituem elementos centrais dessa religião. Para o cristão que deseja compartilhar sua fé com pessoas muçulmanas, conhecer esses fundamentos é importante para compreender suas convicções religiosas e estabelecer um diálogo respeitoso e esclarecido. Esse conhecimento também permite identificar diferenças fundamentais entre o islamismo e o cristianismo, especialmente no que se refere à identidade de Jesus Cristo, à revelação divina e à compreensão da salvação, questões relevantes para a abordagem evangelística.

2.2 Aspectos sociais e culturais da sociedade islâmica

Para podermos entender a vida social entre os muçulmanos, precisamos deixar claro que existe muita diferença entre a vida de um muçulmano em um país que não possui um governo muçulmano, como no Brasil, na França, nos Estados Unidos etc. e a vida de um muçulmano em um país governado pelo Islã.

Existem muitos aspectos da vida social (diretamente ligada à sua vida religiosa) de um muçulmano que poderiam ser abordados, como seus hábitos alimentares, os direitos humanos no islã, a guarda cerimonial das sextas-feiras, as mutilações genitais, os impostos para quem não é muçulmano em países islâmicos e outros. Porém, considerando a amplitude

²⁰ BLAZZIGUE, Felipe. **O crescimento do Islamismo no mundo**, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=bl9SougMNH8>>. Acesso em 27/11/15.

²¹ Dawah significa o convite. É a forma que eles utilizam para explicar os fundamentos do islamismo e, desta forma convencer as pessoas a se tornarem muçulmanos.

²² DUQUE, Agenor. **Mentiras que parecem verdades**. São Paulo: 2015, p. 140-141.

desses temas, o texto se concentrará no casamento e nas relações entre homens e mulheres nas sociedades muçulmanas.

A compreensão dos aspectos sociais e culturais relacionados ao islamismo exige considerar a maneira como as crenças religiosas se articulam com os costumes, as relações familiares e as normas sociais. Essas relações, entretanto, não se manifestam de forma idêntica em todas as comunidades muçulmanas, pois também são influenciadas pelos contextos culturais, históricos e jurídicos de cada sociedade. Entre os aspectos que permitem observar essa diversidade, destacam-se as concepções sobre o casamento e as relações entre homens e mulheres.

“A literatura muçulmana é clara em afirmar que para uma pessoa ser realmente feliz ela deve casar-se”.²³ Muitos muçulmanos defendem que o Alcorão ensina que os homens devem tratar bem as mulheres, e que elas são bem cuidadas por seus maridos, porém a realidade nos países muçulmanos é muito diferente.²⁴

É permitido aos muçulmanos desposarem até quatro mulheres. Elas podem ser muçulmanas ou não. Quando um muçulmano vive em países monogâmicos, eles se casam com apenas uma mulher. Já as mulheres muçulmanas só podem se casar com um homem e ele deve ser muçulmano.²⁵ Isto é baseado na ideia de que o homem é quem ensina a religião aos filhos. Sendo o homem muçulmano, os filhos serão muçulmanos.²⁶ O Alcorão afirma que, se o homem não conseguir tratar de forma equitativa à todas as suas esposas, é melhor que tenha apenas uma ou que se contente com o que tem, pois isto é melhor do que ser injusto.²⁷

É importante o alerta feito por programas de televisão e por escritores²⁸ àquelas mulheres que intentam contrair matrimônio com um muçulmano. Não são poucos os casos de brasileiras que tentam sair de países muçulmanos devido a maus tratos e abusos decorrentes do cumprimento das leis islâmicas nestes países, onde as mulheres são consideradas propriedades de seus maridos. Entre os aspectos que merecem atenção nesse contexto, destacam-se as situações de violência e as dificuldades enfrentadas por mulheres em determinados países de maioria muçulmana.

Em muitos países muçulmanos, as mulheres são estupradas, são vendidas como escravas e podem ser mortas por adultério. Em alguns países, se a mulher denuncia o estupro em uma delegacia ela pode ser até presa. No Líbano (68% muçulmano), o Consulado Brasileiro desenvolveu uma cartilha para orientar as mulheres que intentam se casar com libaneses, pois após tomar esta decisão, a saída do país é muito difícil.

Diante do que foi apresentado, seria prudente para todo aquele(a) que deseja ingressar na religião islâmica estudar muito bem suas leis e costumes, pois uma vez que se entra para o

²³ ABDALLA, 1996, p. 28.

²⁴ MTIEPPO. **A mulher no Islã - A verdade que a mídia não mostra**. [S. l.], Junho de 2009. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=51UxBWnn3Nk>>. Acesso em 25/11/15.

²⁵ DUQUE, 2015, p. 142.

²⁶ MIEHL, Melanie. **O que é o Islã?** Perguntas e respostas. Tradução de Nélcio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 53-54.

²⁷ ABDALLA, 1996, p. 29.

²⁸ ABDALLA, 1996, p. 33-36.

islamismo, o abandono da fé (apostasia) é considerado um erro muito grave e pode, dependendo do país em que se esteja, levar à morte.

2.3 Islamismo e Cristianismo: aproximações e diferenças

São muitos as semelhanças e diferenças entre os cristãos e os muçulmanos. Isto, provavelmente acontece pela influência cristã e judaica que Maomé recebeu durante sua vida. No Alcorão podemos encontrar ensinamentos sobre a veracidade dos textos bíblicos, sobre os profetas, sobre o Espírito Santo, sobre a trindade, etc. Para facilitar o entendimento destas diferenças e semelhanças entre o islamismo e o cristianismo, fizemos seu registro em forma de tabela, como segue abaixo²⁹:

NO CRISTIANISMO	NO ISLAMISMO
Há um único Deus que só pode ser adorado por meio de Jesus Cristo;	Há um único Deus;
Cristo ensinou sobre o dia do juízo final e que serão salvos os que creram em Cristo;	Haverá o dia do pagamento de dívidas, onde serão salvos os que forem muçulmanos;
3 Existem demônios e estes se submetem à autoridade do nome de Jesus Cristo;	Existem demônios;
4 A Palavra se tornou carne (Cristo);	A Palavra se tornou um Livro (Alcorão);
Cristo é um com o Pai, Jesus é o Filho de Deus;	É blasfêmia dizer que Jesus é o Filho de Deus;
Através do sacrifício de Jesus encontramos perdão, purificação, santificação e vida eterna;	A prática dos cinco pilares do islamismo leva o homem à felicidade e à salvação;
O Homem é salvo pela graça mediante a fé em Cristo;	Pelas obras da Lei o Homem é salvo;
Cristo é o caminho, a verdade e a vida, ninguém vai ao Pai se não for por Ele;	O caminho para Deus é seguir o ensino do Islã;
Cristo nasceu, viveu, morreu, foi sepultado e ressuscitou, reina e reinará para sempre;	Maomé foi o fundador da religião. Ele nasceu, morreu e foi sepultado;
É ensinado que Deus é trino e uno;	A trindade é considerada como idolatria;
O Espírito Santo é o consolador;	O Espírito Santo é o consolador;
Isac é o filho da promessa;	Ismael é o Filho da promessa;
Cristo foi crucificado;	Cristo não foi crucificado
A Bíblia é a Palavra de Deus revelada ao homem;	A Bíblia contém parte dos ensinamentos divinos, porém muitos foram alterados pelos judeus e cristãos;
O Homem foi criado à imagem e semelhança de Deus.	Alá não pode compartilhar seus atributos com os seres criados.

A comparação entre o islamismo e o cristianismo permite identificar diferenças importantes em suas concepções sobre Deus, Jesus Cristo, as Escrituras e a salvação. Essas

²⁹ Tabela baseada em: ABDALLA, 1996, p. 92-105; DAMIÃO, 2003, p. 313-316; e FERREIRA, Franklin. **Teologia sistemática**: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 388.

distinções são relevantes para a compreensão das duas tradições religiosas e para o diálogo entre cristãos e muçulmanos. Além das diferenças doutrinárias, conhecer a presença do islamismo no contexto brasileiro contribui para ampliar a compreensão sobre os desafios e as possibilidades de diálogo e evangelização.

2.4 A expansão do islamismo no Brasil

É cada vez maior o número de Mesquitas e casas de oração no Brasil. De acordo com a federação das associações muçulmanas há cerca de 1 milhão de muçulmanos no país entre imigrantes e brasileiros, mas o censo do IBGE indica aproximadamente 35 mil muçulmanos. Estes, muitas vezes levados pela curiosidade até uma mesquita, acabam se “revertendo” ao islamismo, em busca de um resgate de cidadania e de uma identidade perdida. Estima-se que em 2050, o número de muçulmanos no mundo será em torno de 2 Bilhões.³⁰ Ao estudarmos o Islamismo, é muito claro que se trata de uma religião missionária. O Brasil, por ser um país laico, dá liberdade à todo tipo de religião. Será que esta abertura aos muçulmanos é perigosa?

Mediante os ataques terroristas noticiados nos últimos dias, não só o Brasil, mas o mundo está em reflexão quanto ao perigo real que o Islã representa. Em setembro deste ano, foi descoberto em São Paulo, uma rede de apoiadores do Estado Islâmico que financiava as ações do grupo. O STF (Supremo Tribunal Federal) já havia negado o pedido de extradição feito pelo Egito de um dos participantes. Como no Brasil o terrorismo não é considerado crime, a polícia procura provas para incriminar os envolvidos. Esta notícia mostra a importância de uma reflexão sobre o assunto.³¹

Porém não podemos esquecer que nem todo muçulmano é terrorista e/ ou extremista, ou seja, nem todos consideram a Jihad uma luta armada, ela é interpretada, por muitos muçulmanos, como uma luta interior e que pode, em alguns casos, ser também travada uma luta armada para defender a sua fé. Muitos dos muçulmanos que residem no Brasil são pacíficos e buscam uma vida de paz e harmonia. Porém, é preocupante o fato de que muitos quando questionados sobre as ações do “EI”, não rejeitam totalmente seus ensinamentos.

3. MISSÕES E EVANGELIZAÇÃO DE MUÇULMANOS

Evangelizar muçulmanos é uma tarefa difícil, mas não é impossível. “O investimento na vida de um fiel muçulmano pode levar anos de paciência, amor, compaixão e renúncia”.³² serão abordados alguns desafios encontrados na evangelização deste grupo religioso. Em seguida, serão apresentadas possibilidades e estratégias que podem ser utilizadas como aliadas nessa tarefa, na qual alguns missionários têm entregado suas vidas com o intuito de alcançar estes povos. Por fim, serão apresentados alguns dos trabalhos em andamento. A

³⁰ GONÇALVES, Leonardo. **O islamismo e seu crescimento no Brasil, uma ameaça ao Cristianismo?** [S. l.], Abril de 2015. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=8dilUfVMf0>>. Acesso em 27/11/15.

³¹ PORTAL VOX. **Polícia Federal descobre apoiadores do Estado Islâmico no Brasil, diz revista**. [S. l.] Setembro de 2015. Disponível em <<http://noticias.portalvox.com/brasil/2015/09/policia-federal-descobre-apoiadores-do-estado-islamico-no-brasil-diz-revista.html>>. Acesso em 27/11/15.

³² ABDALLA, 1996, p. 91.

compreensão dos desafios e das possibilidades da evangelização de muçulmanos requer atenção às particularidades de cada contexto cultural e religioso, bem como uma atuação pautada no respeito, no diálogo e no compromisso com a mensagem cristã.

3.1 Desafios da evangelização de muçulmanos

Em primeiro lugar, o desafio maior a ser travado ao se evangelizar um muçulmano, é a batalha espiritual. Lidório, em seu livro: “Missões: O desafio continua”, narra a triste história de um missionário que se tornou muçulmano. Ele conta que durante algum tempo, o missionário e o muçulmano se encontraram para conversar. Durante o período em que conversavam o muçulmano era acompanhado por quatro amigos que intercediam a Alá pela conversa deles. O resultado foi que, após seis meses e um desafio de oração feito pelo muçulmano ao missionário, o missionário se converteu ao islamismo. Esta história ilustra a magnitude da batalha espiritual travada ao se buscar a conversão de um muçulmano.³³

A morte é um risco que todo aquele que ousar pregar o evangelho em países muçulmanos deve estar disposto a enfrentar. Quando o trabalho evangelístico está sendo desenvolvido em países islâmicos, todo o cuidado é pouco. Nestes casos, o melhor caminho é o testemunho de vida. Deve-se evitar o testemunho verbalizado, pois este pode levar o missionário a ser condenado à morte, pelo crime de infidelidade. Se for mulher, além da morte, as missionárias correm o risco de serem estupradas, espancadas, escravizadas e de sofrerem todos os tipos de opressão a que estão submetidas as mulheres nos países muçulmanos.

O medo de ser considerado um traidor e de ser perseguido por seu povo e por sua família também é uma barreira ao evangelismo deste grupo religioso. A negação e a falta de abertura ao diálogo sobre a deidade de Cristo, a trindade, a ressurreição de Cristo e sobre a inspiração Bíblica, dificultam a pregação da Palavra de Deus. O mau testemunho cristão também gera muitas dificuldades no processo de evangelização muçulmano. Por eles associarem o cristianismo ao povo ocidental, ao acompanharem a vida ocidental, chegam à conclusão de que os cristãos são idólatras e imorais. As tradições idólatras do catolicismo aumentam ainda mais a rejeição ao cristianismo, para os muçulmanos não há distinção entre católicos e evangélicos, todos são cristãos.³⁴ O fato de muitas mulheres muçulmanas serem analfabetas e de sua cultura denegrir o seu valor e capacidade de compreensão das questões espirituais também é uma barreira à pregação do evangelho nos países muçulmanos.³⁵

3.2 Possibilidades e estratégias para a evangelização

Sendo a batalha espiritual o desafio maior na evangelização de muçulmanos, o preparo de missionários com uma vida devocional, jejum e oração é a primeira estratégia para encarar

³³ LIDÓRIO, Ronaldo. **Missões: o desafio continua**. Jacutinga: Fronteiras, 1992, p. 25-26.

³⁴ ABDALLA, 1996, p. 91-96.

³⁵ SWARTLEY, Keith E. (Edit.). **Descobrendo o mundo do Islã**. Curitiba: Esperança, 2013, p. 354

o desafio de evangelizar muçulmanos. Após a busca constante e a prática de uma vida Cristã autêntica, o próximo passo é se tornar amigo deles.

“Se você quer tocar o coração de um muçulmano com o Evangelho, tem que ser um amigo verdadeiro”³⁶ Essa é uma das estratégias de maior eficácia para o evangelismo de muçulmanos. Porém, para conquistar uma amizade, muitas vezes, se precisa de tempo. Por isso, seguem algumas dicas para desenvolver um relacionamento com um muçulmano: invista tempo; seja hospitaleiro; saiba ouvir sem criticar; use perguntas criativas; procure assuntos em comum; compartilhe seu testemunho em momento oportuno; ore regularmente para que deus lhe dê sabedoria; seja um amigo bondoso e amoroso e seja paciente, não faça com que ele pense que você deseja apenas a conversão dele, busque realmente se importar com ele e ser um amigo verdadeiro. Tenha em mente que o evangelismo é um processo e, no caso de muçulmanos, pode levar muitos anos até começar a colher algum fruto.³⁷

Como você irá se relacionar com o muçulmano para poder evangelizá-lo, é muito importante que sua vida cristã seja uma vida cristã autêntica. Também é importante conhecer o Alcorão, e os pontos em que este discorda do cristianismo para poder defender com argumentos concretos a sua fé. Mais do que conhecer o Alcorão, conheça bem a Palavra de Deus. É comum os cristãos citarem o Alcorão para evangelizar o muçulmano, isto normalmente não é bem aceito por eles.³⁸

“O que você acha do profeta Maomé? Os muçulmanos muitas vezes nos fazem esta pergunta, como teste, no início da amizade”.³⁹ Conhecer a história de Maomé e suas qualidades, pode ser um aliado no desenvolvimento de uma amizade com um muçulmano. Mesmo que você não creia nos ensinamentos de Maomé, é importante o respeito pelas conquistas que ele obteve e pela influência que seus ensinamentos têm até hoje. Os muçulmanos valorizam as obras, sendo assim, uma estratégia muito interessante é envolver-se com trabalhos sociais de apoio às famílias muçulmanas que residem em nosso país e que necessitam de algum tipo de apoio.

Para finalizar, lembre-se: procure interagir com pessoas do mesmo sexo que você; Evite debates ou argumentações e procure ganhar o amigo e não a discussão; evite insultar sua religião; respeite seus costumes e atente às práticas islâmicas quanto ao sagrado e o profano; não denigra a imagem de outros cristãos; procure defender a simplicidade do Evangelho e a fé; mantenha um estilo de vida coerente com a Palavra de deus; e ore sempre.⁴⁰

3.3 Informações sobre trabalhos em andamento

Nos países de maioria muçulmana, o cristianismo não é tolerado sendo, em muitos casos, punido com sentença de morte. Nestes países, devido às perseguições sofridas pelos missionários no oriente médio, muitos trabalhos se mantêm em sigilo. Mas podemos

³⁶ SWARTLEY, 2013, p. 470

³⁷ SWARTLEY, 2013, p. 289.

³⁸ ABDALLA, 1996, p. 101.

³⁹ SWARTLEY, 2013, p. 36.

⁴⁰ SWARTLEY, 2013, p. 365.

encontrar em literaturas diversas informações de como plantar igrejas no contexto muçulmano, o que indica que o trabalho está sendo desenvolvido. Uma das formas existentes de trabalho missionário é a oração pelos muçulmanos e pelos trabalhos desenvolvidos. Outra é o investimento financeiro em juntas de missões que possuem trabalhos em andamento para auxiliar no sustento de missionários e na divulgação dos trabalhos e treinamento e desenvolvimento de missionários da terra.⁴¹

Hoje se tem buscado a utilização de missionários da terra para o trabalho de missões, pois estes já estão ambientados com a cultura do e os costumes do povo, bem como com sua religião. Para isso, os missionários são capacitados e enviados aos campos missionários e recebem apoio para o desenvolvimento dos trabalhos. Outra forma utilizada para o evangelismo é o uso de tecnologias para que a Palavra de Deus possa chegar com mais facilidade aos muçulmanos.

São utilizadas ainda, para o auxílio dos cristãos perseguidos em países de religião islâmica, o uso de petições, campanhas, eventos e cartas que procuram auxiliar no combate à injustiça cometida contra os cristãos nestes países. Através da divulgação da violência e da intolerância religiosa, se procura sensibilizar os líderes governamentais e conseguir todo o apoio possível na luta contra a perseguição religiosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se ter alcançado o objetivo de aproximar e atualizar os leitores das informações referentes ao islamismo no país e no mundo. Há o entendimento de que existe muito a se falar sobre o assunto, mas se acredita que, com as informações aqui apresentadas, é possível entender a urgência existente na evangelização dos muçulmanos.

Conhecer o islamismo, sua origem, suas crenças e suas práticas constitui um passo importante para a compreensão dos muçulmanos e dos desafios envolvidos na evangelização. Esse conhecimento permite identificar diferenças fundamentais entre o islamismo e o cristianismo, especialmente no que diz respeito à compreensão de Deus, à identidade de Jesus Cristo, à autoridade das Escrituras e à salvação. A compreensão dessas diferenças contribui para que a apresentação da mensagem cristã seja realizada com maior clareza e fundamentação bíblico-teológica.

Entretanto, é necessário reconhecer que os muçulmanos não constituem um grupo homogêneo. Embora compartilhem elementos centrais da tradição islâmica, suas experiências religiosas e suas práticas sociais são influenciadas por fatores culturais, históricos, políticos e familiares. Por isso, as informações apresentadas ao longo deste estudo devem ser consideradas à luz da diversidade existente entre as comunidades muçulmanas. Essa compreensão evita generalizações e favorece uma aproximação mais cuidadosa com pessoas que possuem diferentes experiências e percepções sobre sua própria religião.

⁴¹ PORTAS ABERTAS. **Classificação da perseguição religiosa**. [S. l.], [2015]. Disponível em <<https://www.portasabertas.org.br/cristaosperseguidos/>>. Acesso em 27/11/15.

No contexto da evangelização, o conhecimento da tradição islâmica deve estar associado à preparação bíblico-teológica, à disposição para o diálogo e ao respeito pela pessoa evangelizada. O contato com muçulmanos exige que os cristãos conheçam as particularidades de suas crenças e estejam preparados para apresentar, de maneira clara e fundamentada, as razões de sua fé. Nesse processo, a escuta atenta, a construção de relacionamentos e a disposição para responder a questionamentos podem contribuir para que o diálogo aconteça de forma respeitosa, sem que isso implique abrir mão das convicções cristãs.

Dessa forma, a evangelização de muçulmanos não deve ser compreendida apenas como uma tarefa que apresenta dificuldades, mas também como uma oportunidade de testemunho cristão que exige compromisso, perseverança e sensibilidade cultural. O trabalho missionário requer planejamento, preparo e continuidade, considerando as particularidades de cada contexto e as circunstâncias vivenciadas pelas pessoas alcançadas. Assim, o conhecimento adquirido sobre o islamismo pode servir como instrumento para uma atuação missionária mais consciente, responsável e coerente com os princípios da fé cristã.

REFERÊNCIAS

ABDALLA, Hachid Kail. **Conhecendo o Islamismo**. Curitiba: ADSANTOS, 1996. 126 p.

ANKERBERG, John. **Os fatos sobre as religiões mundiais**. Tradução de Lucília Marques Pereira da Silva. Porto Alegre: Actual, 2010. 88 p.

BLAZZIGUE, Felipe. **O crescimento do Islamismo no mundo**, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=bl9SougMNH8>>. Acesso em 27/11/15.

CULLMANN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento**. Tradução de Daniel de Oliveira e Daniel Costa. São Paulo: Hagnos, 2008. 440p.

DAMIÃO, Valdemir. **História das religiões: sua influência na formação da humanidade**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. 476 p.

DUQUE, Agenor. **Mentiras que parecem verdades**. São Paulo: 2015. 510 p.

FERREIRA, Franklin. **Teologia sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

FREITAS, Eduardo. **Extremistas Islâmicos**, Disponível em <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/extremistas-islamicos.htm>>. Acesso em 25/11/15.

GONÇALVES, Leonardo. **O islamismo e seu crescimento no Brasil, uma ameaça ao Cristianismo?** [S. l.], Abril de 2015. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=8dilUfFVMf0>>. Acesso em 27/11/15.

GUIAME. **O que é o ISIS? 4 fatos importantes sobre este grupo terrorista que está atuando no Iraque**, disponível em <<http://guiame.com.br/gospel/missoes-acao-social/o-que-e-o-isis->

[4-fatos-importantes-sobre-este-grupo-terrorista-que-esta-atuando-no-iraque.html](#)> Acesso em 25/11/15.

KÜNG, Hans. **Religiões do Mundo**: em busca dos pontos comuns. Tradução de Carlos Almeida Pereira. São Paulo: Venus, 2004. 283p.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Missões**: o desafio continua. Jacutinga: Fronteiras, 1992.

MIEHL, Melanie. **O que é o Islã?** Perguntas e respostas. Tradução de Nélcio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2005. 140 p.

MTIEPPO. **A mulher no Islã - A verdade que a mídia não mostra**. [S. l.], Junho de 2009. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=51UxBWnn3Nk>>. Acesso em 25/11/15.

PORTAL VOX. **Polícia Federal descobre apoiadores do Estado Islâmico no Brasil, diz revista**. [S. l.] Setembro de 2015. Disponível em <<http://noticias.portalvox.com/brasil/2015/09/policia-federal-descobre-apoiadores-do-estado-islamico-no-brasil-diz-revista.html>>. Acesso em 27/11/15

PORTAS ABERTAS. **Classificação da perseguição religiosa**. [S. l.], [2015]. Disponível em <<https://www.portasabertas.org.br/cristaosperseguidos/>>. Acesso em 27/11/15.

SWARTLEY, Keith E. (Edit.). **Descobrimos o mundo do Islã**. Curitiba: Esperança, 2013. 574 p.

VEJA On- line. **Os grupos radicais**: as principais facções terroristas palestinas, seus grupos e objetivos, disponível em <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/crise_palestina/grupos_radicais.html> Acesso em 25/11/15.

VERSIGNASSI, Alexandre. Maomé: a face oculta do criador do Islã. **Super Interessante**, p. 22-32, Edição 343, Fevereiro/ 2015.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Serão aceitos, para avaliação pela comissão editorial/consultiva, artigos científicos, resenhas de literatura, relatos de casos, comunicações breves, e outros artigos que estejam relacionados aos objetivos de divulgação da Revista. O material é encaminhado aos consultores e revisores, que decidirão sobre a conveniência da publicação, de forma integral ou parcial, encaminhando ao autor sugestões e possíveis correções. Os artigos serão analisados no sistema *Double Blind Review* (dupla avaliação cega, ou seja, autores e pareceristas permanecem anônimos durante o trabalho de edição), sendo necessária para a publicação a aprovação de pelo menos dois pareceristas.

Os artigos deverão ser enviados em formato de arquivo digital para o e-mail marivete@batistapioneira.edu.br

A Revista Ensaios Teológicos foi licenciada com uma *Licença Creative Commons*. O seu conteúdo é compartilhado no sistema Open Journal Systems, mas com determinadas restrições. A licença indica que há permissão para download e compartilhamento, desde que atribuam crédito à revista e ao autor de cada conteúdo, sem que seu conteúdo seja alterado e sem permissão para fins comerciais.



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

Digitação

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word for Windows”, em formato A4 (21,0 x 29,7), com margem esquerda de 2,5 cm e margens direita, superior e inferior de 2,0 cm, fonte “Times New Roman”. No caso de uso de fonte especiais, especialmente das línguas originais, deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

Resumo / Abstract

O resumo e sua tradução para o inglês, o abstract, não podem ultrapassar 250 palavras, com informações que permitam uma adequada caracterização do artigo como um todo. No caso de artigos científicos, o resumo deve informar o objetivo, a metodologia aplicada e os resultados principais. Deverão ser apresentadas de 3 a 5 palavras-chave (keywords) logo após ao Resumo e Abstract.

Texto principal

O título do artigo deverá ser escrito em negrito, letras maiúsculas, centralizado, fonte tamanho 16. Os subtítulos deverão ser alinhados à esquerda (sem recuo), negrito e fonte

tamanho 12. O texto padrão também deve ser em fonte tamanho 12, com espaçamento simples entrelinhas. Citações deverão ser digitadas em fonte tamanho 11, com recuo da margem esquerda de 4,0 cm, e notas de rodapé digitadas em fonte tamanho 10. No decorrer do texto, as referências deverão ser feitas em nota de rodapé, sendo que a primeira ocorrência deverá ser completa e as subsequentes deverão obedecer ao padrão “AUTOR, data, página”.

Recomenda-se que os artigos contenham de 30 a 50 mil caracteres (incluídos os títulos, notas e espaços). As abreviaturas utilizadas devem obedecer às convenções universais e, quando for o caso, abreviaturas não convencionais poderão ser usadas, seguidas de sua forma em extenso, entre parêntesis, na sua primeira citação.

Referências

A lista de referências efetivamente utilizadas no artigo deverá ser apresentada ao final, em ordem alfabética por sobrenome de autores, de acordo com a Norma ABNT/NBR-6023 da Associação Brasileira de Normas Técnicas. Obras anônimas tem sua entrada a partir do título do artigo ou pela entidade responsável por sua publicação. A referência deve ser alinhada à esquerda, sem recuo para a sua segunda linha.

Resenhas

Resenhas deverão ser de obras literárias recentes (máximo 3 anos de publicação) e devem conter no máximo duas páginas em A4, fonte Times New Roman, tamanho 12. Devem conter título criativo, referência completa da obra, síntese dos temas abordados e crítica da obra ao final da mesma.